

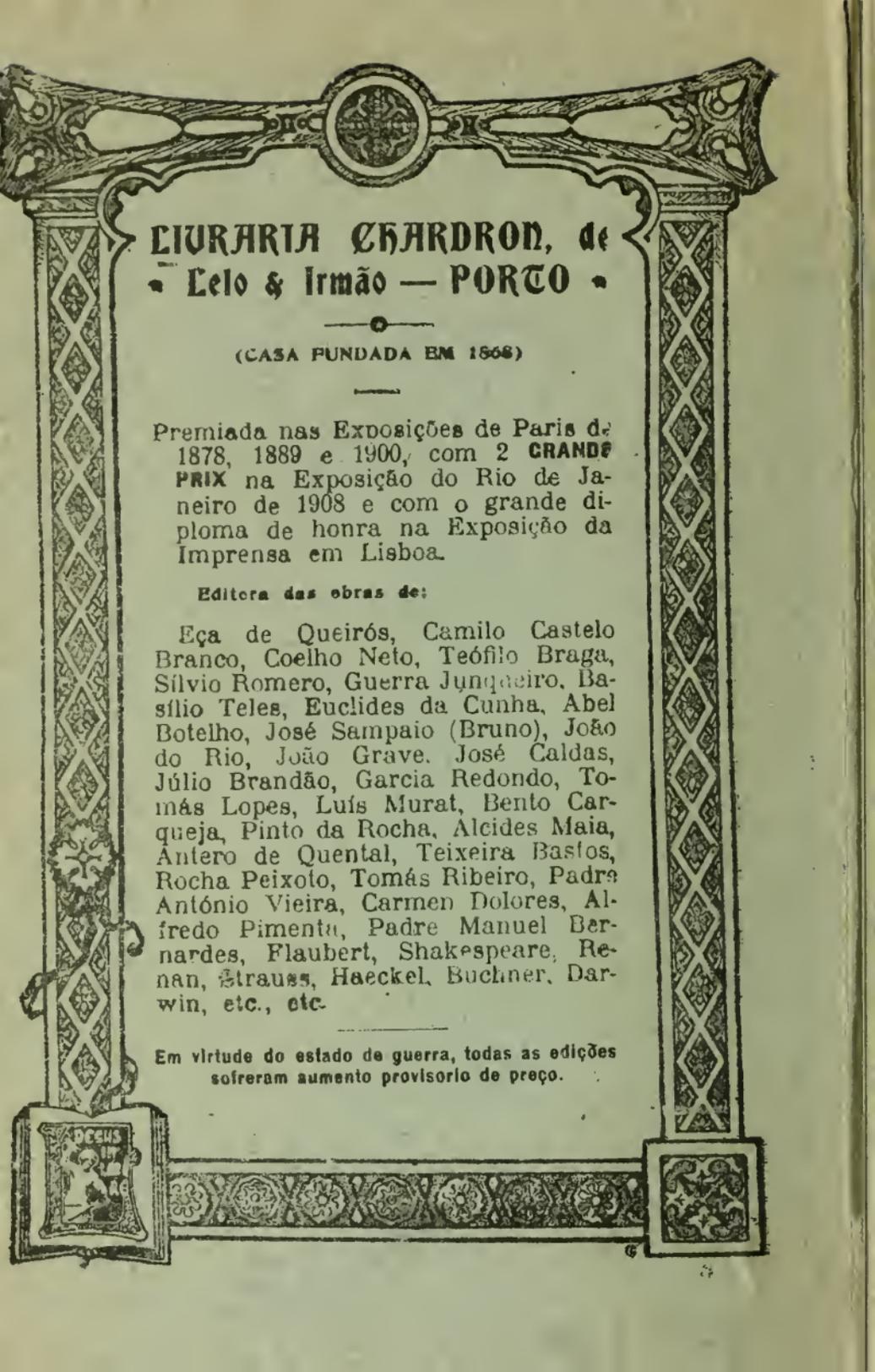


3 1761 07042372 8

THOMAZ RIBEIRO



D. JAYME



LIURARIA CHARDRON, de
• Celo & Irmão — PORTO •

(CASA FUNDADA EM 1868)

Premiada nas Exposições de Paris de 1878, 1889 e 1900, com 2 **GRANDE PRIX** na Exposição do Rio de Janeiro de 1908 e com o grande diploma de honra na Exposição da Imprensa em Lisboa.

Editora das obras de:

Eça de Queirós, Camilo Castelo Branco, Coelho Neto, Teófilo Braga, Sílvio Romero, Guerra Junqueiro, Basílio Teles, Euclides da Cunha, Abel Botelho, José Sampaio (Bruno), João do Rio, João Grave, José Caldas, Júlio Brandão, Garcia Redondo, Tomás Lopes, Luís Murat, Bento Carqueja, Pinto da Rocha, Alcides Maia, Antero de Quental, Teixeira Bastos, Rocha Peixoto, Tomás Ribeiro, Padre António Vieira, Carmen Dolores, Alfredo Pimenta, Padre Manuel Bernardes, Flaubert, Shakespeare, Renan, Strauss, Haeckel, Buchner, Darwin, etc., etc.

Em virtude do estado de guerra, todas as edições sofreram aumento provisorio de preço.



EÇA DE QUEIROZ

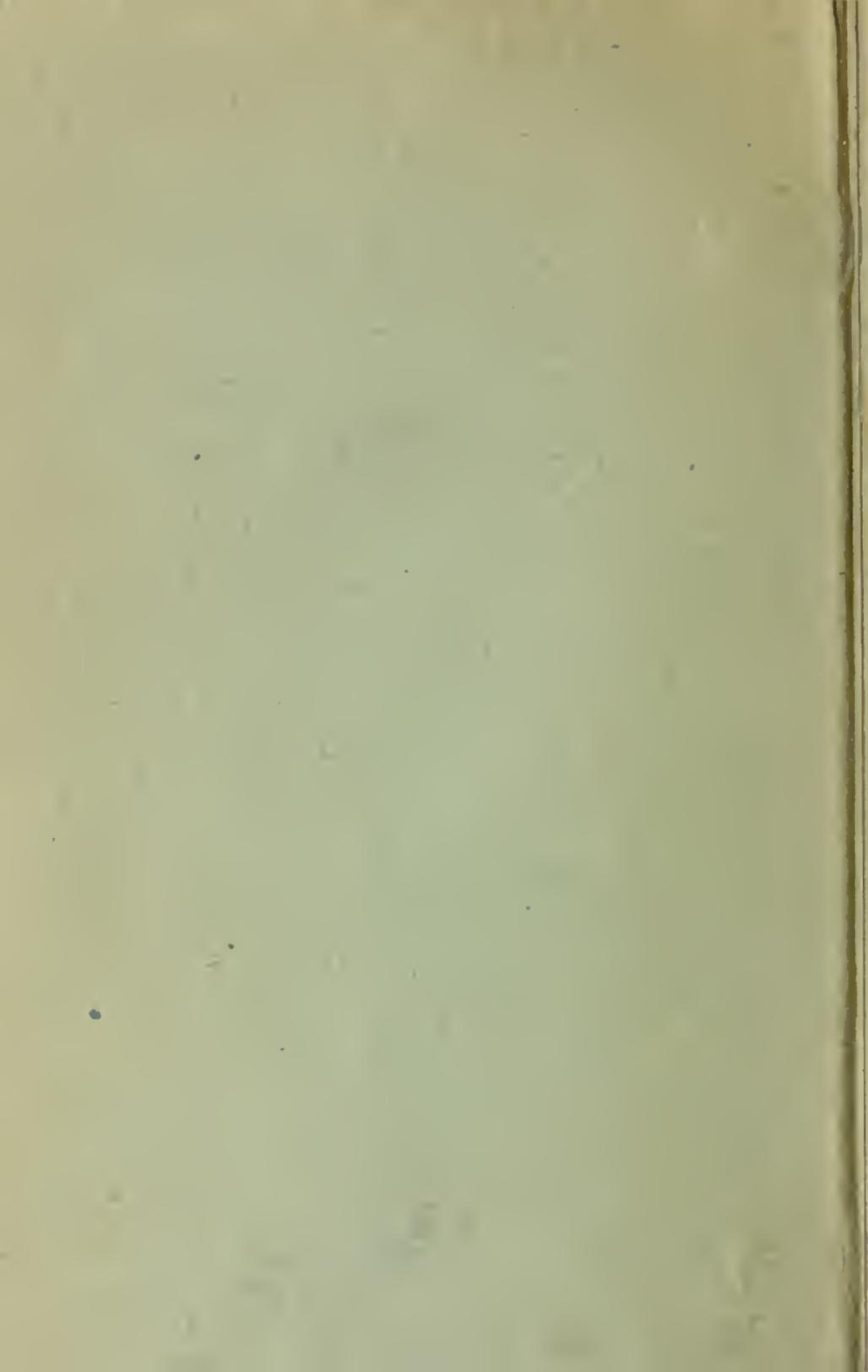
<i>O Crime do Padre Amaro</i> , 1 vol.	1\$20
<i>Primo Basílio</i> , 1 vol.	1\$09
<i>O Mandarim</i> , 1 vol.	\$50
<i>Os Maias</i> , 2 vol.	2\$00
<i>A Relíquia</i> , 1 vol.	1\$00
<i>Correspondência de Fradique Mendes</i> , 1 vol.	\$60
<i>A Cidade e as Serras</i> , 1 vol.... ..	\$80
<i>A Ilustre Casa de Ramires</i> , 1 vol.	1\$00
<i>Prosas Bárbaras</i> , 1 vol.	\$60
<i>Contos</i> , 1 vol.	\$60
<i>Cartas de Inglaterra</i> , 1 vol.	\$50
<i>Ecoss de Paris</i> , 1 vol.	\$50
<i>Cartas familiares e bilhetes postais de Paris</i> , 1 vol.	\$50
<i>As Minas de Salomão</i> (tradução), 1 vol.	\$60
<i>Notas Contemporâneas</i> (sobre literatura e arte), 1 vol. ...	1\$00
<i>Últimas páginas</i> , 1 vol.	1\$00

JOÃO GRAVE

<i>Os Famintos</i> , episódios da vida popular, 1 vol.	\$50
<i>A Eterna Mentira</i> , romance, 1 vol.	\$60
<i>O Último Fauno</i> , novela, 1 vol. ...	\$50
<i>O Passado</i> , 1 vol.	\$50
<i>Gente pobre</i> , (scenas da vida rural), 1 vol.	\$60
<i>Jornada romântica</i> , 1 vol.	\$60
<i>Reflorir</i> , 1 vol.... ..	\$60
<i>Reinado trágico</i> , 1 vol.	\$70
<i>A Inimiga</i> , romance, 1 vol.	\$80
<i>A Morte vence</i> , 1 vol.	\$70
<i>O Mutilado</i> no	prêlo

JÚLIO DANTAS

<i>1023</i> (Episódio em verso), 1 vol.	\$20
<i>Figuras de ontem e de hoje</i> , 1 vol.	\$60
<i>Ao ouvido de Madame X</i> , 1 vol. ...	\$60
<i>Sóror Mariana</i> (Peça em 1 acto), 1 vol.	\$30
<i>O amor em Portugal no século XVIII</i> , 1 vol.	1\$00
<i>Mulheres</i> , 1 vol.	\$70
<i>Eles e Elas</i>	\$60



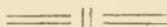
D. JAYME

DO MESMO AUTOR :

<i>A Delfina do mal</i> , poema. Segunda edição correcta, com uma carta do autor e um prologo de CAMILLO CASTELLO BRANCO	\$80
<i>A Indiana</i> , entre-acto em verso	\$30
<i>D. Jayme</i> , poema. Decima-primeira edição, com uma conversação preambular pelo fallecido VISCONDE DE CASTILHO	\$80
<i>A mesma obra</i> . Segunda edição popular	\$40
<i>Sons que passam</i> . Quinta edição	\$60
<i>Vésperas</i> , poesias dispersas	1\$00

THOMAZ RIBEIRO

DA ACADEMIA DAS SCIENCIAS DE LISBOA



D. JAYME

POEMA

COM UMA CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

PELO

VISCONDE DE CASTILHO



DECIMA-PRIMEIRA EDIÇÃO, CORRIGIDA



PORTO
LIVRARIA CHARDRON,
DE LÉLO & IRMÃO, EDITORES
RUA DAS CARMELITAS, 144

1916

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS

A propriedade litteraria e artistica está garantida em todos os países que adheriram á Convenção de Berne — (Em Portugal pela lei 18 de março de 1911. No Brasil pela lei n.º 2577 de 17 de janeiro de 1910).

PROPRIEDADE ABSOLUTA DOS EDITORES



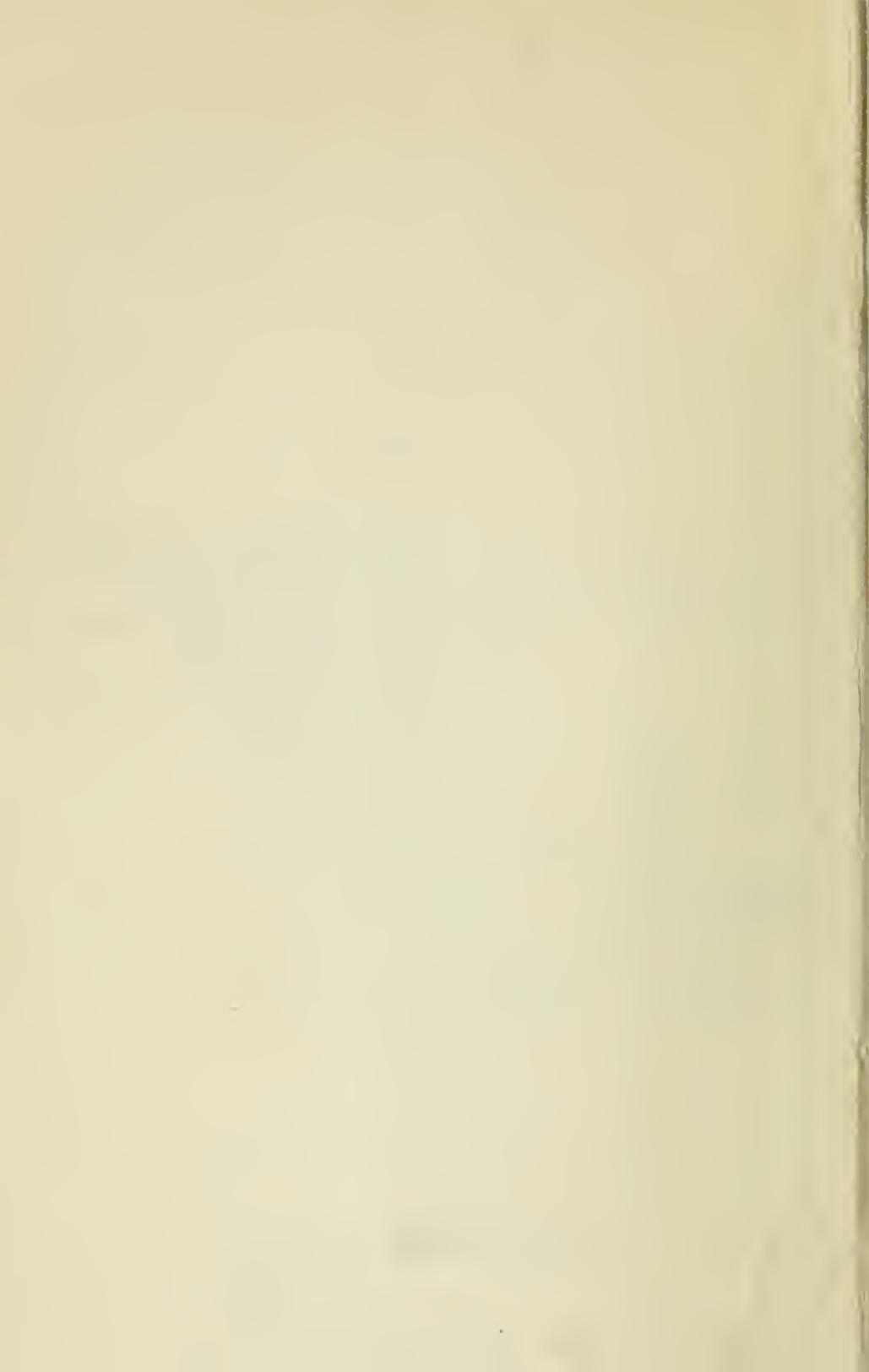
PQ
9261
R524D6
1916

PORTO -- IMPRENSA MODERNA

«Quand la limite de la souffrance
est débordée, la vertu la plus im-
perturbable se déconcerte.

.....
«Les grandes douleurs contien-
nent de l'accablement.....
«L'homme, chez lequel elles entrent,
sent quelque chose se retirer de
lui.»

V. Hugo. — *Les Misérables.*



PROLOGO DA SEGUNDA EDIÇÃO

CARTAS

AOS MEUS AMIGOS

Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos

E

José Feliciano de Castilho

I

O snr. Antonio Feliciano de Castilho, que sempre hei de considerar meu mestre e amigo, escreveu não sei quando, um formoso artigo sobre a conveniencia do tratamento de *vós*, que já foi nosso, e que ainda hoje é dos velhos da minha provincia.

Deixando pois por agora as senhorias, e as excellencias, permittu que nas poucas observações que tenho a fazer ás vossas excellentes criticas ácerca do D. JAYME vos trate segundo os conselhos do meu prezado mestre.

Não é usual vir o auctor d'uma obra defendel-a na imprensa; mas ha exemplos; e se os não houvesse dava-o eu. Desagradaria a muita gente, é provavel; já estou n'essa posse, e n'ella já agora terei de manter-me no trajecto longo ou curto, feliz ou infeliz, da minha vida.

Prezando cordialmente os meus amigos, e respeitando os meus adversarios, apreciarei sempre os conselhos de todos, sem nunca desprezar os da minha intima consciencia.

Dois motivos me obrigam a dirigir-vos estas cartas: o primeiro, é render á critica esclarecida e sincera a homenagem a que tem jus: o segundo, é agradecer-lhe publicamente a urbanidade com que me tratou.

Já vêdes que não é exclusivamente a vós que este preito é devido, mas á grande maioria da imprensa portugueza e brazileira, que nas apreciações, mais ou menos severas, com que honrou o meu poema, soube empregar a delicadeza e a cortezia que lhe são proprias, e que nunca devem proscrever-se da boa camaradagem litteraria.

A este canto de Portugal onde vivo, chega apenas o esmorecidissimo echo das pugnas politicas e litterarias que vão por esse mundo; e a não ser a *Revolução de Setembro*, e o *Constitucional* do Rio de Janeiro, que me trouxeram as vossas excellentes cartas: a não serem as noticias que um ou outro amigo officiosamente me transmite, eu não saberia ainda do alvoroço que o meu livro tem causado em Portugal e no Brazil.

Hoje, que as vossas eruditas analyses são findas; hoje, que supponho já cansados d'acutilar os braços dos mais phreneticos inimigos do meu poema, volto a encontrar-me com D. JAMYE, que mais não tornei a vêr desde que em Lisboa, no mez de agosto de 1862, o mandei correr mundo.

Sahiu acompanhado por um excellentes Mentor: o primeiro poeta portuguez teve a bondade de lhe offerrecer o seu braço, e de o querer apresentar na alta sociedade litteraria; ia acoitado a tão boa sombra, que podiam dormir os meus cuidados. Pois apezar

do nobre protector, e até por causa de tão distincta protecção, tem-lhe corrido vária a fortuna: aqui, foi recebido entre applausos, festejado, querido, amado, e victoriado; além, vestiram-no de Sileno, vendaram-lhe os olhos, apuparam-no, investiram-no... enlamearam-no; allí, tocaram a rebate, proclamaram a sedição, apontaram-no ás turbas, e cobriram-no de improperios. Nobres e excellentes almas! só empenhadas na moralidade publica, e na honra nacional!

E, podeis crê-lo? nem o homem a quem Portugal deve tanto, pôde carear o respeito que lhe é devido! os golpes e os arrecessos procuraram-no tambem! havia só uma differença: o snr. Castilho ia sereno e sobranceiro dentro da impenetravel couraça da sua gloria; e o D. JAYME não tinha escudo, nem loriga. Mas nada d'isto, acreditai, me dóe, nem maravilha; a nossa mocidade, ainda a mais esclarecida (como a que assim cruamente recebeu o meu trabalho tão desprezencioso e tão modesto), é em grande parte fogosa e impaciente; quando ella trabalhar, não já para matar a reputação d'um homem que estuda, mas para adquirir a sua, ha de fazer-me justiça. A sua consciencia de então entrego eu já o meu pleito.

Por agora, hão de permittir que eu me julgue muito honrado com o accordão proferido pelo supremo tribunal de justiça litteraria, no processo de critica ao D. JAYME, de que vós fostes juizes; digo *por agora*, porque estas sentenças sei eu que não passam em julgado, nem ha prescripções para a instauração de novos processos.

Até hoje, não são mortaes os ferimentos do D. JAYME; se o fossem, era na verdade o meu livro uma vergonha nacional; fôra-lhe bemvinda a morte. Um livro e uma reputação valem pouco, ao pé da honra e da gloria da minha patria.

Digo-vos isto, meus amigos, com toda a serenidade e despreocupação do meu animo.

Visto porém que o D. JAYME tem de sobreviver á lucta, hão de condecoral-o as cicatrizes. Um livro deve ser como um soldado: ou morre na refrega, ou se retempera nas fraguas da peleja.

O meu poema valeria bem pouco para mim, se ao apresentar-se no mundo, apenas obtivesse as honras de uma continencia, ou de uma parada; a critica, atirando-lhe a luva, deu-lhe as do combate; por isso eu lhe agradeço do fundo d'alma, ainda á que o tratou mais sem piedade.

Sabeis o que acontecia se o D. JAYME não resistisse á critica? sabeis o que d'ahi resultava para a minha carreira litteraria? Em vez de *continuar, recommençava*. Para muitos, seria a morte; para mim... era pouco mais que a troca d'um verbo. Passados annos, vinha de novo offerecer o meu trabalho á sociedade, e se ella m'o reprovasse ainda, voltava a trabalhar de novo; não já no intuito, aliás louvavel, de ser util á *coisa publica*, mas pelo prazer, e pela necessidade de trabalhar, que é a sina da humanidade, e a esmola que Deus nos deu em compensação da graça que perdemos.

Se eu conhecesse a minha ultima hora, mandava queimar os meus papeis, e morria em paz e certo em minha consciencia de haver tentado pagar á minha terra o tributo de amor e dedicação que lhe devia. Muitos ha que podem mais, e creio que não fazem tanto.

A prova mais evidente que vos posso dar do meu respeito á critica (não esqueçaes que sempre que fallo da critica, me refiro áquella que respeita, embora aggrida, o homem que trabalha; que é justamente a que se respeita a si), a prova mais evidente, ainda mais do que estas cartas, é a minha demora

em fazer a segunda edição. Em poucos mezes vendeu-se em Portugal e no Brazil a primeira edição do poema que era de mais de dois mil exemplares. ¹

Desde 10 de setembro que sou instado para fazer segunda edição, e tenho resistido até hoje ás instancias dos amigos, e ás dos meus proprios interesses. Sabeis decerto a razão: o consumo do livro não é prova incontestavel do seu merito; a curiosidade veio decerto ao mercado. Um livro não se julga quando se compra, mas só depois que se lê; e é preciso esperar ainda que se acalmem os sentimentos de odio, ou de entusiasmo, se tem, como teve o D. JAYME, a fortuna de os excitar.

Já vêdes com que philosophica serenidade eu me aproximei ao cadinho da opinião publica em que o D. JAYME devia desaparecer ou depurar-se, e tenho esperado o resultado d'esta operação; a depurar-se daria á luz a segunda edição; senão... para *vergonha nacional* bastava a primeira.

Com algumas correções que a boa critica me tem ensinado a fazer, vai o D. JAYME sahir novamente á luz. Boas razões abonam agora a minha deliberação; além da opinião do meu prezado mestre, o mais auctorizado juiz para julgar poemas que hoje tem Portugal, são findas, com o mais favoravel e honroso parecer, as vossas eruditissimas apreciações, nas quaes, segundo creio, se entrou a amizade, não entrou o favor.

É-me favoravel a maioria da imprensa das duas nações em que se falla a nossa lingua.

1 O auctor não conta aqui as contrafacções do Rio de Janeiro, não sómente em volumes como em folhetins de jornaes, o que monta a muitos mil exemplares.

Tenho recebido d'um e d'outro paiz, permiti-me dizel-o, que não é para me engrandecer, mas para me justificar, muitas e honrosissimas cartas dos mais eminentes e conspícuos juizes em materias litterarias, a maior parte dos quaes, nem pessoal nem tradicionalmente me conheciam; e foi-me dirigida uma felicitação subscripta por doze nomes dos mais illustres do Imperio Brasileiro, que, mais honrosa, nem mais espontanea, não me parece que a possa haver. Perdoai, meus amigos, se para esta visita de agradecimento, que hoje vos faço, pendurei ao peito as minhas condecorações litterarias ! Acho-me tão honrado com ellas... e depois, esta visita é solemne, pelo alto espirito dos visitados, e pelo profundo respeito e reconhecimento que lhes tributava o visitante.

Sinto vivos desejos de vos transcrever aqui alguns trechos dos meus papeis (estive para dizer, dos meus pergaminhos) ou pelo menos os nomes illustres que os firmaram; mas, acima dos motivos que me são pessoases, ha uma razão poderosissima que me obriga a occultal-os; ponderai-a vós: o snr. Castilho, só porque teve a desgraçada franqueza de declarar que o meu poema lhe agradava, viu-se menos bem acolhido por alguém que não perdôa que se elogie o D. JAYME; quero poupar a essa, felizmente pequena parte da imprensa do nosso paiz, o ensejo da reincidencia; occulto por isso os nomes d'esses cavalheiros, que tiveram o mesmo mau gosto que teve o snr. Castilho. Deixo a todos elles consignado aqui o protesto do meu reconhecimento, e poupo-os ao desaire de verem posta em duvida a sinceridade das suas manifestações.

Vou dizer-vos, pois vem a ponto, quais sejam os meus principios ácerca d'umas certas questões especiaes de politica, de direito, e talvez de moral.

Emquanto a politica, tenho para mim que as grandes nações são as maiores inimigas das liberdades; das suas, como das alheias:

Das suas, porque não tendo olhos nem braços bastantes para vigiar e encaminhar os movimentos e as tendencias das muitas e distantissimas forças livres, deixam-nas cahir em desvios desgraçados, e recorrem para logo ao governo da repressão, e da compressão;

Das alheias, porque sabem como a arvore da liberdade se alarga em copa e em raiz, e presentem como lhes ha de minar o seu campo, e lançar-lhe lá dentro a milagrosa semente.

As instituições da mais ampla liberdade, são possíveis nos pequenos povos; apanagio dos grandes, são os governos *fortes*.

Eis o motivo porque, em these, eu detesto as grandes nacionalidades.

As grandes nações tendem sempre, até por força da sua organização, não só a influir, mas a pesar, directa ou indirectamente, nas relações externas dos pequenos povos, e nos seus negocios domesticos. Quando para os seus caprichos é mister que as pequenas nacionalidades não tenham direitos, nem brios, não os têm, porque o grande povo lh'o manda intimar pela bôca dos seus canhões!

Não exemplificarei, para não reabrir feridas de cicatrizes mal curadas.

Ahi tendes o motivo porque, na qualidade de por-

tuguez, como filho d'uma nação pequena, detesto as grandes nacionalidades.

Já vêdes que a questão, posta na these, ou na hypothese, me offerece o mesmo resultado.

Não deveis esquecer que, mais do que o político, o homem das considerações e das conveniencias, é um poeta, que vos está fallando no gozo de todas as suas legitimas liberdades.

Isto, como vêdes, é o resumido extracto do meu raciocinio; mas como o poeta não deixa de fóra o coração, ainda nas mais graves questões, quero que n'esta o ouçaes, fallando-vos pela bôca de Chateaubriand no GENIO DO CHRISTIANISMO: ¹

«O instincto exclusivo do homem, o mais bello, o mais moral dos instinctos, é o *amor da patria*... «A Providencia, digamol-o assim, collou os pés de «cada homem ao seu torrão natal, com um iman in- «vencivel.....

«É muito de notar-se que quanto mais ingrato é o «sólo d'um paiz, mais o clima é rude, ou, o que diz o «mesmo, quantas mais perseguições se soffrem n'um «paiz, mais encantos elle tem para nós. Estranha e «sublime coisa, que a desgraça nos prenda, e que o «homem, apenas esbulhado d'uma choça, seja o que «mais anhela o tecto paternal!...

«Um selvagem quer mais á sua cabana, que um «principe ao seu palacio; e o mantanhez acha mais «encantos na sua montanha, que o habitante do des- «campado ao seu sulco. Perguntai a um pastor esco- «cez se quer trocar a sua sorte pela do mais opulento «potentado da terra. Longe da sua tribu querida vai «com elle a saudade d'ella; por toda a parte se lhe

1 Traducção do snr. Camillo Castello Branco.

«afigram os seus rebanhos, as suas torrentes, as
«suas nuvens. Os seus anhelos unicos, é comer o
«pão de cevada, beber o leite da cabra, e entoar nos
«seus valles as balladas já sabidas de seus avós. Se
«não volver á terra natal, morrerá. *É planta monta-
«nhosa; importa que a sua raiz lavre no penhasco;
«se a não castigam ventos e chuveiros, não prospéra:
«a terra, o abrigo, e o sol dos plainos, fal-a morrer...*

«Refere-se que um grumete inglez, tanto se affei-
«çoára ao navio em que nascêra, que não podia soffrer
«o separarem-no um instante. Quando o queriam
«castigar, ameaçavam-no de o mandarem a terra; e
«eil-o ia em altos gritos esconder-se no porão.....

«O coração gosta naturalmente de reconcentrar-se;
«menos se mostra no exterior, menos superficie offe-
«rece aos ferimentos: d'ahi vem que os homens muito
«sensíveis, como são em geral os desgraçados, se apra-
«zem em habitar pequenas vivendas.....

«Quando as raias da republica romana eram o
«monte Aventino, seus filhos pereciam com prazer por
«ella; deixaram de amal-a quando os seus limites to-
«caram os Alpes e o Taurus.»

Ahi tendes porque nós os portuguezes queremos
tanto á nossa patria; tendes o motivo porque nos-
sos paes deram tudo pela engrandecer; ahi tendes
porque nós temos a obrigação de a guardar e forta-
lecer! Deus queira que os nossos filhos não tenham
necessidade de a defender, e os nossos netos... quem
sabe! ? de a vingar!

Além das razões que vos dei do meu odio ás gran-
des nações já constituidas, ou consolidadas, tenho-as
especiaes contra as novas annexações; razões que me
são graves como filho de uma nação pequena, mas
que o não seriam menos se pertencesse ao maior im-
perio do mundo.

Tenho para mim que os pequenos povos annexa-

dos, longe de multiplicarem as forças dos annexantes, lhes tomam uma parte d'ellas, que fica não só improductiva, mas destruidora, por ser empregada na pressão, no esmagamento da parte annexada.

As fôrças do algoz e da victima, são duas parcelas a diminuir na somma total dos productos da humanidade.

Que lucros auferc a Russia da annexação da Polonia? A Austria, da Hungria? A Inglaterra, da Irlanda?... E comtudo a Inglaterra é para mim um paiz excepcional, porque são exceptionaes, porque são unicos os habitos e os juizos d'aquelle povo. ¹

Tão longe vão as minhas apprehensões a respeito d'aquelle paiz, que, a suppôr possivel qualquer cataclysmo social, se me afigura a Inglaterra sobrenadando ás aguas do diluvio; nova arca de Noé; ninho em que ha de salvar-se o ovo para a novissima humanidade.

Que venturas deu mesmo á Hespanha a annexação de Portugal, desde a morte do cardéal-rei, até á aclamação do duque de Bragança?

Os cuidados, tão necessarios ao bom andamento dos negocios do estado, foram votados todos ao aniquilamento d'esta nacionalidade latente. A mão do

¹ Podia hoje acrescentar a Alsacia e a Lorena, annexadas á Prussia. Parecem hoje consolidadas as annexações de que fallava em 1874, mas o tempo dirá se tinha razão quando se refizer o mappa da carta da geographia politica.

(N. do A. á 6.ª edição).

Quando se procedia á impressão da presente edição, desencadeia-se no mundo uma tremenda guerra. Qual será o resultado final, e como ficará o novo mappa da Europa?

A Polonia será independente? Desmantela-se a Austria? A Alsacia-Lorena voltará para a França? A Turquia limitar-se-ha aos seus territorios da Asia?

(N. dos E.)

carrasco sempre no pulso do condemnado; o espelho aos labios; e a cada tremor epileptico, o ferro a trespassar-lhe as entranhas, o veneno a derramar-se-lhe entre os labios !

Ahi tendes o que para Portugal foi a Hespanha no curto instante de 60 annos ! Assassino frio, paciente, attento, infatigavel, indistrahivel ! até que n'uma convulsão mais violenta, Portugal se levantou hirto e alto e o algoz foi victima.

Perguntai á Hespanha e á humanidade, pelo acrescimo de proventos moraes ou materiaes d'aquelles 60 annos.

Sabeis quem relativamente perdeu menos ? fomos nós, que robustecemos no meio das amarguras o amor que se deve á patria, e tomamos bem o peso ao jugo estrangeiro, para sabermos quanto custa, e como dóe.

Alguem ha de julgar que estou condemnando a unificação da Italia; vou ser explicito:

Como liberal convicto que me prézo de ser, applaudo o principio que presidiu á revolução italiana. Era a manumissão d'aquelles servos da gleba, que serviam acorrentados e mudos, além dos seus mais proximos tyrannos, o altivo imperio da Austria. Era uma causa sagrada.

Confesso porém que não posso applaudir o modo por que a annexação se consummou: primeiro, porque só em caso extremo quero a interferencia de estranhos nas dissensões domesticas; em segundo lugar, porque não creio no suffragio, quando o povo inerme e livre não é a unica sentinella da urna.

Hoje ha para mim uma prova mais forte que todas as anteriores da sinceridade e espontaneidade da união de Napoles a Turim: é o ultimo lamentavel acontecimento da Italia.

O primeiro soldado italiano, cheio de impaciencia pela realisção do seu grande sonho de gloria e de

venturas para a sua patria, insurgiu-se contra a nobre paciencia do seu rei; desenrolou a bandeira revolucionaria, e sendo o primeiro amigo da Italia, deu aos inimigos da joven nacionalidade, se os tinha, o mais propicio ensejo de a esmagarem no berço.

Pois ao escutarem a voz d'el-rei, que proclamava «ordem», as Duas-Sicilias viram passar Garibaldi; e cortejaram-no sem o victoriar; e assistiram á catastrophe de Aspromonte, com as lagrimas nos olhos, com a dôr no coração, mas com os braços inermes cruzados sobre o peito.

Este facto é duma eloquencia cruel para os que desejam a ephemeridade da Italia.

Eu não a desejo; receio-a ainda.¹

O que porém não é possivel, é deduzir-se da annexação italiana argumento para a união iberica.

Aquelles povos viviam separados, mas podiam ser, e parece que eram, amigos; e as duas nações d'esta peninsula foram sempre excellentes visinhos, mas pessimos casados; é lêr a historia, que são os autos do divorcio.

A Napoles era precisa a união, para se livrar dos tratos que lhe infligia o seu tyranno domestico, e a toda a peninsula, para sacudir o jugo que lhe impunha outro tyranno estrangeiro; nós, é preciso confessal-o bem alto, vivemos sob um regimen largamente liberal, que não tem inveja aos mais liberaes do mundo.

Vinha muito a ponto dizer aqui todas as desvantagens moraes e materiaes que d'esta união podiam provir-nos, mas não quero demorar-me com essa demonstração, porque isto entre nós não se discute.

1 Ainda.

Parece-me porém conveniente dizer estas verdades aos nossos bons vizinhos, para que elles se não illudam a respeito da verdadeira opinião d'este paiz.

E quando elles nos annunciam, com a maior amabilidade possivel, que sabem o caminho do Porto, e não sei d'onde mais ! que modestia ! podem dizer tambem que sabem o d'Aljubarrota e da Batalha, onde devem fazer uma romaria annual, para que Deus os livre das más tentações.

Termino esta carta transcrevendo um artigo da *Revolução de Setembro*, com data de 10 de outubro de 1862:

«O casamento do rei de Portugal com uma princeza da casa de Saboya deu á imprensa legitimista occasião para censuras e reparos, vendo n'elle indícios de se realisar o iberismo, fazendo de D. Luiz na península iberica o que Victor Manoel tem sido e está sendo na península italiana.

«Como arma partidaria, o assumpto é bem escolhido, nem elle está fóra da apreciação da imprensa e dos estadistas; como negocio* partidario, parece-nos que os proprios censores não o acreditam, e que se riem das suas supposições aventurosas.

«O iberismo para Portugal é tão util e vantajoso sendo chefe do estado D. Luiz, como sendo D. Isabel. «A pessoa do monarcha, a dynastia, é um accidente nos governos representativos: as maiorias são as que preponderam nos conselhos da nação. Esse accidente, que é ás vezes muito n'um momento dado, que é importante para as familias reinantes, é insignificante na vida dos povos e na immensidade do tempo. «Que a Hespanha conquistasse Portugal, ou que Portugal conquistasse a Hespanha, a situação ficava sempre a mesma.

«Não sabemos o que está na mente dos potentia-

«dos que exercem hoje influencia na sorte do mundo; «mas podemos asseverar aos que receiam o iberismo «que nós, sem termos os seus receios, nutrimos os «mesmos sentimentos de nacionalidade e indepen- ««dencia, e somos tão adversos á absorpção sendo «nós os absorventes como sendo os absorvidos.

«Não deixa comtudo de ser gloriosa para nós a «supposição, mesmo infundada, de ser preferida a «dynastia de Portugal. Honram a nação as virtudes «dos seus principes, e vale ella tanto como elles va- «dem, porque se acredita

«Que é certo que c'o rei se muda o povo.

«Tem a dynastia hespanhola adversarios que a «queiram destruir propondo a união iberica sob o «sceptro de Portugal? Por maior que seja a honra «para a dynastia de Bragança, oppomo-nos a ella. E «como a dynastia hespanhola tem interesse em se «sustentar, esta rivalidade, esta competencia, este «receio ainda talvez se converta em beneficio dos po- «vos, que é o unico resultado que nós vemos como «realisavel.

«São coisas d'este mundo. Ha um anno todo o «Portugal receou uma invasão para realisar o iberis- «mo, e fervia todo em trabalhos para resuscitar a «padeira de Aljubarrota, e os manes dos heroes de «1640. Hoje querem fingir que nós nos preparemos «para ser invasores, e os que nos distribuem tão bri- «lhante papel estão embuçados a rir-se da seriedade «que elles mostram quando querem simular que acre- «ditam.

«Enlaçando a casa de Bragança com a de Saboya, «não queremos que poder nenhum estrangeiro influa «nas nossas coisas. Queremos tanto á rainha por ser

«filha do rei da poderosa Italia, como se fosse filha do rei do pequeno Piemonte. São as virtudes de familia, as da pessoa, e não a sua fortuna, que prezamos e queremos. E se d'este enlace nos pôde vir um voto favoravel no conselho das grandes nações, se a algumas que nos podem querer mal pudermos oppôr outra que nos queira bem, tem isso tambem seu valor, mas essa estima concilia-se sem fazer do casamento um acto de partido, porque as nações conduzem-se por interesses diversos dos que criam os enlaces matrimoniaes.»

Perfilho esta doutrina que é a do meu paiz. A senhora de Solms e Mr. de la Verenne, desperdiçaram um preciosissimo tempo.

III

Os principios geraes de politica, exarados na minha carta antecedente, justificam a idéa anti-iberica do meu poema.

Resta-me justificar a acção que para elle teci, e os caracteres que desenhei.

Conversemos um pouco sobre direito e moral.

Ambos vós, como bons advogados e doutores da lei, abristes o codigo penal d'hoje, e o livro 5.º das Ordenações Filippinas para conhecerdes dos crimes do meu D. JAYME, e para lhe acudirdes com as circumstancias attenuantes. Agradeço-vos por mim e por elle. Mas visto que estamos no tribunal da justiça, depois das allegações dos advogados, o juiz pergunta ao réo se tem mais que dizer em sua defeza. Tende a paciencia de o ouvir.

Primeiro que tudo sou christão, sou bacharel formado em direito, e dizem que sou poeta.

Como christão, creio em Deus, nas tradições, nos preceitos e na poesia do novo e do velho testamento; venero os canones da Igreja e respeito a intenção de todos os moralistas e santos padres.

Como jurisconsulto, creio na justiça, de que sou sacerdote humilissimo, reverenceio as leis civis, e sujeito-me ás penas.

Como poeta deprêzo ou deploro todos os absurdos dogmatisados nos livros de moral e nos codígos; e desertei do foro. Reclamo todas as franquias que me são concedidas na carta constitucional outorgada por Horacio, e não concedo a ninguém o direito de m'as contestar ou cercear.

Ahi tendes a profissão da minha fé.

Agora vamos á nossa conversação:

Escrevi no livro da consciencia, para norma das minhas acções, os principios da moral e do justo que me pareceram estremes de fezes, e, sendo amigo de Platão, fui mais amigo da verdade.

Deixai que vos diga aqui alguns dos preceitos que me inspiraram os dois congenitos principios; o justo e o bom: — mas só os que vierem a ponto para a minha justificação.

Tomei como fundamento para os meus raciocinios, deducções e doutrina, não a Deus, como quer a philosophia theologica, permitti-me a expressão, porque a sua essencia sublime, tão longe do nosso limitado alcance, apenas se nos denuncia por algumas raras manifestações das suas infinitas virtudes; não a natureza material, como quizera a philosophia atheista, porque tal principio fôra mudo, cego, inerte e infecundo; não a natureza do homem isolada, o *eu* absoluto, objectivo ou subjectivo, porque fôra aproveitar uma areia no deserto, uma gota de agua no mar, um

murmurio no espaço, um atomo no infinito. Consultei a natureza humana em si, e nas suas relações necessarias com o sêr creador e com os entes creados: foi esta a base das minhas cogitações, e é agora o principio da minha justificação.

Lêde esses fragmentos avulsos, extractados do codigo intimo das minhas doutrinas:

.....
 O homem é a creatura de Deus; nem tão perfeita, como julgam os mil Narcisos que de dia a dia se estão admirando e namorando. nem tão imperfeita como Hobbes teimava em proclamar.

O homem até os 20 annos é um composto de innocencias e vagas aspirações: depois é um aggregado de vicios e virtudes.

As virtudes, são-lhe sentimentos naturaes; os vicios qualidades adventicias.

.....
 O homem considerado na sociedade, chama-se *cidadão*.

N'este estado, não se inquire de *sentimentos*, mas d'*acções*.

As *virtudes sociaes*, são *actos conforme á lei*; os *vicios*, chamam-se: *crimes*.

A fortuna, é quasi sempre filha de circumstancias accidentaes.

D'um heroe a um bandido, ha. muitas vezes, só a distincção da fortuna.

.....
 A *moral*, legisla para o *homem*; o *dircito*, para o *cidadão*

O homem e o cidadão, não são entidades distinctas, mas tem distinctas regalias, e distinctos deveres.

A consciencia e o forum, são tribunaes differentes, e para differentes juizes; contrarios, nunca.

No foro interno pergunta-se ao *homem* o que pensa, o que sente, o que deseja, e o que intenta.

O *cidadão*, n'uma sociedade bem organizada, deve considerar-se o operario intelligente, a quem se impõe uma tarefa; no fim do dia tem de se lhe perguntar quanto a sociedade lhe deve, ou quanto elle deve á sociedade.

No estado actual da nossa preconizada civilisação, o cidadão é pouco mais que uma machina de motu-contínuo; com a differença de que, se a machina de trabalho se deteriora, concerta-se; mas o cidadão inutilisa-se.....

Tudo o que no homem é natural, deve ser legitimo.

Condemnar o homem por um sentimento, e o cidadão por um acto natural, é condemnar a Deus.

As tres grandes virtudes naturaes, são: a fé, a esperanza, e a caridade: õu: a crença, a aspiração, e o amor.

A santa previsão social, creou tambem quatro excellentes virtudes: prudencia, justiça, fortaleza e temperança.

Não se vê alli o infinito espirito de Deus, mas acha-se o dedo do homem grande.

As tres primeiras virtudes, as *theologaes*, as filhas queridas de Deus, foram por elle implantadas na alma e no coração do homem; e se nas suas tendencias, e para as suas manifestações não teem uma área infinita, teem-na, pelo menos, indefinida.

O pequeno verme que se chama legislador, moral, civil, politico, ou canonico, qual o quizerem, quiz amesquinhar até o que Deus fez, e decretou absurdos e sacrilegos attentados.

Cortando as azas á fé, e prohibindo-lhe a livre

direcção de seus vôos, creou atheus, hêrejes, e schismaticos; amesquinhando a esperança, ganhou scepticos e suicidas; rebaixando a caridade, que é o amor, educou egoistas e carrascos.

.....
A sociedade é a balança em que se mantem em equilibrio os fortes e os fracos.

O direito é o fiel da balança.

As leis, são os pesos e os contrapesos; remedios para o doente, amparos para o fraco, respeitos para o forte, óbulos para o necessitado.

Só tem direitos o ente que tem necessidades, seja racional ou irracional.

A excepção em favor dos primeiros, que se não aventa ao certo quaes são, é um miseravel egoismo do homem.

O selvagem, defendendo a sua vida contra as feras, usa do mesmo direito que a leôa defendendo seus filhos contra o homem.

A sociedade não tem direitos proprios; é apenas depositaria d'aquelles que os associados lhe conferem como um sagrado monte-pio em proveito da communnidade, e de cuja administração tem de dar contas como gerente.

Os direitos absolutos, são iguaes em todos os homens; os hypotheticos, não.

Quanto mais fraco e necessitado é o homem, mais direitos e mais sagrados lhe competem.

A criança tem mais direitos que o adulto; o selvagem tem mais e melhores que o cidadão.

.....
Assim como a febre é symptoma de doença nas faculdades physicas, o crime é symptoma de doença nas faculdades moraes.

O codigo penal deve transformar-se em phar-macopeia, e a enxovia em hospital.

A cadeia de hoje, é a Universidade do crime, em vez de ser a da virtude.

A lei criminal, em vez de ser o compendio de hygiene moral, é ainda, sob melhores fórmãs, a consagração da antiga *vindicta social*.

.....
Quando a sociedade se põe fóra da justiça em nome da conveniencia, ou da lei, o perseguido tem o direito e o dever, de sahir da lei, em nome da justiça, reivindicando do cofre social todos os seus direitos de selvagem.
.....

Aqui me tendes revolucionario, e utopista.

Apresento-me qual sou.

Os trechos avulsos e truncados que transcrevo da minha consciencia, ahi vão sem nexo e sem demonstração; fóra longo, e é por ora desnecessario.

As nossas leis na sua maxima parte julgo-as insufficientes e absurdas; o codigo penal sobretudo, parece-me o primeiro criminoso do estado.

A nossa organização politica, que passa por uma das melhores da Europa, assenta exclusivamente sobre formulas; formulas que nem ao menos se cumprem.

Dizem que é transitorio este estado; Deus lhe encurte a jornada.

Poderão dizer que tenho uma depravada moral, e que professo funestos principios de politica e de direito: digam o que quizerem.

Cheguei á idade em que se podem e devem ter convicções, e estou emancipado.

IV

Victor Hugo, nos MISERAVEIS, á luz dos seus principios, santifica os actos d'um convencional, que horrorisava a França bourbonica. Sem querer, nem por sombras, comparar-me ao grande poeta, eu, justificarei a vida de D. Jayme, que tanto escandalisou alguns moralistas do norte.

Nos dois ultimos annos de Universidade que dei-xei em 1855, começava a fallar-se em Coimbra em *união iberica*; os meus brios de portuguez aconselha-ram-me a escrever contra a tal ou qual propaganda que se queria insinuar entre nós.

Medi as minhas forças, e achei-me fraco para com-bater as grandes illustrações no campo do raciocinio. Deixei essa tarefa aos melhores soldados. Mas quando me achei descansado no remanso da minha familia, tornei a pensar na *união iberica*; li João Pinto Ribêiro, pareceu-me bom cidadão e optimo portuguez, e notei que tinha um appellido de que eu tambem usava. Pareceu-me que esta coincidência me impunha obri-gações.

Apalpei-me de novo, e tive pena de não ser gigante.

N'essa noite sonhei que podia escrever um poema.

Acreditei no meu sonho e, contente de poder fazer alguma coisa em favor d'esta terra, limitei-me de muito bom grado a escrever um poema.

Não digo bem: o meu plano era para dois poe-mas, um dos quaes fosse de alguma sorte o com-plemento do outro. O primeiro, é este que se passa sob a dominação de Castela, e chega á vespera da revolução de 1640; o segundo, que devia ter por objecto a restauração de Portugal, começaria em 1640, e che-garia até á consolidação da nossa independencia. Aos

que me arguiram de eu não cantar a restauração, e de não tomar por heroe a João Pinto Ribeiro, ou ao duque de Bragança, fica dada a resposta.

O meu designio era escrever para já este segundo poema em que deviam encontrar-se muitos personagens do primeiro; mudei de idéa; esperarei que algum dos nossos grandes poetas, que nos podemos ufanar de os ter, levante aquelle glorioso assumpto, emquanto eu escreverei outro poema de diversissimo genero.

No meu D. JAYME tive pois em vista apresentar em ligeiro esboço as duas nações Castella e Portugal, nas duas familias Aragão e Aguilar. N'aquelle, quiz symbolisar a oppressão, a insolencia, a injustiça, a espoliação, a intriga e a traição.¹

Na familia Aguilar quiz representar a victima de todos os flagicios, notando uma por uma as phases da sua agonia.

Porque não apresentei em vez de duas familias as duas nações ?

Por dois motivos: primeiro, porque me pareceu que a missão da historia não é a mesma do poema; segundo, que devia ser unico, porque não quiz.

Comtudo respeitei a physionomia da historia d'aquelle tempo, mais escrupulosamente do que era minha obrigação, porque não prometti a ninguem um poema historico.

Se a maior parte dos meus personagens, e muitos lances do meu poema, são ou não de mera imaginação, dil-o-hei, se, como Rousseau, escrever um dia as minhas confissões.

O primogenito da familia Aguilar. *allivo por con-*

1 As nações não são responsaveis pelas malfetorias dos seus governos, mas são representadas por elles; por isso o que digo da Hespanha é dito do seu governo.

dição, encontra-se com Estella d'Aragão que tinha *uns olhos scintillantes como estrellas, e labios que pediam beijos calorosos*, e amaram-se. Parece isto natural! pois houve quem d'isto mesmo lhes fizesse um crime, por se não lembrarem: um, de que era portuguez: outro, de que era hespanhola! como se o coração inquirisse de nacionalidades ou decorasse historias!

Um coração de vinte annos é desmemoriado e cosmopolita. Estella d'Aragão entrega-se ao seu amante sem reservas; tal era o esplendor, e a riquissima seiva d'aquella natureza.

O amor é filho de Deus, e a sua esphera indefinida.

Assim pensam os *homens*; assim o sentem *poetas*. Victor Hugo escreveu nos MISERAVEIS, quando eu escrevia o D. JAYME, essas memorandas palavras:

«Il y a des natures généreuses qui se livrent, et «Cosette en était une.

«Une des magnanimités de la femme, c'est de céder L'amour, à cette hauteur où il est absolu, se «complice d'on ne sait quel céleste aveuglement de «la pudeur.

«L'amour n'a point de moyen terme: ou il perd, «ou il s'ave.»

Assim o sentiu A. Dumas (filho) levantando do charco LA DAME AUX CAMELLIAS; assim o decretou Deus perdoando a Magdalena porque tinha amado muito.

Comtudo, a minha Estella nunca se immundou no charco em que essas duas cahiram: estas, venderam-se ao mundo; Estella, deu-se a D. JAYME. Ao que ousou comparal-as, responderia Zorrilla:

«Calla essa lingua de vibora!
«que de *rendirse á venderse*
«hay una distancia immensa.»

Estella, pedindo a deshonra ao seu amante, cede a um sentimento sublime, e escreve a razão que a santifica:

«Para vêr se deshonrada
 «me davam ao teu amor,
 «ou me deixavam na rua;
 «que antes queria morrer
 «do que deixar de ser tua.»

Só não comprehende a sublimidade d'esta acção algum eunuco do sentimento que apenas é digno da compaixão dos que foram mais favorecidos da natureza.

Agora mesmo se me depara um trecho de Chateaubriand no GENIO DO CHRISTIANISMO, que, analysando o divino poema de Milton, diz estas memoraveis palavras que tanto a proposito vem: ¹

«Quando a mãe do genero humano apresenta o
 «fructo da sciencia a seu esposo, o nosso primeiro pa
 «não se lança á terra, nem arranca os cabellos, nem
 «expede exclamações. Um tremor o senhoreia, fica
 «mudo, com a bôca entreaberta, e os olhos cravados
 «na esposa. Alcança a enormidade do crime: por um
 «lado, se desobedece, é avassallado pela morte; pelo
 «outro, se permanece fiel, guarda a sua immortalidade,
 «mas perde a companheira, d'ora em diante con-
 «demnada á sepultura. Póde rejeitar o pomo; mas
 «viver sem Eva? Não dura o combate: TODO UM
 «MUNDO É SACRIFICADO AO AMOR.»

Qual sacrificio é maior que este? Comtudo, Milton não achou á roda de si tantos escrupulosos, ou não sei se devesse dizer, tantos hypocritas.

1 Traducção do snr. Camillo Castello Branco.

D. Jayme, depois de insultado cara a cara por Dom Cesar d'Aragão, chama seus dois filhos a duello honrado, espera-os na *Cava de Viriato*, e recebe d'elles maior insulto ainda por intermédio d'um pagem. Corre a casa *dos traidores que tanto o insultaram*; Estella recebe-o nos braços, pede-lhe o perdão dos seus! O amor faz milagres; D. Jayme sea perdoado.

Os d'Aragão *inventam-lhe* um crime d'alta traição; D. Jayme, salvo pelo amor, apesar de innocente, é perseguido pela justiça de Castella como a fera brava por montaria de caçadores. Que querieis que elle fizesse? que se deixasse esmagar como um reptil? que chamasse a justiça a duello? que se entregasse ao carrasco? ou que chamasse a sociedade que o perseguia a batalha campal? Vêde o que desejaes, almas nobilissimas; é pedir por bôca. D. Jayme nada d'isso fez; quando viu a *sociedade*, o elemento poderoso, *desligar-se da justiça* para o perseguir e aniquilar *em nome da lei* que tinha de punir um supposto crime, *collocou-se fóra da lei em nome da justiça, auferindo do cofre social todos os seus direitos de selvagem*, e fez das selvas a sua morada.

Por um providencial acaso soube uma noite que na *Quinta do Bosque* ia ser assassinada Estella por seus proprios irmãos; correu lá, era tarde! encontrou o cadaver da sua amante. cahiu-lhe da mão o punhal vingador; novo milagre do amor! e quando se desfazia em lagrimas, abraçando o corpo inanimado da desditosa, sente-se trinta vezes trespassado pelos dois punhaes fraticidas!

Roubado á morte por seu velho pai, surge, após cem dias, do seu grabato de dôres, leva comsigo todas as joias da sua casa, e lá vai correr mundo aonde não tem uma patria, transformando-se e disfarçando-se dia a dia, incorporando-se em todas as classes, apro-

priando todos os papeis, fundindo-se em todos os moldes.

Dirige-o um só instincto: a vida; alimenta um só desejo: a vingança; *qualidade adventicia* áquella natureza de heroe que sabia *servir arrastado*, mas que *trocava cada insulto, por outro insulto mais crú*. Na raia, é prèsa de dois bandidos; tinha vestido habito de frade. Ao entrar na caverna dos salteadores, o seu plano estava formado: apresentou-se como bandido que andava disfarçado em frade, e associou os seus companheiros á sua vingança. Deveis notar porém que D. Jayme ainda não roubou; tinha as joias que seu pai lhe déra, e foi pelo preço d'ellas que alugou os braços e os punhaes d'aquelles miseraveis. A sua vingança era agora mais apparatusa; o *insulto, mais crú*. A lembrança tinha sido dos Cesares d'Aragão quando se recusaram ao duello sob pretexto de que elle tinha bandidos traiçoeiramente emboscados; D. Jayme, para *mostrar-lhes se era lembrado ou não, vinha pagar-lhes o capital e os juros* d'aquella offensa.

No momento em que a mais cruel, e por isso a mais completa vingança ia consummar-se, o nome de sua filha proferido entre o estertor da agonia, quebra as iras do desventurado pai, e os d'Aragão são perdoados, jurando entregar a D. Jayme a filha do seu amor como preço do seu resgate:

«Que ha de fazer um pai, sem uma estrella
 «que lhe guie nas trevas da incerteza
 «o passo vacillante ao berço d'ella,
 «a quem jura entregar-lh'a viva e bella !...»

«Ai !...»

«Que ha de fazer um pai ? !...»

Podiam enganar-o! podiam; seria até provavel, mas na possibilidade, improvavel mesmo, de dizerem a verdade, que pai que tivesse o coração de D. Jayme, ou mesmo que não tivesse, qual dos meus censors, por exemplo, quebraria o unico fio d'Ariadna que se lhe offerecesse no escuro labyrintho da vida? A palha é insufficiente para salvar o naufrago, e comtudo nenhum a larga da mão na hora suprema.

Demais, havia para D. Jayme uma testemunha insuspeita: era o pagem seu amigo: o seu testemunho repete-o D. Jayme na Cava de Viriato:

«Foi aqui... — Junto do olmeiro,
«disse o pagem... *Não mentia;*
«voltou apenas foi dia,
«e achou o sitio deserto!

Doze annos de agonia correu D. Jayme *procurando o mytho que lhe alentava a esperança, doze annos em que dia a dia tropeçava nas ciladas que lhe enredavam com mão arteira os perjidos fidalgos d'Aragão que lhe mandavam indicações mentidas que por mais longes terras o levavam.* Que faz o homem que se vê cahido n'uma cilada? morre ou mata. Que havia de fazer D. Jayme?...

Castella, representada pelos seus tribunaes, tinha *roubado* a D. Martinho toda a sua fortuna. O nobre velho tinha enlouquecido ao vêr que lhe levavam tudo: *os filhos, o tecto e o pão!* D. Germano andava longe na guerra da Catalunha. D. Jayme andava foragido, e gastára n'uma tentativa de vingança todo o seu dinheiro; como socorrer-se, e socorrer seu velho pai?

Ha só tres meios de haver dinheiro: ganhal-o trabalhando, pedir esmola, ou roubar.

Trabalhar, não sabia, nem podia; a sua tarefa era procurar dia e noite sua filha, e não havia de mos-

trar-se quem tinha necessidade de esconder-se; contudo Dom Jayme, ás vezes apparece-nos *semeador na herdade e pastor entre os pastores*.

Pedia esmola, e o producto da caridade era religiosamente entregue a seu pai todos os annos; óbulo sagrado, mas insufficiente para a sustentação do nobre louco: porque Anninhas trabalhava dia e noite, e Mem Rodrigo *pedia de porta em porta esmola para os tres desventurados*.

Que meios de viver restavam a D. Jayme? *haver da sociedade o que esta lhe tinha roubado, valendo-se da justiça de selvagem, visto como a justiça social o não podia proteger*.

A sociedade, assassina e roubadora, chamava crimes a estes justissimos desforços de D. Jayme; eu chamo-lhes justa reacção do individuo contra a sociedade, do *fraco contra o forte*, do atomo contra a immensidade

É a revolta legitima para a manutenção do mais sagrado direito.

A sanha dos d'Aragão não estava abrandada ainda: Germano, o *trovador soldado*, o cavalleiro *sans peur et sans reproche*, era a unica esperanza da desgraçada familia Aguilar; era mister aniquilal-a tambem.

Escrevem-lhe um dia fingindo uma carta da sua Anninhas pedindo-lhe em nome de Deus, de seu pai, de seu irmão, e do seu amor, isto é, em nome de quanto elle tem de mais sagrado, que venha dizer o derradeiro adeus a D. Jayme que vai morrer sobre o cadafalso, e a sua irmã que está encarcerada com elle na *Torre de Vizeu*, e socorrer seu pai que morre *sem amparo de ninguem*.

Que faria o mais nobre dos homens? o que fez Germano. Acreditando no traioeiro embuste, corre a pedir a *cl-rei o perdão dos seus em troca dos leaes serviços* que elle havia prestado. *D. Filippe nega-se*

a perdoar-lhes. Pede-lhe ao menos licença de lhe dar o ultimo adeus; negada tambem. O soldado, retorna os seus direitos d'homem, de filho, de irmão e de amante, e sae de espada em punho, em plena e justissima rebellião contra a obstinação d'el-rei.

Fôra a traição que o perdêra, mas era a honra que o guiava. Este ultimo golpe extingue toda a esperança no coração de D. Jayme, e reaccende n'elle o fogo da vingança. Entra na Hespanha para encontrar os d'Aragão, para lhes fazer pagar com a vida os juros da sua desventura, e encontra em vez d'elles a mensagem que o leva a Miguel de Vasconcellos, como unico provavel pharol para o guiar na descoberta de sua filha!... Devia ser nova traição... era; mas D. Jayme tinha na mão a palha do naufrago: e quando fôsse traição, que podia elle perder? uma vida que ninguem queria. Foi procurar o valido. Apresentou-se a João Pinto Ribeiro como soldado aventureiro, uma das suas mil transformações. Quando viu o modo por que Miguel de Vasconcellos o recebia, perde a derradeira esperança, resigna-se nobremente á sua sorte, trata com profundo desprezo o que suppunha seu algôz, e joga ironias á morte. Enganára-se ainda; tinha errado o caminho do seu calvario. Miguel de Vasconcellos abre-lhe de novo as portas da vingança, e deixa-o em liberdade.

É preso e suppliciado na Guarda, quando acabava de encontrar a sua filha e *de perdoar aos seus algozes.* Fôra o ultimo milagre do amor!

Resta-me fallar da ultima accusação que se fez ao heroe do meu poema: «D. Jayme embriagava-se, e fazia vida com mulheres perdidas.»

Uma vez só o encontraes ebrio e na companhia de duas desgraçadas: é na taberna da Guarda. N'essa mesma taberna se refere igual scena passada alli um anno antes, scena que elle mesmo quizera em

vão relatar a Miguel de Vasconcellos. Quando elle lhe perguntára se tinha fome, responde-lhe D. Jayme:

É verdade !...

«Ainda me lembra: um dia,
 «entrei eu n'uma cidade,
 «e comi muito ! comia
 «com louca voracidade...
 «via mulheres chorando...
 «e eu cantava, e eu bebia...
 «era um delirio... uma orgia...
 «mas não sei onde, nem quando !
 «Sou quasi um louco ! O martyrio
 «não me dá veneno em vão !

.....

Ahi tendes o estado de razão de um homem para quem os acontecimentos accessorios da vida passavam como sombras impalpaveis e luzes fatuas de mal decorado sonho.

Entra n'uma taberna da Guarda, como todos nós ainda hoje entraremos na maior parte das terras da provincia aonde a taberna é a hospedaria; e quando mesmo antes de 1640 a Guarda estivesse mais adiantada que hoje¹ e pudesse offerecer uma hospedaria aos viajantes, não convinha decerto a D. Jayme, o foragido, entrar n'ella, mas no mais obscuro albergue.

Na taberna, encontrava mulheres perdidas, como ainda hoje encontraria quem lá fôsse, ou a qualquer outra taberna do reino.

Sabeis o que é, para o esfomeado, o mais pequeno calix de vinho ? é a embriaguez sem remedio.

1 Este — hoje — refere-se a 1874.

(N. do A. á 6.^a edição.)

Quando em 1854 sahimos de Coimbra 400 estudantes, caminho de Lisboa, aconteceu que de Pombal a Thomar errámos a estrada, e andámos transviados pelos montes desde a madrugada até ás 3 horas da tarde sem podermos tomar a menor porção d'alimento. Depois das 3 horas, cheios de fome e de cansaço, entrámos na pequena povoação de *Rio de Couros* os que não ficaram estropeados nas montanhas. Pudemos comprar uma pequena porção de toucinho, poucos e pequenos pães de milho, e meia duzia de salchichões, alguns dos quaes se comeram crus. Enquanto o toucinho se derretia nas fogueiras do nosso acampamento improvisado, para n'elle podermos ensopear o pão, descobriu-se uma porção de vinho, que daria para uma ração de meio quartilho a cada um. O effeito, para os pobres cansados e esfomeados, foi prompto: embriagaram-se!

Foram tantas as testemunhas, que ninguem duvidará d'este facto.

D. Jayme andava mais fatigado e mais esfomeado do que nós; para que pois condemnar um facto natural que só deve lamentar-se? Cam tambem se riu da embriaguez de Noé, seu pae; Cam leve uma numerosa descendencia.

V

O grande criminoso do D. Jayme!

Porque mandaria Deus ao mundo estas estatuas que se movem, que olham, que digerem, que articulam, que meditam mas que não teem alma para os grandes pensamentos, nem coração para as grandes paixões?!

Deus, creando-as, foi providente e justo. Se não

fôsse a praia, onde havia de refranger-se a onda ? Se não fôsse o espelho, como havia de reflectir-se a luz ? Se não fôsse Waterloo, onde iria Napoleão ? Mas tambem se não houvesse inquisição, onde pararia Galileu ?

Deus creando o homem, collocou o infinito na immensidade: era preciso que o atomo se não perdesse ! para isso fez os homens-estatuas, com o fim de marcar limites á sua actividade; marcos no espaço, soluções de continuidade no infinito.

Ao encontrar o obstaculo, o espirito suspende o vôo, e volta sobre si mesmo: olha-se, estuda-se e procura melhor caminho.

As estatuas-homens, se muitas vezes são algozes, são muitas mais, consciencia.

O homem-estatuas é sempre o grande personagem da republica: é ministro, é legislador, é philosopho, é critico, é professor, e é sobretudo juiz; o scismador, o utopista, o poeta, é o atomo que tende a voar, e que por isso encontra o marco mais vezes no seu caminho; sempre o mesmo, mas sob differentes fórmas, segundo a diversidade das aspirações: se tende para a luz, encontra uma nuvem; se procura calor, apparece-lhe gelo; se aspira ao amor, tropeça n'um contracto; se corre para a religião, sae-lhe um atheu; se perdôa as affrontas, chamam-lhe cobarde; se pede esmola para matar a fome, chamam-lhe miseravel; se se vinga e rouba, levantam-lhe um cadafalso !

É assim a estatuas-algoz; mas isto não impede que a estatuas-consciencia se mantenha no seu logar de honra, e que nos mostre a verdadeira luz, apagando o fogo fatuo que nos illudira; que nos tempere o calor, furtando-nos ao incendio que havia de queimar-nos; que nos esclareça o amor, e nos dirija a piedade.

Tudo isto ha, e tudo isto eu respeito. Peço apenas uma legitima compensação: que me respeitem os meus sentimentos, e que desçam do setimo céu ao

nível da humanidade, quando quizerem dar-me a honra de combater as minhas idéas, ou de cortar as minhas aspirações.

Admiravel harmonia a do universo! duas forças contrarias se ajudam e se completam! a aspiração e a inercia! a evaporação e o peso! o fogo e o gelo! a alma e o corpo! a raiz e a rama! a terra e o céu!

Missões igualmente nobres, necessarias, indispensaveis: respeitem-se pois reciprocamente os poetas e os philosophos, lembrando-se de que nem o melhor livro de doutrina póde ser molde para um poema, nem as melhores estrophes do mundo podem servir de preceitos n'um codice doutrinario.

.....
O grande criminoso do D. Jayme! criminoso porque? Porque todos os seus feitos foram devidos ao amor d'uma mulher? porque em D. Jayme apparece o filho, o pai, o irmão e o amante, mas não apparece o portuguez? porque eu descrevi um homem, em vez de cantar o cidadão? porque eu me compadei da familia, em vez de engrandecer a patria? emfim porque eu dei a D. Jayme um punhal, em vez d'uma espada? porque o apresento nas trevas, em vez de o apresentar em campo aberto?! Bravo! Este plano, não é emenda ao meu poema; é uma substituição; e é na verdade sublime! venha esse outro poema só igual ao D. JAYME nos intuitos, que eu serei o primeiro a festejal-o, como já lhe applaudo o pensamento.

Mas, sem deixar de confessar que este pensamento é optimo, concedei-me licença para insistir na defeza do meu.

O amor é uma paixão legitima; já o demonstrei; e não é a familia a synthese da patria? não é, e não foi sempre o objecto mais sagrado das nossas affeições? desde quando a virtude patriotica deixa de ser virtude familiar?

Pois para defender a patria teem os cidadãos todos os direitos e todos os deveres, e não os teem os filhos para defenderem seus paes, e os paes para defenderem seus filhos? pois primeiro que os proximos não estão os mais proximos?

Os Brutos poderão justificar-se, quando d'um lado está a patria e do outro a familia; mas jámais quando a patria está com a familia, e a familia na patria e com a patria: e este é o caso do meu poema.

A familia dos Aguilares é a nação portugueza esmagada, vilipendiada pela dominação de Castella.

D. Jayme *está dentro da lei, emquanto a Hespanha não sae fóra da justiça.*

Não fui eu que improvisei a situação de D. Jayme; não foi culpa do poeta, nem do seu heroe, se a espada de D. Martinho foi trocada por um punhal, e se em vez de campo aberto e luz clara D. Jayme teve de se bater nas trevas e nas emboscadas.

D. Jayme tinha uma espada na *Cava de Viriato*, aonde os Aragões recusaram bater-se em duelo honrado, para irem assassinar a punhal, nas trevas da *Quinta do Bosque*, e depois nas *mil ciladas que armaram*. D. Jayme aceitou-lhes a nova escolha das armas, das horas, e dos logares; que mais havia de fazer?

Depois, esta condemnação de D. Jayme, é tambem a de João Pinto Ribeiro, e da gloriosa emboscada do 1.º de Dezembro de 1640.

Pois os conjurados conspiraram á luz do sol? bateram-se em campo aberto? mataram em duelo a Miguel de Vasconcellos? Nada d'isto: entraram de subito no palacio, *apunhalaram* o valido e o seu secretario que estavam inermes e ameaçaram uma senhora, a duquesa de Mantua, de a atirarem pela janela como tinham feito ao cadaver do ministro. Depois o povo heroico de Lisboa para saborear o prazer

da *vingança* (justiça não era decerto) mutilou, desfigurou, e arrastou pelas ruas da capital. o cadaver do valido, tripudiando sobre elle um dia inteiro.

E ninguem chamou ainda á revolução de 1640 uma vergonha nacional. Pois os phrenesis que se santificam n'um povo, porque se não hão de ao menos desculpar n'um homem?

A historia glorifica o Mestre d'Aviz D. João I, e Giraldo-sem-pavor: um porque livrou Portugal da tyrannia d'um valido, que escandalisava a còrte e o povo; outro porque livrou do poder d'infieis uma cidade lusitana, entregando-a ao seu rei.

Comtudo, estes dois grandes feitos consummaram-se através de dois cobardissimos crimes: D. João I *apunhalou* o conde Andeiro quando lhe dizia palavras amigaveis; Giraldo passou por cima dos cadaveres d'uma donzella e d'um velho que *apunhalou* enquanto dormiam!

Podia citar mil exemplos que abundam na historia de todos os povos: estes são de sobejo; e já estou ouvindo uma resposta bombastica dos meus detractores: «Todos esses feitos são nobres porque são filhos do *amor da patria*, e d'elles resultaram esplendidas glorias e larguissimas venturas!»

Pobre patria! que para esta gente, não sei se és uma gloria, se um vilipendio! não sei se és uma bandeira, se um espantalho!

Eu tenho differente maneira de vêr estas questões: antes de inquirir aonde chegaram, pergunto d'onde partiram. Para julgar, não espero os grandes acontecimentos; bastam-me as grandes causas.

Aos olhos do vulgo, os quadros da historia ou os da phantasia são apenas pinturas ordinarias, photographias grosseiras sem harmonia, sem perspectiva, sem distancias e sem relevos. O bom juiz, demora-se ao pé do quadro; estuda-lhe os contornos; a harmonia

das tintas; os sentimentos que representa; a vida; a força; o movimento; a luz; calcula a distancia que vai do personagem ao arbusto, do arbusto ao regato, do regato ao horisonte, e profere conscienciosamente o seu veredictum.

O quadro era o mesmo, os olhos é que eram outros. E a differença de vêr uma photographia a olhos nus, ou com auxilio das lentes do estereoscopio.

Antes de terminar, quero affirmar-vos que nunca appareceu ninguem no mundo litterario com menos pretensões e com menos consciencia de merito do que eu.

Aceitando e agradecendo muito a *Conversação Preambular* do snr. Castilho, julguei prestar n'isso um preito ás eminencias litterarias do meu paiz. Já me não parecia arrojo publicar o D. JAYME, desde que o meu prezado mestre me dizia: *Póde correr*.

Se eu viesse desamparado e sem recommendação, parecia-me que era maior motivo de reparo, e podiam com mais razão taxar-me de audacioso. Pois d'isso mesmo que offerecia como prova de respeito aos esclarecidos d'este paiz me fizeram um capitulo de accusação e me assacaram suspeitas d'orgulho.

Não me conhecem decerto; o meu critico mais austero, é a minha propria consciencia.

O que é o meu livro? poema lhe chamei eu, porque é escrito em verso. A que escóla litteraria pertence? a nenhuma, que eu saiba, mas aparenta-se com a hespanhola. Porque adoptei aquella fórma? não a estudei, achei-a naturalmente escrita. A phantasia, que eu deixei correr liberrima, creou-a assim por sua conta e risco.

O poeta não póde ter sobre a sua mesa de trabalho nem codigos, nem regoas, nem compassos.

É o D. JAYME a cópia fiel da historia dos sessenta annos da dominação castelhana? não. O meu amigo

Casal Ribeiro no seu ultimo eloquente discurso proferido na camara dos deputados, chamou-lhe *philosophia da historia d'aquella época*.

Quiz significar n'elle receios e intuitos futuros?...

Perdoai a franqueza d'um utopista: *o meu livro parece o epilogo d'uma historia, e o prologo d'uma prophecia*.

.....

Propuz-me responder a alguns pontos das vossas criticas, e foi certamente o que menos fiz: é verdade que eu pouco tinha que dizer-vos. Nas correccões que fiz no livro, achareis as explicações que aqui vos não dou. Aonde não alterei, é que não assenti ao vosso modo de vêr. Emquanto á grammatica, tão habilmente defendida por vós, se na primeira edição sahiu errada, errada sáe na segunda. N'essa parte não pude aprender nada.

Aceitae os meus protestos de amizade e gratidão.

Fevereiro de 1863.

Thomas Ribeiro.

DUAS PALAVRAS DO AUCTOR

(PROLOGO DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

No dia em que pela primeira vez tive a honra de lér o meu poema ao nosso primeiro poeta o exc.^{mo} snr. Antonio Feliciano de Castilho, ¹ offereceu-me s. exc.^a espontaneamente uma introduccão para elle.

Calcula-se com que alvoroço eu aceitei e agradei ao meu auctorizado mestre o seu generoso offerecimento; ficaram pagas as minhas fadigas: o meu poema estava nobilitado.

Quando, porém, li a *Conversação Preambular* que s. exc.^a mandou para a imprensa, e vi as phrases duplicadamente lisongeiras endereçadas ao auctor e ao livro, que se dispunham a apparecer no mundo tão modestos como convinha á obscuridade da sua origem, senti que o pejo me afogueava o rosto! Julgava achar uma apreciação sévêra, comquanto amiga, porque como amigo e muito amigo tinha eu o seu auctor; mas achei uma memoria apologetica, toda a respirar affectos, cordialidades, amores!

1 Visconde de Castilho.

Fui ainda procurar o mestre, o critico, para lhe lembrar que seria justo ser menos benevolente, além dos motivos que me eram pessoases, para que não julgasse algum leitor mal prevenido, que eu tinha solicitado para o meu poema um cortejo de tão esplendidos elogios. O mestre, o critico, tinha sahido: encontrei sómente o amigo que se obstinou em o ser.

A todos os meus escrupulos respondeu: que se a modestia do auctor podia padecer, o editor era livre para aceitar as considerações que elle julgava a proposito fazer.

Um editor !... era bom se o meu livro o tivesse.

Era facil improvisal-o; mas se a modestia podia esconder-se atraz d'esta sombra que lhe encobria o rubor, a consciencia ficaria gemendo e martyrisando-me toda a minha vida. Nada prézo tanto como a verdade, e só a verdade podia salvar-me.

Aqui a tem os meus leitores.

Não ha peccado na publicação d'essas bellas paginas, que são o ornamento do meu livro; e se o houvesse, qual dos nossos escriptores, consultando a sua consciencia, me atiraria a primeira pedra ?...

Aos meus leitores fica dito o bastante para me não julgarem vaidoso.

Ao meu prezado mestre e prestantissimo amigo o exc.^{mo} snr. Castilho, consagro um protesto de muito respeito, de muita gratidão, e de muita amizade.

CONVERSAÇÃO PREAMBULAR

(REPRODUZIDA DA PRIMEIRA EDIÇÃO)

O historiographo e propheta do progresso, Eugenio Pelletan, que é sem duvida alguma um dos mais insignes poetas da prosa, tem para si que a poesia formulada e medida, a poesia em verso, está por pouco. Allega suas razões para assim o crêr, e vê-se que não ha de ser elle dos que deitem luto quando se der á terra com a derradeira lyra a derradeira Musa.

Não o chamo a terreiro, que fôra desaccordo pretender medir armas e provar forças com tão denodado e victorioso campeão. Não desejo parecer-me com alguns dos nossos frades, que, presentindo o convento ameaçado pelo seculo, levaram os trabucos, e em vez de o salvarem, lhe apressaram a ruina.

Por minha parte, sinto-me pacifico á beira da corrente dos destinos; contemplo o que me passa por diante, e com o que ainda lá vem longe não me altero. Se eu fôr vivo quando já se não fizerem versos, deitar-me-hei no loureiral dos cysnes que fôram, e consolar-me-hei facilmente ouvindo-lhes os cantares, milagrosos cantares, cujos echos, em lugar de esmorecem com o tempo e com a distancia, se reforçam e se eternisam.

¿ Dar-se-ha porém que o prognostico de Pelletan não seja temerario ? ¿ estarão devéras a emigrar das selvas da alma, e para sempre, os rouxinoes ? ¿ o Apollo Homérico, o formoso da perenne mocidade, envelheceria emfim, e jazerá moribundo n'alguma cova do Parnaso barbarisado ? Quem sabe ! Que se está operando no mundo mais uma extraordinaria metamorphose, isso é innegavel; e que ella ha de redundar em bem, todas as transformações precedentes o certificam.

Fermentam philosophias; reformam-se crenças; innovam-se politicas; accelera-se o trabalho; augmenta-se a producção; amiuda-se a convivencia; derretem-se os exclusivismos nacionaes; tende a organizar-se a familia humana; as sciencias sugam á porfia substancia na propria natureza; as artes nutrem-se das sciencias, e vem descendo prodigas até ao infimo da plebe; o livro desfaz-se em jornaes; a architectura millionaria, pesada, babylonica, dispersa-se em edificações ligeiras, economicas, improvisaveis, ridentes, commodas, compatíveis com o variar das modas, com o cambiar e progredir do gosto, com a adopção dos inventos e descobrimentos que possam vir; a phylarmonica penetrou na aldeia e subiu ás serras; o sol fez-se retratista para todos; a prensa lytographica atavia de paineis a morada do pobre; o buxo gravado explica, desenvolve, e completa a palavra escripta, convida á leitura, e cunha, na memoria; as machinas desoccupam os braços do trabalho servil, e promettem bandos novos de applicados a creações de mais subida natureza.....

Mas que emprehendo eu numerar ondas n'este oceano revolto e creador ! Sente-se (consolemo'-nos) que se andam apparelhando magnificos futuros; nossos netos os desfrutarão por nós como nós estamos

gozando do que nossos bisavós nunca pensaram.

Um progresso essencial falta comtudo entre tantos progressos: um progresso que a todos os outros duplicaria alma e crearia azas: é o ensino elementar *gratuito e obrigatorio*; esse principio sacrosanto, hoje solemnemente prégado ao mundo pelo auctor do evangelho social, intitulado Os MISFRAVEIS, mas já antes d'elle annuciado e servido de alma e coração n'este pobre canto de terra pelo obscuro auctor das presentes linhas. E mais ainda pedia este e pede, supplicava e supplica, propunha e propõe, para o alumiamiento do povo, criança adulta de hoje, e da puericia, que ha de ser nação de amanhã: queria, e quer, que a escola, além de *obrigatoria e gratuita*, seja tambem sympathica pela claridade das doutrinas, attractiva pelo natural e aprazivel dos methodos, maternal pela completa abstenção de rigores escusados e contraproducentes; que alli se desenvolvam a par as forças e a destreza do corpo, as faculdades do espirito e as boas disposições moraes, até agora atrophiadas e pervertidas pela ignara brutalidade do pseudo-ensino, impia e descarada mentira de tantos seculos.

Que homens e que mulheres se não devem esperar das crianças instruidas e educadas em taes ninhos! A elles e a ellas é que está reservada a gloria de serem a primeira colonia civilisadora e liberal d'este paiz. No meio de gente d'essa não se haja medo de que se recebam jámais com indifferença, com apupos, ou ás pedradas, os alvitadores de idéas praticas prestadias! Lá quando alguem trazer para a comunidade um presente de bons fructos enfeitados de flôres, não se lhes responderá que o lance para um canto a apodrecer; e muito menos que se não sabe se as flôres são flôres, e os fructos, fructos, quando uma e outra coisa vem patente, e para não as vêr é forçoso fechar os olhos com obstinação!

Bom tempo ! bom tempo ! Quando isso fôr, tambem eu hei de ter por monumento um canteirinho de saudades ! e velhos de então, agora meninos, m'as hão de orvalhar com algumas lagrimas, lembrando-se do longo martyrio de menoscabos que para lhes bemfazer a elles e a seus descendentes, corifra o seu amigo.

Ora: será verosimil que n'essa povoação d'amor, bellas almas com quem eu já convivo em esperança, a poesia chegue a despir as suas galas recamadas de ouro ! ella, a divina filha de Orpheu ! ella, a sempre adorada, até nas éras menos cultas, até nas mais silvestres regiões !

¿ Não reconheceu o mesmo Pelletan que de grau para grau da civilisação, nenhuma das conquistas anteriormente feitas se perdia ? ¿ Havia então de se perder esta, a mais formosa, e quasi que a mais natural de todas as artes, e tão antiga que não faltou quem a reputasse irmã primogenita da eloquencia ? Desejo que se engane o meu primoroso escriptor; e vaticinamente o coração, se já não é o discurso, que assim ha-de succeder.

Verdade seja que a poesia por toda essa Europa se anda já de annos descurando notavelmente. ¿ Quem é o successor de Byron, de Goethe, de Schiller, de Manzoni, de Espronceda, de Lamartine e Béranger ? Existe na verdade um que os excede a todos, e não envelhece, nem se exhaure: o auctor das tragedias modernas, das ODES E BALLADAS, das ORIENTAES, das FOLHAS D'OUTONO, das POESIAS POLITICAS, dos CANTOS DO CREPUSCULO, das VOZES INTIMAS, dos RAIOS E SOMBRAS, das CONTEMPLAÇÕES, da LENDA DOS SECULOS, do FIM DO REINADO DE SATANAZ, de DEUS, das CANÇÕES DAS RUAS E DOS BOSQUES, e quem sabe de que mais ! Esse não sae da liça; ha de morrer com a lyra triumphal em punho. Não vê, ha já muito, rivaes em torno a si; e não achando competidores a quem vença,

vence-se a si mesmo de anno para anno; e por um privilegio só a elle concedido, quando o julgam pelo tempo entrado no seu inverno, reaparece refflorido da primavera, resplandecente de estio, verdadeiro Esão do genio, que póde já presentir nos seus milagres a sua immortalidade.

¿ Mas apagar-se-ia para todos os mais o fogo sagrado? Impossivel. E, certamente, que a actividade dos espiritos anda agora n'outro rumo. Onde todos lidam na faina, minguam os ocios para cantar, e para ouvir; e mesmo onde os ouvintes fallecem, mal mal poderia haver cantores.

O que vai pela grande Europa dá-se tambem no pequeno Portugal. De sobejos annos a esta parte refervemos todos n'uma continuada revolução, ora tempestuosa e á superficie, ora surda e recondita, ora tenebrosa, ora resplandecente. É uma fermentação geral que não se interrompe; é um revolultear insoffrido de todos e cada um ás portas cerradas do porvir.

N'estes momentos de absorpção, de preoccupações, de incerteza, até os bardos se fazem obreiros, pelejadores, intrigantes, egoistas, cobardes, ou scepticos; se algures se conserva a poesia, é nas criancinhas e nos passaros; é nas mulheres e nas flôres: é na natureza incensitiva e formosa que lá vai continuando o seu spectaculo sublime, enquanto os espectadores distrahidos, olhando para outra parte, conversam n'outros assumptos.

Dos nossos poetas, que tantos e tão viçosos pollularam sempre ao bafo benignissimo d'estes ares, quantos apontamos hoje em dia? Morreram uns; envelhecaram outros, que é peor maneira de morrer; outros secularisaram-se para os negocios; outros desertaram para a politica; não poucos succumbiram á epidemia da inercia, e jazem, sobreviventes a si mes-

mos, sobre os seus proprios nomes, como estatuas sobre tumulos, armadas, mas inertes.

Foram-se: o Curvo Semedo, o Xavier Botelho, o Bingre, a marquezia d'Alorna, o Nunes Cardoso, o Dom Gastão, o morgado d'Assentiz, o conde de Sabugal, o Leitão de Gouvêa, o Pimentel Maldonado, a Pimentel Maldonado, a D. Josepha de Balsemão, o Vicente Pedro Nolasco, o Pinto Rebello de Carvalho, o Cyro Pinto Osorio, o Garrett, o Soares de Passos, o Pereira Marecos, o Freire Cardoso da Fonseca, o Silveira Malhão, o Costa e Silva, o Lima Leitão, a D. Emilia de Castilho, o José Maria Grande, o duque de Palmella, o Corrêa Caldeira, o João de Aboim, o Passos Manoel, o Rebocho. ¹

Estão mudos... Suprimo d'aqui, depois de já escripto, um catalogo de mais de oitenta nomes. Fôra temeridade converter tantas inercias n'uma actividade clamorosa contra mim, e depois, sem proveito para pessoa alguma. Deixar dormir quem dorme.

*Tanti morir e nascere
su questa spiaggia amena
di voi vid'io, ch'esistere
voi mi sembrate appena.*

1 N'este catalogo de poetas finados, fielmente copiado para aqui da primeira edição, não ha porque averiguar preferencias ou precedencias. O auctor julga saber soffrivelmente o como os havia de arrumar; mas que alterações se lhe não levantariam se o fizesse? Restava logo escolher entre dois arbitros: ordenar os nomes por ordem alphabetica, ou tiral-os á sorte; preferiu o segundo; o caso deu assim. Garrett e Soares de Passos, que haviam de occupar as primeiras cadelras, ficaram lá para o fundo da platêa geral.

A arrumação alphabetica teria dado iguaes desarranjos; mesmo assim, acha agora o auctor que fôra melhor tel-a optado. Como o não fez então, tambem agora o não quiz fazer; mas a presente expliação entendeu que a devia a alguns amigos melindrosos e sinceros, que tinham estacado ao darem com os olhos n'este valle de Josaphat.

No meio d'este silencio gelado, só dois, que eu saiba, se obstinam em poetar: o primeiro, é Mendes Leal, o mais fecundo dos nossos escriptores, que nem com os summos negocios do estado, que o desvelam, se julga dispensado da augusta religião litteraria em que professou; o outro (concedam-me não o dissimular), o outro... sou eu, que nunca desde todo o principio larguei o culto do bello senão pelo do mais bello; nunca desci do Parnaso senão para entrar na escola; nunca interrompi, nem interromperei, o canto *perpetuum carmen*, senão para arrotear a alma do povo, afim de que sabios e bons possam n'ella esparzir ás mãos cheias sementes de proveito, que as influições do céo não deixarão de prosperar.

A cada um a sua tarefa: ao Camões solemnisar o que fizeram os portuguezes; a Mendes Leal coadjuval-os nas suas empresas hodiernas: a mim, preparar-lhes a estrada larga para éras novas, mais felizes que a actual e as preteritas. Tres LUSIADAS, se desiguaes no vulto, iguaes decerto na manifestação d'amor á patria! O poema de Camões, merecedor, pela fama que nos grangeou, do monumento que lhe levantamos; o poema de Mendes Leal, não de rimas senão de obras positivas e macissas; o meu, se me não atassem as mãos, que forcejam por executal-o, não de rimas, nem de obras para já, mas de felicidade publica a medrar pelas éras além. Todos tres estamos pagos do nosso patriotismo: todos achámos a ingratição. Para o primeiro, já chegou a justiça; para os ultimos, ella chegará; se não fôr em vida, será depois; se não vier n'um seculo, virá n'outro; se não fôr nas folhas avulsas, que vôam, será nas paginas da historia, que fica. Quando se goza de taes convicções, póde-se esperar e cantar.

Por isso nós cantamos, quando tantos outros cantores estão calados.

Quanto a mim, a quem Mendes Leal decerto inveja o viver obscuro, que tambem se lhe lograria, resolvi quasi, com uma habilidade que ninguem para si cubiçára, o problema de não ser coisa alguma n'este mundo: cá me vivo no meu suburbano com tudo que me é caro, sempre utopista, mas sem ambições pessoases; reverdecendo todas as primaveras, e em todas ellas florindo e gorgeando o meu poucochinho. Murmuram-me mais as folhas verdes, que as dos periodicos. Passo todo o anno em Tibur. Não me carteio com Augusto, nem me visita Mecenas: mas bons amigos poetas, esses acodem muito pontuaes ao convite do meu bosque de seis arvores, infructiferas como as de D. João de Castro. Não subo nem desço para passar, segundo a estação e a hora, da bibliotheca para o jardim, ou do jardim para a bibliotheca. N'ella, ouço cantar todo o passado; n'ella, respiro em fragancias o presente; e ermando, e devaneando, cá vou colhendo, ora philosophia social, ora simples poesia, conforme dá o girar livre e phantasioso do espirito. Do meu Horacio tomei a lição:

Condo, et compono, quæ mox depromere possim.

Já me disse, não sei quem, ser frivolo, semi-pagão, e para pouco, este viver; havia de ser algum politico militante. Foi decerto (se não era algum invejoso, ou inimigo solapado). Varonil ou não, Deus m'o conserve por annos largos com esta mesma paz por dentro e por fóra, e lá se verá depois quem deixou na colmeia melhor favo. Cuidam elles que nada ha sério senão o coadjuvar ou empecer o bulicio governativo; pois eu sei na consciencia, que ha n'este mundo coisa muito mais séria e bem fadada. Uma cantiga de Horacio, improvisada ao pé da cascata de Annio, um simples verso de Virgilio, suspirado

debaixo de qualquer murta napolitana, sobreviveram a quantos altos negocios do mundo então conhecido se discutiram no senado romano, no triumvirato, ou na cabeça omnipotente de Octavio Cesar. As leis envelhecem, cahem, e substituem-se por outras:

Ut silvæ follis pronos mutantur in annos;

os versos não; nenhum poema revoga os poemas anteriores. A ILLIADA, a ENEIDA, os LUSIADAS, estão tão mais vivos e mais vivazes hoje, que nos dias em que nasceram.

Deixem-me portanto quieto na minha occupada ociosidade, como eu os deixo a elles nas suas cuidos que ociosas occupações:

*.....trahit sua quemque voluptas.
Florentem cytisum sequitur lasciva capella.*

Corre como averiguado entre os entomologistas serem as abelhas animalculos tão absortos no seu mellifico e harmonioso trabalho, que nem estampido de trovões lh'o interrompe, ou lhes põe medo; sou eu logo como as abelhas, que, por mais que estron-deassem lá pela cidade as revoluçõesinhas ephemerias, mal lhes perceberia uns echos n'este recanto:

*.....sedet in seius alto
accipiens sonitum saxi de vertice pastor.*

Em tão bom remanso me estava pois uma tarde d'estas cuidando entre mim n'aquelle ruim prognostico do Pelletan, prognostico de que as rãs no meu tanque redondo, como se me estivessem lendo por dentro, pareciam rir ás gargalhadas, quando muito a ponto, veio tomar assento no meu banco de cortiça, que o dá bem para tres, o meu bom e velho amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro.

Se vós o não conheceis senão pelas suas excellentes poesias: o TASSO NO HOSPITAL DOS DOIDOS, a CARREIRA VELOZ, o OUTONO, e as mais, conheceil-o pouco, e folgareis de que vol-o apresente.

É o nosso Cordeiro um prototypo do provinciano amavel; bemvindo e festejado em qualquer sala cortezã. Nos gostos singelos e faceis, não desdiz do seu patricio, o auctor da PRIMAVERA e do PASTOR PEREGRINO. Este *Lobo e Cordeiro* não são fabula; são uma gloria muito verdadeira da sua Leiria. O logarejo das Córtes, selvatica e pittoresca nascente do Liz, deu berço ao nosso Rodrigues Cordeiro, como provavelmente dera sombras estivas e inspirações ao Rodrigues Lobo, originaes de lindezas rusticas para os seus quadros, e talvez a idéa e o titulo da sua CÔRTE NA ALDEIA.

Que donosos sitios ! Tenho saudades dos tres dias que, ha já hoje oito annos, alli passei, patriarchal e *genericamente* hospedado pelo meu poeta. Quanto não era eremitica, melancolica e voluptuosa ao mesmo tempo, a guarita desamparada, onde conversavamos, liamos, ou scismavamos, impendentes do alto da ribanceira ao estrepito da catadupa do rio, aos murmurios da espessura tão verde que a ensombra, e aos rouxinoes, que não querein outros esconderijos para os seus requebros ! Foi por força d'alli que lhe surdiu a gentil Musa, pela primeira vez; e tenho que d'alli é que se lhe formaria desde todo o principio a amenidade da indole.

Eu quero-lhe como a irmão gêmeo. Ha n'elle una coisa que eu ainda aprecio mais que o seu talento: é a bondade inalteravel que, em tudo que diz e faz, lhe está de dentro sahindo em resplendores de alegria. Depois, é um entusiasta, como eu, das crianças, e um partidario activo da communhão universal do A-B-C. Não é d'estes liberaes que só bra-

vateiam; é dos pouquissimos que muito mais do que prégam, executam. Quatro annos regeu elle uma escola nocturna de primeiras letras a meninos e adultos, na cidade, a uma legua das suas Côrtes, sem faltar nem pelos maiores desabrimentos do inverno, custando-lhe duas leguas cada lição; isto sem recompensa, nem esperança, nem desejo d'ella, senão que dispendendo ainda do seu haver para a manutenção de tão pia obra.

É muito, não é?! pois ainda não é tudo! Este homem de tempera tão antiga, ou tão futura (não sei como diga isto) sobredoura todos os seus outros merecimentos com o mais raro n'estes ruins tempos que vão passando, em que a ociosidade dos talentos se desfaz em maledicencias invejosas, como a podridão em tortulhos de sapo: não só não abusa do seu engenho para matar com veneno as reputações, mas todo se ensoberbece quando vê aqui ou acolá fulgurar a'gum talento.

Imaginem agora como elle não viria radioso, tendo para me denunciar a existencia de um novo poema dos mais finos quilates, e de um poeta destinado ás mais soberbas corôas!

Desconfiei o meu tanto dos seus encarecimentos por saber de raiz que n'elle a affeição facilmente se desata em borbotões de enthusiasmo, e não deixei de lhe oppôr, sorrindo, esta contradicta. Prometteu-me, para me convencer, voltar ao outro dia com o seu achado. Desempenho de palavra mais galhardo nunca o houve. O meu retiro recebeu o novo poeta, já anxiosamente esperado por uma pequena sociedade quasi domestica, merecedora de ouvir, e muito apta, por instrucção e gosto, para o apreciar. Contavamos com muito; sahiu-nos muito mais.

Antes que fallemos do poema, razão será haver-mos alguma noticia do auctor. Como a historia litte-

raria ha de algum dia tratar d'elle, bom será prevenir-lhe já aqui apontamentos.

É Thomaz Antonio Ribeiro Ferreira um gentil moço de trinta e um annos,¹ e varão feito no juizo e madureza.

Paes, torrão de nascimento, e criação, tudo conspirou para temperar a indole, com que o prendára a natureza. Abriu os olhos na abastada mediania que Horacio chamou *aurea*.

.....*tutus caret obsoleti*
sordidus tecti, caret invidenda
sobrius aula.

Achou-se, ao nascer, herdeiro de honrada fama, accumulada de paes a filhos, e mantida como thesouro; geração limpa, sã, e para se pôrem n'ella os olhos, como diria o bom fallar da nossa terra; apontando-se já na parentela alguns talentos poeticos, de mais ou menos brilho.

O pai, João Emilio Ribeiro Ferreira, proprietario lavrador, e a mãe, D. Maria Amalia de Albuquerque, apuraram nos dois unicos filhos que tiveram os maiores desvelos, para que a tradição hereditaria de merecimentos se não viesse n'elles a acabar, antes, se fôsse possivel, se melhorasse em lustre; e favoneou-os o céo na diligencia.

Na sua aldeia natal de Parada de Gonta, nas frescas margens do Pavia, passaram a primeira puericia Thomaz e seu irmão Henrique Ribeiro Ferreira Coelho, hoje abbade de Santa Maria de Salgueiros, e tambem poeta.

Jazem os campos do Pavia entre o ameno Valle de Besteiros, aos pés do Caramulo, e a magestosa

1 Nasceu a 1 de Julho de 1831.

Serra da Estrella, artedada apenas cinco leguas. Região mais deliciosamente campestre, não a alardeia Portugal; e se á formosura se lhe pretender ajuntar nobreza, como realce, nem esses accidentes lustrosos lhe fallecem.

Do Monte Herminio foi o Viriato, que á frente dos seus pastores escarmentou a omnipotencia romana. O arraial d'esse Annibal rustico, ainda hoje em dia serve de brazão a Vizeu, mantendo o nome de *Cava de Viriato*.

De Vizeu, se não foi do Rio de Loba na visinhança, sahiu o pintor Grão Vasco; e de Avô, nas ribas do Alva, o poeta Braz Garcia de Mascarenhas, cantor do mesmo Viriato.

Quero deixar a este poeta o celebrar-vos o pittoresco e fertil do paiz:

«Entre estes frios tumulos de Marte
natureza, que aos altos foi avara,
fecunda os baixos com favor da Arte,
que nos uteis suores não repara;
a cada lado valles mil reparte,
bosques faz dividir, veigas separa,
campinas rega, prados, e hortas ata
com mil laçadas em grilhões de prata.

«Censos, que sempre dão os caudalosos
Alva, Mondego e Zezere, agradaveis,
a Ceres por seus fructos abundosos,
a Baccho por licôres admiraveis,
a Minerva por oleos numerosos,
por bosques a Diana innumeraveis,
que tudo são com gloria da inventora,
de Pomona doceis, sitiaes de Flora.»

Dizem os naturaes que nós, os de Lisboa, só temos uma Cintra, e elles por lá as teem não somenos por toda a parte.

Agora pelo que toca ao proprio torrãosinho que algum dia se ha de jactar de ter procreado o nosso Thomaz Ribeiro, elle que vol-o pinte:

«Que fresca aldeia formosa
nas margens do meu Pavia!
tão branca, tão buliçosa,
tão susurrante e donosa
no seu copado arvoredo,
como festiva *Fogaça*,
n'um dia de romaria
toda vestida de cassa.

«Com lenço de sêda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito e no cabello,
o mais completo jardim!
Não achaes o quadro bello?
Pois bem, a aldeia era assim.»

Quem por taes sitios brincou os dias da meninice, quem adoleceu pescando por aquellas aguas, caçando por aquelles montes e bosques, quem por inclinação tratou de perto a boa gente serrana d'aquellas paragens, tão portugueza das boas éras ainda hoje na fé e probidade, no fallar e na singeleza, e, quando fôr preciso mostral-o, no aferro á patria, como lh'o deixou ensinado o seu Viriato, bem se póde gabar de lhe terem fadas amoraveis bemfadado a existencia para poeta.

Terminados em Vizeu, com grandes creditos para os seus mestres, os estudos das humanidades, passou-se o nosso guapo serraninho para Coimbra a cultivar a jurisprudencia.

Se não foram as saudades da familia e dos amigos, pouco o magoaria a mudança dos logares. O Mondego, filho da sua Serra da Estrella, lá tinha em Coimbra outro paraizo de poesia á sua espera.

Sempre se me figurou a mim que o Mondego bem sabia o que fazia em se enfeitar com tanto esmero para namorar Coimbra e encantal-a. Via alli um viveiro de mancebos alados, captivos em nome das sciencias, que são anciãs e austeras, aos pés de uma fabulosa Minerva de marmore: digo de marmore por fallar poetico; talvez seja de lioz d'Ansan. Era razão confortar esses pobres com um espectaculo ao menos que na vastidão, verdor, e viço, lhes condissesse com a idade, os preservasse de morrerem nostalgicos, e aos d'entre elles que tivessem nascido rouxinoes, os educasse no cantar desafiados uns com os outros por debaixo de sombras florejantes. Sem um Mondego para consolo, que moço resistia ao sêcco, pêco, e senil estudo da jurisprudencia, por exemplo? Se o tomassem a valer, sahiam decrepitos aos vinte e cinco annos: aos trinta estavam enterrados sem epitaphio.

Vindo nós, uns estudantes, uma vez rio abaixo de Santa Comba para Coimbra, passou-nos o barco por uma angustiada garganta entre ribas aprumadas e altas, congerie de penedia como que arrumada por mão em idas sobrepostas umas ás outras, pautadas, direitas, como volumes em bibliotheca. — «Aqui é que chamam a livraria do Mondego» — nos disse um dos barqueiros. — «Agora está elle a estudar alto» — acudiu, rindo, um meu condiscipulo. Vinhamos de férias do Natal; tinha chovido: a corrente ia grossa e tumultuaria. — «Apostaria que vai ideando — lhe volvi eu — o poema da sua primavera; se assim é, já se viram livrarias mais mal empregadas. O nosso Mondego quer-se mostrar digno do seu bordado capello e florida borla de doutor em amenidades: foi elle quem deu o primeiro grau poetico ao Gil Vicente, ao Antonio Ferreira, ao Sá Miranda, ao Camões, e a trezentos outros de illustre nomeada até aos nossos dias,

e promette continuar.» — Continuou com effeito, e ha de continuar sempre. Eu por mim tão devoto lhe sou, e creio tanto na milagrosa virtude de suas aguas hypocrenicas e remoçativas, que ainda no fim d'este abril lá me fui peregrino para lançar cans fóra na *Lapa dos Poetas*, e com os que por lá houvesse commemorar o quadragesimo anniversario da festa de maio. Tinham-me dito que nenhum acharia ao presente; não quiz acreditar-o, e tive razão. Se a Lapa se não viu d'esta feita alvoroçada outra vez de cantores, não foi por minguaem elles em Coimbra, pela qual se póde dizer como Pompeu em Roma depois de transposto por Cesar o Rubicon: — «Em eu ferindo com o pé a terra, para logo de toda ella pollularão legiões.» — Só por culpa da mesma primavera é que eu a visitei sem mais companhia no seu alcaçar frontente. Outrem, que não fóra o seu antigo amante, não a iria saudar por debaixo de chuveiros no primeiro de maio. Por culpa d'ella, sim, que se disfarçou em inverno, é que eu me vi lá sósinho com as minhas saudades, e bom meio cento de rouxinoes que mesmo encoberta a reconheceram.

Poetas na mocidade academica, repito, não escasseavam. Se lhes foi d'esta vez a Lapa inhospita, congregou-nos em sarau o theatro; e regalei-me de achar, contra o que me agouravam, tantos e tão esperançosos talentos a conservarem sem quebra a antiga tradição de poesia, protestos vivos e eloquentes contra o vaticinio do Pelletan. Dez foram os que recitaram: cerca de dez os que por excessiva modestia se retrahiram. Até como que symbolisando a Musa do Mondego, uma gentil poetisa veio, nova Sapho, merecer n'este certame corôa de louro e murta. Ditosa filha de Coimbra! com os teus donosos vinte annos todos em flôr! com a tua voz suave e timida, como aroma exhalado da tua alma! Amelia Geni, perdôa se hoje,

diante do maior publico, te renovo os meus applausos.

Não tem, não tem razão o Pelletan, por mais que diga.

Já quando oito annos atraz eu alli fôra, então não como romeiro do bello, mas como apostolo do bom, não para sonhar na Lapa, mas para lidar na escôla, não para os passaros dos choupaes, mas para os filhinhos dos meus conterraneos, já então ao meu reclamo se levantára no mesmo sitio outro igual bando de trovadores, entre os quaes já começava a citar-se como distincto o nome de Thomaz Ribeiro: mas havia no corpo academico o João de Deus, o Soares de Passos, o Alexandre Braga, o Silva Gayo, o Ayres de Gouvêa, o Philippe do Quental, o Silva Ferraz, o Soares Franco, o Marecos.

Se d'aqui a outros oito annos lá forem, se forem ao cabo de oitenta, e lançarem pregão para outeiro, deixo apostada a minha urna, se a tiver, que m'a quebrem e sumam, se não hão de vêr acudir numerosos successores dos cysnes d'hoje. e de sempre. Por força: todos os ares tem seu condão especial; o d'estes é crearem boninas e versos. O que dá lastima, é que, nascendo por si as boninas, que são o menos, e tão depressa se desfazem, os versos para rebentar careçam d'estas provocações de fôra. d'estes fortuitos incitamentos que podem tardar, que podem até não chegar nunca. ¿ Porque não farão os poetas á *Lapa dos Poetas* a sua romaria annual? Bastará a esperança de um tal dia, para lhes fecundar o anno. Com fé lhes envio a lembrança; possam elles aproveitall-a com amor.

Bom acerto ou boa inspiração me parece que foi agora esta, de trazer para aqui um alvitre tão facil e fecundo. Como sae acostado a um poema que todos hão de lêr e relêr, pôde ser que essa boa sombra lhe careie benevolencias, e que pegue afinal. Lá sobre

os fructos que elle ha de dar depois de pegado, não digo eu *talvez*; conto com elles, como quem os está vendo. É assim: — pois uns pausinhos seccos, esfregados por um selvagem, concebem calor e levantam chamma, e almas inflammaveis de mancebos, percutindo-se umas com as outras entre as mãos do milagroso genio da convivencia, não se haviam de desatar em fogo?! haviam e hão de, que assim tem sempre acontecido.

Mas não é só para Coimbra que devemos invocar estes sociaes estimulos da poesia; toda a terra, todo o ar, todo o céu de Portugal, foram temperados para ella; muita rocha parece arida, que em lhe tocando vara de propheta se desentranha em fontes caudalosas.

Tornára eu a apostar, que se os moços que de todo o reino confluem a Coimbra e lá se formam em mais d'um sentido, colhessem n'essa feliz idade, com a frequencia dos saraus poeticos e musicos, o gosto, o habito, a necessidade d'estes nobres prazeres, e os fôsseem depois disseminar por onde os levasse o seu destino, ou a Providencia, não haveria ponto no territorio em que se esperdiçasse o minimo engenho.

Prometteram-me um dia (*em francez*) para desconto da nossa independencia, e pelo *modico* preço de alguns milhões, quantidade de Camões. para a Beira. para o Algarve, para todas as provincias! Sem tanto custo, e sem custo nenhum. os poderemos nós ter, logo que se aproveitem os que nascem: que isto emfim é chão hispanico, ar italiano, e o sol do paraizo.

Talvez o entreviu por sonhos o meditativo mancebo ainda hontem rei, quando previdente nos fundava uma faculdade superior de letras. Quem lavrava cupula tão soberba claro está que já no animo antevia o edificio. O alicerce havia de ser a instrucção elemental; desejou-a devéras; não lhe tinha

ainda acertado bem a mão, porém roçava-lhe já perto. Por cima d'esta sólida e ampla base, facilmente se iria erigindo e compaginando o mais: as associações arcadicas e academicas; os premios ás composições de merito,

«o favor com que mais se accende o engenho»:

o arrastamento de todos os estorvos, que difficultam, ou prohibem, a impressão dos livros; o seguro para os talentos fieis à sua vocação contra as incertezas do futuro, ou antes, contra a certeza de um futuro desgraçado, etc.

E morreu príncipe que tanto sabia prevèr, e tanto ousaria diligenciar! esperemos que não morreu; mudou de nome, nada mais: era D. Pedro; é D. Luiz.

Ai! que vôo que eu ia agora levantar do fundo da minha floresta das seis arvores, para lançar de bem alto um grito sobre o vergonhoso desperdicio d'alma que vae por este reino! Torno a sentar-me, que para festa, não para queixumes, é o dia em que nos cae nas mãos inesperado o mais substancial e formoso fructo de poesia que de muitos annos para cá se tem creado por aqui.

Quanto ao poeta, dou que já o estaes conhecendo, desde que ouvistes haver sido o seu nascimento e primeira creação no viçoso ninho da Beira e a sua educação de homem, a tomada da toga viril do seu engenho, em Coimbra.

Mais um ou dois leves toques no retrato.

— «Dize-me com quem lidas, dir-te-hei quem és» — reza o proverbio; pois o mais constante companheiro de Thomaz, foi, já desde a escola do latim em Vizeu, o nosso Virgilio. Com Virgilio adormecia e amanhecia; com Virgilio rusticava, com Virgilio se ia á pesca pelo Pavia, ou á caça nos bosques:

Flumina amem, silvasque inglorius...

A Horacio não o conheceu por muitos annos; e a Ovidio, só o enxergou depois de velho e triste, lá no *Ponto* a dormitar sobre as neves debaixo da Ursa.

Dois foram portanto os poetas, unicamente dois, que afeiçoaram á sua imagem o espirito do nosso, o seu coração e o seu gosto: Virgilio, e o Genio dos campos. Melhores, nem mais afinados um pelo outro, não lh'os podia deparar a sua estrella d'ouro.

Com o tempo outros vieram visital-o e hospedar-se mais ou menos assíduos, na sua ermida natural e Virgiliana. O Camões, por duas prendas ou dotes lhe cahia em graça: queria muito, queria tanto como elle, a Portugal; e fallava um portuguez de lei, como ainda hoje se usa pelas aldeias e montes da Beira.

O fallar castelhano é meio portuguez, quando menos; Camões, e outros poetas do seu tempo, tanto o cultivaram a par com a lingua patria, que até para lá sahiram classicos.

Na leitura do castelhano, se hoje em dia a frequentassemos, como cumpria, bem facil e bem agradavelmente pudemos nós retemperar ainda hoje o bom fallar vernaculo que assim se nos vai desbaratando.

Acudiam a Vizeu companhias de comediantes hespanhoes. Frequentava o nosso poeta com particular gosto aquellas representações: sabiam-lhe a portuguez do mais selecto e refinado. Urdiu e apertou relações com os actores mais instruidos, um d'elles era poeta, D. José Maria Leon. Com esse chegou a tratar amizade. Por alli, o namorado, viçoso e opulento idioma dos nossos argutos vizinhos se lhe veio a tornar familiar; vantagem não pequena para quem bem sabe apreciar-a. Zorrilla entrou desde logo para o diminuto e escolhido numero dos contubernaes mais aceitos ao

seu espirito. Vitor Hugo, que é hoje para elle, e com razão, o predominante, só chegou muito depois, e foi bem assim. Primeiro, os clarões da alvorada para que os olhos despertem e aprendam a vêr; depois, o sol.

Sob as influências das Musas castelhanas, compoz o nosso poeta um drama por titulo A MÃE DO ENGETADO, que passado á lingua visinha, e ornado de musica por D. Ramon do Prado, foi do publico recebido com applausos.

Formado com bons creditos, na faculdade de direito em 1855, deixou Coimbra cheia de saudades de tão bom hospede, levando-as elle tambem, e não poucas, no coração, para a sua aldeia e familia, que já podiam antevêr para si um preclarissimo brazão. Acabava de provar nos estudos chamados sérios a verdade do que outr'ora escrevêra o Antonio Ferreira:

«Não fazem damno as Musas aos doutores.
antes ajuda ás suas letras dão:
e com ellas merecem mais favores,
que em tudo cabem, para tudo são.»

Seguia-se evidenciar tambem que os negocios da republica nem sempre matavam o estro, posto que a regra seja essa infelizmente. Haja vista ao Soares de Passos que enterrou a musa sob os autos forenses, e morreu; haja vista ao Alexandre Braga, que está mudo; ao João de Lemos, ao Pereira da Cunha, ao Palmeirim... (lá tornava eu...) emfim a tantos e tantos que estão mudos. Thomaz Ribeiro foi administrador de concelho, foi advogado, é deputado hoje, e poeta sempre.

Eis aqui o homem que o meu Cordeiro vinha todo soberbo apresentar-me.

Ignorava eu ainda então as particularidades que deixo tocadas; e por isso não é muito que ao nome

de *Serra da Estrella* (é esta uma das parvulezas dos enfatuados com as cidades) se me representasse logo na phantasia uma especie do classico aldeão do Danubio. Pouco me daria a mim d'isso, como fôsse verdadeiro o engenho que se me pregoára; mas, para realce da maravilha, o provinciano sahiu-me um corteção; o caçador montanhez, um cavalheiro. Antes assim; aquillo já não era mau, porém isto é melhor.

Breve e para concluirmos o retrato: o poeta, que por suas maneiras cortezes e delicadas, ainda que nativas e desartificiosas, não descaberia na sociedade litteraria d'um Luiz o Grande de França (gosto de vêr como afina bem este nome de *Grande* com o de Luiz; oxalá que nos seja para as letras bom auspicio) este poeta, que a natureza e a sorte haviam prendado com todo o necessario para o ser, recebêra ainda por cima, como graça original sobre graça original, um condão de presença, e uma suavidade de voz tão insinuativa, que a boa poesia por elle recitada adquiria novo lustre.

Acolhia-o como quem já esperava bastante, mas não sem minhas entreduvidas cá por dentro; porque emfim, o que o entusiasmo do meu Cordeiro me preconisára, com aquella intimativa que lhe conheceis, trasbordava, e muito, do verosimil. A recitação do poema, em que para logo entrámos, provou com effeito que o annunciador não fôra exacto. O poema sobrelevava aos seus louvores, e á espectação que d'esses mesmos louvores originára nos ouvintes, poucos, mas illustrados e judiciosos, que eu lhe havia prevenido.

Já acima toquei isto, mas não importa que o repita.

Era agora o lanço proprio de eu dar conta do poema, verdadeiro alvo a que vinha desde o principio ordenada esta *Conversaço*; mas boas razões me acon-

selham de subito que o não faça. Para indicar, mas que fôsse de corrida, as excellencias de que este livro se compõe macissamente, era mister commetter mais d'um flagicio. Fôra logo o primeiro: desfigurar em prosa deslavada o que sahira em tela viva do poema, tão animado de côres, como perfeito no desenho original e arrojado na invenção, harmonico e perfeito no complexo; e era destruir ao mesmo tempo a impressão da novidade, a maravilha do inesperado, que eu experimentei ser um dos mais certos encantos d'esta esplendida epopeia nacional.

Quando epopeia nacional lhe chamo, mais não faço que antecipar-lhe o nome, com que a ha de saudar a posteridade.

Pelo interesse dos que tem de têr, me privo portanto de relatar aqui a fabula tão historica, e tão poeticamente concertada. Deixo de parte, por igual motivo a analyse, por outra o summo elogio dos caracteres, tão diversos todos, tão verdadeiros, tão bem entrados na acção como elementos. Omitto pelos mesmos motivos a apreciação de tantos lances dramaticos desde o simples tom do idyllio, até aos ultimos negrimes e terrores do romanticismo.

As descripções e as comparações que scintillam semeadas em todos os nove cantos, e que tanto primam nos seus respectivos generos, arrancadas para aqui perderiam logo o melhor de sua força. Joias taes, extorquidas d'onde nasceram, são como os olhos de Argos passados para a cauda do pavão. Em Argos vivo, eram lumes; nas plumas ambiciosas, são nodoas ou pintas. Além de que, todas essas lindezas accessorias, comparações, exemplos, descripções, sentenças, por maior que fôsse a discreta sobriedade com que as observassemos aqui, nunca chegariam a ser comprehendidas sem levarem comsigo alguma referencia á narração. Seja porém como fôr, não sei, não

posso, não quero fraudar-me da delicia de vos enviar uma simples amostra em que vai comparação, descripção e sentença, tudo junto. E logo do canto primeiro:

«Um dia... quando, não sei;
fui vêr as gastas ruinas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar de esquecido
na solidão, era bello.
Achei-o todo vestido
de tenaz era viçosa;
e, ornado de verde brilho,
lambrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados,
sobre o abysmo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas;
As torres, desconjuntadas;
como folhas desligadas
da flôr que se vae finir.
E perguntei: — «Que portento,
pedras que balouça o vento
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...» —
«A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu:
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita
uma vergonhea se ageita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,

gira, enrosca-se e venceu !
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;
e conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias.

«E o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo.
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida;
força, a quem lhe deu vigor.
— São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor. — »

¿ Vistes n'este genero coisa melhor em outro al-
gum poeta ?

«São como as heras viçosas
os filhos do nosso amor»,

diz elle. Filhos do seu amor foram estes versos;
bem filho do seu amor é todo este poema, em que o

auctor póde já estar gozando a sua immortalidade.

Isto não são palavras de animação que lhe eu dirija; não deve precisar d'ellas; são vozes de um hymno de jubilo, que rebentam de uma alma sem inveja, que ha mais de quarenta annos ajoelha em adoração ao despontar de cada novo astro no céo da patria.

Se este livro tivesse podido nascer nos tempos que lá vão, em que se pautava e almotaçava tudo, e em que o genio tinha de vasar por força os seus productos em certas e determinadas fôrmas, auctorisadas e aferidas d'antemão (como os pobres villões dos tempos feudaes que não podiam fazer o seu azeite, o seu vinho, moer a sua farinha, ou cozer o seu pão, senão no lagar *banal*, no moinho *do senhor*, ou no forno *publico* sob pena d'açoutes ou corda) não sei como o haveriam de classificar. Eu por mim chamei-lhe ha pouco *epopeia*; mas os arrumadores haviam de clamar que o não era por lhe faltar a machina sobrenatural, e uma proposição, e uma invocação, e muitas coisas que lá sabem os eruditos, que são elles; se bem que á mingoa de deuses para moverem por arames invisiveis os automaticos titeres da comedia humana, aqui os personagens fallam, obram, e produzem os successos segundo os proprios impulsos interiores, e só adstrictos á logica da natureza.

Paciencia: excluíram-no dos epicos. Talvez o accitassem entre os historicos; tão pouco. Nenhuma historia fallou nunca d'este D. Jayme, ou d'esta familia dos Aguilares; portanto, ainda que o auctor concentrasse aqui magistralmente o espirito de toda uma notavel época historica do nosso Portugal (o que é mais e melhor do que em geral praticam os historiadores), ainda que os homens, os costumes, os logares, os acontecimentos, as crenças, as esperanças d'essa

éera memoravel, tudo aqui appareça vivo, activo, claro para o entendimento, vigorosamente avultado e colorido para a memoria, persuasivo e cheio d'altas lições moraes para a vontade. não é historico decerto.

¿ Será logo um canto, uma novella, um romance? Talvez; mas em verso!... Para um classificador delicado, e consciencioso, aqui está um escrupulo, quando menos.

Tragedia ou drama poderá ser? verdade seja que o essencial do drama e da tragedia, o enredo, as paixões, a lucta violenta dos interesses oppostos, as peripicias inesperadas, o terror e a compaixão, os grandes caracteres a braços com os grandes infortunios, tudo aqui abunda na mais sabia e artistica disposição; mas não ha actos, cinco actos, nem scenas, muitas scenas, marcadas e contadas, nem rol prévio das pessoas que fallam, nem rubricas de entradas e sahidas; sem contar que por entre os discursos das figuras se entretecem as narrativas e descrições do poeta.

Ergo: vivam e reinem Aristoteles, Horacio, Boileau. Vida, Quadrio, Candido Lusitano, Pedro da Fonseca, Soares Barbosa, e Freire de Carvalho; tambem não é drama nem tragedia.

¿ Que será pois, visto que é necessario ser-se alguma coisa uma vez que se existe? Para esses senhores, não sei; para mim, é uma composição, que eu escutei inteira cinco vezes, que me está quasi toda decorada, e em que não posso pensar sem me sentir commovido e ufano de ser portuguez; isto é o que eu sei, e isto é o que me importa.

Ha na lyra interior uma corda que a minima expressão do verdadeiro bello faz vibrar. As falsas bellezas artisticas debalde forcejam pela sacudir; para ellas é muda. Em ella soando, o coração estremece involuntariamente, o espirito sente que tem azas, e

os olhos, que nem sempre desgraças reaes humederam, derramam lagrimas deliciosas. Em se dando estes phenomenos, baixou a inspiração, está presente a poesia: quer se manifeste n'um quadro da natureza, quer n'uma estrophe brilhante, quer n'um rasgo de generosidade, quer n'uma fugitiva melodia de Rossini.

Pois bem:— O presente livro, á falta de outro nome, contenta-se com o de poesia, que tal o baptisamos em muitas lagrimas de enternecimento, de admiração, e de patriotismo, todos quantos aqui o recebemos da melodiosa voz do nosso poeta, diante das nossas arvores, não mais attentas e mudas do que nós. Para nós é muito sufficiente esta qualificação vaga, e até a preferimos a qualquer outra. Somos como os viajantes não iniciados nos systemas de Linneu, Jussieu ou Cuvier quando penetram maravilhados n'uma floresta virgem do novo mundo: não curamos de arrumar em classes, generos, ou famílias, as flôres que nos cercam, nos embriagam com os seus halitos, nos enfeitiçam com as suas côres, nos maravilham com os seus feitios, nos enlevam o animo com a sua harmoniosa disposição na paizagem, com o seu parentesco tão claro com o céu e o sol, que por entre a cerração das ramarias as espreitam. Chamamos a tudo em commum flôres e delicias, e não fartamos olhos de as namorar.

— «É poesia, e magnifica poesia» — proclamamos nós; glorio-me eu de o repetir aqui, e amanhã o confirmarão por todo o Portugal, com perfeito convencimento, sabios e ignorantes, homens e mulheres, meninos e velhos, sinceros e invejosos. E uma poesia mixta de todas as poesias para captivar a todos os gostos. Sem deixar de ser constantemente propria e original, resurte de si não sei que reflexos de todos os livros o que mais queremos: ora nos lembra a

simplesza melancolica da MENINA E MOÇA, e as ameadades do LIMA de Bernardes; ora os rasgos patrioticos do Camões: ora a altiveza e hombridade dos romanceiros castelhanos; ora a LENDA DOS SECULOS do poeta enorme; ora o sombrio de Schiller; ora o crystallino e florido de Gesner; — já as AVENTURAS DO PALMEIRIM DA INGLATERRA; já a COVA DOS LADRÕES de Gil Blas; já contos que em meninos ouvimos ao serão ou ainda mais meninos, no berço; já cantigas rusticas de que apanháramos um fragmento de uma escamisada ao longe, e que nunca mais nos esqueceu.

Um pintor, um cento de pintores, achariam, e hão de achar n'estas paginas, com que encher a mais variada e opulenta galeria de paineis classicos de todos os generos. Ainda algum dia este D. JAYME (d'aqui a quantos annos ou seculos, não sei eu), quando a diuturnidade o tiver canonisado, ha de ter, qual a merece, edição fastosa, illustrada á porfia pelos mais inspirados buris, e com o retrato do auctor, que todos appeteceriam desde já conhecer, mas cuja modestia pôde mais por enquanto que os nossos rogos e instancias.

O que só para então lhe desejamos, é que a boa estrella que o influiu ao compôr, o defenda e livre de commentadores fanaticos, praga de eunucos servís que pollulam em roda de todos os maximos vultos poeticos, que os desfiguram com a fumarada dos seus incensos bastardos, que até dos defeitos lhes alambicam excellencias, que perturbam com a sanzala do seu hymno temulento o juizo sisudo do admirador imparcial; e matariam, quando menos castrariam, se pudessem, a quem ousasse dizer-lhes: — «Desservis, como parvos que sois, a um grande homem que não podeis comprehender; á força de o proclamardes colosso, obrigastes-nos a reparar na sua verdadeira altura; a poder de nol-o impordes por impeccavel, constran-

gestes a critica a apontar-lhe os defeitos para instrucção caridosa dos inexpertos.»— De ralé tal preserve Deus por sua infinita misericordia, e para todo o sempre, o poema de D. JAYME. Seria dó vêr-se uma paizagem assim de rosaes, louros, e cyprestes, coberta, babada, e carcomida de semelhantes lesmas litterarias.

A poesia é muito, mas não é ella o tudo n'um poema. A linguagem, o estylo e a metrificacção, tem de se lhe moldar como os panejamentos ás estatuas. Porei poucas palavras sobre cada um d'estes requisitos, em relação ao nosso objecto.

Boileau muito bem disse:

Se a lingua lhe faltar, o auctor mais peregrino
Será, por mais que faça, escrevedor mofino.

É a linguagem do nosso livro, portugueza de lei, ouro de vinte e quatro quilates, limpo de fezes, e sem sombra de liga. Todos os termos são rigorosamente vernaculos, as phrases abonadas, e a contextura, que é o que mais vale, e melhor caracteriza, toda, toda do trato e posse velha do nosso torrão. Como que se está em casa, entre parentes, á vontade, ouvindo este fallar. É uma virtude rara hoje, e duplice; compõe-se de duas promiscuamente: uma negativa, outra positiva: isenção de impurezas, que é o menos, e o uso constante do são e saboroso, que é o mais, e que é o tudo.

N'este particular é o D. JAYME obra classica e mais classica do que outras muitas amentadas com louvor nos catalogos dos dicionaristas e grammaticos; é um espelho crystallino e moldurado de ouro, do dizer, do ingenuo e nativo dizer da nossa Beira.

Pelo que toca ao estylo, sae elle ao nosso auctor sempre discretamente apropriado aos diversissimos

assumptos que sob a sua penna se variam: singelinho, onde o deve ser, como uma pratica mão por mão entre duas crianças ou duas moças da aldeia; rememorado e alliloquo nos lances heroicos; pungente nos passos afflictivos e com a simplicidade tragica (*sermone pedestri*) recommendada pelo Horacio; ciceronico e demosthenico nas invectivas; facéto na satyra; abatido nas tristezas: nas sentenças grave e magestoso,

*Descriptas sercare vices operumque colores,
cur ego, si nequeo. ignoroque, poeta salutor.*

No estylo, como na linguagem, segunda vez podemos portanto este livro entre os dos nossos classicos mais seguros.

A metrificacção estava-nos requerendo um tratado especial; mas tal é a do nosso auctor, que os seus acertos e primores por si mesmos se descobrem, quando menos pelo gosto natural, até aos leitores mais estranhos a esta difficil arte de casar com o pensamento, com o affecto, e com o estylo, a harmonia metrica da dicção. Quanto aos versos pios, materia em que mais largamente nos pudemos aqui deter, contentamo'-nos com expressar: que em nenhuma outra coisa mostrou o nosso auctor com maior evidencia o seu instincto de acerto, e a sua graça original de verdadeiro poeta.

A estancia, ou oitava rima, tinha posse velha e immemorial nos poemas narrativos, posse consagrada na Italia pelo Ariosto, pelo Tasso, pelo Graciani, pelo Tassoni, pelo Marini, pelo Fortiguerra, pelo Tallassi, pelo Casti; e em Portugal, pelo Camões, pelo Franco Barreto, pelo Gabriel Pereira, pelo Mousinho de Quebedo, pelo Garcia de Mascarenhas, pelo Rodrigues Lobo, pelo Santa Rita Durão, pelo José Agostinho de Macedo; e não havia ainda muito que um dos melho-

res talentos da poesia hespanhola, o meu amigo D. Ramon de Campoamor, tinha honrado esta fôrma antiga com o seu formoso poema do COLOMBO.

Thomaz Ribeiro, nascido para dever ousar, percebeu desde todo o principio quão desnatural e desarrazoado era obrigar perennemente o pensamento a semelhante contextura, ou mesmo a outra qualquer determinada e invariavel, como com os tercetos o fizeram o Dante e o Petrarcha, e os poetas elegiacos romanos com os disticos de onze pés. Disse-se a si mesmo, e se o não disse, é claro que o sentiu no seu bom juizo e apurado gosto: — «Um padrão de prefixas dimensões e feitio para todas quantas idéas, para todos quantos aeffetos possam vir, é, nem mais nem menos, a bestial tyrannia do leito de ferro de Procustes; se o hospede fôr maior, que se encolha ou se mutile; se menor, que se estire e se desloque.» — Depois, quando já não bastasse esta peremptoria consideração, estava a outra da desharmonia que muito a miude se havia de dar entre a indole e o movimento da phrase propria ao pensamento e ao sentimento, e a indole dos metros e da estrophe. Pelo derradeiro: a variedade, constante em todas as obras da natureza, e indispensavel por conseguinte em todas as da arte, era, por uma especie de phantasia pueril, immolada desde todo o principio, e irremissivelmente, á cerebrina obrigação de uniformar, e arregimentar os periodos em batalhões. Era em litteratura um systema de symetria parvoa, insipida como os jardins de Luiz XIV e os arruamentos do marquez de Pombal na Lisboa nova.

Sacudiu pois o jugo da auctoridade illegitima e tyrannica, e em vez de oitavas, sextinas, quartetos, ou tercetos, admittiu, sem desdens nem preferencias, toda a especie de estrophes, de metro, e de rimas, curando unicamente de que todas e cada uma d'estas

coisas, condissessem, betassem, e frisassem á justa, com as successivas e cambiantes phases do discurso.

Lavor é este que exige muito habito contrahido de bem analysar, muita attenção e tento, um gosto feito e caudacs recursos de escriptor. Deus nos livre que, sem todos estes dotes e preeminencias, qualquer principiante se atirasse de seu motu proprio e insciencia certa, a variar a seu talante versos, rimas e estrophes; em tal caso, antes mettê-lo sem homenagem nos calabouços das oitavas rimas. Que o façam no dithyrambo, pouco importa; se estragarem um dithyrambo ou mesmo todos, não estragam coisa alguma em poesia; mas n'um poema sério doidejarem *assim nem os homens, nem os deuses, nem as columns* (para nos servirmos da expressão do mestre) o concederiam. Fôra uma coisa essa que faria lembrar o que Ovidio nos conta do Pegaso: Que apenas rebentou do pescoço da furia sem cabeça, se foi escouceando terra e céu, abalroou estrellas, recahiu no sólo, e, se abriu uma fonte no Parnaso, foi com um dos seus couces, sem se sentir.

¿ Andou Thomaz Ribeiro tão perfeito e feliz no systema de liberdade e variedade de metros e estrophes, como dissemos que o fôra na linguagem e no estylo? Não me atrevo a affirmar-o; em geral, e quasi sempre, foi maravilhosamente bem inspirado e bem succedido; mas possivel é que alguma rara vez tambem, n'uma ou outra das suas tão numerosas mudanças, obedecesse antes ao seductor attractivo do variar, do que a um peculiar e bem averiguado motivo de conveniencia. Se tal se deu, o que todavia não affirmarei, são tenues senões em que não vale a pena de exercer critica; em todo o caso antes um desacerto por cem acertos n'este liberal e philosophico systema de escrever, do que os desacertos continuos

em que se mette o misero estofador das estancias por bitola.

O que é innegavel é que em todas as especies e variedades de metros, Thomaz Ribeiro apresenta a maior naturalidade e melodia, sendo difficil decidir qual seja o verso mais congenito á indole musical do seu ouvido. Depois, que cheio e recheio em todos elles! Como a idéa lhes entra voluntaria e facil! Como facil e rica, riquissima quasi sempre, lhes acode a rima! São todos estes uns primores de que em vão se procuraria o minimo vestigio em toda a nossa antiga poesia; e bem poucos se encontram mesmo na moderna. Versos taes, bem razão teve o auctor em fugir da hypocritica modestia de os marcar com a letra maiscula no principio. Todos os conhecem por versos, sem levarem a marca na testa, que para tantos e tantos é o unico salvo-conducto através da prosa.

Tal é, em nosso conceito, o poema de que emprendemos dar alguma noticia prévia aos estudiosos, e ao publico em geral. Se a affeição que o auctor nos merece nos não forceu, sem o querermos, o juizo em seu favor, eis-aqui agora um conselho, ou requerimento, que a bem das letras patrias dirigimos aos que superintendem nos estudos nacionaes.

Ninguem haverá por coisa indifferente a escolha dos livros de texto para uso das escólas, quer secundarias, quer mesmo elementares. São os cerebros pueris cera molle, em que o bom e o mau se imprimem com igual facilidade, e deixam cunho que tarde ou nunca se desvanece. Importa logo que em mãos taes se não mettam livros ao acaso, mas se lhes dêem, e só lhes consintam, os bons, e d'entre os bons os optimos; isto é, os que reúnem em si um complexo de muitos dotes, bem raros todos, a saber: noticias de prestimo, persuasão moral, pureza de arminho no

tocante aos costumes, variedade summa, agrado constante, clareza amavel, linguagem sã e correctã, estylo quanto possivel formoso; em summa, nada de mais, nada de menos, e nada diverso do que podem appetecer, digerir e assimilar, as pobres crianças para mantença e saude do espirito, do corpo, e do coração.

Ora fallemos sério, que o assumpto merece-o. ¿Estarão porventura n'este caso os livros em que geralmente se fazem lêr e treslêr os meninos e meninas, mesmo nas melhores escôlas d'este reino? E superfluo responder o que todos sabem. Pois muito bem, pôr não dizer muito mal.

Deixo de parte, como estranhas ao meu assumpto de hoje, as leituras de prosa, ou, como ingenuamente se tem dito e impresso em estylo official, os *auctores prosaicos*, e fallo só da poesia.

¿Qual é o livro da poesia mais corrente e moente no uso das escôlas? — os *LUSIADAS*. ¿Satisfarão os *LUSIADAS* a todos os requisitos, que apontamos, ou á maioria, ou á melhora d'elles, quando menos? Como ha infinita gente enthusiasmada e intolerante por este magnifico livro, sem o conhecer muito nem pouco, seja-me licito não me louvar na resposta alheia, mas dal-a eu mesmo com a clareza e lisura que taes coisas nos requerem.

E antes de tudo, advirtam esses que suppõem defender assim uma gloria nacional, que todos aliás acatâmos, advirtam e notem bem, que se ha homem insuspeito de parcialidade nescia contra o Camões, esse homem não está entre elles: esse homem sou eu. De largos annos e por mil modos, o tenho comprovado: Que o diga o meu poemeto *SACRIFICIO A CAMÕES*; que o diga o meu *ESTUDO HISTORICO-POETICO DO DRAMA CAMÕES*; que o digam as diligencias e esforços, constantes das notas d'esse mesmo livro, para que se levantasse uma estatua a Camões, para que se lhe

desencantassem e enthesourassem os restos mortaes, para que se inaugurasse com elles um Campo Elyseo ou cemiterio privilegiado para os portuguezes benemeritos, devendo ser esse dia de festividade nacional; que o digam mil passos dos meus escriptos publicatlos em prosa e verso, e nomeadamente a epistola em que agradeçi o meu retrato ao esculptor que havia tambem executado o do poeta; que o diga a mágoa com que vi o cantor dos mares, que invocava para se inspirar as suas Tagides, condemnado a ser posto de sequeiro no mais prosaico de todos os largos da Europa; que o diga o orgulho com que eu concorri a lançar a primeira pedra dos alicerces do seu tardio monumento; que o diga emfim a alacridade com que offereçi a minha penna d'ouro para que el-rei assignasse com ella o auto d'aquella reparação nacional, e a ufania com que hoje a guardo, por se lhe ter d'este modo centuplicado o valor.

Agora, que já não ha suspeição que me possa escalar, direi dos LUSIADAS com liberdade, e só movido, como o proprio Camões, d'amor da patria.

Essa epopeia que eu não quero contrapesar com a ILLIADA, com a ENEIDA, ou com a JERUSALEM, mas que forma com as três um dos quatro monumentos epicos mais sublimes, esse poema que o terrivel inimigo de poemas, e de poetas, Proudhon, tanto levanta acima de todos pela grandeza do seu assumpto social e humanitario, esse deposito de tanta sciencia que Humbold saudava com respeito, esse brilhante sacrario das inextinguiveis glorias portuguezas, essas *horas diurnas e nocturnas* de todos os devotos das Musas, os LUSIADAS, são intrusos no escóla primaria. Na escóla primaria são inuteis; são nocivos.

Como n'este logar só fallo com os superintendentes dos estudos, apontarei razões sem as desenvolver.

As noticias historicas, estrangeiras e nacionaes,

antigas e modernas, fabulosas, sagradas e profanas, accumuladas nos LUSIADAS, são as mais das vezes tocadas ou alludidas de modo tal, que só um erudito, e a poder de estudos e commentarios, é que as deslinda. Para uma criança apenas alphabeta, são portanto perdidas de todo em todo.

A inconciliavel mistura das fabulas pagãs com as crenças de que se compõe o christianismo, pôde perverter à nascença os salutaes instinctos logicos do bom-senso e do bom-gosto.

A persuasão moral que se inspira dos LUSIADAS, é o amor á terra do nascimento; bem está; mas é além d'isso, e muito mais do que isso, o espirito aventureiro e bellicoso, virtude anachronica, serodia para o nosso estado actual, escusada, ridicula, perigosa: esta que no seu tempo bem podia ser uma das excellencias do poema, o progresso do tempo a degenerou em demerito e vaidade.

Os bons costumes, escusado é repetil-o, confessam-no todos, são gravemente lesados nos LUSIADAS. A ilha dos Amores só por si sobraria para os desterar para bem longe de institutos de puericia.

A linguagem dos LUSIADAS foi a melhor que se podia para o seu tempo; mas o seu tempo já lá ficou para traz ha três seculos: e fallar hoje como fallou Camões, nem a um velho tonto e pyrrhónico se desculparia, quanto a um viçozinho de sete ou oito annos; e isto é ainda no presupposto de que ella a pudesse entender e tomar; mas não a entende, nem rasteia: adormece, atordoado com ella, e vai-se a pouco e pouco afazendo á miseravel crença de que se pôde lêr só para matar o tempo, e de que os livros, em ultima analyse, pouco mais são que meros sons.

.....*inopes rerum, nugæque canoræ.*

A grammatica mesma, este senso commum da linguagem, que os primeiros instituidores tanto deviam zelar, promover, e dirigir por uma logica pratica e séria para a boa entrada em estudos superiores, a grammatica mesma (sem custo se demonstraria, se necessario fôsse) é frequentes vezes offendida nos LUSIADAS, por mais que lhe queiramos acudir com o valhaacouto das figuras e das nimio elasticas licenças poeticas.

A versificação dos LUSIADAS, está no caso da sua linguagem: foi a melhor para o seu tempo; mas a arte de metrificiar e rimar é hoje totalmente outra e melhorada, e nenhum bom poeta dos nossos dias, ainda que inferior a Camões, se resignaria, cuido eu, a assignar como sua uma unica estancia inteira de todos os dez cantos; se ha um que diga que ousava, que me aponte qual é essa estancia phenix que ao fim de quasi três seculos está ainda tão lustrosa e juvenil.

Se tudo isto é exactissimo, como cuido, se nem tudo o é, mas o é metade, mas o é a terça parte, ¿que vão fazer os LUSIADAS psalmeados n'uma escola primaria por um mestre que os não preebe, e discipulos que os não podem perceber? Se entre elles houver por acaso poeta implume, predestinado para aguia, viciaram-lhe com um poema, aliás maravilhoso, mas não feito para elle n'aquella idade, a verdadeira educação poetica. A todos os mais rapazinhos, plebe de espiritos e semi-espiritos para a prosa, ¿de que serviu esta comedia de falsa homenagem a um genio, que tem tantos outros muito melhores e mais authenticos titulos que lhe abonam a immortalidade?

Nenhuma d'estas desconveniencias se póde reprehender na epopeia de Thomaz Ribeiro. Todos assim o proclamam quando a tiverem concluido; é um d'estes bons livros que se deixam lêr, se fazem relêr, se não largam senão depois de decorados, e nos dei-

xam com o quer que seja de melhor no interior. Não é já uma exhortação aos brios marciaes para se irem tomar com infieis, *devastarem as terras ricasas d'Africa e d'Asia*, e exterminarem o

«.....gentio
que inda bebe o licôr do santo rio»;

é, sim, uma proclamação aos filhos generosos do tór-rão portuguez para que lhe mantenham a independencia e, quando alguém lh'a dispute, morram na contenda, se tanto fôr preciso. Os LUSIADAS eram o poema do soldado. O soldado recordava com desvanecimento e com inveja os seus antigos camaradas navegadores

«.....que foram dilatando
com a fé o imperio.....»,

por obras valorosas se libertaram das leis da morte

«e entre gente remota edificaram
novo reino que tanto sublimaram.»

Era a voz de um marinheiro armado e inquebrantavel que tomava a peito cheio os ventos da conquista futura, e os exhalava em sons de *tuba canora e bellicosa*,

«que o pecto accende e a côr ao gesto muda.»

O D. JAYME tem mais legitimas ambições: não quer que a sua patria ponha jugo a ninguem, mas não soffre que lh'o ponham a ella.

¿ Concluir-se-ha d'isto haver mais virtude civica no Ribeiro que no Camões, ou no Camões que no Ribeiro? De nenhuma sorte; a virtude de Camões era de mil e quinhentos e setenta e tantos: a de Ribeiro

é de 1862. Não ha mais nada; mas é esta a virtude da nossa éra, e não aquell'outra de uma éra morta a que devemos inculcar pela lição dos bons versos no coração dos nossos filhos.

Depois, quantos outros amores, além do da patria, e quão melhores e mais fecundos que os da ilha de Venus se não insinuam nas vontades com o estudo d'esta epopeia contemporanea! o amor paterno: tão expansivo e jovial em D. Martinho; tão triste e previdente no pai de Anninhas; tão fogoso, tão apaixonado em D. Jayme; o amor materno: tão angelico em Estella; o amor propriamente dito: em D. Jayme, em D. Germano, em Estella, em Anninhas; o amor que sobrevive ao objecto amado: em D. Martinho, em D. Jayme; o amor filial: em D. Germano e D. Jayme, em Anninhas e em Guiomar; o amor fraterno: nos dois irmãos Aguilares; o amor aos pobres e aos infelizes: no fidalgo castellão, e no pai da flôr das lavadeiras; o amor aos bemfeitores: na flôr das lavadeiras, e em Mem Rodrigo; o amor á virtude, á heroicidade, ao dever, á natureza, e á poesia: no filho mais novo do solar; e para fundo negro em que mais claros sobresáiam tantos amores, e tão gentis; por detraz do Pinto Ribeiro, e seus socios, o Miguel de Vasconcellos, o arcebispo de Braga, os renegados traidores; por detraz de Estella, os de Aragão fratricidas; por detraz de D. Martinho, o *digno* pai dos dois monstros; por detraz do pagem agradecido, o de Anninhas a santa, as moças da taberna da Guarda, os salteadores; por detraz da heroicidade paciente, a rapacidade brutal, e as justiças ferozes dos oppressores; por detraz da choupana indigente, mas serena, onde Anninhas chora, cantando para confortar o seu pai adoptivo, louco, e moribundo, e cose, chorando, para dar uma camisa nova ao mendigo que os sustenta, o salão do crapuloso festim dos aragonezes; por de-

traz do carrasco, o padre; no meio das desgraças,
a esperança; no remate do terror, para justificação da
Providencia, a resurreição da patria:

«Horas depois raiava a liberdade,
e passavam dos dobres funerarios
a repiques de festa, os campanarios,
sobre todos os templos da cidade.

«Era o mez de Dezembro. Emfim desperto
depois de sessenta annos de lethargo,
olhava Portugal ao céu e ao largo!
chovia-lhe o maná no seu deserto!

«Como espolio das bodas sanguinarias,
um cadaver ficava exposto ao vento;
tinha os postes da forca, por moimento,
e por brandões de enterro... as luminarias!

«Que mais querem de nós? após tamanha
galhardia d'algoz, ebrios de gloria,
apagaram acaso a luz da história?
não lêem seus feitos?... Que nos quer a Hespanha?

«Quer insultar a lapide funerea
Que pesa sobre vós, heroes de *Ourique*!...
Estremecei de horror, filhos de Henrique!...
Repercuti meu canto, echos da Iberia!»

Todas estas contraposições tão artisticas e tão
philosophicas, levantam de repente o poema á altura
de um dos bons livros de moral. A leitura corre
toda mesmo através de algum feroz sorriso, e de
frequentes amenidades, regada com as lagrimas do
leitor: e a ultima impressão que deixa, é, posto que

melancolica, suavissima, por ser de amores que principalmente se compõe.

Aqui está o livro que deve ser imposto ás escólas amanhã e já hoje; até para que se encontre n'ellas alguma coisa de amavel e sympathico.

Bem vêdes que vos dou por um portuguez outro portuguez; se maior, se menor, não o podemos julgar nós que o temos vivo e presente. Lá n'outros seculos o decidirão. O que eu sei que lhe falta para que lhe liberaliseis summa veneração, e não lh'o desejo todavia, é que as exhalações do tumulo o tenham idealizado. Se o Camões aündasse por ahi hoje entre nós, se o encontrasseis quotidianamente. no Gremio e no Passeio Publico, no Martinho e em S. Carlos, um raio escache as minhas seis arvores dentro de um quarto de hora se fallando-vos alguem de lhe levantar monumento, vos não desfazieis a rir como uns perdidos.

Ora pois: se isto é assim, comecemos a aprender um pouquinho tambem de justiça para com os vivos; não adiemos toda a gratidão para depois de trezentos annos.

São as honras tardias como as drogas que envelhecera na botica: já não curam. Venham frescas, e farão milagres; façam do D. JAYME um poema familiar á mocidade, e reconhecido como bom por quem tem essa obrigação, e vêr-se-ha o que esse exemplo não ha de produzir como fomento a engenhos. Então é que ha de ser gaudio commentar as prophcias do Pelletan.

Aqui para entre nós (que isto de escrever em portuguez é estarmos conversando á porta fechada cá no nosso cantinho do mundo velho), parece-me que o Pelletan quererá alguma vez, e não poderia, fazer versos, ou não lhe sahiriam como elle desejava, e só por isso lhes tomaria entojos. Ailás, quem tão

admiravelmente vê no passado e no futuro, na natureza e na alma, reconhecera, que este luxo da linguagem chamado versos, provém, não de um principio inventado pelo homem, senão da sua tendencia natural para o rhythmo. Quando tudo no universo obedece ao rhythmo, é como nos havíamos de subtrahir nós aos seus encantos?

E o verso uma consociação da musica e da palavra, um feitiço particular e elegante dado á dicção. Por qualquer vaso toseco se póde beber; mas Falerno, e agua pura que seja, sabe melhor por uma bella amphora etrusca, ou por um vaso esmerado da Saxonia ou da Vista-Alegre: assim, o pensamento e o affecto por qualquer prosa se tomam e aproveitam: mas com as delicias, com voluptuosidade, mastigando o sabor, só pela taça das Musas:

Pocula castalia plena ministrat aqua.

Estas considerações são obvias; é impossivel que o auctor da PROFISSÃO DE FÉ DO XIX SEculo, que tão sabia apologia fez do luxo, não tenha já cahido em si, e reconhecido esta e as outras razões que abonam o uso universal, antiquissimo, constante, e immorreduro. das fórmulas metricas.

Eu por mim passo ainda muito adiante nas minhas persuasões a este respeito: quero crêr que um pouco mais de adiantamento no alvorecer da philosophia utilitaria, em vez de acabar com os versos, os ha de reconsagrar e favorecer como de grande prestimo.

Os versos, com a graça do rhythmo, com o enfeite das rimas, e depois de revestidos com a aurea chlamyde da musica, hão de ser empregados por gente mais discreta que nós como auxiliares da memoria, e conciliadores da vontade, para muitos estudos, que

por seccos e dissaborosos, ainda que substanciaes, carecem de toda a sorte de condimentos.

Muita arte, e muita sciencia, tem já ganho em nossos dias incremento por terem achegado para si a eloquencia; que não será quando, onde couber, á eloquencia acrescer o metro, artificialmente rimado e modulado! Serão recamos d'ouro e matiz na capa de sêda lisa do saber.

¿ Não era em verso que se formulavam os oraculos e dictames da moral? era:

.....*dictæ per carmina sortes,*
et vitæ monstrata via est.....

¿ Não foi em verso que os poetas primitivos ensinaram a cantar os deuses, e legislaram ás sociedades nascentes? foi; que o digam os milagres não fabulosos das lyras de Orpheu e de Amphyão. ¿ Não foi aos versos que Homero entregou como a depositarios fidelissimos, a historia, o culto, e a philosophia do seu tempo? Sem duvida:

Res gestæ regumque ducumque, et tristia bella,
quo scribi possent numero, monstravit Homerus.

¿ Não foi com os versos que os tragicos da Grecia immortalisaram para o povo a lembrança das solemnes catastrophes de Thebas, de Troya, d'Argos, e de Mycenas? ¿ Virgilio, as glorias romanas? ¿ Ovidio, os FASROS? ¿ Hesiodo, Marão e Columella, os preceitos da agricultura? ¿ Lucrecio e Horacio, as philosophias? ¿ Juvenal e Persio, os costumes da sua idade? ¿ Gracio Falisco, a ARTE DA CAÇA? ¿ o Venusino e Boileau, os axiomas da poetica? ¿ Não foi com versos, ainda que maus, que os jesuitas e a escôla de Port-Royal, facilitaram o estudo das humanidades? ¿ As canções de Béranger não popularisam melhor que as estrophes

de Harmodio e Tyrteu, o amor da patria e da liberdade?

¿ Que parte não poderiam para si reivindicar: os cantos da ILLIADA, nas victorias de Alexandre? ¿ as odes de Pindaro, nas dos jogos isthmicos? ¿ os *bar-ditos*, nas de Germania? ¿ e já quasi em nossos dias o

Allons, enfans de la patrie,

nas da republica franceza?

¿ Quem pode logo duvidar de que a fórma métrica, que tantos e tamanhos serviços tem já feito, não esteja predestinada para os prestar ainda maiores?

Sobre este assumpto pelo suppôr de entidade, já eu martellei com a ancia de convicto no prologo das minhas ESTREIAS POETICAS para o anno de 53, no meu AJUSTE DE CONTAS COM DS ADVERSARIOS DO METHODO PORTUGUEZ em 1854, e em varios outros escriptos. Portanto, pouco mais poderia agora fazer do que repetir. Mas não largarei por mão o assumpto, sem ponderar isto: quantos portuguezes, que nunca leram historia portugueza, não possuem, posto que vagas, copiosas noticias d'ella, só porque lhes vieram para a memoria como em carros de ovação reclinadas nas estancias da maravilhosa epopeia de Camões?!

E o BOSQUEJO METRICO, do nosso amigo Viale! ¿ Negará alguém que estes segundos LUSIADAS abreviados, concepção menos remontada que os primeiros, porém mais térsa, mais esplendida, mais esmerada, mais na linguagem e gosto litterario do nosso tempo, adoptada, como está, e o devia estar, nas escólas, ha de contribuir mais que todas as historias em prosa para que a seguinte geração de portuguezes se gtorie dos seus antepassados, e se inflamme em brios de os igualar?

Eu mesmo, na minha propria experiencia tenho provas do que digo! levei o metro e o canto de envolta com outras mnemonisações, e alguma philosophia, até dentro da escola elementar. Pasmaram uns da ousadia; riram outros e deram vaias; outros, mais homens e mais sabios, apedrejaram em honra e leu-
vor do passado:

Ils sont l'horrible hier qui veut tuer demain;

mas os meninos dentro na classe folgaram, sentindo-se amados; vendo luz, estiveram attentos; achando-se livres aprenderam; começaram, com espanto seu, a afeioar-se ao mestre, a gostar do estudo, a propender para os livros. O principio da regeneração está na escola. Nada mais proprio que abençoar-se e enflorar-se este berço dos seculos, e nada mais preciso e urgente que repetir aos que são maus por indifferentistas, e são indifferentistas por ignorantes, este verso admiravel do meu grande poeta, outro obreiro contumaz da civilisação:

L'aube vient en chantant et non pas en grondant.

D'outra vez, compuz o HYMNO DO TRABALHO, do trabalho, anjo custodio da virtude e do contentamento, do trabalho, creador, felicitador e glorificador abaixo de Deus. A musica popularisou esses versos; foram cantados nas escolas, nas ruas, nas officinas de todo o reino; em muitas, confessado por seus proprios directores, só com este facil estimulo cresceu a actividade, com a actividade a producção.

Não hajamos pois vergonha de ter juizo. Aproveitar as lições da experiencia. Favoreça-se, promova-se por todos os modos, e a todo custo, a cultura da poesia.

Se eu fôsse rei, ¿ sabeis o que havia de fazer a minha real magestade em apparecendo um poema d'estes? havia de chamar logo o seu auctor, escolher a menos malbaratada das condecorações, e pendural-a por minha mão sobre aquelle peito patriótico para incentivo a outros.

Se eu fôsse superintendente da instrucção publica, havia de forcejar para que versos taes se decorassem em todas as escólas.

Se fôsse parochó, havia de os lêr e explicar nos serões de inverno aos meus visinhos apinhados á roda da fogucira na cozinha da minha residencia.

Se fôsse academia, havia de convidar o poeta para o meu gremio, e propôr poemas uteis para assumptos de premios annuaes.

E se fôsse obscurante por systema e por fadario, assim como se nasce mocho ou lobishomem, havia de ralhar muito de todas estas lembranças, e teimar que era muito melhor continuar com o *ramerrão*, e deixarmos ficar as crianças vivas amarradas á agigantada epopeia do passado, que ellas não podem apreciar nem entender.

Finalmente se fôsse invejoso, havia de morder-me, mordel-o e estourar.

Agora que me levanto para me despedir, um conselho ao meu poeta: é o primeiro e o derradeiro; oxalá m'o tome:

Disse elle n'um dos seus cantos:

«Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena;
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude:
golfão de riso e dôr que ora sereña,
ora referve e escuma em sanha rude.

«Rainha do occidente envolta em sêdas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de alamedas,
rica de joias, ouro, e formosura.

«Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo;
dominadora attiva d'esse Atlante
que vai do mundo velho ao novo mundo.

«Arvore a cuja sombra augusta e santa,
ao gelo foge, e ao sol a flôr nascida;
onde o cinzel, co'a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.

«Onde o presente se prostrae de rastos,
e o germen do futuro attivo medra
por entre os restos carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

«Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florecida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade!

«Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas,
protectora de glorias estrangeiras,
desprezadora só das que são tuas.

«Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida:
em quanto lês com pasmo a alheia historia
sem te lembrares... ai! de que és suicida!»

Agora esta cidade que o auctor lá na sua ALDEIA DAS FLORES tanta pena tinha de não ter visto, já a conhece e já deve saber: o que vale em realidade. Tratou todos os seus homens mais distinctos; foi bemvindo e festejado nas assembléas; escutado com satisfação no parlamento; contemplou por dentro nas rodas veleiras e nas rodas perras o machinismo dos negocios publicos. Deve estar saciado, e com o melhor das suas illusões politicas esmorecido, se não sêcco. Vai reintegrar-se com alvoroço nos contentamentos domesticos entre pai, mãe, irmão, esposa, amigos da infancia, arvores que o viram nascer, rio em que nadava menino, outeiros por onde caçava, valleiras onde se escondia para lèr Virgilio. Da primeira vez era desculpavel a curiosidade de vêr a capital:

.....*Roman tibi causa videnti.*

D'aqui ávante já se sabe por experiencia não ser ella a que lhe convém: a politica não vale a poesia; e depois, os poetas são raros, e os estadistas innumeraes; os estadistas morrem mesmo antes de morrer, e os poetas, quando são como elle, não morrem nunca; quando os estadistas lhes tardam com o devido monumento, já elles o teem sem estrondo fabricado para si, como o bichinho manso que vai tirando do interior o fio argenteo ou aureo para o casulo d'onde ha de sahir borboleta para os espaços sem limite.

Volte nas boas horas alguma vez a revêr e abraçar os amigos e admiradores que deixa na margem do Tejo; mas seja de passagem, e para se restituir logo ao seu Pavia. Como deputado, não; que seria secularisar-se da litteratura. Para muito tempo, tam-

bem não, que o podia matar o contagio da preguiça. Como a Galathêa do seu Virgilio, e sem:

.....*fugit ad salices, et se cupit ante videri.*

Lá, lá, é que está o seu destino; lá é que pôde tambem com o seu Virgilio repetir:

.....*Deus nobis hæc otia fecit.*

Prepare-nos epopeias novas. Ninguem tem historia patria mais abundante em heroicidades para isso do que nós outros; prepare-nos dramas; o D. JAYME cá nos disse em quão subido grau o seu auctor possuia esse talento; escreva o que lhe aprouber, mas conserve e zele a chanima sagrada que o céo lhe accendeu na alma, não tanto para si como para a patria.

Furte-se. e se tanto fôr preciso, roube-se ás homenagens com que os seus comprovincianos electoraes poderiam querer recompensal-o, reenviando-o ao parlamento. Se algum insistir, dizendo que é necessario ser util á *coisa publica*, não lhe responda que os rouxinoes os fez Deus para cantarem e não para serem cozinhados em plangana, e comidos, dizendo ainda por cima os comensaes, a palitar os dentes, uns, que estavam bons, outros, que não prestavam. Essa resposta verdadeira mal a entenderia quem teimasse em o fazer politico: mas fuja, e suma-se, até que passe a trovoada eleitoral; e, se tanto não bastar... molhe a penna n'outro tinteiro, e escreva artigos para os periodicos a desacreditar-se. Tudo, menos renunciar já agora a poesia quem assim se estreou n'ella.

Lisboa, 11 de julho de 1862, ao meio-dia, ao cantar a primeira cigarra d'Anacreonte na copa da minha olaia.

A. F. de Bastilha

D. JAYME

A PORTUGAL

Meu Portugal, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
variado jardim de adolescente,
meu laranjal em flôr sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante,
meu vergado pomar dum rico outono,
sê meu berço final no ultimo somno !

Costumei-me a saber os teus segredos
desde que soube amar; e amei-os tanto !...
Sonhava às noites de teus dias ledos
afogado de enlevo, em riso e em pranto.
Quiz dar-te hymnos de amor, debeis os dedos
não sabiam soltar da lyra o canto,
mas amar-te o esplendor de immenso brilho...
eu tinha um coração, e era teu filho !

Jardim da Europa á beira-mar plantado
de louros e de acacias olorosas;
de fontes e de arrosios serpeado,
rasgado por torrentes alterosas;
onde n'um cêrro erguido e requeimado
se casam em festões jasmins e rosas;
balsa virente de eternal magia
onde as aves gorgeiam noite e dia.

O que te desdenhar, mente sem brio,
ou nunca viu teus prados e teus montes;
ou nunca, ao pôr do sol de ameno estio,
viu franjar de ouro e rosa os horisontes,
ondas de azul e prata em cada rio,
as perlas e os rubis de tuas fontes;
nem de teus anjos, terreo paraíso,
sentiu o magnetismo n'um sorriso.

Patria! filha do sol das primaveras,
rica dona de messes e pomares,
recorda ao mundo ingrato as priscas éras
em que tu lhe ensinaste a erguer altares!
Mostra-lhe os esqueletos das galeras
que foram descobrir mundos e mares.
Se alguém menosprezar feu manto pobre,
ri-te do fatuo, que se julga nobre!

Porque te miras triste sobre as aguas,
pobre... d'áquem e d'álém-mar senhora?
e te consomes nas candentes fraguas
das saudades crueis que tens d'outr'ora?

Por tantos louros que te deram? mágoas?
Foste mal paga e mal julgada? embora!
Has de cingir o teu diadema augusto;
são teus filhos leaes, e Deus é justo!

Tres testemunhas tens que ao mundo inteiro,
grandes, hão de levar-te a ingente gloria:
Camões, o sol, o oceano; que o primeiro,
ergueu-te em alto canto a nobre historia.
Com prantos e com sangue, audaz guerreiro,
o seu livro escreveu d'alta memoria!
Lêde os cantos divinos do poeta,
entoados em harpa de propheta!

O mar, na eterna lida porfiosa,
cansado de correr largos desvios,
vem afogar a sêde angustiosa
no saboroso nectar de teus rios.
E quando, n'outra idade mais ditosa,
tu mandaste alongar teus senhorios,
conhecendo o roçar das tuas sondas,
cavou as penhas, e aplanou as ondas.

Bramir ouviste o Genio das tormentas,
algoz de tanto nauta aventureiro;
vestido de neblinas pardacentas,
assoprando golfadas de aguaceiro;
mas quando viu, nas quilhas tão attentas,
içado o teu pendão, tão altaneiro,
accendendo o Sant'Elmo resplendente
illuminou-te as portas do Oriente!

Fiel, sempre fiel á tua gloria,
conduziu-te o Evangelho a longas terras;
acompanhou-te os cantos da victoria,
saudou-te os brios nas longinhas guerras !
Rasguem embora, ó patria, a tua historia;
emquanto o mar bramir, quebrando serras,
ou brincar nas areias, em bonança,
ha de fallar de ti, patria, descansa.

Qual no deserto o lasso viandante
vai no oásis sentar-se ao fim do dia,
achando attenuado e arquejante,
verdor, fontes, aromas, e harmonia,
e n'aquella atmospherá inebriante,
se alimenta, se farta, se extasiá,
tal és do sol oásis reservado,
jardim da Europa á beira-mar plantado.

Aqui apura os raios de luz viva
nos bosques, nos rosaes, e nas campinas;
d'um iris c'rôa a nuvem mais esquiva,
nem tem c'rôa real pedras mais finas;
faz prisma cada fonte que deriva
por encosta suave entre boninas;
dá luz dourada á selva que verdeja:
e o sol de Portugal o mundo inveja.

Mas não é d'hoje só que o passageiro
te vê ledo banhar em cada fonte,
ou entre a branda relva do valleiro,
ou sobre as neves do jaspeado monte;

já não é d'hoje só que o mundo inteiro
falla do brilho teu n'este horizonte:
já celtiberos, mouros e romanos,
choraram pelo sol dos lusitanos.

Lua do meu paiz, não me esqueceste,
que eu sempre soube amar tua lindeza;
bem sei que é este o solio que escolhes;
bem sei que tens aqui maior pureza;
mas tanto os meus segredos entendeste,
era tão minha só tua tristeza,
que se não te invoquei, saudosa lua,
foi por zelos da terra, minha... e tua!...

Por ti canto, meu berço de innocente;
lisa estrada que andei debil infante;
meu viçoso jardim de adolescente,
meu laranjal em flôr sempre odorante,
minha tarde de amor, meu dia ardente,
minha noite de estrellas rutilante.
Tu... dá-me ao serrar noite o meu inverno,
um leito funeral ao somno eterno.

CANTO I

FLORES DE ALDEIA

As flôres da aldeia são puras e bellas:
suaves aromas, vivissimas côres;
os *cravos* altivos, as *rosas* singelas,
suspiros sentidos, leaes os *amores*.
Quereis um raminho colbido por mim?...
pois vinde commigo buscat-o ao jardim.

Que fresca aldeia formosa
na margem do meu Payia!
tão branca, tão buliçosa,
tão susurrante e donosa
no seu copado arvoredado,
como festiva *Fogaça*,
n'um dia de romaria,
toda vestida de cassa;

com lenço de sêda verde
no airoso collo abraçado,
e um iris de mil matizes
na breve cinta apertado;
e no peito, e no cabello,
o mais completo jardim!
Não achaes o quadro bello?
pois bem, a aldeia era assim.

No centro, grave e campeiro,
se ergue o palacio da aldeia,
n'um liso largo terreiro
de annosos freixos moldado.
Era o eden frequentado
da aldeana rapazia,
d'esse rancho descuidado,
pai, filho, irmão da alegria.
E a casa que entre arvoredos
alli sósinha vivia,
tinha já musgosos muros,
em que estreitas brancas listas
se embutem na cantaria.
No centro, por sobre a porta,
um braço de fidalguia,
e, para o lado oriental,
uma formosa capella
tão vistosa e festival,
que não se encontra mais bella
n'outra aldeia em Portugal.

D. Martinho d'Aguilar,
velho fidalgo d'então,
d'aquelle antigo solar
era o velho castellão.

Reinava o sceptro da Hespanha,
tornado, por negra sanha,
cutelo de portuguezes;
e elle, — o Dom Capitão
das hostes do Dom Prior,
chorando as armas perdidas
do seu perdido senhor,
contava os dias e os mezes
no pulsar do coração;
e alli sellava os revezes
d'esta aviltada nação.

Guardava, como encantada,
dentro de trancado armario,
a sua vencida espada,
como custodia em sacrario,
como imagem sobre altar;
e nunca passava um dia
que a não fôsse visitar.
Polia o aço polido,
mirava-o doído de amor,
e alisando-a pela face,
e anediando-a co'os dedos,
como se houvera dois peitos,
lá segredavam segredos
de seus esquecidos feitos,
de seu quebrado valor.

E ao dizer-lhe o — adeus — extremo
escondendo-a na bainha,
sempre uma gôta cahia
no seu cuidado primor,
que a mente não adivinha,
se era pranto que vertia,
se era baga de suor.

Mas seja pranto de dôr,
seja suor de agonia,
sempre uma nodoa bem negra
n'aquelle espelho nascia.
No dia seguinte, o velho
teimosa mancha polia;
mas o — adeus — lhe acompanhava
a baga emfim d'agua viva,
d'ella, a nodoa rediviva,
e o polir de cada dia.

Que nunca mancha infamante
teve de Martinho a espada;
nas suas lides sangrentas
não se embotou, foi vencida;
e se allí vive escondida,
não é por envergonhada.

E meneando a cabeça
entre sorrir e chorar,
dizia assim Dom Martinho
pousando-a no seu altar:

— «Duque d'Alba, duque d'Alba...
o céo te guarde, valente!
Despovoaste Castella
contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro!
Chamarás o mundo inteiro
para tal feito exçellente!
Mas de ti fallára a historia
nos fastos da *immensa gloria*,
que tu ganhaste, valente!
n'essa cobarde victoria...
Duque d'Alba... duque d'Alba...» —

Dois filhos tinha o bom velho,
orphãos do materno amor
desde innocentes. Espelho
de saudade e viva dôr
era o valente soldado;
que a linda esposa fiel
no seu transe amargurado,
n'uma saudade cruel
deixou tão santo legado.

Que prantos que não regaram
as faces de D. Martinho!
Como ao pé do seu penar
todo o penar é mesquinho!
A dôr que te cruciava
melhor te fôra morrer!...
Mas a dôr cede á virtude,
e a ti, vigorou-te o brado
que sahia do ataúde
para alargar teus destinos!
Eras pai, nobre e soldado,
tinhas orphãos pequeninos,
e a patria em dôr a gemer...

Tu não podias morrer.

Jayme, — o mais velho dos dois,
de rosto vivo, queimado,
olho ardente, peito arcado,
fallar decidido e são.
Prompto a servir arrastado
ou a dormir d'alta frente!
Genio vivo, a mão valente,
generoso o coração.

Aos affectos da amizade
prestava sincero culto;
mas trocava cada insulto
por outro insulto mais crú.
Se via rôto mendigo
que a opulencia escandalisa,
dava-lhe a propria camisa
ficando risonho e nú.

Germano, — candida pomba,
rosto d'anjo, olhar sereno,
fallar pudibundo e ameno,
todo amante o coração,
vivaz, e debil, e candido,
era como a sensitiva,
que se recolhe de esquiva
mal sonha atrevida mão.

Se o velho pai via triste,
brincava com seus cabellos;
se era surdo aos seus desvelos,
em pranto afogava um ai!
A debil voz da pobreza
corria ancioso o anjinho:
— «Lá está fóra um pobresinho,
dou-lhe uma esmola, meu pai?» —

Taes os dois filhos formosos
que Dom Martinhó educou:
os dois rebentões mimosos
da rosa que se esfolhou.

Quantas horas de agonia
Dom Martinho se embebia
n'uma e n'outra face bella
dos seus filhos, seus amores!
n'um revendo os seus ardores,
e no outro a candura d'ella!

— «Meus filhos, o dia é lindo,
e os prados vicejam galas:
vamos ao campo, fugindo
de muros e tectos, tapetes e salas.

Quem pôde no dia de Maio florente,
de Maio vestido de giestas em flôr,
c'roado de rosas, — ficar indolente
sem vêr os dons novos que manda o Senhor?

Eu, velho, mal vejo com os olhos avaros
matizes que os prados endoiam de amor:
irei pois, seguro por vós, meus amparos,
vêr Maio o magano
taful primoroso,
vestido e toucado de matto cheiroso,
de rôxo rosmano,
de giestas em flôr.

Quem me dera a vosa idade
e as vossas pernas valentes,
que eu vos dissera o caminho
que seguiu Dom Martinho
no verdor da mocidade!

Meu Jayme, não gostas de entrar pelos bosques,
 Salvar precipícios, vencer alcantis ?
 E tu, meu Germano, não gostas de flôres,
 de lagos, dos cantos das aves gentis ?

Hoje o campo, meus amores,
 tem bosques, lagos e flôres;
 e adormeceis nas janellas
 como timidas donzellas ?
 Que vergonha, caçadores !

Ir um velho mostrar-vos o caminho,
 colher flôres de giesta e rosmaninho
 e vestir-vos de Maio o usado enfeite
 de verdura, de aromas, de matiz,
 ouvindo pobre mãe dizer aos filhos:
 —Alli vai Dom Martinho, o pai feliz...» —

.....

Assim sahiram folgando
 os três senhores da aldeia;
 os filhos, rindo e brincando;
 e o pai, que n'elles se enleia
 mais, quanto mais os contempla,
 com seus amigos motejos
 lhes instiga brio e ardores,
 mas sempre sorrindo amores
 em seus paternos gracejos.
 Ora parando dizia:

—«Vêde que espero por vós;
 caminhai mais se podeis;
 aliás, se acaba o dia,
 e aqui vos encontraes sós,
 ambos de medo morreis.

Ou deitai-vos entre as flôres,
e até logo, caçadores.» —

E mais ligeiros que o vento
corriam Jayme e Germano;
e o pai mirava-os ufano
até perdê-los de vista.

Quando na moita escondidos
lhe espreitavam a passagem,
cifrando toda a linguagem
no tocar dos cotovêlos,
o pai, fingindo não vê-los,
ia dizendo comsigo:

— «Martinho, meu velho amigo,
tudo no mundo assim vai;
o mancebo sem conselho,
em vez de ajudar o velho
a subir a alta ladeira,
desafia na carreira
o velho tolhido pai!

.....
Estas moitas no meu tempo
sempre acoutavam coelho;
vejamos se sae ou não
ao toque do meu bordão.» —

Mas antes que o bordão nas moitas desse,
o par mimoso sae, reaparece
e gritam como loucos de alegria,
em quanto Dom Martinho assim dizia:

— «Oh ! valentes corredores
que sob a moita emboscados
dormiam já de cansados !
Que vergonha, caçadores !» —

Era já o fim da tarde,
mas não era o fim do dia !
que em corações tão viçosos,
clara luz crepita e arde,
ondeia e cresce e irradia ;
que importa que atrás do monte
vele o sol a altiva frente ?
lá fica o sol da alegria.

Foram sentar-se na encosta
ao pé do atalho do monte :
o pai n'um banco de musgo
junto das guardas da fonte :
aos lados Jayme e Germano
sobre a relva recostados,
mas de braços enlaçados
na cinta do veterano
e as cabeças recostadas
nos seus cansados joelhos.
Oh ! nada ameiga os rapazes
como as carícias dos velhos !

Quem de longe visse attento,
perfis, contornos e assento,
d'esse grupo divinal,
nos mancebos vêr cuidára
dois primorosos relevos,
que no marmore avultára

cinzel de genio immortal;
juvenescentes raizes,
da velha estatua d'Anchises
reforçando o pedestal.

.....

Oh! quem me fôra pintor!
As côres do meu pincel
me dariam hoje o quadro
do santo paterno amor!

Como eu fôra delicado
a avivar dois rostos bellos!...
e a encurvar as mãos d'um velho
carpindo finos cabellos!

Como eu fôra vigoroso
no rosto de Dom Martinho!
nas barbas longas, nevadas!
e nas faces enrugadas,
como eu pintára o carinho!

.....

Deixai que eu ame este encanto
que a minha mente seduz;
Deixai-me vê-lo! é tão santo!...
Não sou pintor, e o meu canto
que val', se o não reproduz?

.....

Um dia... quando, não sei;
fui vêr as gastas ruinas
d'um velhissimo castello
que ao desamparo encontrei,
mas que, apesar de esquecido
na solidão, era bello.

Achei-o todo vestido
de tenaz hera viçosa;
e, ornado de verde brilho,
lembrou-me um velho casquilho
que espera noiva formosa.

Vi-lhe os muros corcovados
sobre o abysmo pendurados,
porém suspensos no ar.
Barbacãs, desamparadas:
as torres, desconjuntadas;
como folhas desligadas
da flôr que se vai finar.
E perguntei: — «Que portento,
pedras que balouça o vento
já sem prumo, e sem cimento,
vos tem suspensas no ar?...» —

A hera, filha do muro,
foi-se encostando, e cresceu;
a cada cantinho escuro
cada raiz se prendeu;
entre cada fenda estreita
uma vergonhea se ageita;
do muro em toda a largura
contorce a activa espessura,
gira, enrosca-se e venceu!
E vai recebendo alento,
redobra em viço e vigor,
nem já rajadas do vento
lhe podem causar temor;
seus rebentões melindrosos
já são braços musculosos
que ensaiam força e valor;

• conhecendo seus brios,
aos largos muros adustos
metteram hombros robustos,
ergueram rochas ao ar.
Subiram as barbacãs;
recurvaram as ameias;
ligaram rijo pilar
com mil nodosas cadeias;
e o castello hospitaleiro
já sem medo ao paroxismo,
viu, vê, verá sobranceiro
as profundezas do abysmo;
que a hera robustecida
de lembrada e generosa,
dá vida, a quem lhe deu vida;
força, a quem lhe deu vigor.
— São como a hera viçosa
os filhos do nosso amor. —

— «Boas tardes, linda Anninhas,
bella flôr das lavadeiras,
que trazes novas roupinhas
côr de rosa e tão festeiras.

Não vês, altiva morena,
que o teu cantaro invejoso,
desfaz da negra melena
o rôlo ondado e formoso?

Trazes agourento goivo
preso em negros passadores?
Disse-te acaso o teu noivo
que tinha novos amores?»

— «Nobre senhor D. Martinho,
que me importa o meu cabelo,
se o coitado em desalinho
nem tem, nem quer meu desvelo ?

Se na flôr da mocidade
trago ao peito um triste goivo,
é que o luto da orphandade
vai ser... Jesus ! o meu noivo !

Meu velho pai que ha dois mezes
succumbe a um mal surdo e lento,
nem já me conhece ás vezes
na hora do crescimento;

e falla só de baldios,
horta, gado e sementeiras !...»
E n'isto chorava em rios
a rosa das lavadeiras.

— «Não chores mais, boa filha !
Deus que foi sempre qual é,
com agua da tua bilha
póde cural-o; tem fé !

Mas haver dois mezes plenos,
que o pobre Matheus soffria,
sem eu visital-o ao menos,
sem eu saber que morria !...

Ai triste velho mesquinho !
ninguem já de ti depende !...
A casa de Dom Martinho
já nada val'!... Isto offende !

Vem, Anninhas, meu encanto,
vou vêr o meu velho amigo...
Ah!... Se não fôsse o teu pranto,
ralhava muito contigo.

Tu, Jayme, corre á cidade
no meu cavallo melhor;
reboca a rotundidade
do nosso velho doutor.

Não deixes que o pachorrento
te prove, com mil auctores,
virtudes do novo unguento,
venenos de trinta flôres.

Oppõe por dique á torrente
da quina, e dos chãs de tilia:
—Doutor, mas está doente
alguem da minha familia. —

Tu, Germano, de enfermeiro
servirás co'a bella Anninhas;
corre! vai buscar dinheiro,
e o capelão, e gallinhas,

e pão, e roupa. O velhinho,
que o seu mal tanto occultou,
saberá que Dom Martinho
é velho, mas não mudou.

E o pobre pai recobrado,
tu verás, flôr das trigueiras,
como ha de guiar o arado
nas futuras sementeiras.» —

Quasi cerrada a noite, aldeia a dentro
seguia Dom Martinho, e a pobre ao lado,
mas ia ufana já, porque levava
a providencia ao pai desventurado;
nos olhos, que fulgor lhe não brilhava,
e nas faces, que ha pouco descóravam,
que rosas de esperanza não brotavam!

Ia chegando o rancho campesino,
cansado do lidar do dia inteiro;
aos hombros, provimentos do outro dia:
rosto negro, suado e prazenteiro,
descuidada, leal. pura alegria!...
Quem quer prazer suave e amor divino,
feche na mansa aldeia o seu destino!

E novos e velhos ao vêr Dom Martinho,
como se topassem um rei, ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frentes tirando os chapéus!

— «Boas noites! — Santas noites.
Meu compadre. — Meu padrinho.
Meu bemfeitor. — Pai dos pobres.
Santo modelo dos nobres.» —
Assim se exclamava em côro!

E, não vendo outro caminho
nem já lembrando seus feixes,
o rancho lasso, faminto,
vai seguindo por instincto
os passos de Dom Martinho!

Que rei teve côrte igual
mais espontanea e leal?

E taes palavras trocavam
até á choça sombria,
em que o doente jazia:

— «Com que então, vejo aqui tres afilhadas
que nem a benção pedem ao padrinho?»

— «Sua benção, senhor...»

— «Que Deus vos abençõe! Dom Martinho,
quando vê suas benções desprezadas
com tanto desamor,
já não quer mais saber das afilhadas.»

— «Vinha longe, padrinho! aqui sómente...»

— «Não mintas, Josephina!
repara bem que um anjo nunca mente!...
Esconderem-se as minhas afilhadas!...
Oh! que brancas e crespas como neve
trazeis vossas meadas!
tão lavadas!
tão córadas!
ai, que lindas que vão! e vosso pai
como ha de achal-as bem!...
Elle não vem?»

— «Aqui vou, meu compadre, envergonhado
por inda não ter dado
de mim boa razão, como devia.
Mas... compadre e senhor, a gente ás vezes
soffre por seus peccados taes revezes...
Eu vi os meus renovos abrazados,
e as duas trovoadas
foram... sei lá, senhor! os meus peccados!»

— «Quem te pergunta, velho impertinente,
por ninharias que são puros nada? —
se me debes uns grãos que se perderam,
eu devo-te o folar das afilhadas.
Ella por ella, velho, se és contente;
que até as innocentes me fugiram
na festejada Paschoa,
deslumbradas de usanças tão antigas,
as pobres raparigas!»

Mas vamos ao que importa: Esta menina
já tem noivo escolhido,
sem me pedir licença, nem conselho!
dou-me por offendido,
e perrices fataes são as d'um velho!
Ordeno pois: que o noivo, que me escuta,
não tenha o gosto de lhe dar vestidos.
Mais ordeno: que a bôda do noivado,
não seja em casa da menina astuta,
nem do noivo sagaz, ambos fingidos,
que tanto me occultavam seu cuidado;
e porque chorem sorte tão mofina,
intime-se o Ricardo e a Josephina,
sentença que profere Dom Martinho,
condemnando nas custas... o padrinho.» —

E á choça do pobre que enfermo penava,
o grato cortejo chegava no emtanto;
e ouvia-se o povo que á porta esperava
murmurar baixinho: — «Que santo ! que santo !» —

Que longos dias ! como passam lentos
sobre os tormentos do ralado enfermo,
que, balouçando-se entre vida e morte,
só pede á sorte lenitivo, ou termo !

Que valem ais do consternado amigo ? !...
Que vale o abrigo que se dá chorando ? !...
Que vale a meiga filial ternura,
se a sepultura se lhe está cavando ? !

Eram dois anjos a velar-lhe o leito;
ambos no peito a suffocar os prantos;
ambos, qual mais ? a bafejar-lhe a vida,
ancia perdida de cuidados tantos !...

Da prostração, do quebranto,
o velho volveu á vida,
para mais breve a perder.
Olhou em torno, e sem pranto
encara a filha querida,
de susto e pena transida,
a soluçar, a tremer...
Vê junto d'ella Germano,
dando-lhe os ternos cuidados
de generoso enfermeiro.
Defronte d'elles, sentado
vê Dom Martinho, encostado
ao seu alvo travesseiro;
cotovêlos no joelho,
nas mãos escondida a fronte.

E deu-lhe a mão o bom velho
dizendo:

— «Como isto é nobre!
mas é já tarde, senhor!»

E Dom Martinho doido,
tal lhe redarguiu:

— «Ai pobre,
que te esqueceste de mim,
como d'um grão escondido
que não vê o semeador!
mas tu não foste esquecido,
foi pejo, não é assim?
Ai! salva-me d'esta dôr.»

— «Não esqueci, não, senhor!
que o atteste este papel
que para vós tinha escripto...
e só para vós!... no fim
do meu delirio cruel...
que me vi menos afflicto...
Tomei papel... e tinteiro,
gastei o papel... e o alento;
e d'este meu testamento...
sois vós... o testamenteiro.
Vai aberto... podeis lêr...
se a letra tanto quizer.
Ao amigo moribundo...
aceitae o que vos deixa...
deixando a pobreza... e o mundo.»—

Olhou Germano, e sorriu-se:
olhou a filha, e tremeu!
e n'ella os olhos pregados,
absortos, d'agua arrasados,
por largo espaço prendeu;
e acompanhou a leitura
com taes prantos de amargura
quaes ninguem nunca os verteu!

Solemne, em pé, D. Martinho,
quasi a voz a emmudecer,
ao lado do pobresinho
ouçamos o que vai lêr:

— «Em nome de Deus! vivi
«na fé santa de meus paes,
«e n'ella morro. Aprendi
«a amar ao meu Deus, e aos mais
«que são, como eu, peccadores.
«Deus, que por mim soffreu dôres,
«que me leve para si.

«Deixo a horta do rio, á virtuosa
«viuva que ficou do justicado
«Heitor Pedro; de vida tormentosa;
«pobre, qual sou, e, como fui, soldado,
«em lembrança fiel e amargurada,
«do meu brioso, pobre camarada.

«Deixo a casa em que vivo, a Mem Rodrigo,
«que as noites dorme á beira d'um caminho!
«a quem, de pobre, a sorte fez mendigo.
«A ave, o peixe, a fera tem seu ninho,
«mas não o tem o pobre vagabundo,
«repellido... estrangeiro em todo o mundo!

«Deixo o meu Santo Christo ao senhor cura,
«de quem espero as preces dos finados;
«uma oração com dó, d'ess'alma pura,
«talvez valha o perdão dos meus paccados!
«Deixo alvião e enxada, ao meu visinho...
«e deixo minha filha... a Dom Martinho.»—
.....

Do velho a muda anciedade
findou na filha querida;
vivia já de saudade,
chorou e perdeu a vida!

Da orphã julgai as dôres
vós todos que tendes paes,
que eu não quero entre estas flôres
tantos goivos funeraes.

CANTO II

A BENÇÃO DA DESPEDIDA

—

Que idade florida e bella
a dos vinte annos! — Não é?!
ornada, embora singela,
de crenças, de espr'ança e fé;
em que dorme a austera e fria
luz da prosaica razão,
e ostenta soberania
infinita o coração!
em que o mancebo tem sonhos
de fabulosa extensão,
altivos, nobres, risonhos...
Que bem fadada illusão!

Dos vinte annos a magia
quem pôde roubar-m'a assim?
Que é dos olhos com que eu via
em cada cêrro um jardim?

em cada gruta, encantada
linda moura namorada,
com thesouros para mim?
em cada fonte uma fada?
em cada casa um festim?
em cada peito um abrigo?
um céu em todo o viver?
um irmão em cada amigo?
um anjo em cada mulher?
alta sina em cada estrella
e em tudo nobreza e fé?!...

Que idade florida e bella
a dos vinte annos! — Não é?!

A dos dezoito, é da vida,
fresca, plena primavera,
rósea grinalda, embebida
de aroma que não se altera:
mansa fonte crystallina,
em que se mira constante
uma imagem peregrina,
que em si mesma vive e mora;
que a si mesma tem diante;
que se festeja e sorri;
que basta só para si,
e que a si propria namora.
Mimo tal da natureza
não tem maldosa dobrez;
tem força na singeleza,
orgulho na timidez.

Inda os tristes desenganos
lhe escondem seu negro arcano.

Dom Jayme já tem vinte annos:
dezoito, o louro Germano.

Dois annos tem decorrido
desde que o bom Dom Martinho
viu esse drama sentido
da morte do pobresinho.

Era um vasto salão: cupula alliva:
espaldares de sola almofadados:
três janellas inundam de luz viva
negros, nobres bufetes torneados:
serpentinhas de prata em cada mesa.
A nobre lusitana singeleza!

Era nova manhã: o firmamento
dourava-se dos fogos do Oriente;
o ar, puro e subtil; dormido o vento:
mas já não tem aromas o ambiente:
dezembro é pobre de verdura, flôres,
e coros d'aves: — musica d'amores.

Que póde no salão conservar presos
os que tão cedo os leilos seus deixaram?
que á luz de candelabros inda accêsos
borzeguins e corpetes ajustaram?
que já dez vezes: — *vaivos* — proferiram,
e do salão as portas não sahiram?...

Germano, encostado à meza,
debruçado na cadeira
co'a mão esquerda sumida
nas ondas d'ouro brilhante
da formosa cabelleira,
tem a attenção toda presa

nas fôlhas d'uma carteira
em que elle escreve, radiante
de inspiração. E que leve
nas folhas, alvas de neve,
lhe vò a penna ligeira!

A passos largos, pesados,
inconsequentes, incertos,
seccos labios entr'abertos,
negros olhos desvairados,
Dom Jayme passeia ancioso
cortindo negros cuidados,
e cruzando pressuroso
em giro vertiginoso
o vasto, fundo salão.
Nas feições anuviadas
bem transparece o desgosto!
Cobrem de nuvens o rosto,
as mágoas do coração.

Sobre nova, fina esteira,
sentada ao pé da janella,
oh! que linda costureira
tão nova, tão pura e bella!
Quem não reconhece ao vèl-a
Anninhas, a morenita,
a lavadeira singela,
tão triste, mas tão bonita!...

Vaes errar o teu bordado,
luxo dos dias festivos,
se espreitas com tal cuidado
os teus irmãos adoptivos!...

Ai! guarda-os, pobre donzella!
protege-os, virgem singela!
salva-os de seus desatinos!
Vêla, vêla os seus destinos.
fulgente, calada estrella!

Outro — *vamos* — distrahido
de Jayme aos labios voltou;
e o — *vamos* — foi repellido
por Germano, meio erguido,
que sorriu... e se assentou.

E tudo em poucos momentos
recahiu no antigo estado,
volveu á ordem primeira:
D. Jayme, aos seus pensamentos;
Anninhas, ao seu bordado;
Germano, á sua carteira.

Emfim Dom Jayme, cansado,
quiz repousar da fadiga,
e junto á mesa parou;
tomando na mão amiga
a fraterna amiga mão,
a Germano perguntou:
— «Que escreves tu, meu irmão?»
— «Singelas trovas sentidas,
um ramo de muita flôr,
cultivadas e colhidas
pela mão do trovador.»
— «A quem eram destinadas?»
— «A quem? meu irmão... a ti.»
— «Que flôres mal empregadas!»
— «Aceita-as, pois as colhi.»
— «Aceito as flôres, coitadas!»

mas mostra-me o teu jardim»
 — «E d'est'alma sem cultura
 o pobre, humilde, canteiro.»
 — «Flôres d'origem tão pura
 não podem trazer senão:
 «quem foi o jardineiro?»
 — «Bem sabes: — o coração.»

— «Oh! dá-me, dá-me o teu ramo,
 antes que o desfolhe o vento;
 mal sabes tu quanto eu amo
 os hymnos do sentimento!
 Não dás flôres com espinhos,
 nem veneno nos carinhos
 de hypocrisia vilã.
 Mostra, mostra-me o teu hymno;
 quem sabe se o meu destino
 m'o não desmente amanhã!...

Nem só tem valor um sólio:
 n'este ignoto capitolio
 crearemos um poeta,
 eu e Anninhas, nossa irmã.
 Não vês? olha: a pinguicida,
 tão descuidada e tão bella,
 a pensar nas lindas flôres
 d'uma vistosa capella
 com que ha de pagar-te o encanto! ?
 Pois eu, dar-te-hei uma palma.»

— «Bem: escutai o meu canto
 que se chama:

FLORES D'ALMA

«As flores d'alma que se abrem bellas,
puras, singelas, bravalhadas, vivas,
dem mais aromas, e são mais formosas,
que os póbes coses n'um jardim cultivado»

«Sol bemfizejo lhes aquece a ramã,
doeida chommo, sem o ardor que mata;
—banham-lhe as hastes, retratando as frentes,
—limpidas fontes em ramões de prata.»

«Que amenidade! nas vergeis suaves,
—cantam as aves, sem cessar, amores.
«Se ha céu no tecto, se ventura he n'el,
d'alma singela se achará nas flores.»

«Filhas dos crengas, como as crengas puras,
de mil venturas mensag'iras bellas,
use o vento um dia lhes sopra e as corte,
«Deus! dá-me a sorte de morrer com ellas.»

«Ao ermo embora, a divagar sósinho,
—corra o mesquinho por amor trahido,
—quando o remorso lhe não turbe a calma,
nas flôres d'alma ha de encontrar o alvido»

«Naufrago lossó o sossobrar das vagas
—sem vêr se plugas em que afogar em panno,
—embara a morte cruciante, d'el
d'alma nas flôres achará conforto»

«O pobre monge, que, de pe descalço,
—d'um mundo falso as areias percorre,
—quando lhe entregaram do martyrio a palma,
«às flôres d'alma se encommenda, e moro.»

«As flôres d'alma são bellas,
 mesmo sem terem cultura:
 não ha silveiras entre ellas,
 nem goivos de sepultura.

«Têm uma só primavera
 nestes amenos rosaes,
 uma só: — ninguem pudera
 reverdecel-os jámais,
 ou quando os congele o frio,
 ou quando os queime o fufão,
 nas chammas d'um desvario,
 na campa d'uma paixão.

«Quando ás tormentas da vida
 com que alma e corpo abysmára,
 refoge o gasto suicida,
 o tiro que elle dispara
 com fria, gelada calma,
 tem por bucha as fôlhas sêccas
 das mirradas flôres d'alma.» —

Fundo silencio respondeu ás trovas;
 extinguiram-se os echos do salão.
 Anninhas era a estatua da anciedade
 se não fôsse o bater do coração.

— «São bellas as flôres d'alma !...
 — disse Dom Jayme por fim.
 Acho-as tristes !... Pobres flôres !
 mal empregadas em mim !...

Um canto sentido e puro
em ti. Germano, diz bem:
mas tem um sentido escuro,
e encerra agouros tambem!
Pois na vida venturosa
que nós vivemos, Germano,
não vejo senda espinhosa,
nem sombras de escuro arcano.»

— «Ah! Jayme, Jayme! é baldado
o intento de me illudir;
não vês que tenho ficado
no mesmo quarto a dormir?...
Pois vou contar-te em segredo
o que inda esta noite vi:

Deu meia noite;
manso e manso e muito a medo,
julgando-me adormecido,
(mas já vês que não dormi)
te levantaste, vestido
como te havias deitado.
Entr'abriste com cuidado
a mais rasteira janella,
e te escoaste por ella
tê pousares no terreiro.
Sellaste o cavallo negro
por mais valente e ligeiro;
e mais ligeiro que o vento
o vulto negro partiu:
e mais negro do que as sombras
nas sombras se confundiu.
Não te lembraram as penas

do meu cavallo alazão,
que choraria em relinchos
saudade de seu irmão;
e que o bom velho Martinho
podia ser despertado
por mais proximo visinho.

.....

Era quasi manhã quando voltaste,
cheio de angustia e dôr o coração.
Sómente quando aqui te desmontaste,
maravilhado notaste
que em vez de cavallo negro
montavas o meu lazão...
Por entre as sombras da noite
errára o teu espião.»

— «Seguiste-me, Germano?
luz de risonha estrella,
eras-me sentinella
na escura solidão?
Tu foste, como a sombra,
do perdido sem guia
extrema companhia!
Bem hajas, meu irmão!»

— «Attende-me, escuta-me:
pensei que podias
cahir e morrer;
julguei-te somnambulo;
quiz vêr para onde ias
dormindo a correr.

A noite era gélida,
a neve cahia,
o vento zunia,
e o rio mugia
no fundo do val.
A scena era lugubre,
e á hora em que os mêdos
vem entre os rochedos
ouvir os segredos
do anjo do mal...
que eras tu!

e eu era o pagem da lança,
que á hora em que se descansa
surge do reino das brazas
no seu cavallo com azas
seguindo Dom Belzebú.

O que passou no congresso
não sei, não posso contar;
Oh! mas a feiticeirinha..
que lindos olhos que tinha!

Quando saltaste a janella,
já eu dormia... a fartar!

Tiveste um somno agitado:
Fallavas d'uma mulher .
d'um amor muito extremoso..
Fallavas do teu cavallo,
que um ladrão tinha trocado;
e nas ancias do soffrer
teu sonho cruel, teimoso,
pintou-te o destino irado
contra o teu anjo... sonliado!

Mataste (mas tudo em sonho)
 os malvados que a mataram;
 choraste depois por ella,
 de martyr pediste a palma...
 Jayme! a que vem esses ais?»

— «E seiva d'uma flôr d'alma,
 que esta noite me cortaram.

Dize mais!»

— Acordaste em sobresalto,
 convidaste-me a gozar
 a viragão da manhã;
 encontramos a bordar
 a nossa formosa irmã.

.....
 Vejo-te agitado e mudo...
 Nada mais sei, nem pergunto,
 mas bem vêes...»

— «Que sabes muito,
 mas ainda não sabes tudo.

Não sáias, minha irmã; sentia-te ahí.
 Eu não tenho segredos para ti.

Fui a Vizeu... em maio fez dois annos,
 um medico chamar para teu pai;
 deveis lembrar-vos d'isso. Quando entrei
 na casa do doutor tambem entravam
 uns nobres de Castella;
 e logo alli se disse ou eu sonhei,
 que d'esse altivo duque de Olivares
 e d'Altamira e d'Alba eram parentes,
 e que eram, em razão do conde-duque,
 da privança d'el-rei,

Chamava-se D. Cesar d'Aragão
o velho nobre, militar antigo;
altivo, pertinaz e fanfarrão,
ninguem sabia comparar comsigo,
porque elle no valor, era um leão!!
fidalgo, mais que os reis do mundo inteiro!
rico, mais do que os Cresus, e os Lucullos!
mestre dos sabios todos! O primeiro
dos santos da christandade!
e já, por de seus paes costume antigo,
só de Deus familiar, intimo amigo!!
Fez-me rir este vulto de epopeia...
Lembra-me Toboso e a Dulcinêa.

Tinha dois filhos, altos, decorados
com insignias de guerra. Eram seus nomes
Dom Diogo e Dom João;
morenos, de semblantes carregados,
o'havam para mim os meus senhores,
de revez sempre, á guisa dos traidores.

Resta esboçar aqui um rosto meigo,
uns olhos scintillantes como estrellas;
requebros mais gentis, faces mais bellas,
nem Phidias as sonhou, nem Raphael.

Tinha os cabellos negros como a noite,
levemente morena a face pura;
para pintar do collo a formosura
não ha côres na terra, nem pincel.

Finas as sobranceilhas arqueadas;
o braço torneado, a mão de neve;
o pé, que mal se vê, inquieto e leve;
uns olhos que irradiam fogo e luz;

labios que pedem beijos calorosos:
metal de voz suave e namorado...
Julgai um anjo assim, tereis achado
o typo mais sympathico, o andaluz.

A casta flôr de Granada,
que ao pé do Darro nasceu,
floria alli, transplantada
tão longe do patrio céu.

Dos jardins da Andaluzia
fallava com tanto ardor!
e os olhos que me volvia,
volvia-os com tanto amor!

Pintou-me a Alhambra encantada
com seus jardins orientaes:
e ao longe a serra nevada,
soberba de seus crystaes.

Enlevado em seu sorriso,
louco, fascinado, alli,
vi na Alhambra um paraiso,
no paraiso uma houri!

E fiz-me crente por ella,
e como crente a adorei;
suppliquei á minha Estella
me dêsse o amor que eu lhe dei.

E comprehendeu que eu sentia
amor violento, fatal,
porque o sol da Andaluzia
é tambem de Portugal.

Eu só extremos conheço,
e só extremos sonhei;
eu amo como aborreço:
tudo, ou nada. - E todo amei!...

.....

Que tempo se passou enquanto sós
fallavamos d'amor, não o sei eu;
pois se nos figurou
seculos, nas saudades que deixou,
instantes, na ventura que nos deu.

Veio depois a nós
Dom Cesar d'Aragão;
talvez que receoso
que eu lhe aspirasse em gozo
todo o celeste aroma
do lirio seu, formoso!
Tinha razão!

Perguntou quem eu era, e d'onde vinha;
quize responder por mim o bom doutor,
e teve a paciência, que eu não tinha,
de explicar quanto sabia
da nossa genealogia,
não sei se com verdade, ou com favor.

Redarguiu-lhe o valentão:
que assistira ao desbarate
das hostes do D. Prior;
que o nosso pai conhecia,
e que o tinha desarmado,
guardando, como prova, a sua espada!

Eu, com a face esbrazeada,
respondi-lhe que mentia;
que desarmar D. Martinho
não era tarefa tão pouco arriscada
que alguém a tentasse,
ficando com vida!

E n'isto, no intimo
tremia-me o peito,
d'ouvir sem respeito
fallar de meu pai.

Aquella face aborrida
nem córou, nem descórou,
e simplesmente me honrou
com a ironia d'um — Ai!
então achaes que *menti*?
e a prova d'isso onde está?

— A prova é que estaes aqui,
e que a espada existe lá.

— E vós, criança importuna,
quereis mostrar-m'a talvez?...

— Para vós, cansado velho,
será sobeja fortuna
se a virdes só na bainha,
porque não cegueis de todo
aos raios d'aquelle espelho.
Mas tendes alli dois filhos
com mostras de valentia;
a esses posso mostral-a
sem receio á luz do dia. —

O repto foi logo aceite;
marcada a hora e logar...
Vêde que ensaio d'amores,
que donoso auspiciar!

Tinha-me esquecido Estella;
olhei-a; tremia tanto...
tão mudo corria o pranto
em fio, nas faces d'ella!...
Ai! quasi me fez covarde
aquella mulher tão bella!

Matal-os... era matar-me!
Morrer eu... era perdel-a!
Fugir... era deshonnar-me!
A sorte estava lançada:
dêsse quem dêsse a estocada
eu ia morrer, Estella!!

Ceguei-me a furfo, e baixinho
pedi-lhe humilde perdão.
Ella em chôro convulsivo
segurava o coração,
que lhe estallava no peito.
Com angelical aspeito
me disse a triste por fim:
— Vêle a Virgem por nós todos...
Jayme! que scrá de mim? —

Chegou o dia aprazado
d'esse duelo fatal:
aguardo o instante ajustado
na *Cava de Viriato*;

eu só; ninguém mais havia
n'esse deserto arraial.
que a chuva grossa fazia
cada regalo, caudal.

Soára a hora tremenda!
orei a Deus por Estella;
mandei aos céos a offerenda
da minha prece, singela,
e o meu sêr... a minha vida...
a minh'alma... foram n'ella.

Olhei de roda: chovia;
deserta era ainda a *Cara*.
Era a chuva que folhia
o passo aos meus campeões.

Mas a chuva alliviava...
o céu já tinha clarões...
esperei mais... ainda mais...
sempre a mesma solidão!
O caminho... era deserto!
Se faltariam?... Jámais!
Do trance fatal, incerto,
teriam medo?... isso não!

Voava o tempo ligeiro,
desanuviado era o céu,
e ninguém vinha; por fim,
ao longe passando a ponte,
um vulto me appareceu:
percorre o largo terreiro,
vê-me, e vem direito a mim.

Era um pagem tão bordado,
que entre bordados se perde;
gôrra preta, pluma verde,
borzeguins de velludilho
dourado, negro o justilho
com golpes de carmesim.

— Boas tardes, senhoria.

— Deus vol-as dê. Quem buscaes ?

— A Dom Jayme d'Aguilar.

— Eu sou Dom Jayme. Que mais ?

— Ides vêr —

disse. E com vagar e geito
curvou-se e tirou do peito
este papel que vou lêr:

— «Saude e venturas mil
«a D. Jayme d'Aguilar.
«Não vamos, senhor; se é vil
«o prometter e faltar,
«é mais vil ter emboscados
«seis assassinos comprados
«para á traição nos matar.
«Pagai aos vossos bandidos
«a negra sanha impotente;
«empregai mais nobremente
«a espada de D. Martinho;
«preparai que esse caminho
«ao cadafalso vai dar.
«Se, para lavar a affronta,
«meditaes vingança atroz
«em novo seguro bote,
«chamai ao campo da liça,
«á vossa escolha, um dos servos
«da nossa cavallariça;

«jogai com elle o chicote
 «para saldar essa conta:
 «vereis que é digno de vós.
 «Com que, muito boas tardes,
 «senhor Dom Jayme.»—

Covardes !

A mesma ativa Castella,
 que entre muitos mil traidores
 produz muitos mil valentes,
 terá decerto vergonha
 d'estes fracos insolentes !

— Pagem ! ouviste a leitura
 d'esta carta ?

— Ouvi, senhor.

— Olha, caminha, procura
 vestigios d'algum traídor.

.....

— Achaste algum ?

— Nada vi.

— Esta bolsa é para ti.
 Entrega esta carta a Estella,
 mas olha bem, só a ella,
 que só ella me faz dó;
 dize-lhe que estava aqui,
 mas firme, sereno e só.
 Promettes ?

— Juro.

Parti.

Já vistes contorcer-se uma serpente,
 lançada viva d'um incendio á chamma

empinar-se na cauda,
enroscar-se, voar,
ao sentir-se estalar
escama por escama ?
silvar buscando victimas
co'os olhos chammejantes ?
ir enroscar-se impavida
ás chamma coruscantes,
e na indomavel furia
morder rubro carvão ?

Tal se me erguia indomito
no peito o coração !

Chegou a noite; a febre da vingança
a casa me levou d'esses traidores
que tanto me insultaram !
e vi-a debruçada na janella,
a meiga flôr d'est'alma, a minha Estella.

Ao portal, encostado.
o pagem só achei.

— Os teus senhores ?

— Não sei.

— Cumpris é o que te ordenei ?

— Mais baixo, senhor ! cumpri.

Dei-lhe mais ouro, e subi.

Em logar dos três demonios,
o meu anjo achei sómente;
era justo após a affronta
vêr um sorriso clemente.

Ai! tu não sabes decerto
as ancias do coração,
que sente de si tão perto
da amante a tímida mão!
que treme, e chora, e sorri!
que o aperta para si,
e que o leva n'auso e mudo,
suspenda a respiração,
aereo o pé, que não gema
sobre as tábuas do salão!...
e em torno, calado tudo!
só a ouvir-se o coração
dentro do peito a estalar...
ai! não sabes, meu irmão!

Entre os seus braços mimosos
miral-a ao pé da janella,
á baça luz do luar,
e beber nos olhos d'ella
amor a tragos sequiosos!...
Ai! tu não podes julgar
o poder de uma mulher
que em beijos pede perdão,
em vez d'essa maldição
que está no peito a ferver!
mulher que paga em delicias,
em celestiaes caricias,
affrontas que só a morte
no mundo faz esquecer...
Pois tudo póde a mulher!
se alguém te disser que não.
oh! não creias, meu irmão.

Não sei o que dissemos
n'essa linguagem mystica:

mais que o gôzo da vida
sentimos nós alli.
Não juro que vivemos;
só juro que senti.

Se os beijos são d'amor, se amor é vida,
eu quero esse prazer celesste, ameno!
viver! oh! sim, viver!!
Se os beijos tem veneno,
se ha beijos homicidas,
quizera ter cem vidas,
e vezes cem morrer!!

Sahi, dava meia noite.
Quantas estranhas mudanças
senti eu no coração!
Entrei, raivando vinganças;
sahi, jurando perdão!

Desde essa noite de tão mago enleio
poucos dias ou noites têm passado
sem eu vêr e beijar a minha Estella.
No templo, no sarau, ou no passeio,
amo-a, sigo-a tão louco e namorado
qual segue o nauta a salvadora estrella
em noite de tormenta
entre as nuvens do céu, só vendo-a a ella.

Disse a meu pai um dia o meu segredo:
mostrei-lhe o meu desejo.
Eusinou-me o caminho mais honroso
que eu podia seguir.
Bem o sabia eu; mas tinha medo...
ou pejo...
de deixar o meu throno de orgulhoso...
e descer... e pedir...

Tudo póde a mulher ! Pedi, rojei-me
 ante esses deshonorados sem pudor;
 inda me escalda o peito essa vergonha !
 inda me cresta a face este rubor !
 Olhai as bagas do suor que ainda
 me faz manar a dôr !... Vergonha infinda !

Na carta que escrevi, o que eu dizia
 não sei;

sei que tentei queimal-a
 quando a lacrei;
 mas n'um resto de fé
 salvou-a o coração !...

.....
 Mandaram-me em resposta
 um desdenhoso — Não !

.....

Choraes ? triste de mim ! por Deus vos peço
 que não choreis assim, que me mataes:
 são mimos d'esta Hespanha, e de tal preço,
 que um se compra na vida ! um só ! não mais.

Estranhos, fingem pena dos revezes
 d'este pequeno povo de leões;
 senhores, que lhe importam portuguezes !
 repellem-se co'o pé, que são villões !

Ao lêr a resposta ingrata
 o nobre pai Dom Martinho,
 das hirtas mãos a largou;
 e ao vêr-me as faces córadas,
 retintas d'angustia e pejo,
 disse-me, dando-me um beijo:
 — Espera ainda. — E marchou.

Veio, já noite, e abraçou-me
sem coisa alguma dizer;
mas disse-me o braço mudo
o que eu temia entender.
— «Bem viste que á meia noite
parti, victima da sorte,
para ouvir dos labios d'ella
sentença de vida ou morte...
Minha voz, não tremas tanto!
socega, meu coração!...» —

Todos se ergueram reverentes, mudos.
Entrava Dom Martinho no salão.

Depois da benção paterna,
— «Sentai-vos — disse — mais perto:
aqui, bem junto de mim,
que tenho que vos contar.» —
E com voz tremula e meiga,
depois de breves instantes
de amargurado esperar,
grave e triste disse assim:

— «Nas hostes do infeliz Prior do Crato
sabeis que pelejei contra Castella;
a muitos pobres homens d'esta aldeia
lhes apontou caminho a minha estrella;
entre elles, foi o pai d'esta menina,
agora minha filha idolatrada:
esse aprou no peito uma estocada
que me vinha direita ao coração.
Heitor Pedro, foi nosso camarada,
destemido, valente! era um leão!
foi feito prisioneiro,
e morreu pendurado n'um pinheiro.

Não nos matou a força de Castella,
 foi a nossa fatal desunião;
 sempre fômos bastantes para ella,
 a historia o diz;
 muitos crêram pequeno o seu paiz,
 e ficámos escravos da ambição.

Quem esperava venturas d'essa Hespanha,
 é louco !

Quem d'um reino maior deseja a sanha
 só por mostrar ao mundo informe vulto,
 embora venda a patria pelo insulto
 de ser um desleal, um mercenario,
 deseja mal, e pouco !

Mas ai ! é de verdades um sacramento
 o livro de Camões:

*é força que entre os mesmos portuguezes
 alguns traidores haja algumas vezes.*

.....

É nossa lei, firmada por Castella,
 que os pobres portuguezes,
 não tenham de ir além de seus dominios
 siguas levar e arnezes;
 que a rasguem os mandões,
 mas por enquanto é lei;
 hoje; amanhã não sei.

Crendo sincera pois esta alliança,
 julgo que é nobre aos nobres
 para ter seus trophéos em segurança,
 cingir uma espada,
 brandir uma lança.

e guardal-os até contra Castella,
 se algum dia traição vier por ella.

Até porque, meu Jayme,
a guerra amortalha as dôres
de inexequíveis amores:
e ou morre o homem na lida,
feliz, coberto de gloria,
ou surge o homem com vida,
mostrando em cada ferida
o hymno d'uma victoria!

Se ao desprezado consomem
saudades de muito amor,
com brios se vingá o homem,
que é a vingança melhor.
E prova-se aos insolentes,
que é miseravel, que é louco,
avaliar em tão pouco
o que se não conheceu;
e que n'um povo abatido,
e miseravel, e pobre,
fica muito vulto nobre
que nunca a honra perdeu!...

.....

.....

Dizer: — filho querido,
deixa o teu patrio lar!
vai procurar o olvido
na gloria, ou na mortalha,
no ensanguentado azar
das furias da batalha!...

No luto e na tristeza
deixa teu pai, um velho
que Deus e a natureza
te mandam amparar;

deixa-nos todos !... Ai !
meu Jayme ! a honra o ensina,
mas custa a quem é pai !
e contudo, meu filho,
bem vês, trago-te aqui a minha espada
certo que has de guardar-lhe o antigo brilho
de que nunca por mim foi deslustrada !...»

— «Primeiro — disse Dom Jayme —
um só momento ! escutai-me !
ides ouvir a leitura
d'esta carta amargurada,
triste como a sepultura,
meiga como a desgraçada
que o meu amor abysmou !...
E vêde o que ella chorou,
que foi de prantos regada :

— «Foge, meu Jayme, ao destino
«que te persegue, infeliz !
«d'um sentimento divino
«o tredo mundo maldiz.
«Antes Deus me fulminára
«n'ess'hora amaldiçoada
«em que eu pedi a deshonra
«que não querias !... Fui eu !
«juro-o á face do céu !
«para vêr se deshonrada
«me davam ao teu amor,
«ou me deixavam na rua ;
«que antes queria morrer,
«do que deixar de ser tua.

«Peccámos. Jayme, pequei
 «contra a honra e contra Deus;
 «manchei-me, e manchei os meus!
 «Foi um peccado tão negro,
 «tão feio, que brada aos céos!

«Conhecida a deshonrada,
 «toda a esp'rança nos deixou;
 «e és tu, meu Jayme, o perdido!...
 «Ai, fuge, desventurado,
 «que amanhã és perseguido!
 «Nada receies por mim:
 «receia tudo por ti!...
 «Vê como eu sou desgraçada,
 «que fui eu que te perdi!

«Meu Jayme, adeus! Nas entreabertas portas
 «que nos mostram, da vida, a eternidade,
 «as noßsas esperanças ficam mortas,
 «mas guarda sempre, sempre, esta saudade!

«Morrer na flôr da vida! e sendo amada!...
 «quando a mente, d'amor arde e delira!
 «Ai! tanta aspiração tão mal lograda!
 «tantos sonhos d'amor, tudo mentira!...»—

.....
 — «Por Deus vos juro, meu pai,
 que fôra sorte invejada
 aceitar a vossa espada,
 ennobrecer-me por ella:
 mas meu norte, perdoai!
 já o marcou outra estrella
 talvez de negro condão:
 bem sabeis que o coração
 me prende á sorte de Estella.

E vós não sabeis nada!
 a pobre, está deshonrada;
 dentro em pouco ha de ser mãe!
 seus irmãos querem matal-a;
 e eu... juro que hei de salvá-la,
 ou hei de morrer tambem!»

Deixára a sua cadeira
 Germano, a candida flôr,
 e beijando a mão paterna,
 accêsa a face em rubor,
 disse ajoelhado:

— Senhor!

concedei-me a vossa espada,
 que serei homem por ella;
 e á força de heroicidade,
 se não mente o coração,
 eu darei a meu irmão
 a posse da sua Estella.

Favor em Deus acharemos
 abençoado por vós!»

— «Deus vos dê propicia estrella!...

.....
 Ai! despiedada Castella,
 porque has de ser nosso algoz?!

Deus! entrego-te meus filhos!...

.....
 Anninhas! ficamos sós!» —

CANTO III

SOMBRA S

—

Soberbos grandes do mundo,
este quadro é para vós!
Tenha remorso profundo
quem mancha as sombras de avós!

Fazeis o mal sobre a terra;
em nome d'elles! mentis!
Grandes na paz ou na guerra,
não podiam ser tão vis!

No poder e na riqueza
cevaeis a negra ambição?
julgaes bem mal a riqueza!
sois bem pequenos! Perdão!

Negociantes de escravos!
desnaturados! villões!
que em troca de falsos brilhos,
ides vender vossos filhos
nos mais infames leilões!

Fazeis-lhe do amor um crime!
que paes malditos sois vós?!
Depravaes-lhe o sentimento!
Eis o requinte sublime
de um pensamento de algoz!!

Nas ancias que vos consomem
de comprar e vender,
compraes por soberba um homem,
ou vendeis uma mulher!

A quantas almas singelas
suffocam vossos arminhos!
a quantas, quantas donzellas
são mortalha uns pergaminhos!
Nem só punhaes ou venenos
laceram peitos serenos,
ou toldam, em meigos rostos
os traços angelicaes;
vós bem sabeis que ha desgostos
peores que cem punhaes!
Quantos de vós olhareis
com desprezo a deshonrada
que por amor se perdeu?!
Crueis!...

Não chores, humanidade,
nem córes de envergonhada:
ha mais justiça no céo!

Miserandos cegos de alma,
que em sua brutal fereza
vegetam em pôdre calma,
sem vêr a sua torpeza,

podem, de sangue sedentos,
à pobre Samaritana
atirar pedras aos centos;
e em seus orgulhos ferozes
crêr-se instrumentos dos céos!!
Que importa? são só algozes,
porque juiz é só Deus!

Julgaes que a paternidade
vos dá feudal senhorio?!
Renegai do desvario,
que insultaes a Divindade.
Quereis dar tratos a um filho,
negociar seus amores,
forçal-o a escabroso trilho?...
com que direito, senhores?

O que ao filho aponta e ensina
os bons caminhos da vida,
que o anima, que o convida
a seguir senda segura
que o leve até á ventura:
que lhe mostra, reverente,
essa estrella peregrina,
da santa fé viva imagem,
estrella que ao innocente
e que ao adulto illumina
pela espinhosa romagem
d'este mundo, e que lhe ensina
essa escondida passagem
d'aqui á patria divina;
mas que acha no coração,
para os seus erros perdão;
um homem tal encontraí,
e descobri-vos, que é pai.

Mas o que, de olhar severo,
em seus orgulhos famintos
quer, contra o que Deus quizera,
conculcar nobres instinctos,
annullar alta razão,
e, mais tyranno que Nero.
esmagar um coração
nas suas garras de fera:
que pelas praças e ruas
faz lançar este pregão:
«Quem mais der chamará suas
ás rezes que eu trago ao jugo»,
não é amigo, é verdugo;
não é pai, é vendilhão!

Ergue um brado, ó sociedade,
bem d'alma... de coração,
em honra da humanidade
contra esse infame leilão!

Entre aromas, entre flôres,
ergui meu canto de amor:
mais luz quizera e verdores
encontrar o trovador:
mas a amena primavera
que do nascente se erguera,
sorriu instantes... morreu.
Tristes sombras carregadas,
extensas, agglomeradas,
toldaram-me o sol e o céu.

O poeta é navegante
que nos balouços do mar
pede á estrella rutilante
as praias que vai buscar;

mas quando a tormenta geme,
perde agulha e mastro e leme,
estrella e céu e arrebol.
Quem te dirá, ó mesquinho,
se jámais no teu caminho
verás céu, estrella, ou sol ?!

Em quarto cerrado, estreito, e sem dia,
de casa sósinha n'um bosque sumida,
ao pé de uma antiga, tristissima ermida.
Estella chorava, e a medo escrevia
 á luz de uma vela
 de cera amarella,
ao pé de uma imagem da Virgem Maria.

Que triste ! que pallida ! Os soltos cabellos
são crepe funereo que o rosto sombreia:
que mancha retinta lhe cérca e roxeia
seus olhos chorosos, seus olhos tão bellos !
 E á luz d'essa vela,
 a misera Estella,
expressa co' o lapis seus ternos desvelos.

De pinho singelo n'um leito indigente,
de pobres andrajos apenas coberto,
soára um gemido tão debil e incerto,
que só mães o ouviam: Estella o presente:
 e a luz amarella,
 que ondeia na vela,
batia no rosto de um anjo dormente.

Estella voára ao leito,
e n'um delirio amōroso
apertava contra o peito
aquelle penhor mimoso

do seu desditoso amor!
 Que prantos que ella não chora!
 que amparos que não implora
 ao seu anjo guardador!
 e tão triste chora, e tanto,
 que, bem no diz seu aspecto!
 quizera esconder em pranto
 seu recém-nascido encanto...
 encanto que antes de um'hora
 a triste verá desfeito!

Escondeu com mil cuidados
 nas prégas da camisinha
 esse papel que escreveu!...
 Ouviu passos apressados,
 apertou mais a filhinha,
 e ajoelhou, e tremeu.

E os passos eram mais perto...
 e Estella mais a tremer
 disse á sua flôr d'um'hora
 que a não podia entender:—
 —«Reza... reza a Deus, ó filha!
 que vaes... que vamos morrer!»—

A porta rodára nos gonzos veleiros!
 Entraram dois vultos de negro vestidos;
 Jesus!! eram elles!! irmãos convertidos
 em tigres famintos, fataes, carniceiros!
 que á luz d'essa vela
 de cera amarella,
 luziram nas trevas punhaes traiçoeiros!!

.....

Quem acode á pobresinha,
que morre indefeza e só!
ó Virgem Santa! Rainha
de céos e terra, tem dó!

Tem dó! salva a desgraçada,
que peccou, sim, mas que é mãe!
junto á cruz ajoelhada
ai! tu pedias tambem!

Mostra-lhe a face divina,
accende mais essa luz!
Por todo o que desatina
morreu teu Filho na cruz!

Tem dó! salva a desgraçada,
que pena tanto!... que é mãe!
ao pé da cruz abraçada,
ai! tu choravas tambem!

Corre, Dom Jayme, não pares;
se amas, se és nobre, vem já;
se um momento só tardares,
tua Estella morrerá.

Em cada beijo materno,
vai um suspiro por ti...
Oh! tu transpunhas o inferno,
e vinhas salval-a aqui!

Não haver anjo bemdito
que n'este instante fatal,
mostre ao pobre do proscripto
esta tragedia infernal!

Se um rosto viras tão terno
 chorando tanto por ti...
 Oh! tu transpunhas o inferno,
 e vinhas salva-a aqui!

Viuva rôla que no ermo choras
 e sem abrigo, e só, já nada esperas!
 o relógio fatal parou nas horas
 das tuas dezenove primaveras.

Ante os rostos sinistros, carregados,
 incapazes de affectos carinhosos,
 d'esses teus dois irmãos desnaturados
 que nem viram teus prantos dolorosos,

— «Já! meus irmãos! — disseste — já? tão cedo?!
 olhai: não acordeis esta innocente
 tão formosa, tão pura, e tão sem medo,
 tão visinha da morte, e tão dormente!

Eu, sei: devo morrer; pequei; sim!... Ella!...
 ella que mal vos fez?! pobre, coitada!
 ai! se poupaes a vida á flôr singela,
 Deus vos perdôe a vós, e á deshonrada!

Mas se tem de a lançar no mesmo abysmo
 essa tremenda lei que nos condemna,
 oh! lavai-a nas aguas do baptismo;
 Deus que m'a leve, e morrerei sem pena.

Tão amigos que fômos n'outra idade!
 tantos sonhos communs, tanta alegria!...
 N'este momento extremo, ai! que saudade
 tenho dos meus jardins d'Andaluzia!

Em nome d'esses dias de folguedo
vos imploro esta graça — e pôz as mãos! —
Não é, não é por mim que eu tenho medo!
Se vós tivésseis filhos, meus irmãos!...» —

A estas vozes tão ternas
que peito se não rendera! ?
Não; não ha fera tão fera,
que não tenha um coração!
Só se não rende a soberba,
que tem entranhas de pedra,
que em prantos se faria e medra...
sómente a soberba, não.

— «Dá-nos tua filha e reza,
e pede perdão a Deus;
bem vês que sobre essa mesa
tens a rainha dos céos!
se não tens vergonha d'ella,
se a salvação te desvela,
reza por ti; pelos teus.» —

Sahiram. Outros dois vultos
esperavam junto á ermida,
tão sumidos, tão occultos
pela neblina gelada
do frio mez de janeiro,
como a serpente escondida
no leve pó d'uma estrada,
espiando o passageiro;
só pelo cerrado escuro
cruzou o tenue susurro
d'este segredo agoureiro:

— «Alerta.»

— «Promptos.»

— «Tomai! »

Coragem, por S. Thiago!
 Se não acordar, deixai-a
 na *Cava*, junto do lago,
 debaixo do velho olmeiro;
 se acorda e chora, matai-a!

Mal que a ordem fôr cumprida,
 nossos cavallos sellados
 ao pé da pequena ermida,
 onde se invoca o bondoso
Senhor da boa passagem.
 Quando fôrmos procurados,
 sabeis a vossa linguagem:
 nem ha taxal-a de estranha:
 — Lá vão em terras de Hespanha
 bem tristes e amargurados
 em companhia de Estella,
 que a debil saude d'ella
 já dava grandes cuidados! —
 Adeus !» —

— «Adeus !» —

E partiram
 dois a dois aos seus destinos,
 e haveis de ouvir se cumpriram
 o seu mister d'assassinos.

Que faz Dom Jayme? onde o prendem,
 que n'este instante não vem?
 ha quasi um mez que se esconde,
 que o não descobre ninguem;
 e nem seu pai sabe aonde,

nem a consternada Estella,
nem o finissimo olfacto
da justiça de Castella
que o pesa a ouro! nem ella!

Anninhas e Dom Martinho,
ha quasi semana e meia
trocaram pela cidade
as singelezas da aldeia;
do nobre velho a saudade,
não lhe ensina outro caminho
que não seja o dos mendigos.
Era andar de noite e dia
correndo de porta em porta
as casas dos seus amigos!
E na sua alma sombria
d'onde fugira a bonança,
nem um raio d'esperança!
nem um sonho d'alegria!

Pedia a todos o indulto
para o filho tão querido,
perguntando qual o insulto,
que assim o tinha perdido.

Toda a cidade chorava
as penas do nobre velho,
e cada qual encontrava
d'aquelle rosto no espelho
vestigios reveladores
de seus guerreiros ardores,
e os seus nobres sentimentos,
generosos, varonis.

Ai, velho! que de tormentos
 não padeceste, infeliz!
 Emquanto de instante a instante
 tu pedias incessante
 aos amigos, aos parentes,
 conhecidos, indiffrentes,
 ao alcaide, aos aguazis!

Alta noite, em casa entrava,
 beijava os olhos pisados
 da filha que o espreitava:

— «Teu irmão... nossos cuidados...» —

— «Não sabeis d'elle?» —

— «Bem vês...

mas tenho esperança nos céos!» —

— «Talvez ámanhã...» —

— «Talvez!...

Reza, filha, pede a Deus.» —

E nada mais,
 que o resto eram só ais.

Na manhã do mesmo dia
 d'este successo fatal,
 toda a cidade vestia
 neve, jaspes e crystal,
 e os raios do sol brincavam
 n'este quadro festival.
 Se folgava a natureza,
 não folgava Dom Martinho.
 e n'este dia a tristeza
 ensinou-lhe outro caminho.

Entrou na casa ostentosa
de Dom Cesar d'Aragão,
altiva a fronte rugosa,
comprimido o coração.

Ninguém sabe o que disseram;
guardou segredo o salão,
testemunha cego e mudo:
o pagem, sim; ouviu tudo,
que os escutou do portão.

Como o nauta amargurado,
que em vez da luz da bonança,
tem céu negro, e mar cavado,
triste como a desp'rança,
e, como a morte, gelado,
sahiu d'alli Dom Martinho:
caminhou o dia inteiro,
mas nem fallava, nem via;
era um cadaver mesquinho
que entre as vagas d'esse povo
boiava sem companheiro,
e se abysmava, e surgia;
queria andar, e parava;
ia a parar, e seguia;
queria fallar, calava;
fallavam-lhe, e não ouvia.
Assim morre o sem conforto;
mas faz andar este morto
a febre de uma agonia.

Alta noite, em casa entrou;
vinha molhado e tremia,
e nem á filha sorria,
nem os seus olhos beijou;

para junto da lareira,
arrastou uma cadeira,
e á fogueira se assentou.

— «Não sabeis de meu irmão?» —
— «Calá-te; bem vês que não!
Não cansemos mais os céos...
Dá-me agua que tenho sede!...
Ou Deus não ouve quem pede,
ou tu não pedes a Deus.» —

A porta ficára aberta;
dá meia noite na Sé...
tremeram!... de ouvido áleria...
Distinctamente se ouvia
que apressado alguém subia!
Á meia noite! — Quem é?!

Vulto sinistro, embuçado,
arquejante de cansado,
coberto de neve, entrou.
— «Quem sois?» — lhe pergunta o velho.
— «Não queiraes saber quem sou;
um pobre rapaz sem nome,
mas amigo de Dom Jayme,
pobre qual sou; perdoai-me:
Quereis salvar vosso filho?
sabeis a *Quinta do Bosque*?»
— «Ser.»

— «E não erraes o trilho?»

— «Não.»

— «Haverá meia hora,
que entre as sombras o encontrei;
Dom Jayme decerto ouviu
o que eu a furto dizia:

reconheceu-me e parliu...
antes voou como um raio
áquella casa maldita
onde os punhaes não evita.
Agora, em nome do céo!
correi, senhor, e salvai-o!—

Calou-se e desapareceu:
mas foi dizendo consigo:
—«Fiz bem, era meu amigo;
se me calo... que tormento!
Vamos: cavallos sellados,
ao pé da *Boa passagem*.
Outra vida, outros cuidados:
torno-me agora a ser pagem,
mas fui homem um momento.»—

Na patria de Dom Duarte,
que circundou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão do seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era corregedor.

Mau portuguez vendido;
que só então mandava em toda a parte
n'este reino opprimido,
castelhano ou traidor.

Facil foi aos d'Aragão
achar no corregedor
a seu querer protecção;
denunciaram Dom Jayme
de tramar contra Castella;
crime de conspirador,
que é crime d'alta traição!

e Jayme estava perdido,
se não fôsse precavido
na carta da pobre Estella.

Debalde se correm montes;
debalde se invadem casas;
parece que o criminoso
tem negros antros, ou azas,
que tanto foge e se esconde!
nem a tal zelo responde.
suspeita, signal, indicio,
que prometta ao sacrificio
a tão desejada rez;
e tinham perdido um mez.

E Dom Jayme andava perto,
que o prendia o coração;
e no seu lidar incerto
medonha fascinação
lhe dava a negra saudade;
era o leão do deserto
rugindo em torno á cidade
onde mora o caçador
que as entranhas lhe feriu.
Sonhava a perdida Estella
a chorar em soledade
as culpas de tanto amor,
que elle lhe deu, por seu mal!...
Pobre rôla meiga e bella
na viuvez e na orphandade!...
Para Jayme era picdade
se lhe acudisse um punhal!...
não podia soffrer tanto!
Altivo por condição,
mas curvo ao peso do mal,

lá entra pela cidade,
e escuta de porta em porta,
e comprime o coração!
e uma vez se ergue, imprudente!
para marchar á prisão.
outra vez, como a serpente,
se enrosca na escuridão.
A vida... a vida que importa
a quem só vive pensando?...
Jayme queria morrer,
morrer, sim; porém matando.

E na cidade constava
que tinha levado Estella
para terras de Castella,
e que em Castella casava.
Jayme ouviu... mas n'um momento
lhe disse um presentimento
que não!

E Dom Jayme, o foragido,
ganhára na solidão
a raiva feroz do tigre,
os instinctos do falcão,
e aquelle olfacto certo
que tem o corvo agoureiro
quando aventa a podridão.

Esta noite, a horas mortas,
junto da *Balsa*, emboscado,
viu passar dois vultos negros,
e espiou-os com cuidado.
O resto já vós ouvistes
ao pagem tão seu amigo;
não augmentemos o horror.

Mal sabia o desgraçado
que lhe levavam consigo
o fructo do seu amor!

Dentro do quarto fechado,
ia a noite negra em meio,
ouviu-se angustioso brado,
e nas tábuas do sobrado
um corpo batendo em cheio!
e debil voz moribunda
da vida no extremo aneio
dizer só: — «Jesus! salvai-me!» —
N'isto a porta do aposento,
a impulsos de fortes braços,
voou em mil estilhaços
e viu-se de pé Dom Jayme!

Mostra no vivo rubor
febre lenta que o consome;
erriçados os cabellos.
de fogo os seus olhos bellos!
Dera-lhe a lenta agonia
por meio de tanto amor
faces cavadas com fome,
labios crestados com sêde!
Os dois irmãos fraticidas
ao vê-lo tremeram tanto,
que recuaram de espanto
até á extrema parede!
E trovejou:

— «Miseraveis!
eis-nos emfim rosto a rosto!
nunca provastes o gosto

d'uma alegria infernal ?
Já paguei aos meus bandidos;
respirai, foram-se embora,
não ha que temer agora !
eia, villões, a punhal ! —

E, como o genio da morte,
contra os algozes corria...
mas tropeçou n'um cadaver
que no sobrado jazia !
Os pés nadaram-lhe em sangue...
olhou... tremeu ! Era ella !
E cahiu livido, exangue,
nos braços mortos de Estella !
Beijou-lhe a face já fria,
quiz aquecel-a em seus braços !
Quanto amor ! quanta agonia
n'estes extremos abraços !

Os algozes traiçoeiros,
ao vê-lo inerte no chão,
como abutres carniceiros,
cahiram sobre elle. Então
sequiosos, esfaimados,
no seu delirio infernal,
gritavam os condemnados:
— «Eia, villão, a punhal !» —

Dom Jayme, que os não ouvia,
nem quasi os golpes sentia,
só lhes bradava:

— «Obrigado !

Tinheis a obra incompleta,
vêde que bello mercado:

compraveis o que vos dão !
 Ficaes sem p'riço no mundo,
 e mataes-me esta saudade.
 Por piedade ! por piedade !
 cravai mais fundo, mais fundo,
 que me chegue ao coração ! —

.....

.....

Poucos momentos passados
 na mudez, na escuridão,
 rompe nos ares gelados
 d'um vasto incendio o clarão.

Tu, que provaste commigo
 calix de tanta amargura,
 anda vêr, leitor amigo,
 o quadro da desventura.

À porta da antiga ermida,
 repara n'aquelle velho,
 das chammas tão maltratado,
 cavando uma sepultura.
 Olha o desvelo, o cuidado
 que um anjo de formosura
 põe no curar cada f'rida
 d'um homem ensanguentado,
 que assim lhe diz:

— «Pobre Anninhas !
 minha irmã, que choras tanto !
 ai ! só eu não tenho pranto
 que me suavise o tormento !
 Dize a meu pai, por piedade,
 que me atire áquellas chammas,
 que este morrer é mui lento,

e as chammas breve devoram
os restos de um coração!
Anninhas... já me não amas! —

Olha como todos choram!
Olha um cadaver no chão!

Agora, meu companheiro,
descobre-te e reza a Deus,
que vão plantar no canteiro
a flôr destinada aos céos;
reza e chora, se tens prantos,
que lá cobre a sepultura
amor, mocidade, encantos,
riso, pranto, e desventura.

Olha o que faz a desgraça!
Quem tanto chorou no mundo,
só teve os prantos de um anjo,
de um velho, e de um moribundo;

um ermo, por cemiterio!
por marmore, o freamedal!
e as labaredas do incendio,
por cirios de funeral.

CANTO IV

DOZE ANNOS DE AGONIA

Muito custa a agonia de uma noite
velada em contorsões de ancias mortaes,
no rescaldo de febre que devora
 como um leito de chammas!
Quando se ouve a tormenta lá por fóra
 batendo como açoite
nas ventanas das torres, e entre as ramas
dos ralhadores rôtos matagaes!
Quando os pios dos passaros noctivagos
lembram córos de bruxas infernaes!

Muito custa a agonia de uma noite
 longa, pesada, eterna,
tendo por só vigia uma luzerna
de semi-morta luz que bruxoleia,
e a phantasia a produzir só monstros!
e o sangue a referver de veia em veia!

O silencio da estancia abre-se em vozes
cavas, longinquas, de sahimento funebre,
e de estridentes, scepticas risadas.
A solidão povôa-se de sombras,
que se cruzam sublis sobre as alfombras,
o traje negro, a fronte e as mãos mirradas.

E o relógio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Meio erguido no leito, o agonisante
olha, escuta, espantado,
o cortejo funereo.

Estende a mão, acha vazio o espaço!
Falla como a congresso conhecido,
responde-lhe o murmurio d'um zunido
como de rio turgido distante:
sons da febre, da insomnia, do cansaço.
Suor frio lhe escorre do cabelo;
rega-lhe o peito dorido, arquejante
como fios de gelo.

Esconde-se á visão fascinadora:
sob a roupa se furta, os olhos cerra,
mas não se furta á febre que o devora.
Olhos d'alma penada não tem palpebras
quando o somno lhes foge.

Transfigura-se o quadro. As trevas densas
esmaltam-se de luzes
desiguaes, fatuas, moveis, cambiantes;
são dez, e uma, e cento, e mais, e innumeradas,
aqui, além, mais perto, mais distantes,
congregam-se, dispersam-se, enfileiram-se
fogueiras, raios, cirios, soes, estrellas;

e o pensamento mau que alli domina,
passa, recresce, avulta e se illumina
implacavel, tenaz, no meio d'ellas.
Agora, anjo fugaz de brancas azas,
com rosto de mulher que ama e que chora,
ante elle ajoelhando a Deus implora
perdão para o algoz.

Depois toma nos braços delicados
a cruz que elle arrojou dos hombros fóra,
e desaparece. N'outro fundo agora,
o monstro da vingança a rir feroz,
o remorso do crime ensanguentado,
a miseria andrajosa do peccado,
e a saudade chorosa sobre a urna
de um amor que morreu!

Todas as fórmas veste e tudo imita;
implacavel lhe brada voz em grita
o pensamento negro que o perdeu.

E o relógio pregado na parede,
das horas se esqueceu, seculos mede.

Passada a noite longa da agonia,
o sol com toda a luz d'um claro abril,
vem achar os signaes d'esse tormento
nas mil rugas de um rosto macilento,
e pratear as cãs de uma cabeça
inda hontem juvenil.

E que serão doze annos de agonia ?!
doze annos de uma febre sem repouso !
doze annos de uma noite erma de estrellas !
doze ! doze !! sem ar, sem luz, sem dia ?!
sem um iris no céu da tempestade !
sem um riso de esp'rança na saudade !

sem uma rosa só entre os abrolhos!
 sem um pranto nos olhos resequidos!
 sem um pharol na praia dos escolhos!
 sem uma nota de harpa entre os zunidos!
 sem uma briza amena entre os ardores!
 sem uma gôta d'agua entre os fraguedos!
 sem uma voz amiga entre os horrores!
 sem uma ave do céo nos olivedos!
 Ai! que serão doze annos de agonia?!
 Doze! doze!! sem ar, sem luz, sem dia?!

Inda ao longe a luz do incendio
 de tão sinistros clarões
 do bosque as nevoas espanca,
 quando ao pé da ermida branca,
 onde vigia o piedoso
Senhor da boa passagem,
 os dois irmãos Aragões
 cavalgam sobre os arcões,
 e caminho de Castella,
 picam de redea abatida.
 No céo não fulge uma estrella,
 e do vento uma bafagem
 apagou a luz que vela
 no lampadario da ermida.

Já sobre a crista do Viso
 mudam a frente aos cavallos,
 e param. Por intervallos
 se enrolavam no horisonte
 espiraes de fumo e lune
 que mais e mais se amortee;
 emfim, rebenta, apparece,

qual das fauces de um vulcão.
do edificio que desaba,
medonho, extremo clarão.
salpicado de centelhas:
orvalha-o cinza nevada,
de fumo lhe ondeia o manto,
doura-se a nevoa gelada,
as trevas fogem de espanto.
e na cimeira do Viso
os labios dos cavalleiros
nas convulsões de um sorriso,
apontando ao longe o incendio
taes sons murmurando estão:

— «Amanhã, ruinas só:
entre as pedras derrocadas
não ha sangue, nem ossadas:
ha cinzas, e cinza é pó.» —

Voltam as redeas com sanha,
e vão caminho de Hsepanha.

Seis mezes são já volvidos:
e lá na aldeia das flôres
são tudo penas e dôres,
murmuração e gemidos.
Morreu Dom Jayme? E mistério:
ou talvez mirrado esteja
n'algum profano vallado:
que não dobrou a finado
na torre da sua igreja,
nem jaz no seu cemiterio!

Mas a justiça da Hespanha
resfriou d'aquelle ardor,
d'aquella furia tamanha
de achar o conspirador!
Os bons vizinhos da aldeia,
fallam de crimes horrendos,
e na fonte, e no serão,
fallam baixo as raparigas,
pondo os cantaros no chão,
carpindo as suas intrigas.
E as velhas dos arredores
rezam com mais devoção
à luz da sua candeia!
O bom velho Dom Martinho
tem crepe no seu braço:
e a formosa moreninha
nunca se vê d'olho enxuto,
traz sempre vestes de luto,
e o cabelo em desalinho.
Mas permanece o mysterio,
que, se Dom Jayme é finado,
ficou por algum vallado,
não jaz no seu cemiterio.

Já lá vai quasi um anno... e que folgedos,
que vida, que ventura, que harmonia,
d'essa aldeana, alegre rapazia
no largo festival dos arvoredos!

Hoje, tudo acabou.

Sentado junto á porta, Dom Martinho
corteja, sem olhar,
os paizanos que vão pelo caminho,
e semelha tão só a suspirar
um guarda melancolico dos tumulos,
e tumulo parece o seu solar.

Os meninos da aldeia tão formosos,
vem de manso mostrar por entre a rama
seus rostos anciosos,
e volvem, quaes vieram, silenciosos,
um dia e outro dia;
já do largo fugiu sua alegria;
nenhuma voz amiga alli os chama:
e com elles das balsas contristadas
fugira o rouxinol das alvoradas.

Um dia, numerosa cavalgada
apeia-se ao portão,
limpa-se da poeira, sobe a escada,
entra pelo salão.
— «O senhor Dom Martinho d'Aguiar?»
— «Eu sou — lhe diz o ancião:
levanta-se e corteja.
— «A quem me cabe a honra de fallar?»
«Justiça de Castella.»
— «Bem-vinda seja ella:
e a justiça de mim o que deseja?
Assentai-vos, senhores: nós, os velhos,
temos o triste jus da nossa idade;
dão-nos a lei os tremulos joelhos.
Sentai-vos e dizei.» —

Acercára-se o alcaide, e em voz pausada
disse:

— «Em nome d'el-rei!
como pai de Dom Jayme d'Aguiar,
que é réo d'alta traição,
tendes vossa riqueza confiscada.
Podeil-a resgatar,
se, vassallo fiel e obediente,
o entregardes á justa punição.» —

Como chamma de um raio, de repente
 se apruma o velho trémulo, cansado:
 faisca-lhe nos olhos fogo irado,
 no rosto se lhe accende a indignação.

— «Mentis ! lhe bradou convulso;
 mentis, senhor Dom villão:
 ou não tendes coração,
 ou não lhe pedis conselho;
 el-rei de Castella é nobre,
 não manda insultar um velho !
 póde mandal-o ser pobre.
 matal-o á mingua de pão,
 mas mandar que um pai lhe entregue
 seu proprio filho ? !... isso não.
 Em nome d'el-rei ?... mentiste,
 senhor alcaide villão !»

— «Mais conta em vós, Dom Martinho,
 que estaes na casa d'el-rei !»

— «Na vossa, lobos famintos,
 bandidos sem fé, nem lei;
 farte-se a Hespanha inclemente,
 do povo no sangue quente,
 na carne da morta grei !

Portugal é lauta boda
 onde come a Hespanha toda;
 lobos famintos, comei !
 N'esse guarda-roupa, além,
 pende uma farda rasgada
 de muito golpe cruzada;
 essa, sim, mandai-a ao rei,
 valor para vós não tem;
 rirá d'ella a côrte nescia,
 como da insignia d'um louco !
 porém se a encarar um pouco
 o duque d'Alba, conhece-a.

Tive uma espada tambem...
ai! mas essa, ha quasi um anno,
dei-a a meu filho Germano,
que, ajoelhado a meus pés,
pela derradeira vez
a mão paterna beijou:
nem já sei onde elle pára,
que a Hespanha, de tudo avara,
de Portugal o roubou.
Ao moribundo leão
porque lançar mais amarras,
se perdeu dentes e garras,
os filhos, o tecto e o pão?
Eu já saíio: antes, porém,
minha filha, o meu abrigo.
deixai que a leve commigo...
se a não confiscaes tambem.
Vem, Anninhas, minha filha.
Daes licença aos meus criados?
são meus amigos provados;
entrai, rapazes, entrai...
Que é isso? prantos aqui?!...
de pranto as faces banhadas...
não envergonheis assim
as minhas barbas honradas!
Cuidado, filhos! valor!
por tão pouco os ais e o luto!?
mostrai sempre o rosto enxuto
e a fronte lisa; valor!
Filhos, estou pobre! apenas
tenho aqui alguns cruzados
que nem suprem meus desejos,
nem pagam vossos cuidados.»
— «Nada nos deveis, senhor!»
bradam em côro os coitados.

— «Não vos quero envergonhar,
nem já isto é meu agora;
mas á fé que ha de raiar
depois da noite, uma aurora
de tremenda punição.
Logar á magra cubiça,
que se vestiu de justiça
e traz a vara na mão!
tome esta bolsa a avareza,
pois quem leva as victualhas
limpe tambem as migalhas
de cima da nossa meza.»—
E arremessou-lh'a ao chão.

Desceu solemne as escadas,
hirto, sereno, altaneiro;
sob as arvores copadas
sentou-se o velho guerreiro.
Escondeu nas mãos a fronte
e tempo largo scismou...
na sua casa defronte
ferreo portão se trancou...

Tudo era silencio; emfim
aos criados lacrimosos
volve o rosto macilento:
— «Meus filhos: tão velho e pobre
nada posso, e nada intento;
vossa affeição é mui nobre...
mas de que me serve a mim?...
de opprimir-me o coração!
Se eu pudesse trabalhar,
matára o dia a lidar,
robusto, alegre e feliz;
se eu pudesse caminhar,

bem longe do meu paiz
iria peregrinar...
faltam-me as pernas e os braços !
Como é cruel esta idade
dos gêlos e dos cansaços !...
Esperar a caridade...
a avareza... os desenganos
á beira d'algum caminho...
Eu não posso nos meus annos
ter por tecto o firmamento !
ter por leito a terra fria !
por gasalho e companhia
o sol, as neves e o vento !
Fazei-me o extremo serviço:
ide pedir a um visinho
para o pobre Dom Martinho
a esmola de um aposento.

.....

Ai ! filha ! dá-me os teus braços,
quero beijar os teus olhos...
vamos no mar dos escolhos
bem prestes a naufragar;
cahiram da arca nas aguas
nossos fortes companheiros;
nós somos os derradeiros;
pomba, quem te ha de salvar ? !
Não posso mais do que amar-te.
Pedi a esmola primeira
para a minha companheira,
que eu... morria em qualquer parte.»

— «Pai: não vos lembraes de um dia
que lêstes um testamento
no pobre, escuro aposento
de um velho que se morria?
Não sois pobre, descançai!
que, pois, não foi confiscado,
tendes ainda o legado
que vos deixára meu pai.»

— «Cala-te, filha, pela Virgem pura!
oh! nunca digas a ninguem que és minha!
olha que, se a justiça o adivinha,
rouba-me o teu amor, tua ternura!
e que ha de ser de mim tão só no mundo?
quem me ha de consolar no meu martyrio?
se te arrancam d'aqui, meu casto lyrio,
que me fica no mundo? a sepultura!
Anninhas, cala-te, a ninguem o digas;
ai de mim se a justiça te escudou!
Que aura amenisará minhas fadigas,
se até meu coração já se mirrou...
ai! se eu pudesse chorar!...
olha estas veias das fontes!
não m'as sentes latejar?
N'este recinto falta a luz e o ar!...
Filha, segura o sol, que se esmorece...
molha-me o coração, que se escandece!...
Filha, segura o sol, que pare ahi,
olha que ao derradeiro seu clarão
foge a minha razão,
e louco morro aqui.

A febre... a febre... o incendio que devora...
une o teu rosto ao meu, Anninhas, chora...

assim... assim... em fio, anjo formoso!
deixa cahir teu pranto abençoado
n'este rosto enrugado,
n'este peito calmoso!
Lava-me em pranto a dôr do meu tormento!
Ai, filha, que me foge o pensamento;
a vista se me tolda em noite escura...
lá vem... não vês?... lá vem a passo lento
a morte... ou a loucura.» —

Veio o desmaio sopitar-lhe a angustia,
almo conforto que durou tão pouco;
nos braços debeis da chorosa Anninhas
cahira um martyr, acordára um louco.

Filha chorosa, duas vezes orphã,
fonte perenne de eternal frescura,
sê mãe, conforto, providencia, filha,
ao velho martyr que não tem ventura!

Estende as azas, meiga rôla, estende
sobre essa fronte que a desgraça enruga!
Anjo da guarda, suas ancias calma,
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga!

Meiga avesinha da fechada selva,
canta-lhe os carmes que a saudade inspira!
Orpheu vivo, condoendo o inferno,
David humilde, cumpulsando a lyra!

Abranda as mágoas do Saúl, prostrado
da sêde ás palhas, do fastigio ao nada!
estanque a fonte que nos olhos tinha,
a alma sem viço lhe pendeu mirrada!

Ha gente escrava de uma estrella infausta,
fixa, immutavel, que a domina e vela!
como sentar-se? se lhe conta os passos!
como fugir-lhe? se a vigia a estrella!

Estende as azas, meiga rôla, estende
sobre essa fronte que a desgraça enruga!
cahiu escravo de uma estrella infausta;
beija-lhe as faces, o suor lhe enxuga!

O sol era posto. As trevas da noite
surgiam dos antros, dos troncos, do chão.
Da aldeia das flôres, ao largo dos freixos,
chegava um mendigo de sacco e bordão.

— «Seja Deus aqui, senhores.»

— «Boas noites, Mem Rodrigo.»

— «Quem é? perguntava o louco
á meiga filha que tinha
tão abraçada comsigo;
é castelhano? ou traidor?»

— «É Mem Rodrigo, senhor,
o desgraçado mendigo.»

— «Ah! bem me lembro: na guerra
foste ferido ao meu lado;
muito valente soldado
morreu n'essa ponte, amigo!
Vens ainda agora de lá?
Viste el-rei? falla de manso;
foi perdido o meu trabalho;
debalde ás hostes avanço,
e ralho,
e canso,
que o reino vendido está.

Vens cansado,
roto, descalço, moido,
cheio de fome;
ai, pobre mutilado!
senta-te á mesa, e come!
hoje é dia de boda:
alli come a justiça
da minha mesa em roda:
vai comer, Mem Rodrigo;
dize que te mandei, meu pobre amigo...
tens medo? vem commigo.»—
E marchou.

— «Segurai-o, Mem Rodrigo!
não vêdes como está louco?
Pai, demorai-vos um pouco,
pelo amor de Deus, meu pai!»—

O velho parou.
Tinha cahido o mendigo
ante seus pés ajoelhado,
e taes vozes magoadas
lhe disse, em pranto banhado:

— «Quando agora entrei na aldeia,
chorava cada visinho
pelo nobre Dom Martinho
que não tem casa nem pão;
todas as choças se abriram;
todos, todos o queriam;
e eu tive uma santa idéa;
inspirou-m'a o coração.

— Meus bemfeitores ! clamei,
o velho Matheus um dia,
quando eu na rua dormia,
deu-me a casa em que vivia,
e foi-se a viver no céu;
deixai que á filha, coitada !
pague a divida sagrada
entregando á desgraçada
a casa que o pai me deu;
d'entre vós seja o mais pobre
que recolha o velho nobre;
e esse mais pobre... sou eu.
Será grato a Dom Martinho
achar gasalhado e abrigo
na casa do seu amigo,
morrer onde elle morreu. —
Mal que o meu justo pedido
pela aldeia se derrama,
os visinhos e os criados
levaram lençoes lavados
para fazer-vos a cama.
Faz chorar e rir a um tempo
vêr as ancias e as fadigas
dos velhos, das raparigas,
de todo esse povo afflicto.
Vinde, vinde ! filha minha !
vereis a vossa casinha
linda de fazer inveja;
florida, como um palmito,
vistosa, como uma igreja.
Senhores, vinde commigo.
Vêde-me aqui de joelhos;
ai ! anjo d'estes dois velhos,
mais esta esmola ao mendigo ! —

.....

Já lá vão burgo a dentro ! a noite escura
cobre dos olhos morbidos o pranto.
Noite, bem hajas tu, que aos sem ventura
envolveste nas dobras do teu manto.

A porta do aposento chora a aldeia:
o martyrio não tem outro conforto
 mais que choro profundo:
lá dentro vigiava uma candeia,
como farol que denuncia um porto
 aos naufragos do mundo.

.....

Que triste vida na choça,
que funda melancolia,
que rostos tão macerados,
que suspiros abafados
cada noite e cada dia !

Noites de eterna vigilia,
dias curtos para a lida,
recordações da opulencia,
amarguras da indigencia. .
que vida, Jesus ! que vida !

Dorme o velho em cama... esplendida,
para uma casa tão nua;
Anninhas, n'uma cadeira:
Mem Rodrigo, n'uma esteira.
faz tranca à porta da rua.

Sobre a mesa carcomida,
um Santo Christo singelo;
aos pés, a Virgem das Dôres,
que a pobre adorna de flôres
com fervoroso desvelo.

Junto da mesa, a costura;
uma roseira á janella;
loureiro na cantareira;
e na varrida lareira,
três achas e uma panella!

Sacco e bordão de mendigo,
suspiros a toda a hora;
e este cheiro de limpeza,
que é o aceio da pobreza
quando a virtude lá mora.

Tanto que a aurora se erguia,
ajoelhava a costureira,
bemdizia o Padre-nosso,
fazia o minguido almoço,
regava a sua roseira.

Almoçados os dois velhos,
um, sobraçando a saccola,
saúda os seus companheiros.
e lá vai, dias inteiros,
para os três pedindo esmola.

Dom Martinho, vai sentar-se
bem chegado á costureira,
como roble fulminado,
em terra, sêcco, prostrado,
á sombra d'uma roseira.

E ora attento ao seu trabalho,
a filha abraça, risinho,
ora lhe falla de gloria
co'a perturbada memoria
de quem desperta de um sonho.

Depois as sombras confusas
do seu pesado martyrio,
toldam a luz cambiante
d'essa razão vacillante,
e cresce, e cresce o delirio!

Sacode os membros moidos,
rouqueja-lhe a voz quebrada,
e só lhe acalma o tormento
o cantar saudoso e lento
da filha tão consternada.

Era uma trova que herdára
na sua materna herança;
era uma trova que amava,
porque sua mãe a cantava,
e era um hymno de esperança:

— «Bem hajas, ó luz do sol,
dos orphãos gasalho e manto:
immenso, eterno farol
d'este mar largo de pranto.

Bem hajas, agua da fonte,
que não desprezas ninguem!
Bem haja a urze do monte,
que é lenha de quem não tem!

Bem hajam rios e relvas,
paraíso dos pastores!
Bem hajam aves das selvas,
musica dos lavradores!

Bem haja o reino dos céos,
que aos pobres dá graça e luz!
Bem haja o templo de Deus,
que tem sacramento e Cruz!

Bem haja o cheiro da flôr,
que alegre o lidar campestre:
e o regalo do pastor,
a negra amora silvestre.

Bem haja a briza ligeira,
que faz visita ao casal,
a beijar a costureira,
e a refrescar-lhe o dedal.

Bem haja o repouso á sésta
do lavrador e da enxada,
e a madre-silva modesta,
que espreita á beira da estrada.

Triste de quem der um ai,
sem achar echo em ninguém!
Felizes os que têm pai,
mimosos os que têm mãe! —

Tal o canto singelo que soltava
a pobre sem ventura,
quando a razão do velho se nublava
de manhã, alto dia, ou noite escura.

E o louco extasiado,
para a filha pendido,
ouvia cada vez mais commovido
e cantava...
Não era canto, não; era um gemido
que soava nas cordas mais saudosas
d'alaúde partido,
escondido nas trevas d'um recanto,
que respondia em vibrações chorosas
ao poderoso encanto !...

Que triste vida na choça,
que eterna melancolia,
que rostos tão macerados,
que suspiros abafados
cada noite e cada dia !

Lá vão as calmas do estio,
brizas do outono lá vão;
vem do inverno o vento frio
varrer as folhas do chão.
Na choça, maior tristeza,
mais orações junto á meza,
mais prantos, maior pobreza,
mais horrenda solidão.

Dom Jayme será finado ?
se é vivo, porque não vem
vêr seu pai tão desgraçado,
e a triste irmã que alli tem ?
Ninguem descobre o mysterio;
não se ouviu dobre funereo,
não jaz no seu cemiterio...
não falla d'elle ninguem !

É noite de janeiro. O vento gélido
uiva nos tectos que a geada espelha;
responde o resonar fundo e pausado
do lasso lavrador em noite velha.

'té mesmo no dormir! a orchestra em tudo!
O vento, a chuva e o resonar, são hymno
do somno salutar.

Da primavera as aves namoradas
tem cantos para as noites perfumadas,
mas seu estro divino
foi prenda preciosa
da lua, das estrellas e das flôres,
que, em vez de adormecer a phantasia,
vem povoal-a mais que em pleno dia
de sonhos de ambição, gloria e amores.

Tudo na aldeia dorme; só na choça,
visinha do *Carvalho da Avoenga*,
crepita uma candeia;
lá dentro ha vozes, que a parede rota
não sabe resguardar.

Que vulto é esse rebuçado e attento
á porta a escutar?
E negro o manto que lhe ondeia o vento,
e a comprida gorra, e as anchas bragas;
e, enquanto o gelo pelo chão se encrusta,
colhida a manga pela mão robusta
lhe enxuga a fronte que lhe sua em bagas*.

.....
— «Deixai o vosso trabalho,
que adoeceis de cançada;
as miudezas da agulha
fatigam mais do que a enxada.

Tendes já a mão gelada,
 e as faces róxas de frio:
 eu não trarei amanhã
 o meu bernal tão vazio.
 Quasi apagada a candeia !...
 podeis cegar, linda Anninhas:
 é tão fina a vossa teia !...
 são tão delgadas as linhas !...
 Vossos olhos melindrosos
 causa-os tarefa tão dura,
 que eu bem os vejo chorosos
 a molhar-vos a costura.»

— «Ês ingrato, Mem Rodrigo !
 a fallares-me em fadiga !...
 Eu sempre tão tua amiga,
 tu sempre a ralhares commigo !
 Quando estava tão contente
 por te dar uma camisa
 da minha teia tão lisa,
 ralhas tu, impertinente !
 Andas ahí quasi nu...
 mas deixa estar que inda um dia...
 Bem; agora choras tu,
 que é para eu ter alegria...»

— «Tenho frio ! quem falla de alegria
 n'este dia de luto !
 vendeu-se um reino ingrato !
 Sómente nos algares, na braveza
 da heroica ilha Terceira,
 se desfralda a bandeira
 do Dom Prior do Crato !
 Que valor ! que firmeza !
 n'esses montes de lavas, que parecem
 ruínas colossaes da natureza !

Eia de pé!
o copo a trasbordar!
No banquete das puras amizades,
brindo cheio de fé,
de amor e de esperança,
á insubmergível arca da alliança
das nossas liberdades!

Filha: para que sopras ao rescaldo?
não vês as linguas de fogo
consumindo a casa inteira?
olha... do sangue a rasteira,
olha os despojos sangrentos
das garras do tigre hispano!
Ai, meu filho, que tormentos!
Faz hoje... faz hoje um anno!
Pobres filhos, quero vê-los!
quem lhes disse que morri?
Dou as barbas e os cabellos
a quem m'os trazer aqui.»—

Ouviu-se um ai afflictivo,
um tenue balbuciar
de brancos labios trementes,
e n'um riso convulsivo
contínuo ranger de dentes.

Começa brando e triste o meigo canto
da pobre costureira:

— «Bem hajas, ó luz do sol,
dos orphãos gasalho e manto...»—

E em fio os crystaes do pranto
a esmaltar-lhe os seus carinhos;
era sobre horto de espinhos
a orvalhar balsamo santo;
era uma briza fagueira,
era o luzir de uma estrella,
era o ramo da oliveira
nos vagalhões da procella.
Era o remate saudoso
de uma paixão de matar,
era o porto bonançoso
nos confins do irado mar...

Quando a syncope findava,
findava a copla tambem:

— «Triste de quem der um ai
sem achar echo em ninguem!
Felizes os que têm pai,
mimosos os que têm mãe!» —

Rijo tufão se desata;
abre-se a porta co'o vento;
cae uma bolsa de prata
nas lageas do pavimento.
E o vulto, que tudo ouviu
no limiar tão attento,
o rosto mais encobriu.
e partiu

Quem fôsse á *Quinta do Bosque*
n'essa noite á meia noite,
lá o achára ajoelhado
sobre o sepulchro ignorado

da triste, misera Estella,
sem temer do vento o açoite
que lhe arrasta o manto ondado
como ao genio da procella.
E taes vozes lhe escutára
sahir do peito dorido,
mãos postas, rosto pendido:

— «Pomba da minha paz, porque morreste,
deixando-me tão só na arca sem rumo
sobre infinito mar?
Pomba, tantas esp'ranças que me deste,
queima-as o desespero; e o lume, e o fumo,
fazem-me suffocar!

Anjo meu guardador, porque fugiste,
deixando o desgraçado companheiro
em tanta solidão?
Fiquei perdido e só, cansado e triste;
ninguem sabe acolher pobre estrangeiro
sem lar, sem afeição!

Menina dos meus olhos, que é do fogo
que te cercou de chammas tão brilhantes
a fronte divinal?
Foi de instantes a luz, sumiu-se logo;
mudaram-se-me os quadros cambiantes
em noite sem fanal!

Ando sem norte aqui, anjo formoso,
a cumprir o rigor do meu fadario
sem treguas e sem fim.
Fez-me um convite o coração lutuoso;
chamava-me hoje um triste anniversario...
e de bem longe vim...

Faz hoje um anno que as flôres
alvas, da côr do jasmim,
d'esse teu seio de amores,
se cobriram de carmin.

Que ás tuas faces mimosas
combinadas do martyrio,
cobriram frescura e rosas
as rôxas tintas do lirio !...

Faz hoje um anno: contei-o
nos estos da minha dôr,
que te escavaram teu seio
para arrancar tanto amor !

Emquanto me alenta a vida
a febre do meu fadario,
serei junto d'esta ermida
ás horas do anniversario.

Embora o mundo me impeça,
tenha eu mares a vencer,
nada fará que me esqueça
do teu sepulchro, mulher.

Meu pai acabo de vê-lo
nas contorções da demencia,
sentado sobre o escabello
da mais escura indigencia.

Meu irmão, em sólo estranho:
eu, sem saber onde vá !
Não ha martyrio tamanho
em todo o mundo !... Não ha.

Mas vês tu ? eu vivo, Estella !
e vivo aqui sem vingança...
São influxos d'uma estrella
prodiga em raios de esp'rança.

A nossa filha, engeitada
por teus irmãos, não morreu !
bem sabes, alma adorada,
que a não achaste no céo !

Por ti, busquei a guarida
de teus irmãos tão ferozes ;
por ella, deixei a vida
aos teus cobardes algozes.

Pobre filha ! n'este mundo,
sem ter o abrigo d'um pai !...
ao pé d'abysmo profundo
em que ella resvala e cái !...

Vou de pousada em pousada,
estudando a rosto e rosto,
desde o sol posto á alvorada,
desde a alvorada ao sol posto !

Já sonhei que d'entre abrolhos
a tomei nos braços meus ;
tinha os labios, tinha os olhos,
Estella, que foram teus !

De fome e frio chorava
a minha pobre menina !...
Vou vêr se um echo da *Cara*
o berço d'ella me ensina.

Tu, que és martyr, minha Estella,
tu, que estás ao pé de Deus,
pede. pede-lhe uma estrella.
que me illumine dos céos.

Deixo-te. sombra querida.
que me impelle o meu fadario.
D'hoje a um anno, ao pé da ermida,
ás horas do anniversario.» —

Lá vai Dom Jayme !... é elle ! tão sósinho
assim por noite escura !
sem tropeçar nas pedras do caminho,
sem se perder na sombra da espessura !...

Vêde-o junto do lago, ao pé do olmeiro,
na esboroada *Cava*...
Limpa o suor da fronte... e olha... e escuta...
e na alma se trava horrenda lucta...
repete-lhe os suspiros cada outeiro...
com suas mãos febris a terra escava !...
e qual fiel mastim, busca e fareja
uma pista adorada,
que deseja encontrar, e em vão deseja !

— «Foi aqui... — «Junto do olmeiro», —
disse o pagem... Não mentia !
voltou apenas foi dia,
e achou o sitio deserto !...
Quem sabe se um pegureiro
passando acaso aqui perto
ouvei gemer minha filha,
e a foi aquecer, chorosa,
sob as dobras da mantilha
de sua mãe carinhosa ?...

Ai! mas se os lobos do monte
 n'estes outeiros sumidos
 lhe ouviram d'alli defronte
 os seus infantis vagidos?...
 Minha filha!... Minha filha!...
 não ouves a minha voz?
 não conheces os gemidos
 da minha angustia feroz?!
 Se morreste, onde os destroços
 do teu cadaver exangue?...
 Não acho, filha, os teus ossos,
 nem sinto o cheiro do sangue!»

Murmurou phrases confusas,
 incertas, balbuciadas;
 fuzilava olhar medonho
 d'entre as pestanas cerradas.
 Olhou *Vizeu* que dormia
 immersa em somno profundo:

— «Ai! quanto eu te devo, ó mundo!...
 da minha desgraça o berço
 alli está!...
 engeitado da ventura,
 tua ingloria sepultura
 onde será?...
 Que te deu a negra sorte
 ao cabo de tantas leguas?...
 Vai, Jayme! guerra sem treguas
 até á morte.» —

O filho predilecto da desgraça,
 firme o punhal, marchou.
 Como por entre um povo um tigre passa,
 assim elle passou.

O raio que da nuvem se dispara,
mais prompto não feriu.
Se um braço mais audaz se levantára,
esse braço, cahiu.

Como o tufão que pas á nu divagado
e o prostra sobre o chão,
tal, castelhana turba coo ao medo
da sombra d'essa mão.

Vai caminho d'Hespanha o foragido
sem esperança, nem fé:
e a justiça na pista d'um bandido,
que não sabe quem é.

A mão que o vai colher, sombria impalpavel,
se esvai, se reproduz
sempre fatal e sempre inalcançavel,
como o ar, como a luz.

E vai, e corre, e luta, e não se cansa
aquelle coração:
mas se esbute o vagir d'uma crença,
cai-lhe o puñhal da mão!...

Qual se esvoaga a pomba junto ao ninho
de implumes fillos seus,
é todo amor, meiguices e carinho,
sobe do inferno dos céos!

O cometa que os céos do infinito
mostrava, nuncio do mal,
pouco a pouco se esconde ao povo afflicto,
na orbita fatal:

assim se ostenta e passa o foragido
 por entre sustos e ais:
 depois conta-se a historia d'um bandido;
 e emfim, não lembra mais.

Um anno lá passa inteiro,
 e após um anno, outro vem;
 e em cada mez de janeiro
 os mesmos sustos tambem;
 que o vulto que entra na aldeia,
 corre ao bosque á meia noite,
 quer o inunde a lua cheia,
 quer o vendavel o açoite.
 Sombra que passa na terra
 n'um giro sempre fatal.
 não acha alcantis na serra,
 nem precipicios no vall'.
 Depois, na *Cava* os lamentos
 nos echos chorando em vão
 larga somma de tormentos
 d'uma infinita afflicção.
 Depois, a desesperança
 levanta o braço do forte;
 depois, o rir da vingança;
 depois, o punhal e a morte.

Vão terminar doze annos de agonia;
 do anniversario o dia vai findar.
 O sol surgiu sem nuvens esse dia,
 e Dom Martinho ergueu-se a soluçar;
 de repente assumiu tanta alegria,
 que era d'acreditar
 que teria sonhado co'a ventura,
 ou com a sepultura.

De cantaro á cabeça, sobe Anninhas
a ingreme ladeira
da *Fonte da Figueira*.
Chega ao meio da encosta, e n'um penedo,
que veste hera viçosa entrelaçada,
se assenta de cansada;
põe sobre a rocha o cantaro;
compõe a solta, descuidada trança,
deita a face na mão, e assim descansa.
Faz-lhe docel a hera,
faz-lhe almofada o musgo.
Era um altar da virgem da candura
aquella rocha dura.

Anninhas, porque olhas tanto
as silvas d'esse caminho?
silvas que não têm o encanto
nem de flôres, nem de amoras:
cadeia de tanto espinho,
Anninhas, porque a namoras?

Porque suspiras ao vê-las?
porque as vês com tal meiguice?
recordam-te horas singelas
de risos, cantos e flôres,
d'essa feliz meninice,
nuncia de ethereos amores?

Soluças? é pois verdade!
Choras?!... E é tamanho o enleio
de tão profunda saudade?!
Deixa esse montão de abrolhos:
olha que rasgas teu seio,
olha que feres teus olhos!...

Eu sei, Anninhas, a historia
d'esse olhar, d'essa tristeza;
guardas, virgem, na memoria
uma esperanza promellida,
protestos mil de firmeza,
e um beijo de despedida.

Foi aqui, n'este caminho,
longe do ouvido mundano;
mas que diga cada espinho
que protestos esp'rançosos
te jurava o teu Germano
por entre beijos saudosos.

Até deixar o silvado,
não vias o teu encanto
a cada passo vollado
a espreitar-te entre os abrolhos?...
Ai, não! não vias! que o pranto
tinha nublado os teus olhos.

Por isso todos os dias
vens encostar o teu rosto
do rochedo ás heras frias...
triste imagem da orphandade!
co'as saudades do sol posto
casando a tua saudade .

E ha tantos annos, coitada!
contados dia por dia,
te vens assentar, cansada;
nas pedras d'esta ladeira,
enlevada na magia
d'uma idéa feiticóira!

E ha tantos annos, ai pobre!
que em vão procuras a palma
do teu martyrio tão nobre!
sempre desmentida a esp'rança!
sempre a nuvem dentro d'alma!
sempre o tufão sem bonança!

Anninhas, vê que te espera
teu pobre pai Dom Martinho;
deixa a rocha, o musgo, a hera
é quasi noite fechada...
Mas além... n'esse caminho...
tiniu e luz uma espada!...

Não vês?!... Insignias de guerra!...
Quem será que a taes deshoras
procura esta pobre terra?...
Eil-o percorre o silvedo...
lá chega?... porque descóras,
Anninhas? de que tens medo?

De novos p'rigos? louquinha!
pois ha maior desgraçada
do que tu és, moreninha?
Quem póde augmentar as dôres
além das quaes não ha nada?
não tremas e não descóres.

Que longo bigode louro,
que talho esbelto, esforçado,
em que ondas espessas d'ouro
se enquadra um rosto queimado!

Traje paizano de Hespanha;
largo chapéo desabado;
roto manto descomposto;
de esporas e desmontado:
e uma cicatriz no rosto,
que é o orgulho de um soldado
quando volta da campanha.

— «Boas noites, minha filha,
diz elle em voz rouca e dura;
daes-me agua da vossa bilha,
que trago tanta seccura
de atravessar tantas serras,
de immensas leguas que andei;
daes-me agua?»

— «Senhor, bebei.

Vindes pois de longes terras?»

— «De muito longe... Obrigado;
mas vou encher-vos o cantaro,
que vos fica tão mingoado.»

— «Senhor, não vos enfadeis,
nem vós sabieis a fonte.»

— «Oh! que sei! alli defronte,
no fundo d'esta ladeira,
fica a *Fonte da Figueira*...
mas... que é isso? estremeceis?»

— «Senhor, dizei por piedade,
vindes da guerra?»

— «É verdade.»

— «E n'este povo mesquinho
tendes um pai?»

— «Dom Martinho.»

— «Bem hajas, Virgem das Dôres,
que aceitastes as preces minhas!

meu Germano! meu irmão!
 — «E tu, morena, és a Anninhas
 que eu trago no coração?
 Minha pomba, meus amores...»

.....

Essa vida, esse morrer,
 esse chorar, esse rir,
 que penha o sabe escrever?
 que peito o sabe sentir?

À meia noite no bosque
 era Dom Jayme ajoelhado
 sobre o sepulchro d'Estella.
 Doze annos ha que o seu fado
 o manda áquelle sacrario,
 ás horas do anniversario,
 chorar saudades por ella.
 Por entre os robles da selva
 surge uma luz... que será?
 Some as passadas a relva!...
 A luz caminha, sem vozes...
 Ai! se fôsem os algozes!...
 Firma o punhal!

«Quem vem lá?»

— «Jayme!», bradou-lhe uma voz,
 que o triste bem reconhece!...
 Suspira, e contorce as mãos!
 — «Jayme! Jayme! somos nós,
 o teu pai, os teus irmãos.» —
 N'isto as frias mãos do louco

tinham Dom Jayme prendido.
 — «Filho, tens frio? coitado!
 a que andas aqui perdido?
 Ah! já sei: vens ao jazigo
 que eu abri por minha mão;
 vem cá! vem cá, Mem Rodrigo:
 olha o sepulchro de Estella;
 ajoelha também commigo;
 era tão meiga e tão bella!
 Rezemos por alma d'ella,
 rezemos com devoção.» —

Dom Jayme, extatico, immovel,
 presa a voz, hirtos os braços,
 recebia os mil abraços
 de seus irmãos lacrimosos.
 Depois, exclamou tremendo:
 — «A que viestes aqui?»
 — «Por ordem d'aquelle velho,
 que é nosso pai, meu irmão.»
 — «Anninhas, e quem vos disse
 que me acharieis a mim?» —
 — «Quando na aldeia passavas,
 eu bem via a tua mão
 na esmola que nos deixavas.»
 — «Ai de mim... Tu, meu Germano...
 ha vinte dias na Hespanha
 estavas, se não me engano!
 Foi terminada a campanha?»
 — «Não»
 — «Mandou-te acaso...»
 — «Ninguem.»
 — «Como és aqui?»
 — «Por traição.»

A Madrid ha quatro dias
 chegava da Catalunha...
 nem já sei a que lá vim:
 veio trazer-me um soldado
 este papel bem lacrado,
 sobrescripto para mim,
 e este papel diz assim:

— Meu Germano, emfim a sorte
 foi adversa a teu irmão;
 foi preso, vão dar-lhe a morte
 no cadafalso infamante:
 presa com elle estou eu.
 Sê nobre, tem coração!
 vem á *Torre de Vizeu*
 vêr a dôr que nos consome:
 não pares, Germano, vem,
 que nosso pai morre á fome
 sem abrigo de ninguem.
 Germano, por teu affecto
 acode á quem tanto te ama:
 é tua irmã que te chama
 do seu calabouço infecto. —

.....

 Fui lançar-me aos pés d'el-rei:
 pedi-lhe o vosso perdão:

respondeu: — Não !... —

De vos dar o extremo adeus
 pedi-lhe ao menos licença.

— Negada !... —

Tremeu-me o punho na espada !...

— Ousaes em nossa presença !...

— Oh ! revogai a sentença !

deixai que inda veja os meus !...

— Prendei-o !

A espada já nua em meio
brilhou toda á luz do dia !
— Vou punir tanta ousadia !
— Veremos, senhor ! Cuidado !
que ninguem arrisque a mão !
bem vêdes que estou armado,
e não se prende um soldado
como se prende um villão !

Doze annos de lealdade,
doze annos esp'rando em vão !...
Bem pago vou, na verdade;
Rei de Hespanha e de Aragão !

Meu sangue leal vertido
em guerra de irmãos !... Oh dôr !
matar um povo opprimido
ao capricho d'um senhor !
Foge-me o lume da vista
n'esta dôr que me consome...
Rei ! dos rebeldes na lista
manda lançar o meu nome !
Vê como está convertido
este escravo portuguez !
Por um valente, um bandido;
por um soldado, um traidor !...

Agora, amigos, aos lados !
porta franca; vou sahir;
guardai os peitos e as mãos;
vou vêr meu pai, meus irmãos;
e uma vez que o disse, hei de ir !—

Foi a briga encarniçada;
não caí, mas tropecei;
abri co'a ponta da espada
o meu caminho, e passei.
Eis-me perdido. bem vê's !...»

Dom Jayme todo tremia;
em toda a sua agonia
foi esta a primeira vez.

Ninguém viu cair Anninhas
esmorecida no chão.

.....
.....

Além na campa os dois velhos
rezavam com devoção.

Era quasi manhã, quando na aldeia
entraram, sem achar outro conforto
mais que chôro profundo.
Na choça ainda velava uma candeia,
como pharol que denuncia um porto
aos naufragos do mundo.

CANIO V

LATET ANGUIS

Eu nunca vi Lisboa, e tenho pena:
mãe de sabios, de heroes, crime e virtude;
golfão de riso e dôr, que ora serena,
ora referve e escuma em sanha rude.

Rainha do Occidente envolta em sêdas,
vaidosa do seu throno de verdura,
de bosques, de jardins e de alamedas,
rica de joias, ouro e formosura.

Hospitaleira mãe do navegante,
attenuado, errante em mar profundo:
dominadora altiva d'esse Atlante
que vac do mundo velho ao novo mundo.

Arvore, a cuja sombra augusta e santa
ao gélo foge e ao sol a flôr nascida:
onde o cinzel co'a lyra afina e canta
hymnos de fé e amor, trabalho e vida.

Onde o presente se protrae de rastos
e o germen do futuro altivo medra
entre os escombros carcomidos, gastos,
da historia do passado escripta em pedra.

Dizem que em ti o amor é como a rosa
na florecida mão da mocidade,
que a perde, qual a encontra, descuidosa,
sem nem sequer a esmola da saudade !

Chamam-te em alta voz nações inteiras,
e proclamam-no em ti praças e ruas:
protectora de glorias estrangeiras,
desprezadora só das que são tuas.

Chamam-te em vez de mãe, madrasta ingloria
do genio que te pede amparo e vida:
emquanto lês com pasmo a alheia historia,
sem te lembrares... ai ! de que és suicida !

Dizem que te seduz traidora estrella,
egoista, fatal, vergonha infinda !
a lançar-te nos braços de Castella,
que tanto quiz matar-te e o espera ainda !

Sedução de europeis ! soberba insana !
Patria, não posso crêr por honra nossa !
Quem prefere a libré palaciana
á pobre independencia d'uma choça ?

Quem póde crêr a Hespanha ? ! ó patria, acorda:
não desdenhes o grito do alaúde,
que estalará por ti corda por corda,
que é portuguez fiel, embora rude !

Já te chamou amiga, e foi mentira
a simples candidez com que te olhava:
a mascara cahiu n'um' hora de ira!
falsa, chamou-te irmão, e quiz-te escrava!

Seus protestos de amor são algazarras
de motejos crueis, de zombaria!
Quando nos volve a mão mostra-nos garras,
e nos saúda ao som de artilharia!

Vai de Alcantara á ponte: a tua gloria
ennodoada foi n'esse recinto:
evoca a sombra vã, folheia a historia
do duque d'Alba, e saberás se mintu.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

Arcos de Val-de-Véz, contai a ousada
tigrina sanha da feroz Castella:
quantas hostes de heroes ceifou a espada,
quanto sangue leal correu por ella.

Falla tambem, *Valverde*, *Aljubarrota*,
Ala dos namorados tão brilhante:
falla, mestre d'Aviz, conta a derrota
que pairava certa em teu montante.

E dizem que é Lisboa a filha impura
que invoca essa madiasta detestavel!
Sobre o roto burel veste a armadura,
parte essa lousa e surge, ó condestavel!

Acorda a patria e vê que é pesadelo
o sonho de ignominia que ella sonha;
sopra-lhe n'alma o quasi extinto zelo;
salva o teu Portugal d'esta vergonha.

Egoista perdido em teus anhelos
que as lições do passado em nada contas,
repara onde Miguel de Vasconcellos
por honras funerarias teve affrontas.

De Lisboa os monumentos
quem vos pudera pintar!
as igrejas, os conventos,
o Tejo, as torres, o mar
bordado de naus aos centos
de mil diversas bandeiras!
Essas praças galhofeiras,
esses largos, esses caes,
o vozear da cidade,
e a solemne mage tade
dos velhos paços reaes.

Mas eram tristes os paços,
viuvos de nossos reis;
eram alcouces devassos,
escravos de estranhas leis.
Tecto e salões murmuravam
e tremiam na passagem
d'uma ignobil criadagem,
e lamentosos choreavam
os echos desafinados,
porque foram modulados
nas notas d'outra linguagem.

Alli mandavam, por vergonha nossa,
a duqueza de Mantua, vão phantasma
d'um poder que era d'outro, e que não tinha
mais que o frivolo nome de rainha;
Miguel de Vasconcellos, o valido
do conde-duque; portuguez vendido
ao poder de Castella:
e para completar a nossa praça,
faz-se lobo o pastor, e nos devasta
o arcebispo de Braga.
Já todos podeis vêr se era nefasta
de Portugal a estrella.

Ahi tendes os três algozes;
sempre o cutelo na mão
ao mando das roucas vozes
d'aquelles tempos ferozes,
d'aquella feroz nação.
Viessem ferros da Hespanha,
que, para que o povo os temia,
leria por força ou manha,
cada pulso a sua algema,
cada collo o seu grillhão.
Da fome o longo esqueleto
sobre trémula cadeira
junto á gelada lareira
ia-se á noite assentar;
pois, a cada mando novo,
essa trindade execravel,
abysmava o pão do povo
na garganta insaciavel.

E lá nos passos reaes
viuvos de seus monarchas,
fazem serão as três Parcas

em seus decretos fataes:
e lá forjam nossos damnos,
a velha pintando as faces,
ou passando as poídas contas
em louvor dos cherubins;
Miguel, azedando affrontas,
e o padre a descontar annos.
e a errar os seus latins!

Oh pobre Portugal! quem não soubera
de vilipendios taes! faz dó, bem vês,
vêr as rosas da tua primavera
servirem de esteira a estranhos pés!...

Vamos, poeta, mais tarde
virão lamentos e dôr;
limpa da fronte o suor
d'essa agonia, e caminha.
Tomaste a cruz com fé pura;
vê: a rua da amargura
como ainda é longa! caminha!

De outubro era manhã ventosa e fria;
pelos rotos, delgados nevoeiros,
o sol, em plena luz, ao mundo ria,
e prateava os raros aguaceiros.

No atrio do palacio entrava um grupo
de doze cavalleiros;
fallavam do passado, de grandezas
de seus avós guerreiros,
honrados pela patria e pela fé,
veteranos das glorias portuguezas...
Só falla do que foi, quem já não é.

— «Era em abril, meus senhores,
que nossos paes no *Seinal*
junto de *Alcacer Ceguer*,
ouviam as santas preces
d'uma missa festival,
lançada a pedra primeira
d'uma altiva fortaleza,
em que ondulasse altaneira
a bandeira portugueza.

— «A cito de abril, Noronha,
meu avô lá era então;
inda foi bello esse tempo
dos bravos de *Mazagão*.
Mas essa cruz que elles viram
como um iris de bonança,
linha legendas de morte
em vez de morte de esperança.
Resguardada no sacrario
das pedras d'esse *Seinal*,
só nos mostrava o calvario
das glorias de Portugal.

— «Tão moço, Dom Ruy de Abranches,
tão quebrado o coração!
é verme o homem, e morre,
mas não morre uma nação.
Ha sob as cinzas, centelhas;
debaixo do monte immenso
onde o gelo é mais intenso,
lá é que dorme o vulcão!

— «Cuidado, Pinto Ribeiro!
mais baixo, se vos apraz:
vêde essa porta: detraz
ha de haver por força olheiro...

Abriu-se mais... quem me dêsse
as orelhas do espião...

— «Que bello tempo foi esse
dos bravos de *Mazagão* !
lhe tornou Pinto Ribeiro
com rosto mais prazenteiro,
com mais elevada voz,
mas no tempo em que vivemos
teremos-lhe inveja nós ?
de quê ? do Garife Hamet,
rei de Marrocos guerreiro,
a quem Luiz de Loureiro
susteve as iras de pé ?...
Da *Maimona* monstruosa,
cujas balas infernaes,
eram vanguarda dos mouros
em seus combates fataes ?
isso que val', se no fim
de tão suados trabalhos,
as mulheres de *Çafim*,
vestindo fardas reaes
foram servir de espantalho ? !

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados cahiam
sem pedir honras, nem pão !

Perguntai aos pobres filhos
do bravo doutor Gentil,
que ora pensava os doentes,
ora erguia a voz no fôro,
ora ao som d'um grito mouro
brandia a espada subtil.

Se quereis, ide aos herdeiros
d'esse Francisco Marreiros,
o destemido Adail.
Inda mais: ide tambem,
ide ás cinzas perguntal-o
de Bartholomeu Cavallo,
o brioso Almocadem !
Almocadem e Adail
tinham a fortuna immensa
de quatro mil reis de tença !..
Já vèdes como era vil !

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados cahiam
sem pedir honras, nem pão !

Que fez Luiz de Loureiro,
que lhe rendeu seu valor
em ser o bravo primeiro
na tomada de *Azamor* ?

Que fez Francisco Gonçalves
em trazer a *Mazagão*
atados, quatro *Cassizes*
prophetas de perdição
de Portugal !... Infelizes
que viram de dia a dia
realisada a prophecia !

Que valeu ao capitão
vêr o seu filho querido
esquartejado, partido
pelo alfange de infieis,
e romper como um leão

pela phalange cerrada
da tenebrosa emboscada,
dar á morte o coração?...

De nada!

Viu a victoria perdida;
quiz pranto, negou-lh'o a dôr;
quiz morrer, teimou-lhe a vida;
e, por excesso de horror,
viu a cabeça adorada
do seu filho, pendurada
das muralhas de *Azamor*.

Pobre Lazaro Martins!
salvaste o teu capitão,
mas a honra e a liberdade
custou-lhe a tua isenção!
Cada golpe que o buscava
achava a tua armadura!...
É tua historia um poema
em que á honra e lealdade
foi rival a desventura.
Que te valeu, como Lazaro,
resurgir de sepultura
na terra da escravidão?
ficares honrado, obscuro,
enfermo, pobre, e peão!

Francisco e João Ribeiro,
lá mostraram seus ardores
de africanos lidadores:
de rotos elmos de cobre
fui eu, senhores, o herdeiro:
sou... João Pinto Ribeiro,
honrado, plebeu, e pobre.

E haver quem falle do tempo
dos bravos de *Mazagão*,
que mutilados cahiam
sem pedir honras, nem pão! —

E dos nobres o troço que escutava
e os dois sentidos do orador sabia,
por gestos applaudia.
D'ouvido sempre ancioso e d'olho áleria,
ao doutor indicava
inda a traidora porta mal aberta.
Tornou Pinto Ribeiro:

— «Hoje, a Hespanha bemfazeja
que nos dá honras e paz,
estende a mão... protectora,
desfaz as leis que lhe apraz,
e tomou, mau grado á inveja,
o seu logar de senhora.
Deu-nos por vice-rainha
a virtuosa duqueza,
que dá tudo... casa e mesa
de Braga ao santo primaz,
que Deus conserve bem annos
para exemplo a quem não crê
na sua virtude e fé.
Temos aqui por ministro
a Miguel de Vasconcellos,
de cujo zelo tem zelos
Portugal, mas sem razão;
se hoje luz a sua estrella,
tudo elle deve a Castella,
e nada á sua nação.

Se o nosso sangue inda é quente,
e quer perigos de guerra,
senhor Alvares da Cunha,
lá temos a *Catalunha*,
onde o manebo valente
se cá deixa a patria terra,
brazões maiores lá gauha
indo morrer pela Hespanha.

Se os descontentes murmuram
por vêrem abandonados
esses fortes arruinados
das conquistas d'além-mar,
por vêrem perdidos todos
os brazões da nossa gloria
com sangue escriptos na historia,
deixal-os lá murmurar.
Primeiro as questões da Hespanha,
que é nossa senhora e mãe,
e que nos tem sido em tudo
crédora de tanto bem.
Muito embora os estrangeiros
repartam á lei da sorte
nossos despojos guerreiros,
como á tunica de Christo
se fez em Jerusalem.

Que louros terá ganhado,
senhor Jorge d'Aguilar,
vosso sobrinho Germano...
que novas d'elle nos daes?
Como elle ia confiado
na espada de Dom Martinho,

com seus tão louros cabellos,
 com suas faces de donzella !
 Vêdes que honrado caminho
 lhe deu a nobre Castella ?
 d'elle que sabeis ?

— «Eu nada.»

— «Nem eu.»

— «Nem vós ?»

— «Tambem não.»

— «Nem eu mesmo sei, tambem !»

— «Não sabe d'elle ninguem !?»

— «Sei eu, disse um cavalleiro
 que ninguem vira até alli;
 tem sido meu camarada
 desde o primeiro d'abril;
 é na avançada o primeiro,
 nas salas o mais gentil.»
 — «Quem sois vós ?»

— «Um aventureiro

que arranja ouro nos dados,
 mulheres nas estocadas,
 amigos entre os soldados
 nas posições arriscadas,
 e o seu renome de gloria
 nos lances d'uma victoria.»

— «Pareceis portuguez...»

— «Sou algarvio.»

— «E podeis-nos dizer o vosso nome ?»

— «Sou Alvaro Corrêa de Aragão.»

— «De Aragão ?»

— «Foi por meu livre alvedrio

que este nome tomei n'um certo dia;
 é um nome de pura phantasia,
 porque no tempo em que não fui soldado
 chamavam-me Ruy Vaz, o Engeitado.»

— «Que novas nos daes da Hespanha?»

— «Oh! que soberbas mulheres!

valem milhões as malditas!

morenas, olhos de lume,

seios de fogo, amor fundo...

Ai! é um gosto vêr o geito

com que bailam as *Chiquitas*

o fandango mais perfeito

que Deus deixou neste mundo!

Se virdes vosso sobrinho,

isto vos ha de contar;

dá prazer entrar no fogo

com Germano de Aguilar!

Como elle acaba um recontro!

como um raio! certo e prompto

sem desviar a cabeça...

só por voltar mais depressa

as *Chicas* a requestar.

Os homens são mais bisonhos;

tanto melhor para nós!

comnosco ficam as filhas,

emquanto elles fumam sós.

Tudo é prazer! nem o jogo

lá falta, n'aquelle céu!

Jogam bem os castelhanos,

mas nunca tão bem como eu.

E quanta riqueza a nossa,

que inesgotavel caudal!

Na campanha, ha... rios d'ouro

do cunho de Portugal.

Na Hespanha é tudo alegria:

riso e vinho, e ouro e festa;

em toda a parte a folia!...

Isto é triste, isto não presta.»

— «Mais respeito, aventureiro !...» —
Vêr-se-iam ferros brilhar,
se do salão não se abrissem
as portas de par em par.
O ar parou nas gargantas;
ficou tudo confrangido,
como se as portas do inferno
alli tivessem rangido.
Sómente o desconhecido,
firme o passo, erguida a fronte,
ao homem da libré d'ouro
diz com riso impertinente:

— «Cometa, se a tua cauda
fulgente é de bom agouro,
se, como gato por lebre,
por ouro me não dás cobre,
e se és amigo da Hespanha,
ao muito alto, muito nobre
Dom Miguel de Vasconcellos,
vai entregar esta senha.
Sou mandado de Castella;
trago despachos d'el-rei.»
— «Dai-m'os, eu lh'os levarei.»
— «Que bem bordada carcella
tens na farda! no bordado
andaram mãos hespanholas!
És um rapaz aceado,
e has de ter bom coração;
dize ao ministro que as notas
só lh'as dou em propria mão;
vai: dou-te umas castanholas
de puro ebano... Então!» —

O pagem, a vêr navios,
voltou a espalda calado,
entrou; e após, o soldado,
pura raça de algarvios:

— «Agora, meus cavalleiros,
disse elle, voltando atraz,
que os vossos brios guerreiros
não morram n'uma ante-sala;
trocai a tristeza em riso,
trocai o silencio em gala,
e conhecereis um dia
este pobre aventureiro;
hoje não, senhores meus.
Quanto a vós, Pinto Ribeiro...
tenho demandas na côrte,
e vós sois doutor. Adeus!» —

E entrou no salão.

Fechou as portas sobre o grupo attonito,
que se olha absorto, e as interroga em vão:
que alto segredo lhe encaminha os passos?
lhe dicta as vozes, que mysterios são?

No interior do paço á mesma hora,
em aposento estreito e bem cerrado,
o primaz e o valido conversavam,
co'a mesa entre ambos, de questões do Estado.

Na manga o padre os oculos esfrega,
e aviva o lume do fogão visinho;
sombrio e attento o pertinaz valido,
vai lendo a meia voz um pergaminho.

Papeis amontoados sobre a mesa,
outros rasgados tapetando o chão:
os de maior perigo ou mais segredo,
vão-se ao discreto lume do fogão.

Terminou a leitura. Ambos calados,
olharam-se um momento.

— «E agora, padre, que dizeis a isto ?!»
disse o valido emfim.

— «Seja pela cruz de Christo !
Deus nos perdôe ! É pois certo
que este duque de Bragança
quebra esp'rança por esp'rança
quantas havemos sonhado !...
Se de Deus será castigo
por algum grande peccado ?...
Porque nos teima este duque
em não deixar Portugal ?...
Quereis ter a paciencia
de nos relêr o final ?

— «Diz o duque de Olivares:
— Ninguém pôde já hoje duvidar
que o senhor de Bragança ahi conspira,
que reina cavillosa intelligencia
entre elle e a parte ignobil da nobreza;
que a de sangue e valia a nós pertence.
Vejo o nosso bom rei ardendo em ira
contra esse Portugal
por vêr como o Bragança assim despreza
um convite real.
Ha de acabar um dia, e prompto, e já,
a audacia portugueza !

Fará a força o que não fez a manha
 para o trazer á Hespanha.
 Nota minha esperai, que em poucos dias
 alguém vos levará.» —

— «Altos juizos dos céos!
 diz, pondo as mãos, o arcebispo;
 só vós sois os verdadeiros!
 Jurariamos *in sacris*
 que já não havia lobos
 n'este povo de cordeiros!...
 Esperar no rei, e em Deus!»
 — «E no diabo!... Perdão!
 meu reverendo primaz!
 Estes costumes antigos...»
 — «Não façaes caso! entre amigos...
 Em horas de mau condão,
 tambem nós
 fallamos em Satanaz,
 tendo a Deus no coração...
 como vós!»

— «Eu nada sei, padre! nada!
 e não descanso, bem vêdes:
 e tenho a mira apontada,
 e bem dispostas as redes!
 Vêr o duque de tão longe,
 o que eu não vejo em Lisboa!...
 Não vêr a meus pés o abysmo,
 eis a dôr que me magôa!

Inda assim, padre, não creio
 em tão fina hypocrisia;
 mas se esta relé d'ignobeis
 zomba da minha porfia,

essa nobreza bastarda
fuja á luz que a denuncia!
e o tal duque de Bragança
não durma noite nem dia!» —

Erguera-o a raiva em pé;
de cabellos erriçados,
de punhos hirtos, cerrados,
que temeroso não é!

— «Como é nobre o vosso zelo!
Deus se amerceie do duque!
Se é traidor, *morra por ello*
como se fôra um villão!
haja baração e cutelo,
e o infamante pregão!» —

Pôz na meza o *Soli-Deo*,
pôz a mão no coração,
e rezou, que mal se ouvia,
as orações da agonia
com fé pura de christão!

A porta abriu-se; entrou pelo aposento
um vulto obeso, baixo, calvo e feio.
Era Antonio Corrêa, o confidente,
primeiro secretario do valido,
duro como seu amo e mais violento.

— «Que ouviste? inda murmura a ociosa gente?»
— «Tudo é paz e concordia! alguns motejos
aos famintos heroes de *Mazagão*,
louvores á duqueza virtuosa,

ao Dom Primaz de Braga, e ao valido;
de Castella ao poder firme adhesão.
Julguei este dizer não fementido.»

— «Não! — Irovejou Vasconcellos.

Esse amor que elles fingiram,
da raiva encobre o veneno!

tiveram medo, e mentiram.

Sob o involucro sereno

d'essas hypocritas vozes,

germinam traições ferozes.

A que entraram no palacio?»

— «A fugir d'um aguaceiro
que os apanhou no terreiro.»

— «Ide chamar já um pagem

a um d'esses corredores,

e que vá já, e que enxote,

a pontapé, e chicote,

esses cães, esses traidores!» —

Se não fôra o algarvio

de loquaz impertinencia,

como seria o remate

de tão pesada insolencia?!

Trazem, pouco depois, a Vasconcellos

a senha que lhe manda o aventureiro.

Quebra com violencia os regios sellos,

lê, e chega ao brazeiro

a nota. Vai-se por encanto a letra.

Lentamente povôa nova escripta

o papel traçozeiro;

leu de novo a missiva, e um rir satânico

aos labios lhe assomou.

— «Trazei-m'ò! — Agora vós, reverendissimo,

deixai-me só.» —

Só ficou.

Quando á porta do aposento
o aventureiro chegou,
viu Miguel de Vasconcellos
como estatua adormecida;
sobre a mesa os cotovêlos,
nas mãos a fronte escondida.
Cerrada a porta, marchou.
Chegou á mesa; calado,
o vulto petrificado
não dava signaes de vida.
— «Saude ao grande ministro,
tão nobre como Altamira,
tão sagaz como a Sibylla...» —
Entre os dedos do ministro,
chammejava uma pupilla !...
Ficou immovel, calado.

Na cadeira do arcebispo,
sem respeito e sem cuidado,
foi sentar-se o mensageiro:
pôz a espada nos joelhos,
e pôz os pés ao brazeiro:
e recostando a cabeça
descuidosa sobre a mão,
disse, recordando o mote
do nosso velho rifão:

— «*Tal em casa de seu sogro
costuma estar o villão.*»
— «Sem cerimonia, pois não ?»
Rouqueja o valido emfim.
— «Sem cerimonia; é verdade;
é tão bom isto ao fogão...
e faz um frio lá fóra
pelas ruas da cidade !...»

— «Frio ou calor, muito embora !
 sabeis que se não entra assim
 no gabinete privado
 d'um ministro, que é sagrado
 como a pessoa d'el-rei.»
 — «Não vos enfadeis commigo;
 quando aquella porta entrei,
 achei-vos tambem sentado
 sem cerimonia; e deitado...
 quasi a dormir sobre a mesa.
 Quaes ceremonias ?! um amigo
 se é soldado e vem moído,
 quer, sobretudo, a franqueza.
 Sabe tão bem o fogão...
 Vós sabeis gozar a vida !
 como estaes bem precavido
 contra o rigor da estação !...» —

Nunca tamanha audacia entrára em sonhos
 do temido ministro, que alli via
 um homem sem temor, sem cortezia,
 sentado sem licença ao seu fogão
 e volvendo-lhe uns olhos tão risonhos !
 Quem affrontava assim o seu destino ?...
 Ou era um louco, sem razão, sem tino,
 ou era um destemido coração !...

Mirou-o attento; meditou-lhe os traços
 do rosto nobre, da rugosa frente...
 Que bellas ruínas de edificio ingente !...
 Que fundas rugas de profunda dôr !...
 Que estrella infausta lhe encaminha os passos ?...
 Que dôr confrange estas feições sublimes ?...
 Serão remorsos de medonhos crimes ?
 Serão as penas d'interdicto amor ?

Que fez calar d'esse ministro as iras,
ante o mesquinho, que não tem defeza! ?
é temor? é piedade?... ou é surpresa
que as mãos lhe tolhe, que lhe embarga a voz?...
É que a desgraça, com seu cunho eterno,
deixa no rosto dos que em vida esmaga
sello tão nobre, na profunda chaga
que faz d'espanto recuar o algoz!

Ergueu-se o desconhecido;
e rejeitando a ironia,
caminhou para o valido:

— «Perdoai minha ousadia;
vêde como eu me esquecia
de vos dar estes papeis,
e as amigas saudações
dos dois irmãos Aragões,
vossos amigos fieis.
Emquanto lêdes, senhor,
heis de fazer-me um favor:
é dever de bom christão
— *Dar pousada ao peregrino:*
deixai-me estender no chão
estes membros fatigados,
uma vez que estão chegados
ao termo do seu destino.
Se pudesseis calcular
os annos que eu tenho andado
perdido por este mundo,
a andar sempre, sem parar,
deixar-me-ieis repousar
nas táboas d'este sobrado.»

— «Acordaveis magoado;
aqui, n'estas almofadas,
podeis dormir descansado...»

— «Senhor ministro, obrigado!
disse, apertando-lhe a mão.
Vou repousar, sem dormir,
por dois minutos sómente.
Se o meu coração dissesse
a dita que agora sente
pelo bem que me fazeis,
de vós serieis contente!
Tomai, guardai-me esta espada;
guardai-me o punhal tambem.
Que Deus vos pague na gloria
o premio de tanto bem.» —

Disse: e sobre as almofadas
cahiu com sofreguidão;
e em vozes entrecortadas
do somno pelos bocejos
continuou:

— «É pois certo...
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o céo.
Eu fui... como o povo hebreu:
depois do longo deserto...
a terra da promessa!...
O sepulchro é tão quieto ...
é tão suave... a prisão!...» —
E adormeceu!...

.....

Que penna, ou que pincel ha'hi que possa
 mostrar o pasmo do valido agora! ?
 Que anjo, propicio do poeta aos cantos,
 me empresta o genio, me concede encantos,
 me ensina as tintas com que ao mundo absorto
 desenha o esboço d'este vulto immovel,
 attento, confundido, boquiaberto!
 a dúvida no olhar... o ouvido, incerto!...
 represo o respirar... os pés, pregados!...
 na attitude, o respeito!...
 Hirtas as mãos, os braços levantados,
 immoveis, na postura horisontal,
 em que, sem o saber, tinham tomado
 a espada e o punhal;
 com a mesma automatica firmeza
 d'um cabide de bronze, em sala d'armas,
 n'um castello feudal!

Que fundo somno amortece
 as faces do aventureiro!...
 Que resfol'gar compassado
 lhe alteia o peito guerreiro!
 Nos olhos, que róxos lirios!...
 Que fadiga em cada braço!...
 Que prostrações nos seus membros,
 moídos pelo cansaço!...

Que vos mostre a phantasia
 o que não diz o meu canto:
 vêde a imagem do repouso
 ao pé da estatua do espanto!

Durou minutos d'esse grupo a inercia.
Quando o ministro comprehendeu enfim
que o somno era real,
pé ante pé, foi pôr n'uma cadeira
a espada e o punhal.
Foi buscar um pellote longo e quente
d'arminhos guarneecido,
e manso e manso, com desvelo extremo,
cobriu o adormecido.
Com mil cuidados entreabriu a porta
sem o menor rumor;
chamou baixinho, e segredou momentos;
quando entrava de novo, a passos lentos,
nada se ouvia já no corredor.
Sentou-se, e leu do aventureiro as notas;
depois a senha transformada ao lume;
olhou de novo aquelle vulto immovel,
e murmurou n'um tom que mal se ouvia:

— «Quem sabe se elle o presume ? !
— Guardai-me a espada e o punhal, —
me disse elle... É cobardia !...
Além d'algoz... desleal !...
Veremos.» —

Volveu de novo
para o gigante cahido,
e de novo a passos mortos
sahiu com ar decidido.

Voltou ao cabo d'um'hora,
cauteloso, a olhar, a ouvir,
e com sorrisos nos labios,
pouco afeitos a sorrir.

Trazia um cesto no braço,
e um guardanapo a alvejar:
através d'elle filtravam-se
aromas d'um bom jantar.
Põe pergaminhos e notas
em papeleiras vazias:
sobre toalhas de Flandres
distribue as iguarias,
e assenta-se a esperar:
ora pensando absorto:
ora encarando o vulto
quebrado, semi-morto:
ora mirando a senha
com gesto de espantar:
ora o punhal e a espada
contemplava e sorria!...
e alli a phantasia
prendia-se a scismar!...

.....

Passado longo tempo,
mexe-se o aventureiro;
mostra nos labios morbidos
um riso prazenteiro.
Retésa os braços languidos:
boceja a haustos lentos:
descerra manso e manso
os olhos somnolentos,
e diz meio desperto:

— «É pois certo!
meus tão ardentes desejos
realisou-m'os o céu!...
Dormi... como um patriarcha!...
Sonhava... Que sonhei eu?

- «Algum sonho d'alegria.
- «Senhor ministro, bom dia, disse elle desperto emfim. Dai-me outra vez essa mão ! deixai-m'a apertar, assim, ao pé do meu coração ! Venha agora o cadafalso; venha o baraço e o pregão: e vós haveis de contar se eu sei a morte affrontar, se ao verdugo eu sei sorrir. Prompto estou. podeis mandar.
- «Depois de dormir, jantar: depois de jantar... partir.
- «Mas a senha que eu trazia era um decreto de morte !
- «Como ! sabieis...
- «Sabia.
- «E que horrenda phantasia vos arrastou para nós ?
- «Vingar-me da minha sorte, dando a cabeça ao algôz !
- «E o algôz dá-vos a vida, quando a campa lhe pedis !
-
- «Inda uma esp'rança perdida ! Vêde o que é ser infeliz !
- «Pois é tanto o desconforto que vos tomou, cavalleiro ? !
- «Oh ! chamai-me aventureiro, que o cavalleiro... jaz morto !
- «Amigo, vamos jantar; e o meu generoso vinho desfaça a nuvem sombria que ennegrece o vosso dia.

— «Jantar... sim; era essa imagem,
que em meu sonho me sorria.
Quem vol-o disse ?

— «Ninguem;
mas quem n'uma vida errante
não repousa um só instante,
póde não comer tambem.
Vós tendes fome !

— «É verdade !...

Ainda me lembra: um dia,
entrei eu n'uma cidade,
e comi muito ! comia
com louca voracidade...
via mulheres chorando...
e eu cantava, e eu bebia...
era um delirio... uma orgia...
mas não sei onde, nem quando !...
Sou quasi um louco ! O martyrio
não me dá veneno em vão !
Nas contorsões do delirio,
e no estuar da amargura,
eu pergunto ao coração,
se d'envolta co'a ventura
quer destruir-me a razão !...

Eia ! jantemos ! a vida
que eu julgava morta emfim,
como sina má cumprida,
renasça de novo em mim !
N'esta horrenda noite escura,
perdi-me do itinerario
que me dera o meu fadario !
Sempre a rua da amargura
sem descansar n'um calvario !...

.....
Deus o quer ! e pois cumprida
não é minha sina emfim,
jantemos ! renasça a vida !...
Ai d'elles !... ou ai de mim ! —

CANTO VI

DUAS VINGANÇAS

Vingança ! monstro informe, que se nutre
com supplicios crueis que inflige e vê;
tem cabeça de tigre, azas d'abutre,
e garras de panthera em cada pé.

A cauda, é de serpente: e tal se arrasta
reptil nojoso pela serra e val';
assim, vò, fareja, uiva, devasta,
assim, raiva nas rôscas da espiral.

Nos olhos encovados, ferve o sangue;
na bôca, se lhe aninha a malvadez;
na garra cantrahida, a morte exangue
arqueja de faminta, e espia a rêz.

Ai do homem que em dia de mau fado,
desejando acalmar esta fadiga
que se chama viver,
quiz afogar a dôr que a tanto obriga,
e ao social banquete festejado
foi pedir de beber !...

O jantar social é uma orgia;
 cada logar, um leito de impureza;
 cada riso, um baldão!
 onde faz de bachante uma duqueza;
 onde faz de comparsa a mediania;
 e um rei faz de histrião!

Preside á mesa o sórdido Egoismo,
 cortejando as paixões dos seus convivas
 na torpe bacchanal,
 onde trasborda em gotas corrosivas
 o veneno lethal do mundanismo,
 das taças de crystal.

O monstro sanguinario da vingança,
 disfarçadas as garras e a cabeça,
 tem logar d'honra alli.
 Qual do inferno de Dante á porta espessa:
 — *Ó vós que entraes, deixai cá fóra a esp'rança, --*
 ou não entreis; fugi!

Gota a gota nas taças transparentes
 cae a baba pestifera, nojosa,
 d'esse monstro fatal!
 Lá, se infiltra o veneno em cada rosa;
 lá, se exhaure dos lumes recedentes;
 do vinho; do crystal!

Ai do homem, que em dia de mau fado,
 desejando acalmar esta fadiga,
 que se chama viver,
 para afogar a dôr que a tanto obriga,
 no social banquete festejado
 entrou, e quiz beber!...

Do relógio da vida, estala a corda;
para a existencia bonançosa e rica
do infeliz que bebeu!
O cahido ponteiro nos indica
que uma vida chegou do abysmo á borda;
que um'alma se perdeu!

Outro relógio então, o do delirio,
saltitante, veloz, descompassado,
na incerta rotação,
marca os baques do homem despenhado:
as tenebrosas phases do martyrio;
os estos da paixão!

A vertigem, alenta-lh'a a peçonha;
do crime o sorvedouro abre a garganta...
o possesso cahiu
no vertice infernal que o não espanta:
desce, e se abysma na espiral medonha,
e nunca mais surgiu!

De quéda em quéda, ao mundo dos horrores,
pobre estrangeiro que ninguem conhece
pôde chegar emfim!...
Vigia as trevas luz que se amortece!...
O chão se alastra de pisadas flôres!...
São restos d'um festim!...

Membros dispersos das humanas rêzes!
Mulheres nuas!... Homens estirados,
na mão firme o punhal,
dormem somno febril de condemnados.
rouquento o resfol'gar!... Eram as fezes
do festim social!

.....
.....
Ai do homem que em dia malfadado,
desejando acalmar esta fadiga
 que se chama viver,
para afogar a dôr que a tanto obriga,
de sobre a mesa um copo envenenado
 tomou e ousou beber!...

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoléu,
não sentirá mais amores
no coração que morreu!
Ai, que não mais terá flôres,
n'este mundo agora seu!

Nunca mais auras suaves
a fronte lhe hão de beijar!
nem a harmonia das aves,
nem a das ondas do mar,
as suas dôres mais graves
hão de poder abrandar!

O veneno da vingança
no coração lhe morden!
Perdeu-se! ai! perdida a esp'rança!...
Mal haja quem a perden!
Cego nauta sem bonança,
fugindo ao porto do céu!

Sempre com ventos errados,
e de baldões em baldões!
em vez de cantos sagrados,
a harmonia dos tufões!
os uivos dos condemnados!
o retinir dos grilhões!

Vingativo! ai do maldito
que mais que sangue não vê!
corrido, como o precito
que acha um patíbulo em pé!
sem patria, como um proscripto!
sem fol'go! sem Deus! sem fé!

Ai d'elle! que dos horrores
fechado no mausoléu,
não sentirá mais amores
no coração que morreu!
Ai que não mais terá flôres,
no mundo que agora é seu!

Vai findar o jantar dos dois convivas,
no palacio real;
ruga-lh'as faces, cada vez mais vivas,
um sorriso fatal.
Sentados frente a frente, a raiva accêsa
em seus olhos se vê.
Nos gestos convulsivos de fereza,
ora batem c'os punhos sobre a mesa,
ora se erguem de pé.
Vamos ouvir-lhe as vozes comprimidas,
de momento a momento interrompidas
por um rouco gemido.

.....
.....

— «E o mundo todo julgava
que vós tinheis succumbido.

— «Já vêdes que não morri.
Eu fui como a salamandra;
por entre as chammas surgi
crivado de punhaladas!...
Para amor, tinha morrido;
para a vingança, vivi.

Desde esse dia maldito,
não tive patria na terra;
quiz perder-me no infinito.
Declarei, sósinho, a guerra
a toda a Hespanha orgulhosa;
e guerra fiz-lh'a horrorosa!
hontem, bandido na serra;
hoje, sementeiro na herdade;
ámanhã, frade, mendigo,
nas ruas d'uma cidade.
Mas sempre a lutar commigo
a dôr da minha saudade.

Entrei por Castella a dentro;
de porta em porta, escutei,
d'aquelles homens ferozes:
a morte, a seguir-me os passos;
eu, farejando os algozes
da mulher que tanto amei;
e na idéa que eu seguia,
ora furtando-me ao dia,
ora matando passei.

Era em maio, mez d'amores;
apanhou-me a noite escura
junto a *Cacilhas de Flôres*.
Mugia prenhe a tormenta
das nuvens acastelladas;
e das trevas na espessura
vinham tepidas lufadas,
prender-me a cada momento
o andar vago e vacillante,
pelas dobras enfunadas
do meu habito de frade,
de uma ordem mendicante.

Era granizo a torrentes!
perdi a estrada no escuro:
um pé vacilla inseguro;
outro resvala-me e cáio!
e assim perdido e sósinho
pedi a Deus mais um raio
que me mostrasse o caminho!
E o raio desceu... que vi?...
Vi um bandido a meu lado
de bacamarte apontando:

— Nem mais um passo d'ali!
Bolsa, ou vida!—

Ri do engano!

— Minha bolsa é a sacola
que só traz a parca esmola
d'um mendigo franciscano!—

Do trovão aos estampidos,
misturou-se a gargalhada,
mais além repercutida,
porque eram dois os bandidos
que pediam bolsa ou vida.

— Boa prêsa, camarada!
disse uma voz mais distante.
— Boa prêsa, meu amigo!
julguei um rato um gigante!
pedi a bolsa a um mendigo!...
Hoje o céu fez de montanha:
depois de furia tamanha...
para um frade mendicante!
— Irmãos! piedade commigo!—
disse eu, ameigando a voz:
e de prazer e de esp'rança
me saltava o coração!...

— Anda comnosco, frade; bom achado
foi este para nós:
tens a honra de vêr nossa pousada,
onde jámais entrou pé negregado
de cura ou sacritão.
Vaes achar minha mãe amortalhada,
que morreu esta tarde amargurada
sem hostia, nem unção...
Vim á pesca d'um *tuno* endinheirado
que pagasse da pobre os funeraes...
Engraçada irrisão!
quando sonhei na rêde um bom pescado,
tirei um caranguejo e nada mais...
Mas Deus é sempre justo, e acode aos filhos
que respeitam sua mãe!
A coilada chorou muito na vida!
por si... por mim tambem!...
Ai, frade! que me diz o coração
que o seu algóz fui eu!...
Se de martyr, ó mãe! te dei a palma,
aqui te levo o céu!...
Frade! vê bem!... respondes por sua alma!

Vaes entoar-lhe um santo — *De profundis*. —
 Vou calar-me: prepara um *Cantochão*,
 d'esse de que mais gosta o Deus Eterno;
 bem entoadado! bem cheio! bem capaz
 d'arripiar a grenha a Satanaz,
 e fazel-o encovar no extremo inferno.
 Não te distráias, frade, estuda e vamos.

.....

Mugia longe a tormenta,
 e dos matagaes floridos
 a lua dourava os ramos;
 e antes d'um'hora andada,
 transpunha a lobrega entrada
 da caverna dos bandidos.

Que morena feiticeira,
 d'olhos castanhos, fagueiros,
 cantava junto á fogueira
 um soláo de cavalleiros!

— Soberbo canto, Gazella!
 — Bem-vindo sejas, Montera!
 Gil Braz... e o frade tambem!
 — Ao que importa: minha mãe?
 — Como a tormenta é formosa
 por noites de primavera!
 — Minha mãe!

— Jaz sepultada.

— Que dizes?... onde, e por quem?
 — Por mim, que sou cuidadosa;
 fui-lhe coveiro e irmandade;
 dei-lhe um sepulchro entre rochas,
 junto ao cypreste da herdade.

Sobre esse algar de seis palmos
 curvavam-se as oliveiras:
 os raios, eram as tochas;
 as nuvens, as carpideiras;
 e o trovão, cantava os psalmos
 nos côros da tempestade!
 Cabia á mãe de um bandido,
 pompa de tal magestade!
 — És animosa, Gazella!
 — Sou tua amante, Montera!
 — Chegámos tarde, bom frade.
 — Inda bem! — disse entre dentes.
 Tinha o meu habito aberto,
 e mostrava a descoberto
 um cinto d'armas luzentes.
 — Traição! bradava Gil Braz,
 recuando um passo atraz.
 Porque trazias, *tunante*,
 Esse *rosario* escondido?
 — Amigos! juizo e paz!
 não sou traidor, sou bandido! —

Seis dias mais, e nas praças
 d'essa Madrid ruidosa,
 uma bella cavalgada
 entrava, leda e vistosa.
 Dois fidalgos, e uma bella
 sobre um negro palafrem:
 (Gil Braz, Montera, e Gazella!)
 levavam pagem tambem,
 com seu justilho azul-céo,
 que é còr de illustres avós.»

— «E esse pagem, ereis vós?»
 — «E esse pagem, era eu!
 Eu, que trazia a meu soldo
 esses três genios do mal!
 GIL BRAZ, era: — Dom Leopoldo
 d'Espinosa e Cadaval; —
 MONTERA, — Dom Ruy de Luna
 d'Orviedo e de Medina, —
 GAZELLA, — D. Angelina
 de Valladares e Ossuna. —
 Já vêdes que tinham nomes
 dos melhores de Castella!
 Viam chover novos primos!
 Gil Braz!... Montera!... e Gazella!...
 Gil Braz, irmão d'Angelina;
 d'Orviedo, esposo d'ella.
 Tinham cavallos e pagens,
 trens de caça, os mais custosos,
 sêdas, ouro e carruagens,
 de atormentar invejosos.
 Trinta mastins para a serra,
 sangue inglez em cada galgo!..
 Com taes dons, em toda a terra,
 qualquer bandido é fidalgo.

Meu nobre pai! as jóias que me déras
 entre prantos d'amor, saudade e esp'rança,
 serviram de comprar uma vingança,
 unico lenitivo ás minhas f'ridas!
 Comprára-a pelo amor que me tiveras!
 por meus irmãos! pela perpetua palma!
 pela vista dos olhos! por est'alma!
 pelo sangue innocente de mil vidas!

E viviam alli ! esses famintos
de tudo o que foi meu ! Segui-lhe' os passos
dia por dia. A porta dos devassos,
divagava nocturna sentinella.

Pareceu-me inda vêr-lhe' os dedos tintos
do sangue d'ella, e meu !... Era delirio !
mas para haver mais dôr no seu martyrio,
eram ambos casados, minha Estella !

Cesares, lhe chamavam lá na côrte,
de *Cesar d'Aragão*, seu pai: honrado
por Philippe terceiro, mas odiado
pela nobreza que cercava el-rei.
Cesares d'Aragão !... grito de morte,
que soava contínuo a meus ouvidos !
que eu via dar o braço aos meus bandidos,
orgulhosos dos *primos* que eu lhes dei !...

Abraçai, vá, soberbos ! essa escoria,
que é vossa imagem... menos torpe e feia !
Eia, fidalgos de nobreza e meia !
limpai-lhe' as botas, que limpaes a mão !
O vosso pagem guardará memoria
que procurar-me foi da Cava aos muros.
Venho pagar-vos capital e juros.
Mostrar-vos-hei se sou lembrado ou não.

Temieis assassinos ? ! É mentira ;
que sois *primos* de Gil e de Montera ;
da mesma indole e da mesma esphera :
intimos sempre, sordiaes e unidos
que ninguem apartar-vos conseguira,
na rua, em casa, no sarau, na praça,
no templo, no jardim, no val', na caça...
O medo era mentira ! sois bandidos !...

.....

As linhas do meu rosto eram profundas
pelos cem dias d'entre morte e vida;
rugosa a fronte, a vista amortecida,
a barba, intonsa, descurada, esqualida!
Os meus vinte annos de visões jocundas
eram sepultos sob a lousa fria
de cãs precoces, que o prazer não cria;
a face magra, retalhada e pallida.

Quem, n'este espectro, conhecer pudéra
o nobre Dom Jayme d'Aguilar d'outr'ora! ?
quem? n'estas faces em que o sol descóra! ?
quem? n'estes olhos sem vigor?! ninguem!
Mas eu era o Vesuvio sem cratera;
sob as morbidas fórmãs da bonança
subiam labaredas de vingança,
a quererem saltar do seio além.

Quantas vezes n'esses dias
queimados a fogo lento,
minhas mortas alegrias
me vinheis ao pensamento!

Em Madrid achei Germano,
de serviço á cõrte e ao rei;
não no vira havia um anno;
um dia acaso o encontrei.

Que bella farda bordada!
que lindo chapéo listrado!
que meigo riso de fada
d'entre o seu buço dourado!

Alva golilha vistosa !
recamados borzeguins !...
Não tinha flôr mais mimosa
a Iberia, nos seus jardins !

Nas ruas fundas, sombrias,
dos bairros menos ruidosos,
através das gelosias,
viam-no olhos cubiçosos !

Humilde, sem ser escravo;
brioso, em lides e amor;
adivinrava-se um bravo
nos mimos do trovador;

o irmão de cada soldado !
a inveja de cada bella !
no passeio cortejado !
esp'rando em cada janella !...

Pobre rosa desterrada
do teu canteiro natal !
das bellas tão afagada !
vista dos homens tão mal !

Ai, proscripto ! a toda a parte
onde tu vás, meu Germano,
ha de sempre acompanhar-te
d'esta Hespanha o odio insano;

porque és portuguez... ai, pobre !
nome infesto ao teu senhor !
porque és o filho d'um nobre !...
porque és o irmão d'um traidor !

Viu-me, e passou por junto a mim. Tal era
a espessa nuvem que em meu rosto havia,
que nem meu proprio irmão me conhecera
sabendo que eu vivia!...

.....
Era chegada a hora. Alegre ceia
faustosa, rica de crystaes e flôres,
de vinhos e iguarias,
no palacio dos *nobres meus senhores*
D. Ruy d'Orviedo, Cadaval, e Ossuna,
rematava-se em chistes e alegrias.
Eram convivas: os fidalgos Cesares,
Dom Diogo e Dom João;
e as candidas esposas,
filhas d'Andaluzia; ambas formosas:
Camilla de Toledo e Sandoval,
e Rosa de Leão.
Entre os dois d'Aragão era assentada
Angelina d'Ossuna.
Ao pé de Cadaval e d'Orviedo,
Rosita de Leão,
Camila de Toledo.

Que protestos galantes! que mimosos
motes de lindos nada... E quem sabe?
e quem pôde affirmar que *nadas* eram,
palavras que entre risos lá disseram
labios tão fervorosos,
ebrios de vinho, e d'olhos tão formosos?
Quem sabe se eram nada? os dois Cesares,
não eram homens de excitar bocejos,
com vãs palavras, triviaes gracejos,
nos labios de Gazella;

que, enfeitçada, attenta, ao que diziam ledos, curvados sobre os hombros d'ella. dos olhos chammejava e os labios riam !...

Quem jura que eram nadas ? Os meus *nobres* eram bandidos !... não estariam elles esquecidos do seu papel fidalgo, junto ás bellas ? ! Eram *nadas*, talvez que segredavam, ledos, curvados sobre os hombros d'ellas, mas o riso murchava-lhes nos labios !... mas baixavam seus olhos, e córavam. Eu, é que andava silencioso, attento, como bom servo, rodeando a mesa; na frente, a placidez, e a raiva accesa no intimo do peito.

Crescia o prazer, e o vinho desaparecia das taças: os olhos ternos, o risonho aspeito, a meiguice, o carinho, fazem cortejo á formosura, ás graças. Cruzam-se as vozes, mais e mais vibrantes, trocam-se brindes á amizade e amores, firmam-se juras de lembrança eterna, buscam-se agouros, desfolhando flôres.

Erguera-se Angelina:
— Eia ! os copos empunhados !
senhores, todos de pé !
agora o ficar sentados,
de cavalleiros não é.

Bebemos por vós, formosas
de Toledo, e de Leão,
que sois as mais lindas rosas
de Sevilha e de Aragão;
que guardaes beijos amantes,
entre os labios de coral,
aos maridos mais galantes
de Castella e Portugal.

-- Por Camilla de Toledo,
candida estrella do céu!
dizia Dona Ruy d'Orviedo
de copo em punho, e bebeu.

- Por vós, Rosa purpurina,
eterna inveja do val'!
— Por vós, Dom Ruy de Medina!
-- Por Leopoldo Cadaval!
— Por Angelina d'Ossuna!
-- Pelo seu brioso irmão!
— Pelo fidalgo de Luna!
-- Pelos nobres d'Aragão!—

Era um còro de vozes, confundidas
no tumulto; perdidas, enlaçadas
com risos de prazer e gralidão;
e as bellas, já de faces incendidas,
e os seios arquejantes de affrontadas,
eram com seus visinhos assentadas,
só Dom Leopoldo, não.

— Quero pedir-vos, senhores,
um brinde só para mim:
todos vós achastes flôres
a quem dar ternos amores;
só eu não tenho jardim!
Perennes fontes de beijos
se vos dão para beber:
eu só ardendo em desejos,
hei de á sêde aqui morrer?...
É para a *desconhecida*,
cheia de mimo e frescôr,
perenne fonte de vida,
singela rosa d'amor,
que eu peço um brinde. Por ella!
um brinde cheio de fé!
á minha escondida estrella!
eia, senhores! de pé!
— Por ella! — todos bradaram,
beberam e se assentaram.

— Bem é, senhor d'Espinosa,
que nos salões de Castella,
vades achar uma esposa
rica, nobre, pura e bella.
Se a vossa estrella se encobre,
ide buscal-a, que é bem;
rico sois, valente e nobre,
não vol-a nega ninguem.

— Quem sabe, senhores? no campo da vida
se ha lirios e rosas, ha serpes tambem.

— Que medo podeis ler do vosso dia,
que se abre com tão prospera manhã?

— Senhores d'Aragão !
 ouvi dizer que tinheis uma irmã,
 como a Virgem do céu, pura e formosa;
 se eu valho tanto, dai-m'a por esposa !—

Aos membros dos dois malditos,
 aos labios dos condemnados,
 veio o tremor dos precitos,
 a lividez dos finados !

— Oh ! que prazer, senhor de Cadaval,
 teríamos de a vêr a vós unida !
 Andorinha estrangeira n'esta vida,
 voou de junto a nós, por nosso mal.
 Pediu a patria a Deus, e entrou no céu !
 — Morreu ?

— Morreu !

— E ha muito que é finada ?

— Ha quasi um anno.

— E onde é sepultada ?...

Quero esfolhar-lhe sobre a campa flôres !...
 Que idade tinha já ?

— Dezenove annos.

— Quadra do amor ! Deixou de certo amores !

— Era louco por ella um tal... Dom Jayme
 d'Aguilar.

— Conheci-o !... e tu, d'Orviedo !...
 não te lembras ? na aldêa de *Parada*,
 quasi, quasi á entrada,
 n'um terreiro cercado de arvoredos,
 que, alli parando á sombra a cavalgada,
 nos tirou quasi á força do caminho
 um velho, Dom Martinho ? !
 não te lembras, d'Orviedo ? !

— Lembro já!

era um nobre de raça e de conselho;
typo que se chamou — *Portugal velho*, —
que hoje quasi não ha.

Tinha dois filhos... bem me lembro agora,
que o mais velho, Dom Jayme d'Aguilar,
me quiz desafiar,
porque eu lhe ameaçava um perdigueiro.
Era um lindo rapaz, e rico, e nobre,
ousado, e sobranceiro.
Não casaram ?

— Por Deus ! era impossivel
descer Estella,
da mais alta nobreza de Castella,
'lé um leito d'alvura duvidosa...
pobre talvez !...

d'um fidalgo d'aldeia, e portuguez !
— E sabeis d'elle ?

— Sei, jaz sepultado.
— Morreu tambem ? que luctuosa historia !
— Insultou-me, matei-o !

— Vós, Dom João ?
foi a punhal, ou em duelo honrado ?
— Bem sabeis que sou nobre, Cadaval !
sabem cingir a espada os d'Aragão,
não matam a punhal.
— E a vossa pobre irmã, morreu de pena ? !...
— Como ? se o não amava ? !...

Ao saber que morreu, sorriu serena,
e beijou-me ainda a mão com que eu sabia
as affrontas vingar.

Demais, era traidor ao rei, á Hespanha,
Dom Jayme d'Aguilar;
não cabia decerto á nobre Estella
um traidor desposar !

— Não foi pois de tristeza que morreu
a linda Estella na manhã da vida!...
Esqueceu-vos dizer onde ella jaz.

— Jaz na *Sé de Vizeu*.

— Impossivel... Perdão! mas nova estranha
é essa que me daes!

Jaz na *Sé de Vizeu*!... Inda em janeiro
alli estivemos, d'Orviedo e .eu;
é vosso pai, bem lhano e prazenteiro,
nos disse que partireis para a Hespanha
em companhia d'ella!

Como dizer que lá morrêra Estella,
e ha quasi um anno?... Perdoai! mas creio
que a dôr extrema vos produz enleio.

— Sois cruel, Cadaval! para que é dôres
de tanta mágoa. recordar agora!?
não reverdecem mais, pitudas flôres;
não volta a vida, como volta a aurora.

Finou-se a pomba venturosa e bella,
entre os carinhos do fraterno amor!...
E toda a historia que ficou d'Estella.
Não lembra a campa já: só lembra a dôr.

— Haveis de permittir-me, — lhes disse eu,
e olharam todos para o servo audaz;
que vos diga, (que o sei), onde ella jaz:
vindo em auxilio da infiel memoria
d'estes nobres senhores,
que fingem penas, escondendo horrores,
d'essa medonha, ensanguentada historia. —

Ergueram-se hirtos, espantados, tremulos,
 chammejantes, fataes, aterradores!
 cabello em pé! as faces contrahidas
 de raiva e medo! as dextas escondidas
 no seio, onde acordaram seus punhaes,
 que dormiam, bem junto ao coração,
 dôce somno de irmão, ao pé do irmão!

— E de mais!... —

Era um rugir acerbo de vingança,
 mandado aos labios pelo peito em braza.
 — Um insulto d'um servo!... e em vossa casa!...
 Expulsai-o! —

.....
 Nem um dedo se ergueu, nem voz se ouviu!...
 Camila e Rosa, recuaram pavidas,
 como se ás plantas lhes cahisse um raio!
 Aos d'Aragão a lividez dos mortos
 de novo aos labios tremulos subira!
 — Expulsai o villão! ou vós, senhores,
 sois infieis, cobardes e traidores!
 E os rubros olhos faiscavam ira!...

.....
 Tuda o mesmo silencio!...

Eu nos labios trementes tinha o riso
 que teve Satanaz á porta do Eden,
 roubando nossos paes ao paraiso.
 Cahiram fulminados nas cadeiras,
 aos olhos antepoendo a fria mão,
 e rugiam: — Traição! —
 Cheguei-me ás damas que o suor cobria:
 Senhoras! ouvi bem a minha historia!
 Resignai-vos, fidalgos d'Aragão!
 Por noite de janeiro escura e fria,

n'uma quinta emboscada,
 por seus proprios irmãos apunhalada,
 a meiga Estella d'Aragão morria,
 só porque a amára um nobre em Portugal !..

*Os d'Aragão sabem cingir a espada,
 mas matam a punhal
 uma pobre mulher !..*

Quando cahiu nas táboas do sobrado
 para não mais se erguer,
 ouviu-se á porta do aposento um brado
 de raiva e dôr ! tremendo ! horripilante !
 do orphão, triste, malfadado amante.

Dom Jayme d'Aguilar !
 Vinha tarde, senhoras !.. Vós choraeis ? !
 que farieis, se ouvísseis tantos ais

que dava o desgraçado,
 abraçando n'um extasi d'amor
 esse cadaver frio !.. ensanguentado !..

Não ha dôr que semelhe aquella dôr !
 Para c'roar a obra, esses algozes,
 que são vossos maridos,
 cahiram sobre o inerme que chorava,
 esfaimados ! ferozes !

e trinta vezes seus punhaes buidos
 foram em suas carnes embebidos !
 Banquetear de tigres !.. a pousada,
 era um raio de sangue perennal !

*Os d'Aragão sabem cingir a espada,
 mas matam a punhal
 um homem desarmado.*

que escolregou no sangue, e que abraçado
 tem o cadaver da mulher que amou ;
 que nem olhal-os pôde, e que não sente,
 mais do que um corpo frio e sangue quente,
 ao pé do coração que lhe parou !..

Pouco depois o incendio alumia
 a purpurina esteira, em que jaziam
 dois martyres d'amor, que Deus velava,
 enquanto os bons irmãos d'alli fugiam,
 pensando que nas ruinas do edificio
 que o fogo devorava,
 nem vestigios, sequer, de tal supplicio
 a vista mais certa encontraria,
 entre a cinza volatil que ficava
 como trophéo de tanta galhardia!

— Jesus! — gritam as perdidas
 em triste abraço enlaçadas;
 porque foram fraticidas
 bater ás nossas pousadas,
 co'as mãos de sangue tingidas,
 com fallas tão namoradas?!

Cegas de nós! desditosas!
 prêsas d'algozes mortaes!
 Trocámos galas vistosas,
 por crépe, tristeza e ais!...
 Nós!... queridas e mimosas
 nos seios de nossos paes!...--

Eil-os erguidos como espectros lividos!
 punhal em punho que tremendo avança!
 seccos os labios, e nos olhos vívidos
 faiscando o lume de feroz vingança.

— Tu mentiste, villão! por Deus o juro!
 pela tua alma que o demonio espera!...
 — Amigos! vós agora! desarmae-os! —
 E n'isto, mais velozes que dois raios,
 os colheram ás mãos, Gil e Montera,

— Que é isto?! Vós! amigos e parentes...
eis a verdade emfim! somos trahidos!...

Luctaram no estertor rangendo os dentes,
os peitos comprimidos,
os membros a estalar!

— Assassinos, quem sois?

— Somos bandidos!...

— E tu quem és?

— Dom Jayme d'Aguilar! —

Camilla e Rosa, cahiram
desmaiadas sobre o chão;
e os algozes manietados
rugiam raivas em vão.

— Ides morrer lentamente,
fidalgos senhores meus!
sem ouvir um — ai — clemente
nem do inferno, nem dos céos!
Medi bem na vossa mente
a extensão d'esta vingança,
que me referve e me avança
em lava ardente no peito!
Oh! vós amaes loucamente
vossas esposas queridas?!
pois heis de as vêr polluidas
dos meus bandidos no leito!
Heis de as vêr no sacrificio
torpes, manchadas, perdidas,
para mim erguendo, em vão,
gritos d'alma e braços nús
nada as salva do supplicio!
nem Satanaz! nem Jesus!...

Que digam vossos punhaes
 se ao entrar n'um coração,
 respeitam prantos ou ais!
 se eu posso ter compaixão!...

— Perdão para os innocentes!
 bradavam os dois algôzes;
 pranto e soluços vehementes
 truncavam-lhe' as roucas vozes!
 Em nome de vosso pai!
 em nome de vosso irmão!
 perdão, Dom Jayme! perdão!...
 Em nome de quanto amaes
 com sentimento profundo!...
 Em nome de vossa filha
 que vive ainda no mundo!... —

Ouvistes bem a derradeira nota
 da harmonia da angustia, que ressumbra
 do estalar das cordas d'harpa ignota,
 que se desfaz no intimo do seio?!...
 Ouvistes bem aquella voz fagueira?...
 aquelle nome, pronunciado a custo,
 por entre as convulsões do intimo susto,
 como esforço final do extremo anseio,
 lampejo de esperança derradeira?...

Que havia de eu fazer?... se o som tão meigo,
 me achára um coração que eu cria morto?!
 e, vara de Moysés, na rocha do ermo,
 de prantos inundou meu seio enfermo
 que me estancára a dôr e o desconforto?!

Que ha de fazer um pai, quando lhe juram
restituir-lhe a filha idolatrada?!...
ave implume! sem mãe! desamparada!
sem ninho, que a resguarde ao vento frio!
sem aza, onde se acoite ao sol do estio?!

Que ha de fazer um pai, sem uma estrella
que lhe guie nas trevas da incerteza,
o passo vacillante ao berço d'ella,
a quem jura entregar-lh'a viva e bella!...

Ai!...

Que ha de fazer um pai?!...

.....

Perdôa, como eu perdoei,
dando a vingança por ella;
e a filha da minha Estella
desde esse instante busquei.

Corri doze annos em vão,
pelo frio e pela calma,
trazendo o delirio na alma,
e a febre no coração.

Não ha provações mais duras,
nem mais crueis agonias!...
Por crimes, contei meus dias,
e as horas, por amarguras!

cantando coplas d'amores;
trocando nome e vestidos;
já bandido entre os bandidos.
já pastor entre os pastores.

Vaguei doze annos procurando o mytho
que me alentava a esp'rança
sem vêr um astro nuncio de bonança,
na cerração do temporal desfeito
que me alagava o peito.
Sempre a traição a vigiar-me os passos,
enredando ciladas,
em que eu via escondida a arteira mão
dos perfidos fidalgos d'Aragão;
mas nunca mais os vi,
n'esses doze annos que a morrer vivi!...

De longe em longe,
quando esperança e fé tinha perdidas,
por mãos mysteriosas me chegavam
informações mentidas,
que por mais longes terras me levavam.

Tinha meu pai, pobre e louco !
Em cada mez de janeiro,
do meu escasso dinheiro
lhe ia levar um quinhão.
Era o fructo que eu colhia
quando nas praças pedia
esmola, por compaixão !
Era ouro das migalhas,
que ao sacudir as toalhas
os ricos deitam ao chão.
Era um allivio minguado,
mas era o unico honrado
que eu lhe podia offertar;
dinheiro de crime... não !
Ouro roubado !... Esse pobre
fôra e era muito nobre;
nem m'o podia aceitar,
nem lh'o levava esta mão !

Termino, emfim, Vasconcellos:
 Os meus dois anjos do mal,
 deram-me o golpe mortal
 perdendo meu pobre irmão !...

.....
 Perdido !... Todos perdidos !...
 Julgai da minha anciedade,
 correndo de monte em monte,
 e de cidade em cidade !
 Farejando, como a féra
 que a prêsa algures presente !
 de rojo, como a serpente !
 saltando, como a panthera !...
 Quanto eu daria por vê-los !
 por lhe' arrancar as entranhas,
 trazêl-os pelas Hespanhas
 de rastos pelos cabellos !...

Em vasta gruta cavada
 n'um monte junto a *Sevilha*,
 onde, por senlia ajustada,
 me deixava ignota mão
 mensagens de meu irmão,
 noticias de minha filha,
 esta nota encontro emfim;
 escutai bem; diz assim:

— Dom Jayme d'Aguilar ! quando isto lêrdes,
 seremos já bem longe de Castella.
 Se vos queixaes de nós por desgraçado,
 não tendes que invejar á nossa estrella.
 O que fomos, sabeis; agora vêde
 o que resta de sortes tão ditosas:
 fidalgos sem ter patria !
 maridos sem esposas !

E foi vosso rancor quem nos perdeu !...
Sêde contente, e vol-o pague o céu.
Antes de terminar, sabeí, Dom Jayme,
que vossa filha vive em Portugal,
onde um homem só ha, que tudo sabe,
que vos póde mostrar algum fanal.
Ide a Lisboa, aos paços da duqueza;
perguntai por Miguel de Vasconcellos;
mostrai-lhe a senha que achareis inclusa,
que tem sello real;
dizei-vos mensageiro de Castella,
com despachos que levam a chancella
da rubrica ducal.
Entraí afouto sem temer por vós;
achareis recepção franca e leal,
que o juramos nós. —

.....

Cessou a febre um momento;
pensei... Achei-me tão só !...
Ai ! se n'esse desalento
soubessem o meu tormento
as féras, teriam dó !...

Pela cabeça esvaída
segura nas frias mãos,
vi passar da minha vida
os tristes phantasmas vãos,
como em noite mal dormida !...

Que larga esteira de flôres
de tanta esp'rança cahida !...
E que cortejo de dôres,
em torno á campa esquecida
dos meus tão tristes amores !..

E que deserto infinito!
sem agua, sem flôr, sem fructo,
sem brizas e sem verdores!...
Destina-o Deus ao precito,
que nunca vê outras côres
mais, que as do sangue e do luto!...

.....

Vi a traição. Vim procurar a morte,
unico asylo de infortunio tanto!
e vêde bem se desafio a sorte
com labios sem tremor, e olhos sem pranto!

Segunda vez vos imploro
que não tenhaes compaixão!
vereis como de meus crimes
faço inteira confissão.
Só dois favores desejo:
o primeiro, entrar contrito
nos penetraes do infinito.
Mandai-me um padre christão.
Depois, senhor, só invejo
um cadafalso gigante,
d'onde no ultimo instante
eu veja as naus do meu Tejo!
que vejam a minha morte,
que saibam a minha historia,
que ao mundo fique a memoria
d'esta tremenda lição.
Que por justiça tamanha,
salvem á honra d'Hespanha
no rebramar do canhão!
Que digam ao mundo inteiro,
que sobre o cépo infamante,
se mate, n'aquelle instante,

um reino !... que um homem, não !!
porque o pobre aventureiro,
descontando o seu delirio,
nos horrores do martyrio
symbolisa esta nação !—

Escutára Miguel de Vasconcellos,
attento sempre a narração inteira
de tão penada vida.

Quem sabe o que essa fronte anuviada,
occultava d'imagens tenebrosas,
ao remirar as pustulas cancosas
que roíam sua alma fratricida ?!

Via-se alli, algôz de braço armado,
em nome d'essa Hespanha tão soberba,
a degolar um povo desgraçado,
que nas ancias finaes d'angustia acerba,
pousa no cêpo o collo descarnado,
ajunta as frias mãos, e em triste accento
que parece surdir da campa fria,
lhe diz ainda: — Irmão degenerado !
não posso mais soffrer o meu tormento !
acaba-me depressa essa agonia !... —

Ergueu-se em pé:

— «Tinheis razão, Dom Jayme !
foi a traição que vos mandou á morte !
Lisboa, é cada falso ! o algôz, sou eu !
eu ! filho d'esta terra nobre e forte !
renegado da patria onde nascera !
maldito d'esta mãe que á luz me deu !...

Lêde os mandados que essa Hespanha envia;
por essas mesas os vereis dispersos!...

Heis de tremer de horror!

Vereis que nada a fome lhe sacia
confiscos, proscipções, prisão, patibulos,
espionagem, traições, tramas perversos,
as familias tornadas em prostibulos,
a festa em saturnal, o riso em dôr!...

E da immensa hecatombe d'este imperio,
que ha sessenta annos agonisa e morre,
dês que na Africa adusta um pai perdeu,

o Tejo, é-lhe mortalha!

o mar, é cemiterio!

Lisboa, é cadafalso! o algôz, sou eu!...

.....
.....

Em manhã de aziago dia,
surgi do leito de infante,
ao clamor horripilante
d'um festim de cannibaes;
vi meu pai, morto! arrastado
nas ruas d'esta cidade!...
Ninguem viu minha orphandade!
ninguem respeitou meus ais!...

Corri para dar um beijo
no meu venerando espelho:
n'esse cadaver d'um velho
coberto de sangue e pó!
Repelliu-me a turba ebria!
porque os meus ais e os meus prantos
desafinavam dos cantos
d'aquelles peitos sem dó!

Meus braços eram tão debeis...
ir luctar, fôra loucura!
era cahir sem ventura,
era morrer sem matar.
Pedi a Deus, já sem prantos,
a vida! embora mofina!
Tinha prescripta uma sina!
Tinha meu pae que vingar!

Vendi corpo e alma á Hespanha!
cumpriram-se os meus anhelos;
de Miguel de Vasconcellos
treme inteira uma nação!
Na cegueira do meu odio
denegri a nossa historia!
Os hymnos da minha gloria
são pragas de maldição!

Não decorei rosto ou nomes
d'esses crueis assassinos!...
no livro dos maus destinos
meu nome escripto já é!
Nas visões do meu delirio,
da minha dôr enganado,
vi todo um povo culpado;
toda a nação julguei ré.

Fugir agora?!... Impossivel!
Arbusto amaldiçoado,
de tanto sangue regado
prende no inferno a raiz!
Vós que lêdes na minha alma
o meu remorso profundo...
maldiga-me embora o mundo!
vós, não! que sois infeliz!

Agora, essa mão, Dom Jayme:
crê-se a est' hora na Hespanha
que já por traidora sanha
ruge na jaula um leão!
Já vos preparam golilhas
e cavalletes, e cunhas,
duas nobres testemunhas!
dizei quem?

— «Os d'Aragão!»

-- «Adivinhastes! Agora,
de *Almeida* correi aos muros;
lá se acreditam seguros
contra um odio tão feroz!
Esperam mensagem minha
para saudar-vos na côrte.
Vós sois grato! e d'esta sorte
honra por honra! ireis vós!» —

CANTO VII

A GUARDA

Leitor: se queres commigo
vêr n'este nefasto dia,
talvez a extrema agonia
de Dom Jayme d'Aguilar,
deixa o teu lar, se és amigo,
foge dos braços da esposa;
illude a mãe temerosa,
que hemos á noite marchar.

Enquanto desce o sol-posto,
em magros leitos escassos,
dando vida aos membros lassos,
resona a turba aldeã,
o vicio descobre o rosto,
e em lupanar infamante
se estorce, luxuriante,
até rasgada manhã!

Na aldeia mais preguiçosa,
as scenas mais desregradas,
de crimes não são manchadas;
doidas, são; mas não são más!
Lá, não! por mais virtuosa,
as noites d'uma cidade
encobrem muita maldade!
muitos mysterios! Verás!

Junto do baile vistoso,
onde estremadas lindezas
arrastam as almas presas
no seu aereo dançar,
contraste ao riso amoroso,
(á dôr de inhumano insulto!)
jaz cadaver insepulto,
e os orphãos a suspirar!

Aqui se esconde uma sombra;
alli se furtam amores;
áquem se pranteiam dôres;
um grupo segreda além.
Por sobre o arminho da alfombra,
da virgem se entra na estancia!...
É tarde e longa a distancia;
se queres, amigo, vem.

No cimo de monte inhospito,
junto da nevada *Estrella*,
se ergue uma cidade. E n'ella
que vamos, leitor, entrar.
É *fria*, ventosa e humida,
feia, denegrída e *forte*,
que o reino, contra a má sorte,
era obrigada a *guardar*.

Por isso é GUARDA o seu nome;
pois sempre voltada á Hespanha,
de pé, na sua montanha,
a espia no seu lidar.
É hoje, rotos os muros,
veterano sem guarita,
já sem farda e sem marmita,
mas firme sempre a *guardar*!

Nos annos da nossa historia,
era mais triste e mais pobre;
mas sempre leal e nobre,
não quiz a face voltar.
O mais valente guerreiro
póde morrer na peleja;
mas veja a morte ou não veja,
ha de o seu posto *guardar*.

Durante a quadra invernosa,
gelos dos tectos pendentes,
semelham lustres luzentes,
que o sol desfaz a brincar;
tal se vê crystallizado
crespo bigode guerreiro.
após noite de janeiro,
toda velada a *guardar*.

Leitor: eu entro sósinho;
serve-me aqui de atalaia;
espera-me á *Cruz da Faia*,
que tudo te hei de contar.
Eu, que não temo as *cuchillas*
dos *chicos* de Andaluzia,
sou comtigo em vindo o dia,
e a *Guarda* me ha de *guardar*.

Toda a Hespanha em romaria
visitava Portugal.
N'essa noite, a Andaluzia
na Guarda fez arraial;
Granada estava no Algarve,
e Biscaia em Traz-os-Montes,
vendo as selvas encantadas,
pela astucia conquistadas,
e os vergeis, e o sol, e as fontes !
Pois quem não vai visitar
seus jardins á beira-mar ? !

Corria a noite, acordada
de ruidosa confusão;
o velho, a moça, o pimpão,
a redondinha criada,
tudo fazia arraial,
n'aquella noite de festa,
n'aquella noite fatal !
Ia e vinha, linda e lésta,
a voadora andaluza,
repicando a castanhola,
ora amorosa, ora esquiva,
ao som da meiga viola.
e do lascivo pandeiro.

Em pontas de pé, ligeiro,
dançava airosa *garota*,
leve sevilhano arteiro,
que toda a terra alvorota,
com seus borzeguins bordados
de floreado matiz;
com cinturão d'anta e sêda
coberto d'aureos franjados,
porque morre a filha leda,
mas que o pai e a mãe maldiz !

Com jaqueta sevilhana
ramalhada de velludo,
lenço de sêda indiana;
por desleixo, ou por estudo,
cahido atraz do chapéu,
typo altivo, sobranceiro,
ideal das morenitas...
tal o amavam as *chiquitas*,
tal o achei dançando, eu.

Em torno d'elle, giravam
portuguezas fascinadas
querendo ser encontradas
por seus olhos negrejantes!
E elle, vendo que o amavam,
um rir de conquistador
espargia em derredor!
e a seus seios palpitantes,
mandava beijos d'amor!
e a dança mais se accendia,
crescendo mais o arraial
n'aquella noite fatal!

Os paes, já mandam que as filhas
entrem nas suas moradas:
e os filhos de Portugal
davam convulsas risadas,
vendo aquelle ar zombeteiro
com que um ladrão estrangeiro
roubava as suas amadas,
sobre esses seios tão bellos,
chegando a pôr mão profana!...
E aos ciumes do *serrano*,
respondia o castelhano
co'a longa *cuchilla* aberta
migando o amigo cigarro!

traçando-a depois nos dentes,
e atirando aos insolentes
o mais insolente olhar!
ferindo lume ao pé d'ellas,
e com chibante descaro
assoprando fumo ás bellas!...
volvendo logo a dançar,
como quem póde, e não quer!...
E o rancho dos portuguezes,
ficou pallido a tremer!...
Não que de medo estremeça!
mas arrepella a cabeça,
e tristemente a sacode...
como quem quer, e não póde!

Alguns vi, menos ciosos,
dançar allí requebrados,
entretidos, amorosos,
delirantes, enleados
em longa traça hespanhola;
e a rosa d'Andaluzia
repicando a castanhola,
dar-lhe em troco os seus cuidados,
seu amor, sua poesia,
n'aquella noite fatal
de tão vistoso arraial,
de tão bizarra harmonia!
Vi os outros, murmurando
da imprudente sympathia!...
Não sei se tinham razão.
Conhece bem a magia
da lindeza o coração!...
Quem fica frío ao condão
d'um longo olhar andaluz,
como o sol que o alumia
cheio de fogo e de luz?!

Se eu alli não fôra espia...
nem eu sei o que faria!
E fui pensando commigo,
que entre Hespanha e Portugal
não havia um peito amigo
em todo aquelle arraial!
porque o fel d'um odio antigo,
amarga e queima; é fatal!

Quando o amigo traiçoeiro,
com ademan carinhoso,
passeia o nosso quintal,
se aquece ao nosso braseiro,
e alta noite, farto e quente,
se transforma de repente
em nocturno saltador,
o seu inerme hospedeiro
dá-lhe a rir o seu dinheiro,
sua baixella de prata...
mas logo que póde, mata!

.....
Entre Hespanha e Portugal
fica este marco fatal!

Junto ao velho pellourinho,
cruzavam-se os embuçados,
attentos, preocupados...
e eu, seguia o meu caminho
protegido pelo escuro;
roçando n'um pardo muro
meu capote lusitano;
ouvi um leve sussurro...
Fiquei suspenso! parei!...

Era um concerto inhumano
de dois Syllas sanguinarios,
um Catilina e dois Marios;
que cinco vultos contei.

Quem era o desventurado,
que lhes dava tal cuidado,
que assim diziam:

— «Se o vi,

hoje as *Limpas de S. Paio*
atravessar como um raio,
bem vestido e bem montado,
caminho de *Celorico*!»

— «Dom João, que te enganaste!
hontem inda, o criminoso
passava em tortas moletas
pelas ruas de *Trancoso*,
tolhido e roto, a pedir!»

— «Não ha três dias, na Hespanha
se encontrou o aventureiro!
exclama em voz roufenha
o decano dos Golias.

Não póde ser em três dias
heroe de tanta façanha.»

— «Como sois prudente e arteiro,
senhor Dom Luiz! pois bem;
vou contar-vos uma historia
em que todos podeis crêr,
mas que eu não posso entender!
Hoje á tarde... ao lusco-fusco...
(guardai-me isto na memoria):
fui sentar-me de atalaia
nas guardas do *Miradouro*.
Cortejou-me um viajante
a pé. Tornei a encontral-o

quando vinha á *Cruz da Faia*,
mas, bem vestido, e a cavallo !...
Cumprimentou-me e partiu
a toda a brida !... Pasmei !
Inda o vi, mas não me viu,
já perto do *chafariz*,
abraçando as aguadeiras
co'as mais torcidas maneiras
do mais esquerdo aldeão !...
ia diante de mim,
perdeu-se na escuridão !
Eu vinha, pois, aturdido,
e na mais louca anciedade,
quando ás portas da cidade
a mesma voz e outros trajos
se me apresentam diante !
Todo coberto d'andrajos,
mostra a vazia saccola,
estende a mão, pede esmola !
Tremi, benzi-me e rezei !
pois vi-o, em menos d'um' hora:
cavalleiro. — caminhante. —
galanteador, — mendicante ! ! —
E duvidei muita vez,
e a mim mesmo perguntei:
Seriam quatro ? !... talvez !...
Seria o mesmo ?... não sei !
— «Os seus signaes ? »

— «Porte airoso;

barba longa; testa larga;
tisonado o rosto rugoso;
grisalhos cabelo e barba;
figura de meia idade»
«É elle ! — gritaram todos:
e dorme n'esta cidade ? !»

— «Talvez por fatalidade
nos ouça agora fallar!» —
Eu, que ouvira todos, tudo,
fui traço e rosto apalpar,
fiquei de pé, quedo e mudo,
mas fallava o coração
em convulsivo arquejar!
Demais, entrava commigo
de volta, a superstição!...
Ao poeta o céo amigo,
nada lhe quiz occultar
nas horas em que medita!...
Por um singular condão,
transforma-se, e tudo imita!...
É ente cosmopolita,
que não tem patria, nem lar!...
Não tem épocas na vida;
todo o tempo é seu presente:
que em seu eterno scismar,
não sei porque alta magia,
casa a historia á prophécia!
que tudo vê, tudo sente!!
Sejam prova d'este encanto,
estes versos, este canto.
Quem troca o presente seculo
pelo de mil e seiscentos,
e n'uma noite d'outono
troca o domestico somno
por um presago arraial,
só por vêr odios ciumentos
entre Hespanha e Portugal,
e diz que viu, como eu vi,
e que amou, como eu amei,
n'um tempo em que não vivi,
uns labios que não beijei,

não póde levar a mal
que o mesmo condão fatal
o faça no mesmo dia:
cavalleiro, — caminhante, —
galanteador, — mendicante, —
E fôsse ou não valentia,
os embuçados deixei,
fui-me escoando, e marchei.

Que negros os muros da Sé, carcomidos !
Que torres tão juntas do ádito ao pé !
Imagem do afflicto, co'os braços erguidos,
tentando amparar-se... n'um raio de fé !

A porta do templo, que dizem mesquinha,
é bôca de virgem, que ás festas do altar
convida a humildade, dizendo-lhe: — És minha !
Deus quer-te. — E á soberba: não podes entrar ! —

Oh Sé ! Deus te salve na tua montanha !
perfeito retrato do meu Portugal !
Teus muros, de negro ! de galas a Hespanha !
lá dentro, silencio ! cá fóra, arraial !

.....

Nas costas do templo busquei avenida,
que alfim me levasse ao campo, á soidão:
achei-a tremenda ! de horrores vestida !
Sumi-me nas trevas, medi-lhe a extensão.

E rua medonha ! tão negra ! tão fria !
correndo ao direito co'as naves da Sé,
que assim a deshoras, por noite sombria,
jámais ouviu écos de tímido pé !

No fim, negra torre lhe guarda a passagem,
com duas entradas, com quatro punhaes;
outr'ora atalaia guardando a menagem!
agora... só musgo, morcegos, pardaes!

Aqui se projecta mortica luzerna!...
que estrepito é esse! que a casa tremeu?!...
Fiquei-me suspenso!... Cheguei-me á taberna!
lá dentro!... lá dentro!... Jesus!... que vi eu?!...

CANTO VIII

O ÉBRIO

Dentro no antro escuro, na habitação do vicio,
a noite, inda mais negra que as nuvens da tormenta,
cobre as mortijas vascas da luz amarellenta,
que ondeia crepitando, suspensa ao velador!
Vejo empunhando as taças, em tórno á mesa esqualida,
três vultos, que se movem da luz aos movimentos;
cantam nefandas trovas, e os lubricos accentos,
as trevas e o silencio lhe escutam derredor!

Era a suprema orgia em sua imagem sordida!
a furna arremedando o templo das bacchantes!
falsos galões por ouro, e vidros por brilhantes!
palco sem perspectiva, e bastidores nós!
Eram as fezes vis da saturnal esplendida!
de tapetes de arminho e leitos de brocados!
de candelabros d'ouro e prata floreados,
em prismas de crystal repercutindo a luz.

Que sonhos, que a mente sonhára tão placidos,
que risos, tão cheios d'amor e ternura,
dos fundos anhelos de extensa ventura,
que seiva, tão rica, de nobres paixões,
se tisnam, se crestam, no fumo da crápula !
se arrastam, se immundam, do vicio no lôdo !
se prendem, se algemam, da orgia no engodo,
ao posto infamante dos torpes balcões !...

E que amores encontra no prostibulo
o peito juvenil, d'amor sedento !
que a passo incerto, duvidoso e lento,
lhe entrar a vez primeira o limiar !...
Nos mares do Equador sedento naufrago,
um gole de agua dôce ás ondas pede !
e longos tragos sorve, e morre... á sêde !
á força de beber agua do mar !

E que rosas postiças ! e que ancias
de carinhos que escondem bocejos !
Que preguiça d'abraços !... que beijos,
que arrefecem da face o calor !...
E no rosto, que manchas tão lividas !
e que oppressos que os peitos não gemem
e que rôxos que os labios não tremem
a dizer torpes phrases d'amor !

A vida é o mar: luzes phosphoricas
á tona d'agua; mil bandeiras
ao norte e ao sul; d'auras ligeiras,
do mar á flôr, bando subtil.
Debaixo, occultos, monstros horridos;
odios mortaes, sangrentas guerras;
abaixo mais, rochas e serras;
e em todo o fundo, o lôdo vil !...

Ai! que profundos mysterios
envolvem a negra vida
da triste mulher perdida,
que alli se gasta a morrer!
A historia dos suicidios,
quantas lendas singulares,
se furtam nos lupanares
onde é punhal... o prazer!...

Quem sabe que martyrios
o rosto mais sereno
no lubrico veneno
vai afogar alli!..
Quem sabe que miseria,
que extremo d'agonia,
no fumo d'uma orgia
se esconde... até de si!...

Quem julga os indomitos
motejos da sorte,
sem vêr mais que o norte
dos sonhos que tem,
é julgador pérfido
nas penas que escreve:
não pôde, não deve
sorrir de ninguem!

Ao nauta placido,
póde um momento
de mar e vento
trazer a dôr:
fazel-o naufrago!
e n'um desmaio,
a luz do raio
mudar-lhe a côr.

Almas impias !
Risos tredos !
dos segredos
d'ancias taes,
fugi ! ide-vos !
estas scenas
querem penas,
pranto e ais !

Os reprobos
do inferno,
no eterno
'stertor,
nas furias
diuturnas,
das furnas
da dôr,

martyres
taes,
são.
Miseros
mais,
não.

— Mais vinho ! que é sangue virgem
Mais vinho ! que o pago eu !
se o vinho nos abre o inferno,
primeiro nos mostra o céu !
É temporal na bonança !
calmaria no escarcêo !

vulcão a esaldar o gelo!
gelo a refrescar o ardôr!
é vida que desce á campa!
é prazer que esmaga a dôr!
dá sol á noite da vida,
e febre aos beijos d'amor!

Eu quero a eterna vertigem!
não quero ter outro céu!
nem ha fogo mais brilhante,
nem ha melhor Prometheu!...
Mais vinho! que é sangue virgem!
Mais vinho! que o pago eu!...

Canla, Isabel! vê se acalmas
a minha angustia!... Leonor!
tens o teu peito gelado?!
requeima-o! dá-lhe calor!
Beijai-me, bustos de Apasias!
Bebei, adelas do amor!...

Que amor!... De sofregos beijos,
oh! que faminta avidéz!...
Se Deus no céu me dissera
que a não veria outra vez,
trocára o céu de bom grado
pela perpetua embriaguez!...

Ai!... O amor que me arrancaram
levou sangue na raiz!...
Leonor!... porque descóras?!...
Isabel!... porque não ris?!
Alevantai-vos, cadaveres!
Bebei alento, almas vis!

Eu não vos peço delirios;
bem sei que os não podeis dar!
A mulher, esmaga-a o vicio,
mas fica a artista a reinar!
Artistas! fingi d'amantes!
É vosso officio... enganar!

Quem os labios pudibundos
beijou, de casta mulher,
sem se vingar dos algozes
que lh'a fizeram morrer,
só na orgia, só no crime,
póde beijar... e viver!...

Nós já não somos do mundo;
nosso peito, é frio e vão!
e não tem preço na terra,
um peito sem coração!..
Que vale a extincta cratera,
berço e tumba d'um vulcão?!...

Nós somos tres epitaphios
que ninguem sabe entender.
Somos tres fórmulas de gelo
que se não póde aquecer!
que o fogo tudo aviventa!
menos o gelo! mulher!

Eia! o fogo que bebemos
não repassa o gelo em vão!
e d'este momento extremo
nos manda a gasta razão,
que o fogo dos nossos beijos
complete a dissolução! —

E os cantares libertinos
d'esses monstros femininos,
e esses timbres argentinos
temp'rados na bacchanal,
e as risadas que se ouviam,
e os copos que se partiam,
e os beijos que retiniam...
era um concerto infernal!

.....

Era um tripudio vil! Não tinha brios,
nem instinctos, nem sangue, nem razão.
Do vicio os libertinos desvarios,
mataram-lhes no peito o coração!

Vêde o retrato do ébrio: Era formoso!
inda a estatura esbelta! inda viril!
seu rosto requeimado, era rugoso!
mas altivo, mas nobre, o seu perfil!

A testa, longa, larga e descahida!
d'alto pensar, altivo mausoleu!
Crespo, o cabelo! a vista amortecida!...
Vêde se o conheceis tão bem como eu!...

— Foge á sanha feroz dos embuçados!
todas suas pesquisas são por ti!
Es n'est'hora fatal os seus cuidados!
Tens a cabeça a preço, e estás aqui?!

Mal sabes que ao sahir d'este prostibulo,
talvez te arraste o algoz, peada réz!
pelos degraus sangrentos do patibulo,
que espera mais um nobre portuguez!

Lava da face esses vendidos beijos!
 oh! corre! foge! sem atraz volver!
 Tens a vida na fuga!... — Ai! vãos desejos!
 eil-o assentado á mesa! eil-o a beber!!

— «Mais vinho! que a noite é bella!
 E agora, minha Guiomar,
 quero-te vêr ao pé de mim sentar.
 Vejo-te o pranto a borbulhar nos olhos!...
 Porque choras, mulher?! Não vês a vida...
 toda emprestada, sim! mas sem abrolhos,
 que passamos! ó flôr emmurhecida?!

Choras talvez, porque os sonhos
 sonhados na meninice,
 que te agouravam, risinhos,
 tudo amor, tudo meiguice,
 por fim, Guiomar, eram sonhos,
 que a tua estrella desdisse?!...

Ai! linda Guiomar!

Não és só tu a illudida
 na seducção do sonhar:
 ha tanta rosa envolvida
 na immunda vasa do mar!...
 ha tanta virgem trahida!...
 ha tanta vida a penar!...

Não chores, Guiomar!

Tu presencias a orgia
sem lhe provar a doçura?!
D'esta fonte d'alegria
nasce o elixir da ventura!
Ama e bebe, estatua fria;
vende ao mundo a formosura...

Tu córas, Guiomar?

Assomos de santidade
nas trevas d'um lupanar!...
Ninguém crê na castidade
que tanto queres guardar!
Oh! como rira a cidade,
se visse o teu soluçar!

Escuta, Guiomar!

Has de ter ricos vestidos,
e topazios, e diamantes;
verás teus mimos vendidos
por preços exorbitantes!...
Que val' o rei dos maridos
ao pé d'um reino d'amantes?!

Louquinha Guiomar!

Amor é isto!... Esses pejos,
fazem-te as faces murchar!...
Proclama um leilão de beijos!
que eu vou... vai tudo lançar!...
Quem compra a matar desejos,
primeiro deve provar...

Não fujas, Guiomar!

Olha que tenho captiva
 a trança dos teus cabellos!
 Se luctas á força viva,
 serão baldados anhelos!...» —
 E ella, amedrontada, esquiva,
 volveu-lhe uns olhos tão bellos!...

a linda Guiomar!

como a rêz que ao carniceiro
 diz: — porque me vaes matar?! —
 que o seu olhar feiticeiro
 falla mais que outro fallar!
 E ella, olhando o aventureiro,
 não pôde mais que chorar!...

a pomba Guiomar!...

.....

Quem era a donzella candida
 que andava a mesa a servir?
 que ficou presa do ébrio,
 tentando ao crime fugir?
 que, volvendo olhos tão tristes,
 disse tanto em seu olhar?
 que em vez de pudicas iras
 se defendia... a chorar?!
 Era um retrato da Virgem
 pendente n'um lupanar.
 Quem, junto a tanta negrura,
 não tem visto a Virgem pura?!

Lá preside, triste e muda,
do crime ao torpe leilão,
como estrella que scintilla
do vicio na cerração!
Anjo bom da peccadora,
pedindo-lhe o coração;
sempre volvendo-lhe os olhos,
sempre estendendo-lhe a mão!

Ao vêr o quadro da Virgem
no antro da corrupção,
não exclameis:—impiedade!—
curvai-vos á devoção!

Direis, bem sei, que o devasso,
ébrio de lascivia e vinho,
ao vêl-A no seu caminho,
d'Ella escarnece! e eu já vi!
que ao dizer-lhe:—Virgem pura!—
com ironia d'alcunha,
a chama por testemunha
dos seus folguedos, e ri!

Mas não sabeis entender
um coração de mulher!
Ante esse quadro a perdida,
mata a fome e ganha a vida...
e reza de arrependida,
porque é peccado viver!
Tal era a linda Guiomar,
a virgem do lupanar.

Ao sentir-se presa, a triste,
e ao dar um grito de dôr,
ouviu risadas e palmas
de Isabel e de Leonor;

mas quando viram seus prantos
 cahindo tantos e tantos
 sobre as rosas do pudor,
 volveu-lhes o viço ás almas,
 bradaram cheias d'amor;

— «Deixai a triste, deixai!
 bem basta a pobre menina
 não conhecer mãe, nem pai!»—

Foi livre a trança! Nas feições o ébrio
 as linhas todas carregou! franziu!...
 — «Não tinha paes aquella pomba candida!...»--
 E a fronte livida entre as mãos sumiu!...

.....

— Viver na terra, engeitado,
 tendo por patria um deserto!...
 Folha erguida na rajada
 de vento abrazado! incerto!
 Não conhecer mãe, nem pai!...

Ai!

Ser o seu berço d'infancia,
 d'affectos campa mortuaria!...
 Vêr morrer viço e fragrancia
 como a rosa solitaria!...
 Não conhecer mãe, nem pai!...

Ai!

Quantas vezes a horas mortas,
 rêz votada ao sacrificio,
 vai bater do alcouce ás portas
 a filha do amor... do vicio!
 como á casa de seu pai!...

Ai!

Branca roseira plantada
n'um tão exposto canteiro,
onde te cresta a geada
d'um frio, escuro janeiro
sem calor de mãe, nem pai!...

Ai!...

O rio é filho da serra!...
do musgo é pai o granito!...
as plantas nascem da terra!...
as estrellas, do infinito!...
Só tu não tens mãe, nem pai!...

Ai!...

Que tristeza! que supplicio
é perguntar n'um deserto:
— O meu tecto natalicio
onde estará?... longe, ou perto?!... —
sem responder mãe, nem pai!...

Ai! que é nefanda villeza
ir á choça da orphandade
negociar com a pobreza
a compra da castidade!...
Basta não ter mãe, nem pai!...

Ai! ao ricaço orgulhoso,
que ao vêr a pobre, cahida,
não levantar caridoso
a virgem desprotegida...

Ai!...

Deus lhe não dê mãe, nem pai!...

Emquanto o ébrio na afogueada mente
— ais — concebia, que resumem vidas,
vendo acordado o coração dormente,
lagrimas longas derramou sentidas.

É que ao precito a quem o céu é mudo,
bastardo filho da madrasta sorte,
sómente a inercia póde ser-lhe escudo!
o gelo é vida! o coração é morte!

Por isso o ébrio chorava
pranto que lhe embarga a voz,
pois redivivo encontrava
o seu mais tremendo algôz!

Volviam com elle á vida
saudades que alli guardava,
e cada uma lhe lembrava
por quanto lhe foi vendida!

Eram seus crimes em calma,
e tudo um'hora acordou!
Restava-lhe o somno d'alma,
e nem a inercia ficou!

nem ella! a mortalha fria
dos seus remorsos ferozes,
que de novo como algozes
giram ante elle á porfia!...

Filhos! ao homem perdido
não apedrejeis, perdoai!
do nobre fez-se bandido:
mas antes d'isso foi pai!...

D'onde lhe veio esse medo
da trança liza e dourada
de Guiomar, a engeitada?!...
Que elle o diga, se é segredo.

Quando os olhos ergueu... Pasmaei do quadro
que nos seus olhos vi!
A lucta que em seu peito se empenhava
reflectia-se alli!

Um mar de prantos trasbordando em lagrimas,
a vista lhe toldou!
e um fogo estranho que lhe cresta as palpebras,
no pranto se inflammou!...

.....
.....

O fogo d'este incendio
não pode eterno ser!
o crime e a penitencia,
como hão de assim viver?!...

Quando um celeste espirito
acorda um coração,
ha de o infernal imperio
amortalhal-o?... Não!

Lave-se uma existencia!
quebre-se a mão fatal!
chora, bondoso espirito!
abraza, anjo do mal!

Deus de suprema gloria!
por tua santa cruz!
na extrema lucta anima-o!
Qual vencerá?... Jesus!...

.....

E agora que é febre o corpo,
 que é delirio essa razão,
 deixai que estue e trasborde
 esse eivado coração!
 e no seu fallar discorde,
 no seu chorar, no seu rir,
 vereis o fogo, no pranto,
 crescer, lutar, succumbir!

— «Guiomar! nas vinhas do inferno
 dá-se este vinho de fogo
 que tu me déste a beber!...

Dissolve-se em chammas! Distilla-se em pranto!...

E tremo... e pranteio!... Maldito quebranto!...

O fogo a queimar-me!... O pranto a correr!...

Pois nunca chorei, mulher!
 e esta fraqueza fatal
 que eu te não posso esconder.
 vem d'algum philtro infernal
 que tu me déste a beber!
 Por quanto comprou Castella
 teus escrupulos, Guiomar?!
 Por quanto acceitaste d'ella
 o encargo de envenenar
 um portuguez, teu irmão!...
 teu pai talvez! engeitada!
 que entrou na tua pousada
 a comprar vinho...»

— «Oh! mais não!
 bradava em prantos Guiomar.
 Falla por mim, coração!
 que eu não sei senão chorar!
 Triste de mim!... Eu!... matar!...

Mal de vós que padeceis
alguma pena cruel!
Ai! se a engeitada pudera
trocar vosso pranto em riso,
e a vossa amargura em mel,
aos anjos do paraíso
quantas graças não rendêra!...» —

E calou-se. e chorou.
Breve foi o silencio, que em soluços
sómente se quebrou;
e pausado, e solemne, após instantes,
o ébrio assim fallou:

— «Padeço muito! É tremendo
o peso da minha cruz;
e bem quizera morrendo
vêr n'outra vida, outra luz,
se a mente me não dissesse.
que após affrontosa morte
me cabe o inferno por sorte;
pois que o mundo me não deu
para luz da minha vida
nem uma esp'rança querida,
nem a descrença do atheu!...

N'esta vida, pois, que accendo
com fogo que não dá luz,
o peso da minha cruz,
sem um calvario, é tremendo!
Onde ha mais infausta sorte,
aspiração mais mentida,
que o ter que fugir da vida
sem querer topar co'a morte?!
.....

Que te disse eu?... Insultei-te,
pobresinha?!...

A culpa dos meus insultos
foi da desgraça, e não minha!

Foi de quem teve por timbre
o nome de — portuguez! —
e vê calcar honra e nome,
dos seus tyrannos aos pés!

Foi de quem deu seus amores
a uma virgem de Castella;
e viu sumir-se entre horrores
o brilho da sua estrella.

Foi de quem tinha esperança
nos brios de seu irmão,
e o viu fugir deshonrado!...
elle! o trovador soldado!
victima! a nobre criança,
d'uma cobarde traição!...

Foi de quem ama um pai nobre,
nobre de sangue e nação,
e o vê morrer louco e pobre,
corrido, como um villão!
sem que possa ir afagal-o
no seu derradeiro ai!...
sem lhe poder ser bom filho,
como elle fôra bom pai!...

.....
Correi, meus prantos de fogo!
Estala, meu coração!
Já agora n'esta existencia
não ha treguas nem perdão!...—
.....

Chorava a suffocar! As barbas longas
 embebiam-lhe o pranto em borbotões:
 e de luzentes perlas semeadas,
 mais alvejavam já; mais cãs se viam!
 Dissereis que dez annos de existencia,
 em não mais que um minuto lhe fugiram.
 Cavaram-se-lhe as faces; longas rugas
 mais se alongaram já: os olhos fundos
 mais fugiram, cercando-se de negro,
 luto que o muro veste, após o incendio.

.....

Ergueu bem alto a cabeça.
 e tudo em roda mirou;
 e um sorriso de desprezo
 dos seccos labios soltou.

As três mulheres olharam-no
 pasmadas de tal sorrir!...
 Tomou pela mão Guiomar,
 fez-lhe um signal de sahir.

Depois, carrancudo e pallido,
 volveu torvo olhar d'horror
 para os rostos macerados
 de Isabel e de Leonor!

Após breves instantes, disse o ébrio:

— «Olhai bem para mim!» —

Ellas olharam espantadas... timidas...
 e fallaram assim:

— «Que me dizeis, conheceis-me!»

— «Nós?... certamente, senhor!»

— «Porque abres tanto os teus olhos?
 sei que são bellos, Leonor!»

Tu, donairoza Isabel,
 porque os abaixas? cruel!
 fita-os sem vergonha em mim!...
 Vamos! estaes assustadas
 de me ouvir; não é assim?
 — «Certo, senhor; bem mudado
 vos encontramos, ao cabo
 d'um só anno mais na idade!»
 — «Mudado em tudo! é verdade.

Por vós mesma vai ser verificado,
 esse, que ides chamar, meu novo estado.

Lembraes-vos do meu nome?»

— «Se lembramos!

sois Alvaro Corrêa d'Aragão.»

— «Enganaes-vos; sou Pedro, o tecelão.»

— «Porém ereis...»

— «Que importa hoje o que eu era?

Hoje que val' o que amanhã serei?

Não fulge eterna a luz da primavera.

porque eu nem sempre flôres encontrei.

Foi esse nome, sim, meu adoptivo:

muito por illustral-o trabalhei;

mas elle, o desleal! atraçoou-me!...

por notavel de mais o dispensei.

D'onde venho! sabeis?»

— «Vindes da Hespanha...»

— «Inda um erro fatal! venho do Minho.»

— «Quando entraste aqui...»

— «Vinha da Hespanha,
 mas já mudei de plano e de caminho.

— Que faço eu n'estas terras?»

— «Viajaes.»

— «Sim; Alvaro Corrêa d'Aragão
viajava, e com rendas colossaes,
é verdade; mas Pedro, o tecelão,
anda a vender tecidos; nada mais.

Vejo que vos confunde a minha historia;
achareis n'esta bolsa a explicação.
É um presente d'ouro, raparigas,
que, venerando relações antigas,
vos envia Corrêa d'Aragão,
por seu criado Pedro, o tecelão.

Ouvi-me agora bem! Eu sou... alcaide,
e como tal vos dou voz de prisão:

— «Senhoritas, dizei-me: a noite finda
com quem passastes vós todo o serão?

— «'nhor alcaide, com Pedro, o tecelão.»

— «De que parte traz elle o seu caminho?»

— «D'além do rio Douro... ah! sim: do Minho.»

— «Onde vai?... (Visitar Castello Branco).»

— «Diz elle que vai vêr Castello Branco.»

— «Sim?! Logo, anda em viagem... de recreio?»

— «Vejo que, como nós, vos enganaes!

elle anda a procurar o melhor meio

de vender seus tecidos; nada mais.»

— «Bem! muito bem! minhas flôres!

sabeis a vossa lição;

ide-vos pois, e lembrai-vos

de como eu pago um segredo!

sem deslembrar em má hora,

como eu vingó uma traição!

Seja eu frade, ou foragido,
ou mendicante, ou ladrão,
sei arrancar qualquer lingua!
sei decepar qualquer mão!
Tem bacamarte o bandido:
o frade, uns pós de condão:
traz um punhal o mendigo;
traz um cajado o aldeão.
Tem Pedro uns olhos de lynce;
redes tece o tecelão;
tem ouvidos amestrados...
valente... prodiga mão,
que espalha ricos thesouros
do gran senhor d'Aragão!
Ide-vos pois !...» —

E sahiram
tenteando a escuridão.

Eu, que estava attento, alli,
quando a porta se fechou.
estas palavras ouvi
que uma á outra segredou:

— «Tu entendeste os mysterios
com que elle vem d'esta vez?»

— «Eu nunca o vi possuido
de tão formal embriaguez!»

— «Nem eu.»

— «Que bizarra vida !...»

— «Mas guarda horrendo segredo!»

— «Que bem que elle paga as noites!»

— «Mas que pena ir-se tão cedo!» —

CANTO IX

EM FIM!

Junto á mesa carunchosa,
assentados par a par,
conversavam d'esta sorte
Dom Jayme e a linda Guiomar:

— «Senhor! que póde importar-vos
a minha mofina historia?
truncada folha d'um livro...
trecho d'avulsa memoria!?»

— «Não temas, anjo! sou homem!
não vás o ébrio evocar!
Prendeu-me a tua magia!
só tu me viste chorar!...

Estrella de mago influxo,
que vens fulgir ao perdido;
que vens avivar lembranças,
que nunca me quiz o olvido!

Se és anjo por Deus mandado
 para meus passos guiar,
 abre esses labios avaros!...
 Oh! falla!... por Deus! Guiomar!»

— «Senhor! na terra mesquinha,
 entre muita vida amena,
 ha sortes... que fazem pena!...
 pois uma d'estas, foi minha!

Nunca maldisse meus paes
 por vida me haverem dado!...
 Achei tanto desgraçado!...
 tanta mulher dando ais!...

Quem sabe se n'esse bando
 os achei desconhecidos?...
 Quem sabe se arrependidos,
 estavam por mim penando?!

Por nascer não mereci
 a meus paes tão feia sorte!
 Creio até que a avara morte
 m'os roubou quando eu nasci!

.....

Visitastes algum dia
 em *Vizeu* a antiga *Cava*?
 e um casebre que alvejava,
 que ao pé do fosso jazia?...

Um padre que alli morou,
ao romper d'alva em janeiro,
junto ao tronco d'um olmeiro,
gelada e rôxa me achou!

Folhagem que o vento espalha,
meu terreo berço cobria;
e a camisa que eu vestia,
era enxoval... e mortalha!

roseira solta no pó!
desairragada na leiva!
sem ter de meu outra seiva
mais do que a do orvalho só,

volvi á vida. O bom velho
espelho de desenganos,
deu-me por mais de dez annos,
amor, amparo e conselho.

Cresci, criei-me... vivi!
Fui ledora, e costureira,
e lavradora, e ceifeira;
bem nova tudo aprendi!

As minhas visões formosas,
meu rezar, minha leitura,
minha alvissima costura,
fadiga, cantos e rosas,

dia aziago me perdeu!
Meu pai doente, ao sol-posto
rugando o livido rosto,
por mim chorando, morreu!

E, andorinha peregrina
no mundo só desgarrada!...
tinha de ser engeitada!...
Paciencia! Era uma sina!

Tão longe esta crença vai,
firmada no meu destino,
que se algum dia o mofino
me deparasse meu pai,

bradára, a elle abraçada:
— Por Deus, pai! segue outro norte!
foge de mim, que dou morte!
tenho de ser engeitada!—

O que depois se passou,
enchia mais d'uma vida!
fui pobre... andei foragida,
cheguei aqui, e aqui estou.

Pois vossa bondade alcança
a ter dó do meu tormento,
vou lêr-vos um testamento,
mostrar-vos a minha herança.

Tinha um legado de horror
sobrepuesto ao meu vestido!
e na camisa, escondido,
outro legado de amor.

Do testamento cruel,
ouvi a letra fiel:

— «Filha de incesto amor! prole do crime!
terás por tecto os braços d'este olmeiro!
amor que o sêr te deu, já não te exime
d'este tremendo transe derradeiro!
sob este céu de gelo, que te opprime,
não vencerás a noite de janeiro;
não tens que agradecer a caridade,
que sem baptismo vaes á eternidade!

Morres! filha de nobres! sem nobreza,
por não seres pasquino vergonhoso!
morres! filha de ricos! na pobreza,
tendo por só amparo um tronco annoso!
por berço, as rôxas hervas da deveza!
por cantos, o silvar do vento iroso!
e em vez do salutar leite materno,
gelido orvalho, lagrimas do inverno!» —

Não duvidava mais
Dom Jayme d'Aguilar!
Desfeito em pranto e ais
colhe a filha nos braços,
e diz-lhe a soluçar
entre beijos e abraços:

— «Filha! filha!... emfim és minha!
só minha! de mais ninguém!
deixa-me vêr os teus olhos
as roxas orlas que têm!...
a tua bôca!... o teu riso!...
Adeus, caminhos d'abrolhos!
achei-te, meu paraíso!
Deus! Meu Deus! eu creio em ti!...

Olha-me bem, filha minha ;
repara que sou teu pai !
Deus ha de me perdoar,
porque os teus prantos não vi
quando entrei n'esta pousada !
Perdôa-me tu, Guiomar !
tens sido tão malfadada !...

Ai !...

E eu vim aggravar teus males !...
Se tinha a mente abrazada,
e a dormir o coração !
Embriagado ! pobre filha !...
Vê bem a fatalidade
d'este martyrio sem nome !...
olha o que faz a miseria !...
a fome, Guiomar ! a fome !...
ai, minha pobre razão !...
Perdôa, filha ! perdôa
a teu pai ! que a toda a parte,
noite e dia, a procurar-te
correu doze annos em vão !...
Esse escripto de demonios,
é de teus tios, Guiomar !
infames ! que te insultavam !
cobardes ! sem te matar !...
dando-te lenta agonia
por uma noite tão fria !...
hei de mata-los, Guiomar !
Amanhã serei com elles
dentro das velhas muralhas
da nobre praça d'*Almeida* !
Matavam-te sem baptismo ?
hei de enterral-os no fosso,
sem responsos, nem mortallas !

Nunca tu sonhes as penas
 que eu tenho soffrido! Oh! não!...
 Da espada de Dom Martinho
 ficou-me um punhal na mão!
 de robre, fiz-me bandido;
 paguei traição por traição!
 Fiz o meu nome temido!
 rasguei muito coração!
 manchei muito craneo em lodo,
 espesinhando-o no chão.
 Era peleja sem treguas!
 era guerra de leão!
 Nunca vi mágoas, nem prantos,
 que me arrancassem perdão!...

Cancei por vingar-te, filha,
 e á morte da minha Estella;
 a ti... cheguei a encontrar-te,
 mas nunca mais essa estrella!...

.....
 Eu era rico! os sedentos,
 roubaram-me o tecto e o pão!
 Eu, que fôra algôz d'algôzes,
 d'esses ladrões fui ladrão!

.....
 Esse escripto de demonios
 é de teus tios, Guiomar!
 Hei de arrancar-lhes as vidas...
 hei de os primeiro insultar!...

— «Pai! vosso punhal sangrento,
 repulsai!
 Por alma de minha mãe!
 perdoai!

A victima infeliz de improba sorte,
vêde o que ella escrevia á triste filha,
momentos antes de chegar a morte:

— «Filha! não posso agasalhar-te em vida;
rosa pendida que te vaes finir!
quem te arrancára d'essas mãos ferozes
dos meus algozes, que te vão matar!

A campa vamos! Ai! depois da morte,
quem sabe a sorte a que estas almas vão!...
Que anseio! filha! que toldado abysmo!...
tu... sem baptismo!... e eu... sem confissão!...

Não! Deus é pai! sómente os maus condemna!
Foi por quem pena, que penou Jesus!
Sejam meus prantos do baptismo as aguas!...
Deus! pelas mágoas que te deu a cruz!

Vai, filha! os anjos te recebam ledos!
guarda os segredos que me ouviste aqui.
Quando avistares do Senhor a séde,
por mim lhe pede, que tambem morri!

Vai! Dize aos anjos que te dêm seus cantos,
por estes prantos que os meus olhos têm!
e se em mim perdes maternal ternura,
a Virgem pura que te seja mãe!...

Ai! flôr de neve com dourada coma!
que alvor! que aroma! se não perde aqui!
Ai! rosa minha de maliz vestida;
que amor! que vida! que eu sonhei por ti!

Teu pai, rojado por ingloria senda,
 que vida horrenda viverá tambem !...
 rico inda hontem, poderoso e nobre !
 hoje tão pobre, que nem nome tem !

E eu fui a sombra que toldou de escuro
 todo o futuro que o verá viver !...
 Eu fui a estrella que em logar do norte,
 lhe aponta a morte que o fará morrer !

Aos meus perdão, que me deram tratos;
 raça de ingratos ! com quem eu vivi !
 Não chóro os dias que sonhei serenos...
 que em paga ao menos morrerei por ti.

A ti, a elle, deixarei sómente,
 n'um beijo ardente o derradeiro adeus !
 Correi, algozes ! já me não confranjo !
 martyr e anjo, tem direito aos céos !» —

.....

 Que duas fontes de pranto
 que borbulhavam nos olhos
 de Dom Jayme d'Aguilar !...

.....
 Como em seu pai se enroscava,
 toda carinho e suspiros,
 pranto e soluços, Guiomar !

.....
 — «Pai ! não medites vingança!
 em nome da tua Estella !»

.....
 — «Pois bem, filha ! aos seus algozes,
 perdão !... por ti !... por ella !...» —

A porta cahiu dos gonzos !...
 guardam cem vultos o umbral !...

.....
 Solemne un'hora soava,
 na torre da cathedral.

Seis dias passaram. No setimo dia,
 depois d'esse drama que eu vi no prostibulo,
 nas ruas o povo discorre á porfia;
 de negro na praça campeia o patibulo.

Marchava sereno, cercado, o valente !
 de padres e cruces, soldados e cirios.
 A escoria diffunde-se, e ondeia contente !...
 que a escoria não folga... só, vendo martyrios !

E no tope ajoelhou
 do cadafalso infamante;
 mirou de roda um instante,
 mas nem sorriu, nem chorou.
 Tinha alli perto Guiomar,
 toda de luto vestida,
 como virgem dolorida
 que o vinha do céu guardar.

E a filha disse, a chorar:
 (e o pai ouviu-a a rezar.)

«Chorei a todas as portas,
 nenhuma porta se abriu !...
 Pedi !... bradava !... insultei-os !...
 ninguem parou, nem me ouviu !

Que sorte, meu Deus! que sorte
 que tu me tinhas guardada!...
 Já vês, meu pai! que dou morte!
 Tenho de ser enfeitada!»

— «Padre! um favor derradeiro;
 ide entregar-me Guiomar
 ao tugurio hospitaleiro
 de Germano d'Aguilar.
 Juraes-m'o?»

— «Juro!»

— «Obrigado!»

Filha! já tens pai, bem vês;
 em vez d'um tão desgraçado,
 outro... não menos talvez!...
 Leva este abraço ao mesquinho;
 a Anninhas, dois beijos meus;
 estes ais a Dom Martinho!...
 agora, Guiomar... adeus...» —

.....

.....

Horas depois, raiava a liberdade,
 e passavam dos dobres funerarios
 a repiques de festa os campanarios
 sobre todos os templos da cidade.

Era o mez de dezembro. Emfim desperto
 depois de sessenta annos de lethargo,
 olhava Portugal ao céu e ao largo!
 chovia-lhe o maná no seu deserto!

Como espolio das bodas sanguinarias,
 um cadaver ficava exposto ao vento;
 tinha os postes da forca, por moimento,
 e por brandões de enterro... as luminarias!

Que mais querem de nós ? após tamanha
galhardia d'algoz, ébrios de gloria,
apagaram acaso a luz da historia ?
não têm seus feitos ? que nos quer a Hespanha ?

Quer insultar a lapide funerea
que pesa sobre vós, heroes de *Ourique* !...
Estremecei de horror, filhos de Henrique !...
Repercuti meu canto, echos da Iberia !

FIM

NOTAS

Pag. 9. v. 12 e 13.

Como festiva *Fogaça*,
n'um dia de romaria.

Este poema nasceu na pequena aldeia de Parada de Gonta, freguezia de S. Miguel d'Outeiro, concelho de Tondella, districto de Vizeu. Vem isto para dizer que elle é provinciano chapado, beirão dos quatro costados, e aldeão sem mistura.

Apresentando-se agora no grande mundo litterario, faz diligencia por apparecer com todo o aceio que as suas posses lhe permittem e a sua educação lhe aconselha.

O que elle porêem não pretende é esconder a sua origem.

Honra-se d'ella e por ella, e faz até certa gala em não deixar um momento sequer a minima duvida sobre a sua procedencia.

O seu maior desejo é contar sinceramente as colsas da sua terra, e á moda da sua terra.

Nasceu muito longe dos portos de mar; como havia de conhecer e amar outro mundo que não fôsse o seu Portugal primeiro que tudo e quasi com exclusão de tudo!

É verdade que á primeira vista parece que nada d'isto vem para o caso dos dois versos que servem de texto a esta nota:

Como festiva *Fogaça*,
n'um dia de romaria,

pois vem.

Os que não conhecem a provincia da Beira e não têm assistido ás suas romarias, não sabem o que seja a minha *Fogaça*.

No dia da romaria, os frequentadores do arraial hão de vêr entrar no templo a chusma deromeiros que vai depôr no altar as offerendas e promessas que por curas e milagres o santo mereceu aos piedosos e felicitados.

Pols no meio d'essa turba lá vão algumas das mais bellas raparigas da aldeia, vestidas de branco, com um cinto de matizes, um lenço de sêda ao pescoço, flôres no peito e no cabello, meias de abertos e chinelas novas.

Heis de vêl-as como entram no templo cercadas do respeito de todos os velhos, dos amores de todos os mancebos, da inveja das suas iguaes, e da ufania das suas mães que as acompanham!

E o garbo com que levam á cabeça o seu açafatinho chelo de trigo, ornado com arcos de flôres e laços fluctuantes de fitas!

Nada mais gracioso do que o prôvido cestinho, alteando para o céo a sua garganta de rosas, e requebrando as suas azas de matizes com as ondulações das auras! Verdadeira ave do paraíso, que se vos figurará pressurosa de levar ao presepe de Jesus, ou á gruta do santo eremita, a offerenda immaculada do pão d'aquelle dia.

Aqui tendes a minha *Fogaça*; com mais propriedade lhe chamaríamos *Fogaceira*, porque *Fogaça* é rigorosamente a offerta; como porém ao conjunto da offerente e da offerenda se chama também *Fogaça*, não hesitei no emprego d'esta palavra.

Pag. 10, v. 9 e 10:

No centro, grave e campeiro.
se ergue o palacio da aldeia.

Venho aqui pedir perdão da palavra — *campeiro*.

Não é (que eu saiba) usada, nem mesmo auctorizada pelo alto sacerdocio da lingua portugueza; é adjectivo provinciano, e applica-se a tudo o que occupa um grande espaço de campo relativamente a outros objectos da mesma especie. Assim se diz: *casa campeira*, *arvore campeira*, *estrada campeira*, etc.

Sendo o meu poema tão provinciano, não me pareceu que devesse engeitar uma expressão, que, se não é muito da côrte, é comtudo muito de Portugal.

Pag. 12, v. 24 e 25:

Contra a inerme sentinella
d'um monarcha aventureiro!

Sabem todos o que eram as *hostes do Prior do Crato*; um troço de bons e leaes portuguezes, armados quasi exclusivamente da sua fé, *guardando* a vida e a fortuna de um homem que andava correndo á *ventura* de terra em terra e proclamando os que chamava seus direitos á corôa portugueza.

Creio pois que não haverá erro historico em fazer dizer a D. Martinho, um dos seus mais fieis partidarios, aquelles dois versos.

El foi contra este grupo de valentes, quasi incrimies, que um dia á voz do duque d'Alba se *desporoou* *Castella* para vir sobre a ponte d'Alcantara trucidar um punhado de valentes que se deixou esmagar sob aquella mó immensa sem lhe arredar pé.

Grande politica! grande victoria! e sobretudo, grande general!

Pag. 15, v. 21 e 22:

Do rôxo rosmano,
de glestas em flôr.

Na Beira, e especialmente no ponto da Beira onde a acção se passa, diz-se indistinctamente *romano* ou *rosmaninho*.

Pag. 24, v. 11:

Rosto negro, suado e prazenteiro.

O meu amigo Teixeira de Vasconcellos aconselhou-me nas suas *Cartas profanas* a que na segunda edição suprimisse ou substitulisse n'este verso a palavra *suado*. Achava elle que uma compleição delicada podia resentir-se de tremor nervoso, ao vêr inundado o rosto do meu trabalhador.

Tenham paciência as debels compleições. Em todos os rostos eu supprimiria o suor, menos no do homem que trabalha. Era protestar contra a sentença de Deus, que *condemnou ao suor os filhos do peccado: — Ex sudore vultus tui resceris pane.*

As bagas do suor são as perolas da fadiga, são os brilhantes da pobreza. Deixemos esse thesouro a quem não tem outro: deixemos na frente do operario esse diadema que Deus concedeu á realza do trabalho.

Pag. 24, v. 15 a 18:

E novos e velhos ao vêr Dom Martinho
como se topassem um rei, ou um Deus,
paravam de prompto, abriam caminho,
curvavam as frentes tirando os chapéus!

Bons costumes são os das nossas aldeias que sabem ainda saudar o homem que é seu anjo tutelar, o amigo, o compadre, o padrinho, a providencia de todos os seus visinhos. o *Portugal velho* emfim, que tentei desenhar em D. Martinho. Vão-se perdendo entre nós os originaes d'estes quadros; bem é que d'elles fique ao menos a memoria, que é sacrario das saudades.

Quanto seria justo para os seculos que foram, e util para as idades por vir, que poetas e pintores copiassem do natural, e recompuzessem das lendas e tradições os costumes e caracteres que vão naufragando nas ondas d'este estrangeiramento que nos ameaça, que nos invade, que nos engole, que nos mata!

Nas *Flôres d'Aldeia* foi este o meu intuito; poucochinhas são certamente os quadros que desenhei, mas prezo-me de que todos são verdadeiros e conscienciosos. Creio até que sacrifiquei um pouco o pòeta aos intuitos de historiador: não me arrependo. Não conheço nada mais poetico do que a natureza, nem mais attractivo do que a verdade; no canto, como nas côres; na lyra, como no píncl.

Pag. 42. v. 19:

Não saías, minha irmã; senta-te ahí.

Porque não deixaria eu que a casta menina que andára tão bem avisada em se levantar, não sabbisse do salão, como tencionára? Porque havia de D. Jayme dizer-lhe

Não saías, minha irmã; senta-te ahí?

Não fôra melhor que Anninhas, a pudica virgem, não ouvisse a longa narração d'amores que D. Jayme ia confiar a seu irmão? d'amores que tinham chegado ao termo de todos os limites? d'amores cujo epilogo era narrado na carta da infeliz Estella, em que vinha feita a confissão da deshonra? Não fôra melhor que tudo isto não offendesse os castíssimos ouvidos da pobre Anninhas que tão prudentemente quizera sahir do salão?

Talvez, mas se este passo era mais prudente, carecia de certo de naturalidade.

D. Jayme, quando vê que seu irmão está mais informado dos seus amores do que elle podia sonhar, determina contar-lhe as suas desditas; e que haveria n'ellas que sua irmã não pudesse ouvir? Depois, D. Jayme d'Aguilar tinha a sufficiente educação para não ir diante de uma menina mais longe nas suas confidencias do que a delicadeza lhe permitisse. O entusiasmo ou a mágoa vencem muitas vezes a intenção do homem, e arrebatam-no até onde elle não pensava ir. Se isto aconteceu a D. Jayme, acreditai, aconteceu tambem ao poeta. Quando se escreve um poema, o auctor não está de fóra da sua obra a medll-a, a guial-a, e a julgal-a, que é a missão do critico; não; o poeta consubstancia-se em cada um dos personagens do seu poema; apaixona-se, ama, odeia, vingá-se com cada um d'elles; a phantasia dirige o estro a seu capricho, e o estro dirige a penna; o poeta tem delineado sómente o plano geral do seu trabalho; os pequenos traços, os pormenores, as minudencias da obra, surgem espontaneas debaixo da penna, e quasi surpreendem o poeta. São os prazeres do trabalho. D. Jayme seguindo a narração dos seus amores e desditas, chegou a esquecer-se de que sua irmã o escutava; comtudo as suas confidencias podem justificar-se até á leitura da carta da sua amante, que elle certamente não tencionava lêr. Um incidente inesperado o veio forçar a isso. D. Martinho entrára no salão, e vinha confiar a D. Jayme a sua espada, para que fôsse com ella

annobrecer-se e esquecer. D. Jayme vê-se forçado a lêr a carta d'Estella para fundamentar a sua recusa. Já vos disse que o poeta se consubstancia nos seus personagens; pois bem, o poeta esquecera-se de que Anninhas estava allí; mas quando olhou por todo o salão através dos olhos humidos de D. Martinho em procura d'uma consolação e d'um amparo para o saudoso velho, achou-a a costurar ao canto da sua janella, e foi então que lhe communicou toda a sua mágoa no verso ultimo d'este canto:

Anninhas! ficamos sós!

Em nada d'isto eu pensei quando fiz a primeira edição; agora que um reparo amigavel me fez reflectir, e achei o quadro naturalissimo, e fiado no testemunho da minha intima consciencia, deixei o traço accidental tal qual o dera na primeira edição.

Pag. 47, v. 29:

Na Cava de Viriato.

Se eu me propuzesse escrever sobre este monumento, de que Vizeu tanto e com tanta razão se ufana, não seria nas estreitas margens d'uma nota, mas n'uma larguissima memoria que o faria.

As recordações d'aquella extensa fortaleza circumdada de grossissimas muralhas de terra, grande parte das quaes é já hoje hortas e searas; os largos fossos que a circumvallaram, razos d'agua como um cinto de aço luzente, e de que hoje só uma pequena parte se encontra com o nome de — *Lago da Cava*, — marasmatico, turvo e quedo como a derradeira lagrima d'um gigante que acaba de expirar; e emfim quelxumes ao municipio por presenciar inerte e de braços cruzados aquella devastação ominosa, que dia por dia se está fazendo na mais formosa perola da nossa Beira, que brilhou engastada na corôa rustica do *Pastor Herminio*: tudo isto era para volumes.

Quem desejar ter uma larga noticia da *Cava* e d'outras antiguidades de Vizeu, leia as memorias do meu patricio o snr. José de Oliveira Berardo, um dos mais eruditos antiquarios do nosso tempo, e achará leitura de valia.

O meu fim por agora é fazer notar aos meus leitores, que todos os logares em que se passam as scenas do meu poema, têm verdade historica e topographica.

A *Cava*; a *Quinta do Bosque*, com a sua casa velha e a sua ermudinha situada atraz do *Giestal*; a *Balsa*, pequena povoação na margem esquerda do Pavia, ficando entre a Cava e a Quinta do Bosque; a capellinha do *Senhor da Boa Passagem*, no alto da *Via Sacra* a léste da cidade; o alto do *Vizo* no seguimento de uma das estradas mais curtas de Vizeu para Hespanha; depois, a aldeia de *Parada*; a casa de *D. Martinho*, com o seu largo povoado de altissimos freixos, a sua *capella vistosa*, a sua cantaria de granito e as suas *janelas rusteiras*; a *Fonte da Figueira*, hoje chamada *Fonte Figueira*; a choça da nossa Anninhas, visinha do *Carvalho da Avoenga*, a cuja sombra tantas vezes brinquei na minha meninice... (tiveram o estulto valor de o cortar! aquelle regalo de rapazes! aquelle abrigo dos velhos! aquelle patriarcha do arvoredo! aquelle bisavô da aldeia!... Creiam; tenho saudades d'elle como as teria d'um bom amigo); enfim a *cidade da Guarda*; a *Cruz da Faia*; as *Limpas de S. Paio*, o *Miradouro*, a *Sé*; e a *Torre de Menagem*, hoje conhecida, creio eu, pelo nome de *Torre dos Ferreiros*.

Lisboa, não a tinha visto ainda quando conclui o meu poema, e foi por isso que nem ao menos pude fallar n'aquella famosa *casa de D. Antão d'Almada* onde se fez a conspiração de 1640, de que foi chefe o doutor *João Pinto Ribeiro*.

Pag. 56, v. 1 e 2:

Não nos matou a força de Castella,
foi a nossa fatal desunião;

Assim o pensava tambem o abbade Vertot quando escreveu a *Historia das revoluções em Portugal*; ibi — *Les portugais peu unis entre eux*, etc.

Pag. 66, v. 23:

A porta rodára nos gonzos veleiros!

Veleiros é outro adjectivo não auctorizado pelos mestres da lingua, mas muito usado na provincia para designar os gon-

zos ou engonços sobre que roda a porta sem difficuldade, e sem ranger; parece-me ser necessario, e o ter origem provinclana não é motivo para se desprezar.

Pag. 75, v. 16 a 20:

Na patria de D. Duarte,
que circumdou de muro o heroe do Herminio,
para deixar padrão do seu valor,
Diogo de Macedo e de Albuquerque
era corregedor.

Nem todos sabem que a Vizeu coube a honra de dar o berço a el-rei D. Duarte, e que ainda hoje na rua da Cadeia se mostra aos viajantes a casa em que elle viu a luz. Julguei a proposito dizel-o para clareza do texto, e porque é meu empenho não deixar de mencionar quanto possa dar lustre a uma terra que é quasi a minha patria.

Durante os sessenta annos da dominação castelhana, entre os corregedores de Vizeu, conta-se esse mau portuguez Diogo de Macedo e Albuquerque, como se pôde vêr em inconcussos documentos que existem nos archivos municipaes.

Os muros de Vizeu chamaram-se sempre — *Muros de Viriato*.

Pag. 121, v. 1 e 2:

A Madrid ha quatro dias
chegava da Catalunha...

É quasi ocioso lembrar aqui que um dos planos concebidos pelo conde-duque d'Olivares para enfraquecer Portugal era empregar nas guerras de Castella, especialmente na Catalunha, a flôr dos nossos mancebos. Tirava-se o melhor sangue a este pobre paiz! a atrophia era de esperar. Bons desejos se enterram.

Pag. 131, v. 1 a 3:

Era em abril, meus senhores,
que nossos paes no *Seinal*,
junto de *Alcacer Ceguer*.

Facilmente se vê n'este episodio que se passa n'uma manhã de outubro, que estamos no anno de 1640, e que se prepara a revolução do 1.º de dezembro. João Pinto Ribeiro sonda os animos e alimenta esperanças, tendo de tornar ambígua a sua linguagem para illudir a policia castelhana.

O que mais cumpre notar, é que tudo que referi relativamente aos *bravos de Mazagão* e de Luiz de Loureiro, capitão general de *Mazagão* e de *Çafim* é rigorosamente historico, e que o são igualmente todos os nomes que no episodio figuram. Parecia-me bem que se fizessem conhecer, quanto possível, estas nobilissimas miudezas da nossa historia, que tantas conta, e tão pouco se sabem.

Encontrei esta narração circumstanciada n'um livro que se guarda na *casa do Loureiro*, solar da família d'este appellido. O livro é a narração miuda da vida de Luiz de Loureiro, commendador de S. Thomé de Penella, da Ordem de Christo, do conselho do senhor rei D. João III, governador e capitão general das praças de Santa Cruz, de Cabo de Aguer, Çafim, Mazagão, Arzilla e Tanger, e adail-mór d'este reino.

Foi escripto por Lourenço Anastacio Mexia Galvão, e impresso em Lisboa no anno de 1782. Quem o lêr poderá notar a exacção com que versifiquei a historia.

Pag. 141, v. 21 e 22:

— Ninguem pôde já hoje duvidar
que o senhor de Bragança ahí conspira.

Lêde os annaes d'aquelles tempos, e principalmente o que escreveu J. P. Ribeiro, e vereis quanto cuidado punha o gabinete de Castella em attrahir a Madrid o duque de Bragança, e com que bom conselho elle foi procrastinando a sua ida. Bem sabia o conde-duque que direitos pertenciam a D. João de Bragança; possuir o reino era muito; assenhorear-se do

rei, cuidava elle que era tudo. Poucos mezes depois, Portugal era um reino, e D. João IV não se lembrou de pagar a Philippe IV a visita que lhe ficára a dever o duque de Bragança. Foi uma descortezia que D. Philippe nunca perdoou, e no excesso da sua ira mandou que um fidalgo da sua côrte reptasse o *rebelde* D. João de Bragança para um duelo singular!!!

Que boas cabeças nos governaram por 60 annos!

Ai, Cervantes! que gargalhadas que tu déste no outro mundo quando viste realisado o teu Quixote!...

Pag. 152, v. 13 e 14:

— «Depois de dormir, jantar;
depois de jantar... partir.

Aqui, sim; aqui preciso de me justificar por ter apresentado tão bom um character que todos, sem contradicção, mencionam como tão mau.

Miguel de Vasconcellos, sorrindo com bondade a um criminoso que tem de disfarçar-se cada dia e cada hora para não cahir nas mãos da justiça!

Miguel de Vasconcellos, o assassino, o algôz, o Caim de seus irmãos, o ministro inflexivel, o inimigo implacavel, animando, protegendo um dos maiores inimigos de Castella!... E contudo eu concebi assim o temido Miguel de Vasconcellos que foi, no fim de contas, um verdadeiro algôz d'esta nação.

Não crelo que haja inverosimilhança.

Na historia dos perversos haveis de encontrar rasgos generosos que vos hão de espantar; o homem, embora seja prêsa do demonio, nunca deixa de ser filho de Deus. Podia citar mil exemplos do passado e do presente para provar-vos que até na mais tenebrosa alma penetra por momentos um raio de luz.

Demais, o modo por que D. Jayme se apresenta podia, por inesperado, produzir uma surpresa salutar na alma sombria do valldo.

Depois, quem vos diz que Vasconcellos era implacavel por indole? Não podiam circumstancias accidentaes ter-lhe entregado o cutelo d'algôz ao pé do cadafalso da sua patria?

Quando elle era menino, não no arrancou o povo de Lisboa dos braços de seu pai? não lh'o trucidaram a seus pés? não lhe arrastaram á sua vista esse cadaver ensanguentado, pelo immundo lixo das praças e ruas?

Uma criança! uma criança é o terreno virgem, onde germina com espantosa rapidez, rebenta, cresce, e se desdobra em flores e fructos a semente do mal como a do bem.

A vingança semeada na infancia a enraizar-se e a vestir-se de gomos na adolescencia, a robustecer-se e a fructificar na virilidade, é, como todas as ruins paixões, um cancro d'alma que chega quasi sempre a ser reputado incuravel pela medicina moral.

Aquella semente foi regada com o sangue de um pai!...

Que homem, d'entre os que se prezam de melhores, pôde calcular como ficaria se visse matarem-lhe seu pai?!

Mas quando estas razões se não julguem sufficientes para os que vêem só uma natureza perversa em Miguel de Vasconcellos, ha uma razão politica que me parece justificar plenamente o seu procedimento para com D. Jayme: os *Cesares* estavam já desacreditados na côrte, e n'uma carta de Diogo Soares a Miguel de Vasconcellos, que foi achada no cartorio do deão de Braga e publicada por Pinto Ribeiro, lá se recommenda ao valido que não se fie nos *Cesares* que estavam desconceituados, e eram *filhos d'aquelle pae que nós conhecemos*. São palavras formaes.

Em vista d'isto, ninguem deve estranhar que o *cruel* ministro protegesse D. Jayme contra os *Cesares* d'Aragão.

Pag. 187, v. 5 a 8:

Confiscos, proscricções, prisão, patibulos,
 esplonagem, traições, tramas perversos,
 as familias tornadas em prostibulos,
 a festa em saturnal, o riso em dôr!...

Eram estas as instrucções da côrte de Hespanha: e se o pejo me não paralyssasse a mão, transcreveria uma carta do mesmo Diogo Soares, instrumento cego e vil do conde-duque, em que aconselhava a Vasconcellos a torpeza das torpezas, e com a qual justificaria plenamente estes quatro versos, especialmente o terceiro:

As familias tornadas em prostibulos.

Isto era desde 1580 até 1640. Que seria hoje?

Lêde o que escreve todos os dias a imprensa d'aquelle paiz, e conhecer-lhe-heis o animo.

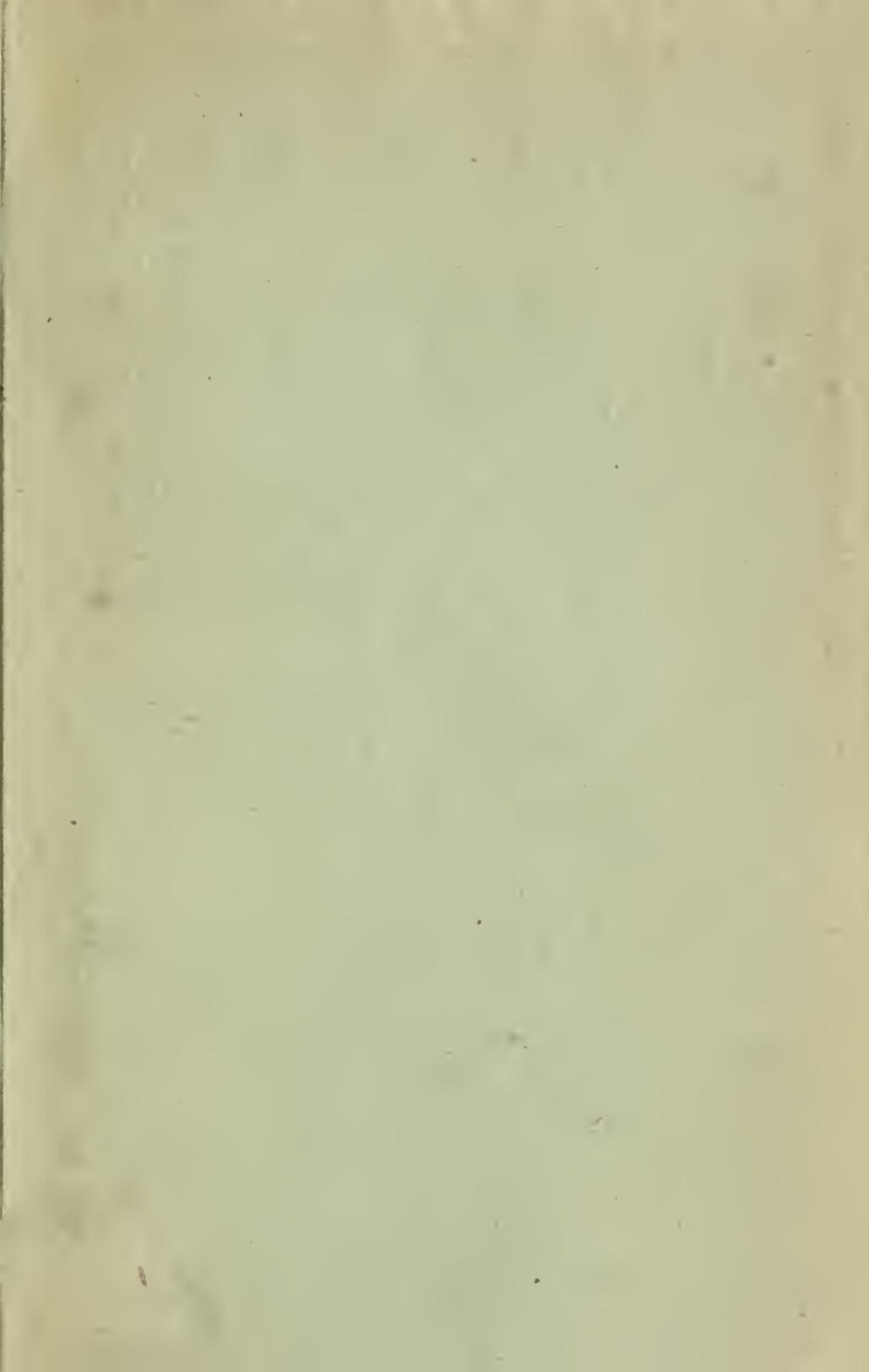
A'lerta todos os portuguezes! Não é nobre despertar odios, mas é justo recordar a historia.

Sabeis para que escrevi este poema? para responder ás aspirações annexionistas da Hespanha, acordando o echo d'aquelle formidavel — não — que fez estremecer o proprio Napoleão I quando perguntou a um fidalgo portuguez se queriamos unir-nos á Hespanha.

Pag. 199, v. 5 e 6:

Já perto do *chafariz*,
abraçando as aguadeiras.

Ha hoje ao pé da cidade da Guarda, na estrada que vai da *Cruz da Faia* para as *Portas d'El-Rei*, um formoso chafariz chamado *da Dorna*; mas não é a este que o texto se refere. Um pouco mais distante da Guarda, na collina fronteira á cidade, e perto da mesma estrada, encontram-se ainda hoje as ruinas d'um antigo chafariz que se chamava *das Forneiras* ou *das Padeiras*, não sei bem qual dos nomes. O primeiro d'estes chafarizes é modernissimo; e fica tão perto da cidade, que a transformação de D. Jayme entre estes dois pontos fôra pelo menos inverosimil. Foi pois ao pé do *Chafariz das Forneiras* que o espião de Castella viu a transformação de D. Jayme.





UTL AT DOWNSVIEW



D RANGE BAY SHLF POS ITEM C

39 10 05 04 08 010 5